

O Samba é Santo

ESCREVIVÊNCIAS SOBRE
MÃE DORA DE OYÁ



MAÍRA DE DEUS BRITO



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA**

MAÍRA DE DEUS BRITO

O SAMBA É SANTO: ESCRIVIVÊNCIAS SOBRE MÃE DORA DE OYÁ

Brasília - DF, dezembro de 2023



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA**

MAÍRA DE DEUS BRITO

O SAMBA É SANTO: ESCRIVIVÊNCIAS SOBRE MÃE DORA DE OYÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania como requisito parcial para a obtenção do grau de doutora em Direitos Humanos e Cidadania.

Linha de pesquisa 3 – Democracia, Constitucionalismo, Memória e História.

Orientadora: Professora Doutora Vanessa Maria de Castro

Coorientador: Professor wanderson flor do nascimento

A reprodução e divulgação deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, está autorizada para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS
MULTIDISCIPLINARES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS E CIDADANIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Direitos Humanos e Cidadania, da linha de pesquisa: Democracia, Constitucionalismo, Memória e História.

Aprovada por:

Prof.^a. Dr.^a. Vanessa Maria de Castro – UnB
(Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Núbia Regina Moreira – UESB
(Examinadora externa)

Prof.^a. Dr.^a. Thula Rafaela de Oliveira Pires – PUC-RJ
(Examinadora externa)

Prof. Dr. wanderson flor do nascimento - UnB
(Examinador interno)

Prof.^a. Dr.^a. Renísia Cristina Garcia Filice – UnB
(Examinadora interna - Suplente)

Brasília, 06 de dezembro de 2023

Esse trabalho é dedicado a Dona Angela, a mulher que venceu a pobreza, cuja fé inabalável, me mantém de pé

AGRADECIMENTOS

A Exu, porque sem Ele não se faz nada. Agradeço por ser esse inseparável amigo. Por tantos caminhos abertos. Por me permitir falar em voz alta Seu nome. Laroyê, Exu!

A Oxum, a Iemanjá, a Dona Maria Padilha, a Seu Ventania, a Seu Araruna e a todo meu povo que me manteve firme até aqui.

A minha ancestralidade, sobretudo, às mulheres que chegaram antes de mim.

A Mãe Dora de Oyá, por me aceitar em seu Ilê e em sua vida. Obrigada por tanta partilha, carinho, cuidado e confiança.

A professora Vanessa Maria de Castro, por aceitar mais um desafio acadêmico ao meu lado e pela sensibilidade em compreender meus sonhos e anseios. Até hoje me lembro do dia da minha entrevista para entrar no mestrado do PPGDH. Você na minha banca era um sinal de que tínhamos muita coisa para trilhar juntas.

A professora Thula Pires por ser essa força tamanha. Obrigada por acreditar tanto na gente. O seu amor é combustível para nossa caminhada.

A professora Núbia Regina, pelo cuidado com a leitura desse trabalho e pelas sugestões essenciais. Como é bom lhe ouvir. Sua serenidade ensina.

A professora Renísia Garcia pela coragem de lutar tanto pelas alunas, alunos e alunes dessa Universidade.

Ao professor uã flor do nascimento, por ser quem é: uma das pessoas mais generosas que conheço. Obrigada por ensinar quais batalhas devem ser lutadas. Obrigada por contribuir de todas as maneiras possíveis para esse trabalho.

A minha família de sangue, por me ensinarem que o afeto afeta.

A minha família de Santo, por compartilharem tantas memórias comigo. Nossa caminhada não é de hoje. Pai Marcelo, Serginho, Phelipe, Mari, Lucas, Carol, Ingrid e Julie, e todes. Motumbá!

A minha família do Maré – Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro: Barbs Crateus, Emilia Joana, Iago Masciel, Géssica Arcanjo, Nandinha Lima, Nailah Veleci, Marcos Queiroz, Rodrigo Portela e João Xoxo, e tantas outras. Eu aprendi e sigo aprendendo com vocês. Obrigada por serem maré cheia (de amor).

Aos meus amores inseparáveis: Patty Nóbrega, Gabi de Almeida, Matheus Asmassalan, Milena Pinheiro, Mari Fonseca, Lari Sampaio e Maria Laura Romero.

Nana Foster, obrigada pelo convite, em 2005, para ir ao Plano B, no Arena. Depois daquele samba, minha vida nunca mais foi a mesma.

As minhas amigas e parcerias de docência Carolina Ferreira e Luciana Garcia: pelos ouvidos e ombros amigos.

As minhas alunas, alunos e alunes por ensinarem tanto. Todos os dias.

A Camilla de Magalhães e ao Zivito, por me receberem com tanto carinho em suas casas no Rio de Janeiro e em Cachoeira. Obrigada por tanto!

A primeira turma de doutorado do PPGDH – Adriana Miranda, Deia Marreiro, Diego Mendonça, Érika Lula, Fernando dos Santos, Léo Santana, Mauro Noletto e Ray Andrade – da qual eu faço parte. Obrigada por dividirem a coragem de vocês comigo.

A todas, todos e todes docentes, discentes e equipe do PPGDH. Eu me orgulho muito de dividir a minha história com pessoas que acreditam na educação e nos direitos humanos. Inegociavelmente. Sempre.

A Gracy Moreira, Nilcemar Nogueira, Vinícius Natal e Mauro Cordeiro pelas conversas e partilhas. É bom ouvir vocês falando sobre essa missão bonita que é zelar por Samba.

Ao Raphael Lapa, meu grande amigo desde os tempos de mestrado, cuja leitura prévia foi vital para minha tese.

A Paula Durks Cassol pela generosidade em compartilhar um livro raro e esgotado de Helena Theodoro. No meio da pandemia, você saiu de casa, escaneou e me enviou por e-mail um trabalho essencial para tese. Que Orixá lhe devolva tanto carinho.

A Maitê Freitas pela coleção Samba Sampa entregue em mãos em um evento pensado para mulheres negras. Foi um presente sem tamanho ter essa coleção comigo. Foi na hora certa.

A Adriana Izel pela ajuda na revisão, a Luciana Mayrink pelos croquis da casa de Tia Ciata; ao Matheus Martins pelo mapa desenvolvido; a Júlia Martins pela linda capa; e a Ana Vaz pelo cruzamento dos dados dos Pataxó Hãhãhãe.

Agradeço à Fundação Ford e à Fundação Carlos Chagas por possibilitar, em 2014, o Curso Pós Afirmativas, do qual fiz parte e foi essencial para estar aqui. Agora.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio a esta pesquisa.

A todas as pessoas que enviaram axé, artigos e livros que poderiam colaborar com esta tese. Peço desculpa por não as nomear uma por uma, mas saibam que eu as amo e sou grata por tanto cuidado.

E por último e não menos importante: a minha mãe, dona Angela. Meu anjo da guarda, meu amuleto de sorte, meu cais. Eu não teria chegado a lugar nenhum se não fosse você. Eu amo você. Nessa e em todas as vidas que a gente viver.

“Exu acertou um pássaro ontem com a pedra que atirou apenas hoje”
Provérbio iorubá

RESUMO

A presente tese em Direitos Humanos se propõe a mergulhar nas intrincadas trajetórias de vida da notável figura de Mãe Dora de Oyá, mulher negra multifacetada que desempenha papéis significativos como Ialorixá, cantora, compositora de sambas, integrante da Irmandade da Boa Morte, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro e fisioterapeuta. A narrativa, pautada pelas metodologias de Escrivivência e Escrita Afetiva, visa não apenas contar, mas também tecer uma trama sensível e engajada, proporcionando uma compreensão mais profunda da riqueza cultural e sociopolítica que Mãe Dora personifica. Doralina Fernandes Barreto Regis, ao adotar a identidade de Mãe Dora de Oyá, transcendeu as fronteiras geográficas do Distrito Federal, consolidando-se como uma referência central não apenas para sua comunidade imediata, mas para terreiros, rodas de samba e confrarias em todo o Brasil. A despeito do apagamento histórico que as mulheres negras enfrentam na historiografia da cultura brasileira, esta tese emerge como um esforço inicial para resgatar a vitalidade dessas vozes, utilizando a história de Mãe Dora como um ponto de partida para reflexões mais amplas. A abordagem interdisciplinar proposta busca estimular estudos que entrelacem de maneira profunda e reflexiva as dimensões de gênero, raça, religião e cultura afro-brasileira. Ao explorar as interseções desses elementos na vida de Mãe Dora, a pesquisa almeja contribuir para o preenchimento das lacunas persistentes na compreensão das narrativas das mulheres negras, desafiando assim a invisibilidade que permeia a construção do conhecimento histórico. Por fim, a tese busca transcender as fronteiras convencionais ao explorar a dimensão espiritual do samba, através da qual as mulheres de axé, o Candomblé e o samba se entrelaçam de maneira indissociável. Mais do que um gênero musical, o Samba é apresentado como um Orixá que não apenas embala as manifestações culturais, mas também regula a noção de pertencimento e propicia ações comunitárias essenciais para a (sobre)vivência das comunidades envolvidas. Nessa perspectiva, a tese propõe uma reinterpretação do Samba como um elemento espiritual e cultural que transcende seu aspecto musical, enriquecendo assim o entendimento das práticas culturais afro-brasileiras.

Palavras-chave: Mãe Dora de Oyá; Candomblé; Samba; Mulheres Negras.

ABSTRACT

The present thesis in Human Rights aims to delve into the intricate life trajectories of the notable figure of Mãe Dora de Oyá (Mother Dora de Oyá), a multifaceted black woman who plays significant roles as Ialorixá (High Priestess of the Candomblé), singer, composer of sambas, member of the Irmandade da Boa Morte (Sisterhood of the Good Death by Candomblé), former militant of the Brazilian Communist Party, and physiotherapist. The narrative, guided by the methodologies of *Escrevivência* (coined by Conceição Evaristo, merges "to write" and "experience") and Affectionate Writing, seeks not only to recount but also to weave a sensitive and engaged plot, providing a deeper understanding of the cultural and socio-political richness that Mãe Dora personifies. Doralina Fernandes Barreto Regis, by adopting the identity of Mãe Dora de Oyá, transcended the geographical boundaries of the Federal District, establishing herself as a central reference not only for her immediate community but also for terreiros (candomblé temples), samba circles, and fraternities throughout Brazil. Despite the historical erasure that black women face in the historiography of Brazilian culture, this thesis emerges as an initial effort to recover the vitality of these voices, using Mãe Dora's story as a starting point for broader reflections. The proposed interdisciplinary approach aims to stimulate studies that intricately and reflectively interconnect the dimensions of gender, race, religion, and Afro-Brazilian culture. By exploring the intersections of these elements in Mãe Dora's life, the research aims to contribute to filling persistent gaps in the understanding of the narratives of black women, thereby challenging the invisibility that permeates the construction of historical knowledge. Finally, the thesis aims to transcend conventional boundaries by exploring the spiritual dimension of samba, through which the women of axé, Candomblé, and samba are indissociably intertwined. More than a musical genre, Samba is presented as an Orixá that not only accompanies cultural expressions but also regulates the sense of belonging and enables essential communal actions for the survival of the involved communities. In this perspective, the thesis proposes a reinterpretation of Samba as a spiritual and cultural element that transcends its musical aspect, enriching the understanding of Afro-Brazilian cultural practices.

Key words: Mother Dora de Oyá; Candomblé; Samba; Black Women

RESUMÉ

La présente thèse en Droits de l'Homme vise à explorer les trajectoires de vie complexes de la figure notable de Mãe Dora de Oyá (Mère Dora de Oyá), une femme noire aux multiples facettes qui joue des rôles significatifs en tant qu'Ialorixá (Grande Prêtresse du Candomblé), chanteuse, compositrice de sambas, membre de l'Irmandade da Boa Morte (Confrérie de la Bonne Mort du Candomblé), ancienne militante du Parti Communiste Brésilien et physiothérapeute. La narration, guidée par les méthodologies de l'Escrivivência (créée par Conceição Evaristo, fusionnant "écrire" et "expérience") et de l'Affectionate Writing, cherche non seulement à relater, mais aussi à tisser une trame sensible et engagée, offrant une compréhension approfondie de la richesse culturelle et socio-politique que Mãe Dora incarne. Doralina Fernandes Barreto Regis, en adoptant l'identité de Mãe Dora de Oyá, a transcendé les frontières géographiques du District Fédéral, s'établissant comme une référence centrale non seulement pour sa communauté immédiate, mais aussi pour les terreiros (temples du Candomblé), les cercles de samba et les fraternités à travers le Brésil. Malgré l'effacement historique auquel font face les femmes noires dans l'historiographie de la culture brésilienne, cette thèse émerge comme un effort initial pour récupérer la vitalité de ces voix, en utilisant l'histoire de Mãe Dora comme point de départ pour des réflexions plus larges. L'approche interdisciplinaire proposée vise à stimuler des études qui entrelacent de manière profonde et réfléchie les dimensions du genre, de la race, de la religion et de la culture afro-brésilienne. En explorant les intersections de ces éléments dans la vie de Mãe Dora, la recherche vise à contribuer à combler les lacunes persistantes dans la compréhension des récits des femmes noires, défiant ainsi l'invisibilité qui imprègne la construction de la connaissance historique. Enfin, la thèse cherche à transcender les frontières conventionnelles en explorant la dimension spirituelle du samba, à travers laquelle les femmes de l'axé, du Candomblé et du samba sont indissociablement liées. Plus qu'un genre musical, le Samba est présenté comme un Orixá qui accompagne non seulement les expressions culturelles mais régule aussi le sentiment d'appartenance et permet des actions communautaires essentielles à la survie des communautés concernées. Dans cette perspective, la thèse propose une réinterprétation du Samba en tant qu'élément spirituel et culturel qui transcende son aspect musical, enrichissant ainsi la compréhension des pratiques culturelles afro-brésiennes.

Mots-clefs: Mãe Dora de Oyá; Candomblé; Samba; Femme Noire.

RESUMEN

La presente tesis en Derechos Humanos tiene como objetivo adentrarse en las intrincadas trayectorias de vida de la notable figura de Mãe Dora de Oyá (Madre Dora de Oyá), una mujer negra multifacética que desempeña roles significativos como Ialorixá (Gran Sacerdotisa del Candomblé), cantante, compositora de sambas, miembro de la Irmandade da Boa Morte (Hermandad de la Buena Muerte del Candomblé), ex militante del Partido Comunista Brasileño y fisioterapeuta. La narrativa, guiada por las metodologías de la *Escrevivência* (acuñada por Conceição Evaristo, fusionando "escribir" y "experiencia") y la *Escritura Afectiva*, busca no solo relatar, sino también tejer una trama sensible y comprometida, proporcionando una comprensión más profunda de la riqueza cultural y socio-política que personifica Mãe Dora. Doralina Fernandes Barreto Regis, al adoptar la identidad de Mãe Dora de Oyá, trascendió las fronteras geográficas del Distrito Federal, estableciéndose como una referencia central no solo para su comunidad inmediata, sino también para terreiros (templos de Candomblé), círculos de samba y fraternidades en todo Brasil. A pesar del borrado histórico al que se enfrentan las mujeres negras en la historiografía de la cultura brasileña, esta tesis surge como un esfuerzo inicial para recuperar la vitalidad de estas voces, utilizando la historia de Mãe Dora como punto de partida para reflexiones más amplias. El enfoque interdisciplinario propuesto busca estimular estudios que entrelacen de manera profunda y reflexiva las dimensiones de género, raza, religión y cultura afrobrasileña. Al explorar las intersecciones de estos elementos en la vida de Mãe Dora, la investigación tiene como objetivo contribuir a llenar lagunas persistentes en la comprensión de las narrativas de las mujeres negras, desafiando así la invisibilidad que impregna la construcción del conocimiento histórico. Finalmente, la tesis busca trascender los límites convencionales explorando la dimensión espiritual del samba, a través de la cual las mujeres de axé, Candomblé y samba están indisolublemente entrelazadas. Más que un género musical, el Samba se presenta como un Orixá que no solo acompaña las expresiones culturales, sino que también regula el sentido de pertenencia y permite acciones comunales esenciales para la supervivencia de las comunidades involucradas. Desde esta perspectiva, la tesis propone una reinterpretación del Samba como un elemento espiritual y cultural que trasciende su aspecto musical, enriqueciendo así la comprensión de las prácticas culturales afrobrasileñas.

Palabras clave: Mãe Dora de Oyá; Candomblé; Samba; Mujeres negras.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dona Angela e eu no carnaval de 1988

Figura 2 – Eu, com um de um ano de idade, brincando com os LPs (Long-Plays) dos meus pais.

Destaque para o LP da cantora Beth Carvalho

Figura 3 – Meu avô, Francisco de Deus, em uma rádio em Araxá (MG)

Figura 4 – Ialorixá Mãe Dora de Oyá e eu em Muritiba (BA), durante o Encontro de Mulheres de Axé, em 2019

Figura 5 – Foto da fundadora da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira (BA). No canto esquerdo, há uma etiqueta que diz: “Tia Ciata”

Figura 6 – Croqui da casa da Tia Ciata desenvolvido pelas pesquisadoras arquitetas Luciana Mayrink e Emmily Leandro

Figura 7 – Mãe Dora na Rua 25 de junho em Cachoeira (BA), em 2022

Figura 8 – Mãe Dora dá entrevistas para veículos nacionais e internacionais durante as edições de 2022 e 2023 do Festival Latinidades, no Museu Nacional da República (DF)

Figura 9– Prefeitura Municipal de Riachão das Neves (BA), localizada na Praça Municipal

Figura 10 – O Grupo Escolar Coronel Francisco Macedo, localizada na Avenida Coronel Francisco Macedo, no centro do município

Figura 11 – Árvore genealógica (genograma) de Mãe Dora de Oyá

Figura 12 – Mapa com destaque para as cidades baianas Salvador, Cachoeira e Riachão das Neves

Figura 13 – Na ilustração Mozambique, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas ilustra pessoas oriundas daquele país africano

Figura 14 – Construções em madeira do acampamento DFL da Vila Planalto

Figura 15 – Mãe Dora de Oyá na posse das ministras Anielle Franco e Sonia Guajajara, ao lado do presidente Lula e do ministro Silvio Almeida, entre outras autoridades, em 2023

Figura 16 – Mãe Dora de Oyá ao lado de Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial

Figura 17 – Documentos confidenciais do Partido Comunista Brasileiro anunciam a inclusão de Doralina Fernandes de Oliveira no diretório regional do partido

Figura 18 – Documento confidencial do Partido Comunista Brasileiro avisa que algumas militantes do Partidão estarão no X Encontro Nacional Feminista. Entre elas está Doralina Fernandes de Oliveira

Figura 19 – Mariana e Mãe Dora em frente ao Palácio da Alvorada. Brasília, década de 1990

Figura 20 – Mariana Regis, filha única de Mãe Dora de Oyá, e Marcelo Regis, companheiro da Ialorixá há mais de 30 anos

Figura 21 – Mãe Dora passa alguns fundamentos do Candomblé para suas filhas e filhos de Santo, abril de 2023

Figura 22 – Mãe Dora homenageada em uma escola pública, 2021

Figura 23 – Mãe Dora no projeto Boteco da Diversidade, na Comedoria do Sesc Pompeia (SP), em abril de 2022

Figura 24 – Mãe Dora com a professora e intelectual Sueli Carneiro durante o Festival Latinidades, em 2022

Figura 25 – Mãe Dora e o deputado distrital Max Maciel (PSOL) na Câmara Legislativa do DF, em 13 de abril de 2023

Figura 26 – A primeira formação do grupo Filhos de Dona Maria com Khalil Santarém, Vinícius de Oliveira, Arthur Sena e Amílcar Paré

Figura 27 – Khalil e Amílcar em frente à casa de Dona Maria Padilha no Ilê Axé T'ojú Labá: a formação atual dos Filhos de Dona Maria

Figura 28 – Afoxé Ogum Pá na abertura do Festival Favela Sounds, novembro de 2019

Figura 29 – Mãe Dora e Patricia Hill Collins no primeiro ensaio aberto do Afoxé Ogum Pá após a viagem de Santiago de Cuba, julho de 2019

Figura 30 – Mãe Dora e Afoxé Ogum Pá antes da apresentação no Favela Sounds, em 2019

Figura 31 – Chegada do Afoxé Ogum Pá em Havana (Cuba), julho de 2019

Figura 32 – Mãe Dora e Afoxé Ogum Pá em Santa María, bairro periférico de Santiago de Cuba, julho de 2019

Figura 33 – Procissão de Nossa Senhora da Glória, Cachoeira (BA), 2022

Figura 34 – Nossa Senhora da Glória na Festa da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, agosto de 2019

Figura 35 – Portal na entrada de Cachoeira (BA)

Figura 36 – Foto da exposição Indumentárias de Axé, na Casa da Câmara e Cadeia em Cachoeira (BA)

Figura 37 – Dona Dalva Damiana e Mãe Dora de Oyá na Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira (BA), agosto de 2019

Figura 38 – Padre pega a benção de Dona Dalva Damiana antes na missa para São Roque em 16 de agosto de 2019, dia em que o santo é celebrado

Figura 39 – Captura de tela do Facebook da página Casa do Samba de Roda de Dona Dalva

Figura 40 – Ruína destinada para a Casa do Samba de Roda de Dona Dalva

Figura 41 – Abandonada, a Casa do Samba de Santo Amaro da Purificação (BA)

Figura 42 – Carnaval no Rio no início dos anos 1900

Figura 43 – Tia Ciata aparece o canal do Youtube de Eduardo Bueno

Figura 44 – Foto de Tia Ciata no canal do Youtube de Eduardo Bueno

Figura 45 – Estátua do mestre Cartola em frente ao Museu do Samba, em Mangueira (RJ)

Figura 46 – Visita ao Museu do Samba em 2022, em Mangueira (RJ). As imagens de Oxum e Exu fizeram parte do desfile da G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio naquele ano, cujo carnaval foi vencedora com o enredo “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu”

Figura 47 – Indumentária da G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro de Tia Glorinha, presidente da ala das baianas do Salgueiro, baluarte da escola. Acervo pessoal de Tia Glorinha

Figura 48 – Parte interna da Casa da Tia Ciata, no bairro da Saúde (RJ)

Figura 49 – Vista dos bairros da Gamboa e Saúde no final do século 19

Figura 50 – Cartaz da exposição em Cachoeira

Figura 51 – Estrutura: Matripotência-Sociedade Gèlèdè-Irmandade da Boa Morte

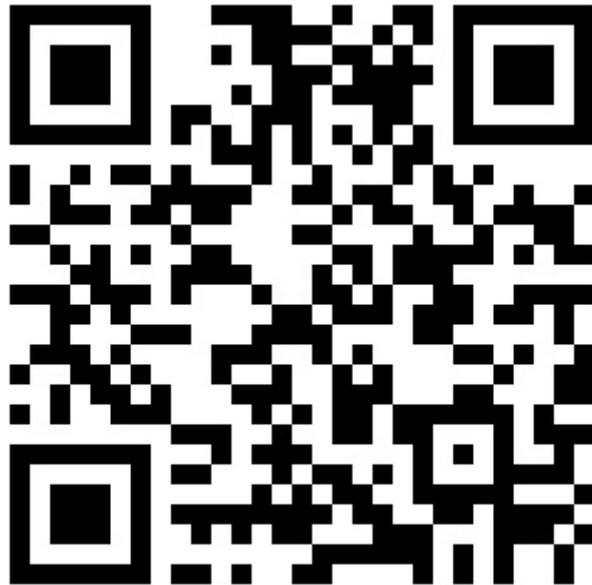
Figura 52 – Bandeira do artista plástico André Vargas, Barca de José Alves de Olinda e Atabaques de Rosa Magalhães. As obras de arte fazem parte do Acervo do Museu do Samba (RJ)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Abrafidef	Associação Brasileira de Fisioterapia Dermatofuncional
AI	Ato Institucional
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
ARPDF	Arquivo Público do Distrito Federal
BA	Bahia
Cimi	Conselho Indigenista Missionário
CLN	Comércio Local Norte
CONDEPAC	Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal
CNV	Comissão Nacional da Verdade
CREMEB	Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia
DER	Departamento de Estradas de Rodagem
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
GO	Goiás
DF	Distrito Federal
EMB	Escola de Música de Brasília
EUA	Estados Unidos da América
Eneparq	Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
G.R.E.S.	Grêmio Recreativo Escola de Samba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPAC	Instituto Patrimônio Artístico e Cultural
IML	Instituto Médico Legal
INCTI	Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LP	Long-play
MIR	Ministério da Igualdade Racial
MG	Minas Gerais
MPI	Ministério dos Povos Indígenas
MTur	Ministério do Turismo
OMS	Organização Mundial da Saúde
ORTC	Organização dos Remanescentes da Tia Ciata
PA	Pará

PC do B	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PL	Projeto de Lei
PPGDH	Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania
PROAP	Programa de Apoio à Pós-graduação
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SHIN	Setor de Habitações Individuais Norte
SHS	Setor Hoteleiro Sul
SP	São Paulo
SQS	Super Quadra Sul
TST	Tribunal Superior do Trabalho
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Uniceub	Centro Universitário de Brasília
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
YAGP	Youth America Grand Prix

PLAYLIST DA TESE



SUMÁRIO

MEMORIAL	21
INTRODUÇÃO	31
Justificativa	32
MINHAS ANDANÇAS: NOTAS METODOLÓGICAS	42
Fundamentação teórica.....	50
Tempo, és um dos deuses mais lindos	52
1 NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE	55
1.1 Biscoito de polvilho, bolo de mandioca e rapadura de Santo Antônio	60
1.2 Despedidas.....	62
2 QUEM FOI DE AÇO DOS ANOS DE CHUMBO	72
2.1 Uma mulher negra no Partido Comunista Brasileiro	78
2.2 Boa vizinhança	79
2.3 “Entre a esquerda e a direita, sei que continuo preta”	81
2.4 O Guerrilheiro e a Panterinha	88
2.5 Professora Doralina	89
2.6 Cante Samba na universidade	90
2.7 Afetos de Doralina	91
2.8 A casa com cinco pilastras.....	96
3 ESSE SOM VEIO DE LONGE	98
3.1 Chicago Bulls, Botafogo e Portela	99
3.2 A menina dos olhos de Oyá	102
3.3 ABC Musical, música na periferia	105
3.4 “Esse som veio de longe”: Filhos de Dona Maria ganham o mundo	107

3.5 Não foi em vão a luta de Katendê: o Candomblé na rua com o Afoxé Ogum Pá	111
4 A IRMANDADE DA BOA MORTE	122
4.1 Dona Dalva Damiana	126
5 CONVERSAS CARIOCAS	135
5.1 Memórias em disputa	141
5.2 O Museu do Samba	147
5.3 Mangueira, mulheres e samba	148
5.4 Resistência	151
5.5 De volta à Rua Camerino	154
6 LEVEI MEU SAMBA PRA MÃE DE SANTO REZAR	157
6.1 Útero ancestral e matripotência	159
6.2 O Samba como Orixá	164
CONCLUSÃO	171
PÓS-FÁCIO	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178

MEMORIAL

Como eu nasci em fevereiro e o carnaval está no meu sangue...¹

O ano de 1987 foi marcado por eventos significativos. Em dezembro daquele ano, Brasília, a cidade onde nasci e morei a vida toda, foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade² pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Em setembro, Goiânia, cidade distante 210 km da capital federal, ganhou destaque nos jornais pela contaminação radioativa de Césio-137³. Em junho, o então presidente José Sarney anunciou o Plano Bresser⁴, congelando aluguéis e salários.

Mas, sem dúvidas, para Dona Angela, minha mãe, o episódio mais importante foi em fevereiro – e eu não falo da Assembleia Nacional Constituinte⁵. No dia 9 daquele mês, em uma segunda-feira de Exu e de Omulu, eu cheguei ao mundo – a tempo de viver o carnaval daquele ano.

A G.R.E.S. Vila Isabel passou pelo Sambódromo da Marquês de Sapucaí (RJ) ao som o enredo “Raízes”. Composto por Martinho da Vila, o samba chamou atenção por não ter rimas e por ser uma homenagem a Maíra Freitas, filha do sambista, nascida em 1985:

*A Vila Isabel, incorporada de Maíra
Se transforma em deus supremo
Dos povos de raiz
Da terra Ka'apor,
O deus morava nas montanhas
E fez filhos do chão
Mas só deu vida para um
No templo de Maíra
Sete deusas de pedra
Mas vida só pra uma
Destinada a Arapiá*

*Querubim Tapixi guardava a deusa para ele
Que sonhava conhecer a natureza*

*Então ele fugiu
Da serra, buscando emoções*

¹ *40 anos*, composição de Altay Veloso e Paulo César Feital, sucesso na voz de Emílio Santiago e Alcione.

² Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2008/10/02/5-de-outubro-de-1988-um-dia-historico>

³ Disponível em: <https://www.saude.gov.br/cesio137goiania>

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-os-planos-economicos-bresser-verao-collor-1-e-collor-2-e-as-perdas-na-poupanca.ghtml>

⁵ Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao-cidada/publicacoes/copy_of_index.html

E se encontrou com a mãe dos peixes Numiá

*Por ela, Arapiá sentiu paixão
E quatro filhos Numiá gerou*

*Verão, calor e luz
Outono, muita fartura
Inverno, beleza fria
Primavera, cores e flores
Para enfeitar o paraíso*

*Mas eclodiu a luta entre os dois amantes
Pelo poder universal
Vovô Maíra interferiu na luta
E atirou os dois pro ar
Pra lá no céu jamais poderem se envolver*

*Arapiá, Guaraci, bola de fogo
E Numiá, é Jaci, bola de prata*

*E fez dos quatro netos, governantes magistrais
Surgindo, assim, as estações dos anos⁶*

Figura 1 – Dona Angela e eu no carnaval de 1988



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

⁶ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/vila-isabel-rj/473987/>

Gosto de brincar dizendo que já cheguei sendo homenageada. Apesar do enredo bonito, com influência do romance fictício *Maíra*, de Darcy Ribeiro, a Vila Isabel não levou o carnaval de 1987. A vencedora foi a G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (minha escola do coração) com o enredo *No Reino Das Palavras*, *Carlos Drummond de Andrade*⁷.

Eu não acredito em coincidências e sinto o samba do Vila como um sinal dos céus ou como diz aquela música de Altay Veloso e Paulo César Feital: “Como eu nasci em fevereiro e o carnaval está no meu sangue...”.

O nome

Em algumas comunidades não-ocidentais e ocidentais, o nome de uma pessoa é de extrema importância pois, pode sinalizar o caminho que ela vai seguir durante toda sua vida. Os *igbo*, em território nigeriano, são um desses povos que têm cuidado com o nome que cada uma leva.

Sou Maíra de Deus Brito e assim como meu nome, considero-me uma pessoa muito abençoada. Maíra para os Mairuns (indígenas do livro *Maíra*) é o Deus-Sol ou uma divindade como Deus dos Deuses. Apesar de ser um livro fictício, *Maíra* foi escrito a partir da observância e vivência em diversas comunidades indígenas no Brasil. E se palavras têm poder, Maíra segue sendo Deus e, dessa maneira, penso que um nome com tanto Deus só pode ser sinal de muita bonança.

Eu tenho fé em Deus, mas meu Deus não é como o Deus trazido pelos portugueses quando chegaram para colonizar o Brasil. Meu Deus veio nos porões dos navios negreiros que desembarcaram aqui e, junto com os povos indígenas que aqui moravam, formaram uma religião com Orixás e entidades que estão nas matas, nas ruas, nos mares e em outros tantos lugares que mereciam uma tese para cada um deles. Meu Deus mora no Candomblé, religião ainda perseguida no Brasil do século 21, mas que segue firme, a despeito de todo ódio e preconceito destilados pelos quatro cantos do país.

Nasci em uma família católica formada por uma mineira e um maranhense. Meu pai nunca foi praticante. Minha mãe é uma católica fervorosa que quis me ver com Primeira Comunhão e Crisma (rituais importantes no catolicismo) feitas ainda na

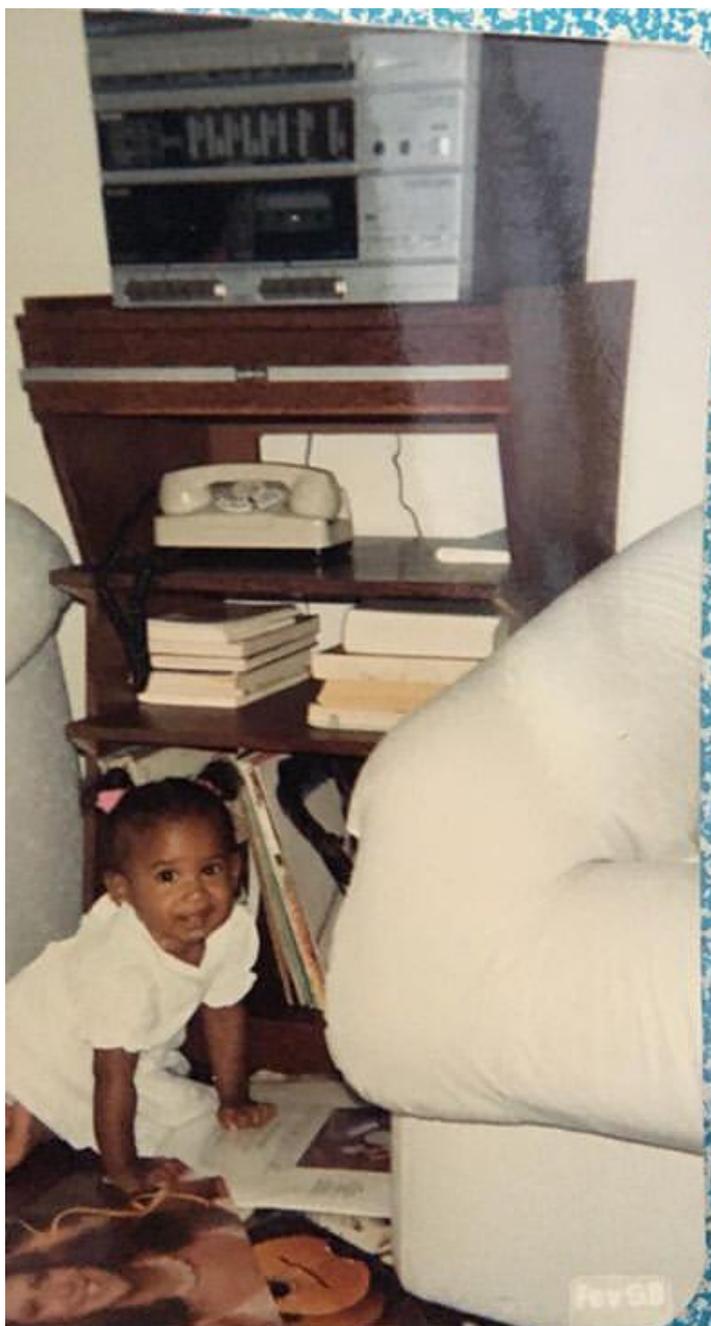
⁷ Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Carnaval-2018/camarotequem/noticia/2019/02/homenagem-carlos-drummond-de-andrade-faz-mangueira-dominar-sapuca-i-em-1987.html>

juventude. Porém, eu nunca me senti muito católica, apesar do extremo carinho por Nossa Senhora Aparecida (pretinha que nem eu) e por São Jorge, meu santo de coração e devoção.

O tempo passou, conheci o Kardecismo e a Umbanda e, enfim, o Candomblé. Foi quando meu coração acalmou.

Figura 2 – Eu, com um de um ano de idade, brincando com os LPs (Long-Plays) dos meus pais.

Destaque para o LP da cantora Beth Carvalho



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Um corpo no mundo⁸

Sou uma mulher negra com percurso distinto de outras negras do Brasil. Nasci e cresci no Plano Piloto, bairro de classe média, classe média-alta de Brasília, capital do país. Estudei em escolas particulares (cujas salas chamavam – e ainda chamam – atenção pelas pouquíssimas alunas negras) e cursei *Comunicação Social – Jornalismo* no Centro Universitário de Brasília – Uniceub, instituição particular de prestígio na cidade.

Conheci o racismo ainda criança no ambiente escolar e, apesar das dificuldades impostas pelo preconceito de colegas de classe e de professores, não me calei. Talvez, essa vontade de gritar para o mundo a importância da igualdade tenha sido a motivação para cursar Comunicação Social. Como escreveu a escritora afro-americana Audre Lorde, no livro *Irmã outsider* (2019): “Seu silêncio não vai te proteger” (p. 52).

Samba de berço

Os LPs que embalaram minha infância existem até hoje. Eu cresci ouvindo muita música brasileira, principalmente, samba. Lembro até hoje de colocar *No Pagode*, disco de 1979, da cantora carioca Beth Carvalho. A todos pulmões eu cantava *Andança* (Paulinho Tapajós, Edmundo Souto e Danilo Caymmi), música de sucesso ímpar na voz de Beth. Eu nasci quase 10 anos depois do lançamento desse LP, mas música boa é atemporal.

Prova disso foram os inúmeros discos de Jorge Aragão, Fundo de Quintal e Zeca Pagodinho, entre outros, que ouvi ainda criança. “A fruta não cai longe do pé”, diz o ditado.

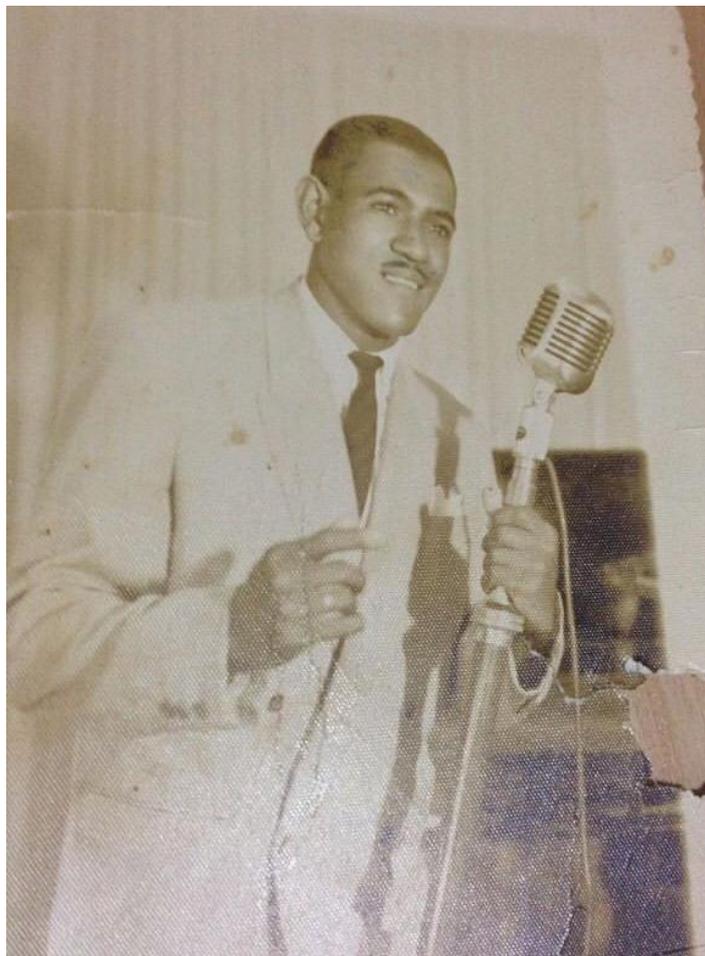
De acordo com a minha mãe, meu avô, Francisco de Deus, tinha a voz parecida com a do mestre mangueirense Jamelão e cantava sambas-canções em uma rádio em Araxá (MG), cidade onde ele, minha avó Maria e minha mãe Angela nasceram. Dizem que ele adorava cantar Lupicínio Rodrigues, cantor e compositor gaúcho, cujo repertório era marcado por músicas de dores de amores.

Outro dia, Dona Angela recordou de um episódio curioso: ela e as irmãs cantavam errado a música *Quem te viu, Quem te vê*, de Chico Buarque. Ao invés de dizer: “Hoje o samba *saiu*/Procurando você”, elas cantavam: “Hoje o samba *caiu*”. A troca soava engraçada para as meninas, mas Seu Francisco compreendia sério, lembrando que “o samba nunca cai”.

⁸ Música da cantora e compositora baiana Luedji Luna.

Achei interessante o cuidado do meu avô com o samba, a letra e a mensagem que aquilo passava. Seu Francisco morreu quando eu tinha três anos e a gente não teve tempo de trocar figurinhas. Porém, não tenho dúvidas: meu amor ao samba é *coisa da antiga*⁹.

Figura 3 – Meu avô, Francisco de Deus, em uma rádio em Araxá (MG)



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

O samba pede passagem¹⁰

Tanto carinho ao gênero musical resultou na monografia *Deixa Falar! O samba-enredo na roda – O discurso da Mangueira e da Portela em análise* (2009)¹¹. O trabalho, orientado pela Professora Doutora Magda de Lima Lúcio, foi uma análise de discurso de sambas-enredo das escolas de samba cariocas Estação Primeira de Mangueira e G.R.E.S. Portela, em três momentos distintos entre os séculos 20 e 21. A ideia era mostrar como o mercado fonográfico e o sistema capitalista mudaram a estrutura das agremiações. Ao

⁹ Música de Nei Lopes e Wilson Moreira.

¹⁰ Música de Mauro Diniz e Adilson Victor.

¹¹ Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2136/2/20605058.pdf>

final, tive uma monografia que mostrou as mudanças com o tempo, porém, também confirmou que mesmo com todas as transformações, as comunidades ligadas às escolas citadas seguem fiéis nas escolhas de enredo, nos ensaios e nos desfiles. O amor ao samba é maior do que algumas divergências político-sociais.

Durante alguns anos trabalhei nas redações dos jornais *Correio Braziliense* e *Metrópoles*. No primeiro, tive a chance de escrever sobre samba e fazer uma série de perfis de bambas como Alcione, Wilson Moreira, Beth Carvalho, Dona Ivone Lara, Noca da Portela, Tatinho da Mangueira e Delcio Carvalho. Nunca na história do *Correio Braziliense* houve tanto espaço para o samba. Foi a minha maneira de dar *flores em vida*¹² a pessoas tão importantes e nem sempre lembradas.

A área cultural sempre foi uma grande paixão, mas escrever apenas em jornais não era mais o suficiente para mim. Foi quando decidi que faria a Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça na Universidade de Brasília (UnB). Sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos, escrevi *Saúde para elas: o impacto do Programa do Bolsa Família na saúde de gestantes do Distrito Federal* (2014)¹³. O trabalho foi o primeiro passo para meu retorno definitivo à academia.

Como nota-se, além da cultura, a luta por direitos humanos também é uma constante em minha vida. Falar sobre raça sempre me pareceu algo urgente, sobretudo com o recorte de gênero. Em 2015, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH) da Universidade de Brasília, no qual defendi a dissertação *História de vida de mães que perderam os filhos assassinados: 'uma dor que não cicatriza'* (2017)¹⁴. Orientada pela Professora Doutora Vanessa Maria de Castro, a dissertação coloca luz em um tema doloroso: o extermínio da juventude negra no Brasil a partir da perspectiva das mães que perderam seus filhos de maneira violenta e inesperada.

A relevância do tema era tamanha, que a dissertação se tornou o livro *Não. Ele não está*, em 2018¹⁵, sendo utilizado em salas de aula, monografias, dissertações e teses em várias cidades do país.

¹² Música de Moacyr Luz e Aldir Blanc.

¹³ Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/12870>

¹⁴ Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31136>

¹⁵ MACIEL, Nahima. Jornalista Maíra de Deus Brito lança o livro 'Não. Ele não está'. **Correio Braziliense**, Brasília, 28 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/11/28/interna_diversao_arte,721907/maira-de-deus-brito-nao-ele-nao-esta-extermínio-de-jovens-negros.shtml. Acesso em: 19 out. 2021.

De volta às origens

Era um sábado de julho. Seu Ventania, caboclo mentor do Ilê Axé T'ojú Labá (terreiro comandado pela Ialorixá Mãe Dora de Oyá), já estava em terra para comemorar sua festa anual, sempre realizada naquele mês. Outros caboclos foram chegando, entre eles, Seu Araruna, que me (re)lembrou o caminho a ser percorrido: Eu devia voltar de onde eu vim e escrever sobre samba. Devia lembrar o trabalho feito ainda nos tempos da faculdade e da redação do Correio Braziliense. Devia prestar atenção ao meu redor – já que eu trabalhava e ainda trabalho como assessora de imprensa e produtora de alguns artistas de samba (e do choro) da cidade.

Mudei o tema – que, inicialmente, estava conectado com a temática do mestrado – e, não por acaso de destino, o Programa do qual fiz parte no Mestrado abriu a primeira seleção de Doutorado. Deu certo. Era o lugar certo. Desta vez, além da Professora Vanessa Maria de Castro, caminho ao lado do Professor Doutor uã flor do nascimento, coorientador imprescindível nessa nova empreitada.

Mulheres negras de axé¹⁶, samba e Candomblé. O tripé da tese estava delimitado, assim como as entrevistas. Tudo parecia muito certo até que, em 2020, a pandemia causada pelo novo coronavírus chegou, trazendo mortes, revoltas, mudança de planos e adiamento de sonhos.

Fazer o campo da pesquisa em cidades como Cachoeira (BA) e Rio de Janeiro (RJ) com uma pandemia intensa e com o descaso do governo federal não pareceu uma boa estratégia.

Diante da angústia de não saber como viajar e fazer as entrevistas de maneira segura, decidi focar a tese em uma pessoa: aquela que estava mais próxima de mim – fisicamente e emocionalmente.

Agô¹⁷ para contar sua história, Mãe Dora

Mãe Dora entrou na minha vida em 2016, quando eu a encontrava nas rodas de samba da cidade ou eventos, como o Festival Latinidades¹⁸. O tempo nos aproximou e, sem dúvida, um divisor de águas desse processo foi nossa ida para a festa de Iemanjá em

¹⁶ É comum que pessoas candomblecistas digam que são “do axé”.

¹⁷ Pedido de licença em Iorubá.

¹⁸ Criado em 2008, o Festival da Mulher Afrolatina Americana e Caribenha, o Latinidades é um projeto multi-linguagens que celebra os legados de mulheres negras. O evento já recebeu Elza Soares, Anielle Franco, Margareth Menezes, Angela Davis e Patricia Hill Collins, entre outras.

Salvador, em fevereiro de 2018. Eu jamais imaginaria que depois daquela feijoada na Pedra da Sereia, no Rio Vermelho, minha vida mudaria de forma tão expressiva.

Figura 4 – Ialorixá Mãe Dora de Oyá e eu em Muritiba (BA), durante o Encontro de Mulheres de Axé, em 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

De volta a Brasília, Mãe Dora me convidou para conhecer o ABC Musical, projeto de musicalização para crianças e adolescentes do Jardim ABC, bairro da Cidade Ocidental (GO), localidade vizinha ao Ilê Axé T'ojú Labá. Ali, também conheci os Caboclos Ventania e Araruna, entre outras entidades muito importantes na minha caminhada.

Dividimos algumas tardes conversando sobre o samba e algumas viagens como a para o Encontro de Mulheres de Axé e para a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, ambas em 2019. A última, que acontece todo mês de agosto em Cachoeira, também foi um marco na minha vida. Organizada e liderada pela Irmandade da Boa Morte¹⁹, a

¹⁹ Existem outras recorrências da Irmandade da Boa Morte, como aquela localizada em São Gonçalo dos Campos (BA). Porém nesse trabalho, toda citação relacionada à Irmandade é aquela de Cachoeira (BA), a mais conhecida e a que Mãe Dora é integrante.

festividade é formada por diversos símbolos (alguns, o significado segue em segredo) e por diversos elementos que reverenciam nossa ancestralidade.

Cantora e compositora de samba, chefe de terreiro, integrante da Irmandade da Boa Morte, ex-integrante do Partido Comunista Brasileiro e fisioterapeuta. Mãe Dora de Oyá é uma daquelas mulheres cuja história “é um livro” e, sendo assim, por que sua história não renderia uma tese?

Diante de tantas histórias e memórias, essa pesquisa trabalhará – a partir da Escrivência e da Escrita Afetiva – a caminhada dessa mulher, cuja atuação em diferentes ambientes sociopolítico-culturais é destacada.

Muitos vão dizer que foi uma sorte grande ter Mãe Dora por perto e disposta a contar suas lembranças. Mas como diria o ditado: nunca foi sorte, sempre foi Exu.

Laroyê!

INTRODUÇÃO

*Querem de toda maneira
Terminar com nossa cultura que é tão pura
E até subestimar
Estou falando do samba
Do batuque, do terreiro
Daquela tinta vermelha que corre pelo corpo inteiro
Ainda vamos incomodar muita gente
Que quer colocar água fria no lugar que está muito quente*

*Elos da raça de Capri e Silvio Modesto,
conhecida na voz de Jovelina Pérola Negra*

*Exu faz o erro virar acerto
Oríki²⁰ Iorubá*

“Exu acertou um pássaro ontem com a pedra que atirou apenas hoje” é um provérbio Iorubá escolhido não por um acaso para abrir a presente tese. Exu é o Senhor da Comunicação, é Aquele que permite a troca entre Orun e Ayiê (mundo espiritual e mundo físico, respectivamente), e é Aquele cuja ausência impossibilita qualquer troca. Desta maneira, para mim, não há palavra sem Exu – logo, a minha tese não existiria sem Ele.

Exu também é Dono dos Caminhos e foi em uma dessas caminhadas que encontrei Mãe Dora de Oyá. A presença de Mãe Dora era certa nos sambas de Brasília, cidade onde nasci e cresci, mas eu nunca tinha conversado de forma mais intensa com ela até aquele julho de 2016. Brasília estava seca como o costume e o Festival Latinidades reunia gente de todo mundo no Museu Nacional Honestino Guimarães, localizado ao lado da Rodoviária do Plano Piloto, a grande encruzilhada de Brasília. Foi ali que eu me encantei de vez por aquela que se tornaria minha Mãe de Santo tempos depois.

Por tudo que vivi, não acredito em acaso. Logo, não foi por acaso que minhas primeiras tentativas de ida ao Ilê Axé T’oju Labá, casa de candomblé onde Mãe Dora é Ialorixá, não “deram certo”.

Em novembro de 2015, entrevistei brevemente Mãe Dora para o jornal em que trabalhava. Mais um terreiro tinha sido incendiado por pessoas que não respeitam

²⁰ De acordo com Nei Lopes, Oriqui é uma “espécie de salmo ou cântico de louvor da tradição iorubá usualmente declamado ao ritmo de um tambor, composto para ressaltar atributos e realizações de um orixá, um indivíduo, uma família ou uma cidade”. LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2011. Posição 18076 de 26361.

religiões de matriz africana, ou seja, mais um espaço sagrado alvo de racismo religioso²¹, e eu precisava do que no jornalismo a gente chama de *aspas* – uma fala impactante para ser utilizada na reportagem. Conversamos por telefone e Mãe Dora gostou do que leu. Ela não costuma dar entrevistas para qualquer pessoa porque não sabe o que a jornalista pode colocar na matéria. E foi por ter respeitado as palavras dela, que Mãe Dora gostou e confiou no meu trabalho. E, por causa disso, ela também aceitou ser entrevistada por mim nas últimas semanas de 2017 para a revista eletrônica da qual sou cofundadora, *Revista Seca*²².

A revista nasceu dos sonhos de Danilo Oliveira e Vitor Camargo de Melo, amigos de outros carnavais. Quando a dupla sugeriu criar com eles a *Revista Seca*, aceitei o convite e voltei a escrever com mais frequência, inclusive perfis, um dos meus gêneros jornalísticos favoritos.

Depois de um tempo de negociação, Mãe Dora aceitou ser entrevistada. Era uma quarta-feira, dia de Oyá (Iansã), a Orixá²³ de cabeça de Mãe Dora. Pouco antes de entrar na estrada de terra que leva ao terreiro, a chuva parou. A chuva, para algumas tradições dos Candomblés, é um dos domínios²⁴ de Iansã, que também rege os ventos, raios e tempestades. Penso que todos os “sinais” eram *Aláfia*²⁵, ou seja, a confirmação que aquela entrevista seria boa, próspera. De tão *Odara*²⁶, aquela entrevista cresceu e se tornou essa tese.

Justificativa

O tripé mulher negra de axé-samba-Candomblé conduz, em certa medida, esta tese. As produções acadêmica e literária colecionam trabalhos que versam sobre Direitos Humanos associados às questões de gênero, raça, cultura e religião – nem sempre interseccionalizadas. E é justamente por existir um hiato de produções que unam esses três elementos que esse trabalho nasce, tendo como ponto de partida a vida de Mãe Dora de Oyá.

²¹ Mãe Dora utiliza o termo “terrorismo religioso”, contudo, como esse não é um ponto central da tese, a categoria não será tensionada aqui.

²² Até 2022, o domínio da revista era: <https://www.revistaseca.com/>.

²³ Orixá de Frente ou Orixá de Cabeça é aquele ou aquela que rege a atual encarnação da pessoa.

²⁴ Cada Orixá tem um domínio. O de Iansã são as chuvas e tempestades; de Oxum, a água doce; de Iemanjá, o mar, por exemplo.

²⁵ Palavra em Iorubá que significa paz, felicidade, bem-estar. Também utilizado no sentido de “confirmação”. Exemplo: O jogo de búzios *alafiou* uma informação. Ou seja, *confirmou* uma informação.

²⁶ Palavra em Iorubá que significa alegre. Também utilizada no sentido de “bonito”, “bonita”.

Importante registrar a recorrência de reflexões acerca do papel das mulheres no Candomblé. Ruth Landes e Rita Segato, por exemplo, são autoras com produções consistentes sobre o tema e são consideradas marcos teóricos essenciais – assim como os escritos sobre samba e Candomblé de Muniz Sodré, Nei Lopes e Luiz Antonio Simas.

Porém, quando se trata de trabalhos em torno das mulheres, sobretudo negras, nas esferas culturais, principalmente no samba, há uma evidente escassez, como já assinalado por Mônica Pimenta Velloso e Jurema Werneck em *As Tias Baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro* e *O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e cultura midiática*, respectivamente.

Por último e não menos importante, cito e destaco o trabalho da professora Helena Theodoro. Pioneira nos estudos que versam sobre mulheres negras de axé, samba e Candomblé, Helena produziu textos norteadores para essa tese, como *Mito E Espiritualidade: Mulheres Negras*, “*Iansã: rainha dos ventos e tempestades*”, *Guerreiras do samba* e *Mulher negra, cultura e identidade*.

Tantos silêncios e apagamentos explicam e justificam os caminhos trilhados aqui. Evidenciar o que nas mulheres que pensam, produzem e participam do samba é urgente. A história dessas mulheres não tem início ou fim na atuação de Tia Ciata – considerada a matriarca do samba. Ela leva, com razão, esse título, contudo, outras Tias, em diversos momentos, também foram elemento-chave para o samba e suas práticas.

A história de Mãe Dora de Oyá chega como mais um passo para o desenvolvimento de pesquisas que sejam guiadas pelo tripé mulheres negras de axé-samba²⁷ -Candomblé, enraizados em um debate de Direitos Humanos.

Essa pesquisa tem por **missão** discutir os arranjos culturais e religiosos entre mulheres negras de axé, samba e Candomblé, sob o ponto de vista do campo acadêmico dos *Direitos Humanos e Cidadania*.

²⁷ O samba é um gênero que possui várias vertentes. Os principais são “partido-alto”, “samba de terreiro” e “samba de roda”. Um dos subgêneros mais polêmicos é a bossa nova. Há quem diga que é um gênero à parte, contudo, figuras como o escritor carioca Nei Lopes e o maestro baiano Letieres Leite (1959-2021) afirmam que a bossa nova é samba. Certa vez, Letieres explicou a afirmação ao músico pernambucano Zé Manoel via áudio de Whatsapp. Zé achou aquela fala incrível e a transformou em uma das faixas do seu disco *Do meu coração nu* (2020). Aqui, transcrevo a fala de Letieres: “Toda música brasileira é afro-brasileira. Outro dia me perguntaram: ‘Mas e o baião de Luiz Gonzaga?’ Você acha que o baião vem do chão? O baião é filho do rural, que é filho do batuque. Luiz Gonzaga é preto e toca música de preto. O baião é música negra. Por que fica achando que o baião é branco? Chorinho. A casa que o Pixinguinha vivia era o Candomblé da Tia Ciata. Ela é mãe pequena. A bossa nova só porque é feita na Avenida Atlântica ela é menos macumba? O piano de Tom Jobim, eu já passei no pente fino, é toda base de toque oriundo de Candomblé. Ele toca cabula, só que é invertido. Tira uma nota, tira outra. O violão de João Gilberto fez isso. Mas a origem é afro-brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z-1zqaHk86k>. Acesso em: 15 out. 2023.

Registrar essa pesquisa a partir da Escrivivência é uma tentativa de valorizar os saberes cotidianos contidos na memória de Mãe Dora, interlocutora-protagonista cuja vida, samba e Candomblé se misturam. A Escrivivência, teoria-prática cunhada pela escritora mineira Conceição Evaristo, não propõe uma escrita qualquer. É uma escrita “profundamente marcada pela experiência como mulher negra na sociedade brasileira” (Leituras Brasileiras, 2020).

Por fim, importante lembrar que fazer essa caminhada a partir da história de uma interlocutora foi um cenário imposto pela pandemia causada pelo novo coronavírus. O governo brasileiro, sob gestão do então presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), tratou a pandemia com total descaso e a covid-19 fez milhares de vítimas no país. Com esse cenário horrendo, a ideia inicial de analisar a vida de três mulheres foi alterada para proteger as entrevistadas e a pesquisadora. A ausência de trânsitos interestaduais e dos relatos que dali viriam não prejudicaram a pesquisa que, ao final, foi dedicada a detalhar a vida de uma mulher ímpar e com muitas memórias para compartilhar.

O Candomblé nasce da mão de mulheres

Frequentemente, em entrevistas, Makota Valdina²⁸ (1943-2019) dizia que “as mulheres negras sempre foram lideranças religiosas” (TVE Bahia). A educadora e líder religiosa soteropolitana também destacava como o fundamento²⁹ (do Candomblé) devia ser passado por meio da oralidade (Ibid.), ou seja, os primeiros aprendizados não eram passados por meios de livros, mas por meio de pessoas, “livros humanos”, que ensinam pela ação e pela fala (TPSM_Conexão.).

Pensando a partir dessas reflexões, observa-se a iminência de lembrar a importância das mulheres no Candomblé, religião afro-brasileira que nasceu a partir das mãos de mulheres em solo brasileiro.

Uma das primeiras casas de candomblé foi o Terreiro da Casa Branca / Ilê Axé Iyá Nassô Oká, em Salvador, comandado por Iyá Nassô (Serra, 2008). Também é preciso

²⁸ Makota Valdina foi educadora, líder religiosa e militante da causa negra. Makota é um cargo dos Candomblés de nação Angola dado às mulheres que não incorporam. As Makotas não entram em transe, “ficam em terra”, são consideradas as “zeladoras” dos Orixás. Makota Valdina integrou seu cargo no Candomblé ao seu nome.

²⁹ Ensinamentos essenciais para a preservação e perpetuação da religião. É comum que alguns fundamentos sejam repassados para poucas pessoas, em momentos específicos, assegurando os segredos-mistérios do Candomblé.

ressaltar o protagonismo de mulheres em terreiros de outras nações. No Candomblé Angola, há Maria Neném e, no Candomblé Jeje, Ludovina Pessoa e Gaiaku Rosena³⁰.

Surgido na Barroquinha (bairro do Centro de Salvador) e hoje localizado na Avenida Vasco da Gama, no Engenho Velho da Federação, o terreiro tem uma característica muito importante: apenas mulheres podem ser iniciadas para encarnar/receber os Orixás – sendo reservados aos homens apenas o cargo de Ogãs e/ou portadores de títulos honoríficos (Ibid.).

Outro ponto relevante é o fato de o Terreiro da Casa Branca dar origem a outros terreiros fundamentais na história da Bahia e do Candomblé, como o Terreiro do Gantois e o Axé Opô Afonjá, fundados também por mulheres. A Ialorixá Maria Júlia da Conceição Nazaré fundou o Terreiro do Gantois, e a Ialorixá Eugênia Ana dos Santos, o Axé Opô Afonjá (Ibid.).

Relatos feitos por membros seniores do Egbé³¹ Iyá Nassô dão conta do papel exponencial que aí tiveram as chamadas “mulheres de partido alto”, sacerdotisas conhecidas como pessoas de grande iniciativa, comprovada tanto no campo religioso quanto na vida civil da população baiana negro-mestiça: damas muito empreendedoras, com presença dominante no comércio de rua e com significativa influência no seu meio, onde exerciam forte liderança (Serra, 2008, p. 7).

Essas mulheres celebravam ritos exclusivamente femininos, *Gèlèdè*. Ainda de acordo com Serra, o *Gèlèdè* “se articulou sob a capa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte”³² (Serra, 2008, p.8). Tal corporação católica era formada por várias filhas de Santo do Terreiro da Casa Branca. A Irmandade ainda existe e é atuante em Cachoeira, cidade do Recôncavo Baiano, a 110km de Salvador.

Tia Ciata

Dentre as “mulheres de partido alto” está Hilária Batista de Almeida (1854-1924), mais conhecida como Tia Ciata. Nascida em Santo Amaro da Purificação (BA), cidade vizinha a Cachoeira, Tia Ciata era filha de Oxum³³, integrante da Irmandade da Boa Morte

³⁰ FERREIRA, Leandro Tiago; CARVALHO, Mário Faria de. **Estética, imaginário e saber afrodiaspórico: dimensões simbólicas do Candomblé Jeje-Mahi, no terreiro T'aziry Ladê**. Revista África e Africanidades, Ano XIV - nº 42, Maio 2022. Disponível em: https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTIGOS_EDICAO_42.pdf. Acesso em: 31 out. 2023. CAVAS, Cláudio São Thiago. **As mulheres rodam a baiana: diáspora e a África no Brasil de todos os santos - Um estudo sobre mães-de santo do Rio de Janeiro**. 2011. 171 f., il. Tese (Doutorado em Psicossociologia das Comunidades – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

³¹ Sociedade, associação, em Iorubá.

³² Confraria religiosa de mulheres negras cujo surgimento data do século 19. Naquele tempo, essas mulheres tinham acesso ao comércio e ao dinheiro e compravam a alforria de negros escravizados. A TARDE. **Afro Imagem: O início da festa da Boa Morte**. Disponível em: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/tag/irmandade-da-boa-morte/>. Acesso em 02 mai. 2019.

³³ Orixá feminino que rege as águas doces. É a Orixá do amor, da riqueza e da prosperidade.

e foi iniciada no Terreiro da Casa Branca. Aos 22 anos, ela foi para o Rio de Janeiro, onde tornou-se Iakekerê³⁴ do terreiro de João Alabá de Omulu.

Figura 5 – Foto da fundadora da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira (BA). No canto esquerdo, há uma etiqueta que diz: “Tia Ciata”



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Tia Ciata era uma das Tias baianas residentes da Zona Portuária do Rio de Janeiro, região batizada de “Pequena África” pelo compositor e pintor Heitor dos Prazeres (1898-1966) (Diniz, 2008, p. 26). As casas dessas tias eram “espaços de acolhida material, espiritual e cultural” (Ibid., p. 27) para os negros no Rio de Janeiro na virada do século 19 para o século 20.

Quituteira de prestígio, Tia Ciata foi – de acordo com sua bisneta Gracy Mary Moreira – a primeira mulher a vender os quitutes na rua vestida de baiana (BOL, 2016). Em entrevista, Gracy, que é filha do exímio instrumentista Bucy Moreira (1909-1982),

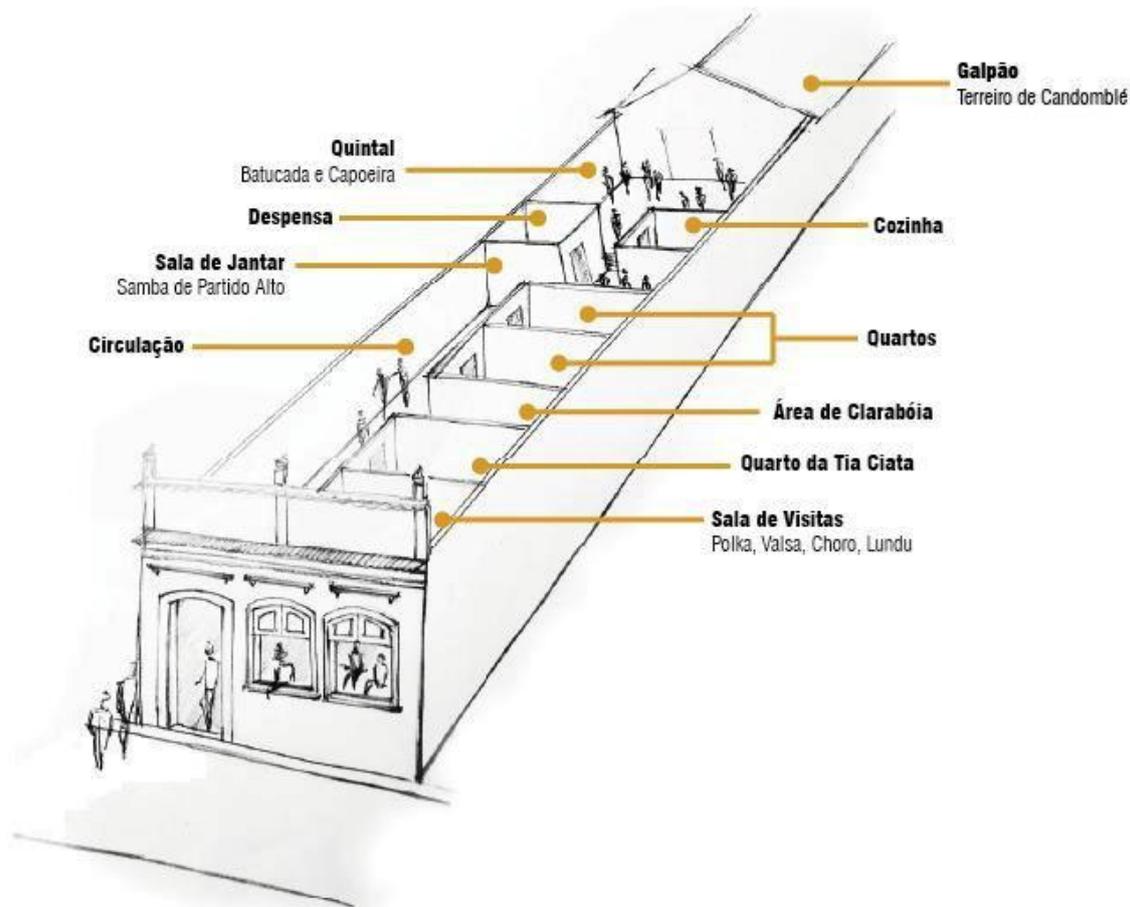
³⁴ Mãe pequena, segunda sacerdotisa do terreiro.

afirmou: “Por isso que esse nome foi importado, pois, antes disso, era crioula de tabuleiro, crioula de venda, e não baiana, como conhecemos hoje” (Ibid.).

Outra grande contribuição de Tia Ciata está na música popular brasileira, sobretudo, no samba. Era na casa dela onde se reuniam os músicos da cidade. De acordo com Muniz Sodré:

A habitação – segundo depoimentos de seus velhos frequentadores – tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Na sala de visitas, realizavam-se bailes (polcas, lundus, etc.); na parte dos fundos, samba de partido-alto ou samba-raiado; no terreiro, batucada (Sodré, 1998, p. 15).

Figura 6 – Croqui da casa da Tia Ciata desenvolvido pelas pesquisadoras arquitetas Luciana Mayrink e Emmily Leandro



Fonte: Luciana Mayrink e Emmily Leandro/Reprodução

O motivo para tantas divisões de gêneros musicais em um mesmo ambiente, o saxofonista e compositor Pixinguinha (1897-1973) explicou, em partes³⁵, em entrevista publicada na extinta revista *Manchete*: “O choro tinha mais prestígio naquele tempo. O samba, você sabe, era mais cantado nos terreiros, pelas pessoas muito humildes. Se havia uma festa, o choro era tocado na sala de visitas e o samba só no quintal, para os empregados” (Ibid., p. 79).

O croqui de Luciana Mayrink e Emmily Leandro – apresentado no VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (VI ENANPARQ) – comprova a estrutura descrita por Pixinguinha. Formato pensado justamente por que a chance de perseguição ao Choro era menor.

Retornando à importância de Tia Ciata e das outras Tias da Pequena África carioca:

Nos tempos de Donga, Heitor dos Prazeres, João da Baiana e outros, era em torno de mulheres negras como Tia Davina, Perpétua, Veridiana, Calú Boneca, Maria Amélia, Rosa Olé, Sadata, Mônica, Carmem do Xibuca, Gracinda, Perciliana, Lili Jumbaba, Josefa e principalmente Tia Ciata, que se desenvolviam e se estabeleciam as condições para o desenvolvimento de agremiações culturais e posteriormente carnavalescas como os ranchos e o samba propriamente dito, em todas as suas esferas, especialmente os aportes financeiros, políticos e religiosos (Werneck, 2007, p. 129).

Mulher, negra, candomblecista, nordestina, migrante. Tia Ciata superou preconceitos, exclusões e violências a partir de sua “capacidade de manejo das estruturas de poder e controle da sociedade” (Werneck, 2007, p. 112), e fez história como matriarca do samba.

Mãe Dora de Oyá e o ponto de encontro do samba no Século 21

O samba nasceu na Bahia, estado que abrigou a primeira capital brasileira (Salvador), e multiplicou sua atuação a partir das rodas no Rio de Janeiro, a segunda capital. Brasília, cidade sonhada e planejada, ocupa o papel de capital federal desde 1960, e partir dessa data também assume a representação de caldeirão cultural com tradições de todo país.

³⁵ Antes de se tornar símbolo de brasilidade, o samba e os sambistas foram perseguidos. Mestre Monarco (1933-2021), líder da Velha Guarda da Portela, contou que certa vez foi ameaçado por fazer samba na rua. “Nós éramos discriminados. Vi muito sambista ser preso só porque tinha na mão um pandeiro”, disse o baluarte ao jornal *O Dia*. O DIA. **Perseguido por décadas, o samba chega ao centenário amado pelos brasileiros**. Disponível em: https://odia.ig.com.br/_conteudo/diversao/2016-11-27/perseguido-por-decadas-o-samba-chega-ao-centenario-amado-pelos-brasileiros.html. Acesso em: 02 mai 2019.

Curiosamente, os artistas do samba fazem parte de um dos grupos de maior destaque em Brasília (DF). Renata Jambeiro, Rafael dos Anjos, Cris Pereira e Breno Alves são alguns nomes que saíram daqui e hoje têm projeção nacional.

Fortalecendo a cultura do samba na cidade, há Mãe Dora de Oyá. A Ialorixá do terreiro de Candomblé Ilê Axé T’ojú Labá nasceu em 1956, em Riachão das Neves, cidade próxima a Barreiras (a 600 km de Brasília). Quando tinha seis anos, ela perdeu a mãe e, aos 13, veio morar em Brasília, após a transferência do pai, então funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER).

Desde criança Mãe Dora via e conversava com o Caboclo Ventania. Ela também sabia que seria Mãe de Santo, mas fugiu o quanto pode do destino religioso. Há quase 15 anos ela abriu seu terreiro em Santa Maria, um dos bairros do Distrito Federal (Revista Seca, 2017).

Lá, a ordem é música. As manhãs de sábado são destinadas para o projeto ABC Musical, em que os filhos de Santo da casa dão aula de música para crianças e adolescentes do Jardim ABC. O bairro da Cidade Ocidental (GO) é vizinho à cidade de Santa Maria (DF), e marcado por serviços precários de urbanização, saúde e segurança.

O terreiro também é a casa do Afoxé Ogum Pá (que coloca o Candomblé e a cultura de matriz africana nas ruas de Brasília com músicas populares e autorais tradicionais do ritmo Ijexá) e do grupo de samba Filhos de Dona Maria (que mescla em suas composições chula, afoxé e jongo).

Idealizadora dos dois projetos acima, Mãe Dora de Oyá é cantora e compositora. São dela *Curimbeiro*, *Salve Dona Maria* e *Clareia Minha Mãe* – a última, parceria com Vinícius de Oliveira –, músicas de sucesso dos Filhos de Dona Maria (grupo criado em homenagem a entidade³⁶ Dona Maria Padilha).

Sobre o processo criativo, Mãe Dora explica:

Eu faço algumas músicas... A letra e a música vêm na minha cabeça. Não é intencional. Quem senta para fazer isso é Paulo César Pinheiro e Paulinho da Viola. “Curimbeiro” eu fiz para o Amílcar [*Paré*] que tinha sido confirmado Ogã nas águas de Oxalá. A música saiu em três minutos. Tenho essa facilidade desde criança (Revista Seca, 2017).

Na entrevista, Mãe Dora também explica que cada casa de Candomblé tem um axé³⁷ e que no caso do Ilê Axé T’ojú Labá esse axé é o cultural: “Nada que eu faço na

³⁶ Espírito que se comunica com seres humanos. Pretas-velhas, Caboclos, Erês e Pombas-gira são alguns exemplos de entidades.

³⁷ Energia, força.

minha casa é porque saiu da minha cabeça. Senão, eu seria uma gênia. As coisas aqui pipocam. Eu só direciono e guio o pessoal. E as coisas sempre estão direcionadas para a cultura” (Ibid.).

Assim como Tia Ciata, Mãe Dora faz parte da Irmandade da Boa Morte, esse coletivo de mulheres candomblecistas, desde 2018.

Figura 7 – Mãe Dora na Rua 25 de junho em Cachoeira (BA), em 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Mãra de Deus Brito

Por questões familiares Mãe Dora de Oyá saiu do oeste baiano ainda criança rumo a nova capital para recomeçar a vida – assim como outros tantos e tantas brasileiras de

várias regiões do país. Quis os Orixás que ela abrisse aqui seu terreiro de Candomblé e fortalecesse a cena do samba de Brasília.

Quase um século separam Tia Ciata de Oxum de Mãe Dora de Oyá e, apesar de tanta transformação sociopolítica-cultural, ambas compartilham a coragem de transgredir as barreiras que limitavam seus discursos e ações no mundo do samba.

Portanto, o **objetivo** dessa tese é realizar uma análise profunda da vida de Mãe Dora de Oyá, destacando seu percurso como mulher negra, Ialorixá, cantora e compositora de samba; sua participação na Irmandade da Boa Morte; seu envolvimento anterior com o Partido Comunista Brasileiro e sua formação como fisioterapeuta. A pesquisa tem como finalidade compreender a influência de Mãe Dora nas esferas cultural, religiosa, política e de saúde, enfatizando seu papel na promoção da cultura afro-brasileira, na defesa dos direitos das mulheres negras e no contexto das relações raciais no Brasil, contribuindo para uma análise interdisciplinar a partir da perspectiva dos Direitos Humanos.

Figura 8 – Mãe Dora dá entrevistas para veículos nacionais e internacionais durante as edições de 2022 e 2023 do Festival Latinidades, no Museu Nacional da República (DF)



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

MINHAS ANDANÇAS³⁸: NOTAS METODOLÓGICAS

*Figa de guiné, patuá, pé-de-coelho
Mandinga de olho ruim
Se pegar, quebra o espelho
Meu santo é forte, é quem manda no terreiro
Quem jogou pra mim, não pegou, caiu primeiro*

*Atrás da porta, tem Espada de São Jorge
Ferradura da sorte, pra quem tem superstição
Um bom galho de arruda sempre ajuda a clarear
Mas é bom e não pode faltar
A proteção dos Orixás*

*Santo forte, Música de Manelzinho Menezes,
conhecida na voz de Jovelina Pérola Negra*

De acordo com o a estrutura desenvolvida por Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas (2013, p. 72), a presente pesquisa é *Aplicada* (quanto à natureza, pois busca “conhecimentos para aplicação prática”); *Qualitativa* (quanto à forma de abordagem do problema, porque não utiliza “métodos e técnicas estatísticas”); e *Explicativa* (quanto aos fins da pesquisa, por estar interessada no “porquê das coisas”). A tese ainda se enquadra na seção *Estudo de campo* (quanto aos procedimentos).

Como a tese tem foco nos caminhos percorridos por Mãe Dora de Oyá, o *Estudo de campo* se apresenta mais adequado do que o *Levantamento*, pois:

[...] no levantamento procura-se identificar as características dos componentes do universo pesquisado, possibilitando a caracterização precisa de seus segmentos. Já no estudo de campo, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes. Dessa forma, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação (Gil, 2002, p. 53).

Além da observação, entrevistas foram utilizadas como instrumento metodológico. Era essencial ver e sentir como Mãe Dora se coloca no mundo; ouvir suas histórias e memórias; perceber as relações dela com o Candomblé e o samba.

Meu percurso metodológico também seguiu as fases propostas por Prodanov e Freitas (2013, p. 48):

³⁸ Música de Cleber Augusto e Jorge Aragão, sucesso do grupo Fundo de Quintal.

- a) preparação da pesquisa: seleção, definição e delimitação do tópico ou problema a ser investigado; planejamento de aspectos logísticos para a realização da pesquisa; formulação de hipóteses e construção de variáveis;
- b) trabalho de campo (coleta de dados);
- c) processamento dos dados (sistematização e classificação dos dados);
- d) análise e interpretação dos dados;
- e) elaboração do relatório da pesquisa.

A preparação da pesquisa foi desenvolvida, aproximadamente, ao longo de quatro semestres – período anterior à qualificação do doutorado. Inclusive, a qualificação foi essencial para delimitar elementos como justificativa e objetivos, além da própria abordagem metodológica.

O trabalho de campo começou há cinco anos, quando conheci Mãe Dora de Oyá. Todos os momentos que compartilhamos juntas desde então aparecem nos escritos desse trabalho. A coleta de dados teve início com a aprovação do doutorado e foi intensificada na pós-qualificação.

O processamento, a análise e a interpretação das narrativas tiveram lugar nos semestres seguintes após a qualificação, em março de 2022, e ganharam força no último semestre de 2023, entre os meses de julho e outubro de 2023. O relatório da pesquisa serviu de base para a escrita da tese.

Nas páginas anteriores, descrevi o percurso que me trouxe até aqui. Foi a partir dos ventos soprados por Seu Araruna e Seu Ventania³⁹ que decidi falar sobre mulheres negras de axé-Candomblé-samba; e foi por condições impostas pela pandemia que Mãe Dora de Oyá se tornou a única interlocutora da pesquisa. Um caminho-destino.

O campo da pesquisa aconteceu, principalmente, nas cidades de Brasília, Cachoeira (BA) e Rio de Janeiro (RJ). Todavia, experiências vividas e partilhadas em cidades como Muritiba (BA), São Paulo (SP), Havana e Santigado de Cuba também fazem parte do meu itinerário da escrita. Tudo é relevante para a tese: desde entrevistas e falas públicas da interlocutora, até mesmo cenas do prosaico. Impossível desconsiderar momentos como aqueles na casa de Dona Dalva Damiana em agosto de 2023, durante a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira. Os sambas, as histórias, as risadas

³⁹ No terreiro, chamamos os Caboclos pelo pronome “Seu”, uma forma popular de abreviar a palavra “Senhor”.

de Dona Dalva na cozinha da casa vizinha ao Bangu Futebol Clube nutriram o texto apresentado.

De maneira geral, exige-se uma singularidade no tema/abordagem da pesquisa. Portanto, é oportuno informar que essa não é a primeira tese que traz Mãe Dora como interlocutora. Em 2021, antropóloga paraense Beatriz Martins Moura apresentou *Mulheres de axé e o território da universidade: encruzilhando epistemologias e refundando pedagogia* no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Departamento de Antropologia), na Universidade de Brasília.

A tese desenvolve reflexões sobre como a educação é um projeto coletivo das comunidades lideradas por Mãe Dora de Oyá (Ilê Axé T'ojú Labá) e Makota Kidoiale (Manzo Ngunzo Kaiango), “que tem, no encontro com as universidades, mais um elemento importante, que permite pensar sobre as transformações que elas elaboram sobre aqueles espaços” (Moura, 2021, p. 11). O trabalho recebeu Menção Honrosa do prêmio Lélia Gonzalez de melhor tese em Antropologia na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Percebo que a utilização da mesma interlocutora é uma possibilidade de partilha. Aqui, aproveito do material elaborado pela professora Beatriz, aprofundo temas já abordados e menciono novos episódios – inéditos até então.

Os acordos foram cruciais para a construção do trabalho. Mãe Dora respondeu às perguntas que quis, da maneira que julgou pertinente. Eventualmente, quando acreditei que o assunto poderia ser mais detalhado, fiz questionamentos complementares a fim de acessar mais informações relevantes para a escrita, por isso, assumo que nem tudo está aqui. Porque a interlocutora não foi obrigada a expor lembranças que a deixassem desconfortável; e porque toda uma vida não caberia nesse texto. Interessa conhecer os momentos mais impactantes e mais relevantes que conversem com o tripé mulheres negras de axé-Candomblé-samba.

Outro acerto relevante é a devolutiva. Assim como foi no meu mestrado, prezo pela precisão e cuidado com as informações coletadas. Aqui, a interlocutora faz uma leitura final antes do material ser enviado para a banca. A apreciação não é em tom de censura, mas sim para ela não se sinta constrangida e/ou no intuito de evitar imprecisões do material coletado. O procedimento comprova o compromisso ético do trabalho com Mãe Dora e com as pessoas que vão acessá-lo posteriormente.

Assumo também as possíveis limitações do texto em virtude da minha proximidade com Mãe Dora de Oyá. Ser sua filha de Santo trouxe ônus e bônus para a

pesquisa. Em nenhum momento desenvolvi uma narrativa pensada em apresentar uma interlocutora plena de virtudes e intocável. Mãe Dora é gente e, como qualquer pessoa, tem qualidades e defeitos, altos e baixos, dias bons e ruins.

Pego emprestado da Economia Solidária o raciocínio sobre conceito “pesquisador militante”, entendido por Gabriela Cunha e Aline Mendonça dos Santos “como o aquele que participa e partilha do projeto social e político de seu campo de estudo” (2011, p. 44).

As autoras descrevem a gangorra que é estar nessa posição:

A grande proximidade do pesquisador com o tema e os espaços de pesquisa constitui ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza da pesquisa militante: se por um lado garante maior acesso a dados e situações concretas assim como a representações e concepções que lhes permitem caracterizar o campo de modo mais próximo à realidade estudada, por outro traz sempre presente o risco de perda do foco sociológico e a dificuldade de dialogar com outras perspectivas (Santos; Cunha, 2011, p. 45).

Assim como Gabriela e Aline, prefiro focar nas soluções. Elas indicam que pesquisadores militantes podem captar contradições e tensões que um pesquisador ou pesquisadora externa não conseguiria, e que por mais que existam desafios em relação aos resultados direitos, é possível superar os limites e contribuir “para uma ciência capaz de traduzir e transformar a realidade” (2011, p. 47).

É preciso elucidar outros pontos relevantes para a pesquisa. O primeiro deles é sobre a escolha em não incluir um novo elemento ao tripé inicial formado por mulheres negras de axé-Candomblé-samba. Anteriormente, foi sugerido que a *política* fosse adicionada aos elementos norteadores da pesquisa. Contudo, percebi que *política* é intrínseca à toda pesquisa e quero que seja entendida como um componente presente em todos os momentos da vida de Mãe Dora de Oyá. Existe *política* na saída da menina Doralina de Riachão das Neves para Brasília (em um pau de arara), assim como existe *política* na jovem que alfabetizava jovens e adultos; na mulher integrante no Partido Comunista e no dia a dia da Mãe de Santo, que comanda o projeto ABC Musical, o grupo Filhos de Dona Maria e o Afoxé Ogum Pá.

Todos os caminhos, todas as escolhas, tudo que move a interlocutora da pesquisa é *político*.

Pode soar generalista afirmar que tudo foi pensado como um instrumento de afirmação dos Direitos Humanos: desde a pesquisadora, uma mulher negra de pele escura, escolher outra mulher negra para ser o centro da pesquisa; a bibliografia afro-referenciada; a escolha das palavras (ao invés de “claro”, utilizo “óbvio”, “evidente” e

similares; e opto pelo gênero gramatical feminino nas concordâncias). Por isso, tenho auxílio de autoras para evidenciar os Direitos Humanos dessa tese.

A ideia de Direitos Humanos nasce muito mais passiva do que política (Hunt, 2009, p.20), assim como suas declarações, que surgem como teorias filosóficas (Bobbio, 2004, p. 18). Lynn Hunt lembra que em 1806, Thomas Jefferson utilizou o termo Direitos Humanos para se referir aos males do tráfico de escravos:

Eu lhes felicito, colegas cidadãos, por estar próximo o período em que poderão interpor constitucionalmente a sua autoridade para afastar os cidadãos dos Estados Unidos de toda participação ulterior naquelas violações dos direitos humanos que têm sido reiteradas por tanto tempo contra os habitantes inofensivos da África, e que a moralidade, a reputação e os melhores interesses do nosso país desejam há muito proscrever (Lipscomb; Bergh, 1903. v. 3. p. 421).

Contudo, também de acordo com Hunt: “Ao sustentar que os africanos gozavam de direitos humanos, Jefferson não tirava nenhuma ilação sobre os escravos negros no país. Os direitos humanos, pela definição de Jefferson, não capacitavam os africanos — muito menos os afro-americanos — a agir em seu próprio nome” (2009, p. 21).

A contradição não surpreende, pois quem era considerada gente nos séculos 18 e 19? Quem não era? Pessoas indígenas, negras, quilombolas e com deficiência, entre outras, fazem parte do chamado grupo de vulnerabilizados até hoje porque, por mais que os Direitos Humanos tenham avançado, o ritmo das conquistas tem sido mais lento do que gostaríamos. Um bom exemplo para as limitações dos Direitos Humanos é a Declaração Universal de Direitos Humanos, aprovada em 10 de dezembro de 1948, com “a manifestação favorável de 48 Estados e 8 abstenções (África do Sul, Arábia Saudita, Bielorrússia, Checoslováquia, Iugoslávia, Polônia, Ucrânia e URSS)” (Guerra, 2023, p. 138), com um mundo marcado por dezenas colônias nos continentes africano e asiático.

Em outros termos, é possível afirmar que o universalismo em sua essência é marcado pelo *modus operandi* ocidental e imperialista, como Joaquín Herrera Flores argumenta em *A reinvenção dos direitos humanos*. Para o professor espanhol:

Não pode haver conhecimento crítico e, por isso, não caberá alguma função social à reflexão sobre os direitos humanos, se não começarmos pela crítica do próprio conhecimento. No processo de universalização dos direitos, tem predominado um tipo imperialista de conhecimento: parte-se de uma relação colonialista entre nós e os outros e se tenta impor uma ordem fechada que reproduza dita situação de subordinação. O “outro” só é visto como um objeto que pode ser manipulado pela vontade “superior” daquele que coloniza. Essa versão imperialista-colonialista do conhecimento deve ser superada por um tipo de conhecimento democrático-emancipador, cujo objetivo seja a implantação de relações de solidariedade entre nós e os outros; ou, em outros termos, que leve a construir relações de reconhecimento em que os outros

sejam considerados tão sujeitos do conhecimento quanto nós mesmos (Herrera Flores, 2009, p. 100).

Por isso, tal qual Thula Pires em *Racializando o debate sobre direitos humanos*, parto “da centralização da categoria raça como lente analítica, política e normativa para pensar os direitos humanos”:

Busca-se racializar a discussão sobre direitos humanos para politizá-la, oferecendo uma proposta amefricana que permita recentrar a discussão de maneira afrocentrada, radicada na experiência brasileira e comprometida com os atravessamentos entre raça, classe, gênero, sexualidade e capacidade como estruturais e estruturantes de relações intersubjetivas e institucionais (e não como atributos identitários) (Pires, 2018, p.66).

Em outras palavras, a professora e pesquisadora evidencia a importância de os Direitos Humanos serem válidos verdadeiramente para aquelas e aqueles que estão em grupos vulnerabilizados. Não é possível mais adiar as críticas aos Direitos Humanos ditos como universais, contudo, marcados por exclusões históricas e sistêmicas. No texto citado, ela elabora o raciocínio a partir de duas categorias: *amefricanidade* desenvolvida pela antropóloga mineira Lélia Gonzalez; e *zona do não ser*, pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon.

Mulheres, mulheres negras, mulheres de axé. A interseccionalidade evidencia quem são as sujeitas que integram a zona do não ser, a zona do não humano, e, por isso, passível de violações de direitos humanos. Em país machista, patriarcal e racista, entre outros adjetivos nada elogiosos, uma mulher negra de axé estar viva é um exemplo de “resistência, aculturação, assimilação e criação de novas formas de estar no mundo e enfrentar as violências cotidianas e institucionais” (p. 73), como pontua Thula Pires.

Mas não quero que a vida de Mãe Dora de Oyá seja observada na chave da *excepcionalidade*. Ela não é uma pessoa isolada do mundo. Mãe Dora é uma sujeita importante na engrenagem política-social-cultural dos lugares que transita. Ela faz parte de uma coletividade e essa relação **comunitária** é evidente em suas falas e ações. Uma boa amostra é quando ela descreve o sentimento ao estar lado a lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante a posse das ministras Sonia Guajajara e Anielle Franco, em janeiro de 2023. Perguntei a ela qual foi a sensação em estar em um lugar de tanto destaque. “Responsabilidade”, ela respondeu, porque sabia que ali representava muita gente que viveu os anos de chumbo, pessoas negras, de axé, mulheres.

Livros, artigos científicos, monografias dissertações e teses compreendem as fontes teóricas desse trabalho, assim como reportagens publicadas em sites e jornais

impressos, como *Revista Seca* e *Correio Braziliense* (DF). A revisão bibliográfica incluiu escritos relevantes sobre gênero, raça, religião e cultura afro-brasileira (samba, principalmente), em diferentes áreas das Ciências Humanas – conferindo interdisciplinaridade na construção da tese.

A bibliografia é focada, não por acaso, em autoras e autores negros. É uma escolha política analisar (preferencialmente) os escritos de pessoas negras, sobretudo mulheres. Historicamente, a ciência tem privilegiado vozes e escritos de homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais. Sendo assim, busco outras fontes de saber, não com o intuito de ranquear epistemologias, mas conferir visibilidade às obras de pensadoras e pensadores negros.

Também foi uma escolha política optar pela Escrivivência ao invés das tradicionais metodologias de *História de vida* e *Biografia*. Criada pela escritora mineira Conceição Evaristo, a Escrivivência é mais apropriada para esse trabalho. Registrar suas vivências em obras, literárias ou não-literárias, não é novidade para as autoras, entretanto, parecia faltar um termo que expressasse a vivência das mulheres negras, especificamente. Sem imaginar que ao escrever *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006) cunhava uma expressão fundamental para a literatura (e para a ciência brasileira), Conceição ensinou sobre “Escrivivência”.

Em entrevista à Estação dos Livros, rádio da Universidade na Feira do Livro de Porto Alegre (RS), ela explica a origem do termo:

É interessante porque quando eu usei o termo Escrivivência eu não sabia que seria interpretado como um conceito. [...] Acho que a gente pode pensar como um texto literário criado a partir de uma vivência. Isso não significa, por exemplo, que eu crio é inteiramente o que eu vivi. Se fosse isso, eu teria que ser uma pessoa de múltiplas personalidades. É uma escrita que está marcada tanto pela minha experiência pessoal como pelo histórico do meu coletivo (Evaristo, 2017).

E a categoria vai mais além. Com Bianca Maria Santana de Brito e sua tese *A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo* (2020), aprendi que a Escrivivência ultrapassa a ideia da escrita sobre o que se vive, produzida exclusivamente por mulheres negras. É uma escrita política, “de insubmissão frente às discriminações de gênero, raça, frequentemente classe” (Brito, 2020, p.150). Ou como Conceição Evaristo destacou:

Assenhorando-se 'da pena', objetivo representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a

sociedade temia em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205).

Na publicação *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, a autora reforça o caráter político: “Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (2020, p. 38):

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual (Evaristo, 2020, p. 38-39).

Assim como no jornalismo, o meio acadêmico anuncia uma pretensa objetividade. Hipotética e impraticável. Toda história é marcada por olhares, escutas e percepções próprias. Diante da inevitável subjetividade, utilizo ela ao favor do ofício da pesquisa, colocando uma mulher negra, periférica e candomblecista como interlocutora e protagonista dessa tese.

Somos compostas por subjetividades, então, é impossível se desvincular dos afetos, dos sentimentos que trazem emoções diversas – sejam eles de amor, ódio, carinho e repulsa. Esses são pontos cruciais para uma pesquisa e uma escrita afetiva: ser o mais honesta possível e permitir que os afetos apareçam, que possam atravessar e emocionar quem lê.

Não há uma fórmula exata para o *fazimento* da Escrevivência, pois como o nome sugere, ela está totalmente conectada com a vivência de cada pessoa, contudo, afirmo que a minha escrita tem elementos que considero importantes, como citar as ruas por onde andei; o que vi de curioso enquanto esperava alguém; o clima do dia que vivi. Eu quero que a leitora consiga imaginar ou acessar memórias dos espaços que estive. Por isso é comum a citação de dias nublados, chuvosos ou ensolarados. O cheiro das ruas muda em dias úmidos. Tempos de sol marcam a pele de um jeito específico.

Ainda há os sons, como buzinas insistentes ou inesperados cantos de pássaros.

A Escrevivência também é isso: relatar o que permite o *sentir* – tanto para quem escreve como para quem lê. O desejo é despertar a visão, o olfato e a audição, entre outros sentidos. Escrevivência é política, intuitiva e afetuosa.

Essa ideia dialoga muito com a Escrevivência e conversa com o que foi pensado por Paulo Freire e bell hooks. Assim como eles, não acredito na neutralidade da educação (Freire, 2021, p. 110) (hooks, 2013, p. 55), assim como não acredito na neutralidade da escrita. Não é possível conceber a educação “como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista” (Freire, 2021, p. 142).

O que tem sido enquadrado como objetividade é, na verdade, um discurso marcado pela parcialidade, sustentado e mantido pela supremacia branca, pelo imperialismo, pelo sexismo e pelo racismo (hooks, 2013, p. 45). Dessa maneira, é importante destacar o óbvio: a Escrita Afetiva não compactua com os elementos citados acima ou com qualquer outro que destrua ou invalide as experiências plurais de se viver no mundo.

Esse tipo de escrita é uma forma de extensão da Escrevivência – que foi criada para as mulheres negras. A Escrita Afetiva é pensada para que outras pessoas negras possam descrever seus lugares no mundo – marcados por discursos e práticas que não aqueles brancos-classistas-heterocispatriarcais.

Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, hooks disse que seu estilo de redação acadêmica é não convencional e feito propositalmente: “são decisões políticas motivadas pelo desejo de incluir, de alcançar tantos leitores quanto possível no maior número possível de situações” (hooks, 2013, p. 98-99). Sigo trilhando o caminho de bell hooks.

Fundamentação teórica

Como dito anteriormente, a tese privilegia o pensamento negro contemporâneo, em especial, o pensamento feminista negro. A relevância de contribuição de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, entre outras, é inegável e ganhou destaque recentemente, dentro e fora da academia.

O último capítulo do livro *Pensamento feminista negro* (2019) apresenta argumentos significativos para demonstrar a potência da epistemologia citada. Ali, Patricia Hill Collins mergulha na epistemologia feminista negra e destaca a questão sobre

quais produções têm sido reconhecidas como verdade e quais processos permitiram chegar a essa verdade (p. 432). É notório que o modo de interpretar o mundo tem partido de uma ótica patriarcal, branca, ocidental, cisgênero e elitista. Por isso não surpreende que conhecimento produzido por mulheres negras seja sistematicamente subjugado.

[...] Como os homens brancos de elite controlam as estruturas ocidentais de validação do conhecimento, os temas paradigmas e epistemologias da pesquisa acadêmica tradicional são permeados por seus interesses. Consequentemente, as experiências das mulheres negras estadunidenses, e de todas as afrodescendentes, foram sistematicamente distorcidas ou excluídas do que conta como conhecimento (Collins, 2019, p. 401).

Quando se trata do samba, tal exclusão é afirmada pelas pesquisas de Mônica Pimenta Velloso e Jurema Werneck. Em *As Tias Baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*, Mônica constata:

Quem não conhece os nomes de João da Baiana, Donga e Heitor dos Prazeres? Na história da música popular brasileira eles são referência obrigatória. No entanto, suas respectivas mães – Perciliana, Amélia do Aragão e Celeste – foram figuras que passaram despercebidas em termos de registro. Quando seus nomes são citados é sempre em referência aos filhos: recupera-se apenas o papel de mãe. Entretanto, essas mulheres foram elementos que se destacaram na comunidade baiana, fortalecendo seus elos, preservando e divulgando os valores culturais do grupo (Velloso, 1990, p. 17).

Em sua tese sobre mulheres negras, samba e cultura midiática, Jurema nos apresenta um cenário idêntico aquele descrito por Mônica:

Se formos empreender a revisão da literatura a respeito do samba, da cultura negra e da música popular no Brasil encontraremos, a partir de diferentes épocas, a reiteração de uma espécie de “mito de origem”. Nestas narrativas, geralmente, não encontramos referências importantes à participação de mulheres negras, invisibilizando-se evidências de seu protagonismo” (Werneck, 2020, p.15).

Ou seja, parece ser imprescindível relembrar as histórias pessoais e profissionais das mulheres do samba visando um registro mais completo e fidedigno da história da música popular brasileira.

Análises sobre a importância das mulheres candomblecistas – sobretudo aquelas que têm cargo nos terreiros – não é rara na literatura acadêmica. Há a corrente que afirma a continuidade do poder dessas mulheres dentro dos terreiros (Joselina da Silva, Reginaldo Ferreira Domingos). Outra, observa de forma mais crítica os papéis sociais e ritualísticos das Mães de Santo nos terreiros (Mundicarmo Ferretti, Daniela Cordovil, Aída Esther Bueno Sarduy).

A tensão entre as duas correntes assinala que algo mudou dentro do universo do Candomblé, mas ainda não é possível afirmar quais foram as mudanças, sua força e

consequências. Por este motivo, sobressaem trabalhos da segunda vertente, como o da antropóloga cubana Aída Esther Bueno Sarduy (2015), *El ocaso del liderazgo sacerdotal femenino en el Xangô de Recife: la ciudad de las mujeres que no será*. Na tese com campo nas comunidades de Xangô, em Recife (PE), Sarduy aponta a capital pernambucana como uma cidade das mulheres. Porém, atualmente, a maior parte das lideranças nos terreiros tradicionais de Xangô são desempenhadas por homens – comprovando uma transformação na configuração dos terreiros (Ibid.).

Tempo, és um dos deuses mais lindos⁴⁰

A cosmopercepção⁴¹ ocidental atropela o Tempo. De domingo a domingo, 24 horas por dia, é preciso estar atenta a tudo e a todos. Contudo, para algumas cosmopercepções não ocidentais, Iorubá inclusive, o Tempo tem outro lugar e importância. O Tempo, de tão importante, é Inquice⁴².

Dessa maneira, respeitando o Tempo das coisas e a vontade de Mãe Dora de Oyá, narro sua história vida em ordem cronológica, destacando os episódios mais marcantes e essenciais que transformaram Doralina Fernandes de Oliveira em Mãe Dora de Oyá, chefe de terreiro, cantora, compositora, gestora cultural e liderança religiosa de influência nacional.

O Capítulo 1, *Nossos passos vêm de longe*, retoma a infância de Doralina, baiana de Riachão das Neves, bisneta de um moçambicano e de uma Pataxó Hãhãhãe, que cresceu em meio da natureza, das rezas do bisavô e de uma vida serena até a morte precoce da mãe, quando a garota tinha apenas seis anos.

O Capítulo 2, *Quem foi de aço dos anos de chumbo*, é um mergulho na adolescência e na juventude de Doralina. A chegada ao Distrito Federal; as amizades e a rede de apoio consolidadas em Taguatinga (cidade onde morou por muitos anos); e a

⁴⁰ Trecho da música *Oração ao Tempo*, de Caetano Veloso, cantor e compositor baiano.

⁴¹ Na nota de rodapé número 8 do livro *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais*, uã flor do nascimento explica a tradução da expressão world-sense: Traduzo aqui a expressão “world-sense” por “cosmopercepção” por entender que a palavra “sense” sinaliza tanto os sentidos físicos quanto a capacidade de percepção que informa o corpo e o pensamento. A palavra “percepção” pode indicar tanto um aspecto cognitivo quanto sensorial. E o uso da palavra “cosmopercepção” também busca seguir uma diferenciação – proposta por Oyëwùmí – com a palavra “worldview”, que é, usualmente, traduzida para o português como “cosmovisão” e não como “visão do mundo” (OYËWÙMÍ, 2021, p. 267).

⁴² No Brasil há três principais tipos de Candomblé: Angola, cujas divindades são Inquices; Ketu, com Orixás, e Jeje com Vodum. Tempo é Inquice equivalente ao Orixá Íròkò, contudo, o nome “Tempo” é mais difundido.

entrada no Partido Comunista Brasileiro, conhecido como Partidão, ajudam a compreender a faceta política partidária de Mãe Dora.

Na sequência, *Esse som veio de longe* mostra as paixões de Mãe Dora de Oyá – Chicago Bulls, Botafogo e Portela –; e a criação e atuação do projeto ABC Musical, do grupo Filhos de Dona Maria e do Afoxé Ogum Pá.

O capítulo 4, *A Irmandade da Boa Morte*, aborda o funcionamento da confraria religiosa da qual Mãe Dora faz parte e a bonita história entre a Ialorixá e Dona Dalva Damiana, referência do samba de roda do Recôncavo Baiano.

Conversas cariocas apresenta entrevistas com Gracy Mary Moreira, bisneta de Tia Ciata, e Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e Cartola, sobre samba e resistência.

Por fim, *Levei meu samba pra Mãe de Santo rezar* revela conexões entre a Sociedade Gêlêdê, a Irmandade da Boa Morte e o conceito de Matripotência; e aponta a dimensão espiritual do Samba, ou seja, a percepção do Samba como Orixá do Pertencimento, capaz de solidificar a ideia de passado-presente-futuro.

Seguindo uma lógica semelhante àquela trabalhada na minha dissertação de mestrado, evoco e homenageio a cultura brasileira em títulos e subtítulos que são nomes de músicas, trechos de composições, poemas e poesias de artistas brasileiras.

Por último, pego emprestado algumas palavras para explicar o que vem adiante. Em um dos trechos mais marcantes do livro *Formas de voltar para casa* (2014), o escritor chileno Alejandro Zambra diz: “[...] Sabia pouco, mas pelo menos sabia isto: que ninguém fala pelos outros. Que, mesmo que queiramos contar histórias alheias, terminamos sempre contando nossa própria história” (2014, p. 99). Conceição Evaristo, minha luz de candeeiro, ao explicar sua *Escrevivência* comenta:

[...] Escrever pra mim é a possibilidade de fundar um diálogo. Eu acho mais fácil você falar pela escrita, apesar da minha literatura ter um fundamento da oralidade, eu consigo falar muito mais dos meus sentimentos do que se eu escrever. O movimento da escrita e até mesmo o movimento da própria vida é um movimento que você faz para vencer a dor. Ou para vencer a morte. É o espírito de sobrevivência. É o desejo de você se agarrar à vida de alguma forma. Para mim, a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida. Porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida. E escrever...tem um texto meu que diz isso: escrever é uma forma sangrar. Porque é uma forma de sangrar mesmo. E a vida é uma sangria desatada (Leituras Brasileiras, 2020).

Ou seja, essa tese tem como ponto de partida a vida de Mãe Dora, mas não fala apenas dela. Fala de mim, fala de você e de nossas ancestrais. E a escrita dessas memórias-vivências nem sempre foi um processo fácil. Ainda no mestrado, aprendi que a vida não para porque há uma dissertação ou tese a ser escrita. Pessoas nascem, morrem, se casam

ou se separam. Há doenças, curas, alegrias e tristezas. Eu sangrei muito até aqui. Metafórica e literalmente. Mas não quero que entendam essa explicação como um registro de dor, mas sim, de amor. O amor vence, cura e é “tudo que move”⁴³.

⁴³ Verso da música *Aqui e agora*, do cantor e compositor baiano Gilberto Gil.

1 NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE⁴⁴

*Raio no céu surgiu
Foi Iansã que chegou
Clareia minha mãe, clareia
Clareia por onde for
Clareia minha mãe, clareia
Clareia com seu amor*

Clareia Minha Mãe,
música de Mãe Dora de Oyá e Vinícius de Oliveira

Julho costuma ser o mês mais seco e mais frio no Oeste baiano (Climatempo – Barreiras). Banhada pelo Rio São Francisco e pelos afluentes Rio Grande e Rio Corrente, a região abrange cidades como Bom Jesus da Lapa, e municípios como Riachão das Neves (Bahia – Caminhos do Oeste). O clima parece muito como de Brasília, pois também é cerrado. E foi em um inverno seco e frio, bem típico de Riachão (Lima, 2010), que Doralina chegou ao mundo.

Figura 9– Prefeitura Municipal de Riachão das Neves (BA), localizada na Praça Municipal



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

⁴⁴ Frase emblemática de Fernanda Carneiro.

Era 19 de julho de 1956 e a região ainda era vila do município de Cotegipe. Só seis anos, depois, também em um 19 de julho, que o local se tornou município. Sessenta e sete anos se passaram desde o nascimento da interlocutora dessa pesquisa e muita coisa mudou: hoje, ela é mais conhecida como Mãe Dora de Oyá; o riacho que inspira o nome da região onde ela nasceu, luta para sobreviver; e Riachão das Neves é um município independente.

Com menos de 1% da área do Distrito Federal, Riachão das Neves tem como referência a cidade de Barreiras, distante 50 quilômetros do município. Mãe Dora nunca mais voltou lá – apesar dos pedidos de sua filha única, Mariana. A saudade é grande: o olho de Mãe Dora enche de água quando ela lembra da cidadezinha onde nasceu e viveu parte da infância.

Figura 10 – O Grupo Escolar Coronel Francisco Macedo, localizada na Avenida Coronel Francisco Macedo, no centro do município



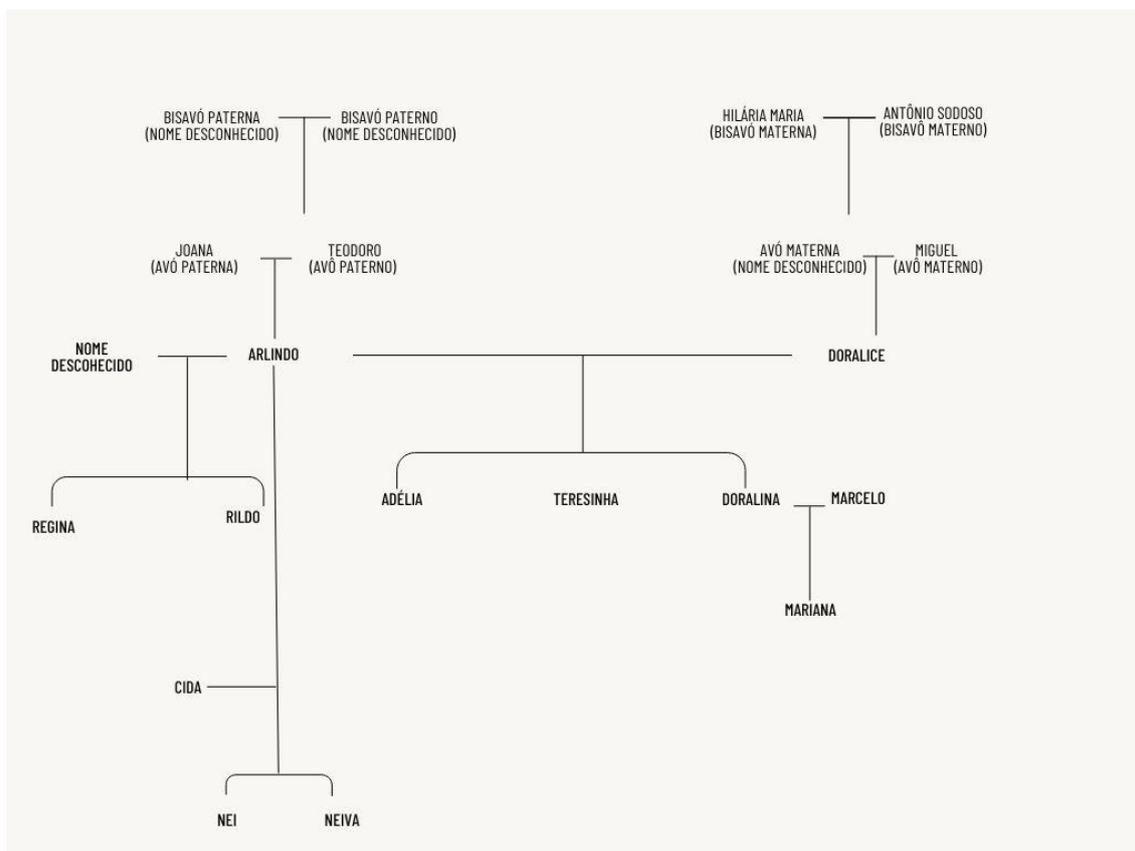
Fonte: IBGE

Em um dos momentos mais emocionantes das nossas conversas, ela deságua um rio de lembranças:

Riachão das Neves é uma localidade bem pequenininha: quem entra, vê a igreja, a cadeia, a loja de tecido. Bem coisa de interior mesmo. Minha filha vive gozando que até outro dia, ela nem existia no mapa. Antigamente, só existia grupo escolar, algo como as escolas classe daqui. Mas hoje, tem até faculdade. Na cidade do lado, Barreiras, tem até um campi do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Riachão cresceu bem nas últimas décadas. Mariana vive pedindo que eu volte lá. Ela tem muita vontade de conhecer o lugar onde eu nasci. Mas eu não sei se quero voltar [*pausa. Mãe Dora se emociona bastante*].

As pessoas que eu mais amava, já se foram. Daí, seria muito doloroso voltar e não encontrar Mainha, minha tia, irmã da minha mãe, uma das pessoas mais carinhosas e amorosas que vi no mundo. O nome dela era Dejanira e ela me chamava de filhinha porque fui a primeira sobrinha dela. Éramos um grude. Ela dizia numa boa: eu tenho vários sobrinhos, mas quem eu mais amo é Dora. Eram duas irmãs casadas dois irmãos, ou seja, minha mãe casada com meu pai, e Mainha com meu tio. Ela faleceu tem uns cinco anos. Tem pouco tempo... tem pouco tempo... [silêncio. Mãe Dora se emociona bastante] (Mãe Dora).

Figura 11 – Árvore genealógica (genograma) de Mãe Dora de Oyá



Fonte: Acervo Pessoal de Maíra de Deus Brito

Quero saber como ela prefere ser chamada e como a história será conduzida. “Eu nasci Doralina Fernandes de Oliveira e me tornei Doralina Fernandes Barreto Regis depois de casada. Agora, sou Mãe Dora de Oyá. É assim que todo mundo me conhece”, resume a entrevistada-interlocutora-contadora de histórias. E *contadora* não porque ela inventa histórias, mas porque sua vida é marcada por episódios marcantes, sempre carregados de alguma poesia e emoção.

Eu me preocupo com a linha do tempo e ela facilita o trabalho:

Pode seguir a ordem cronológica. Espero que o povo da academia leia a minha história porque é a história de tantas mulheres invisibilizadas pelo racismo estrutural, pela tentativa de apagamento da nossa história enquanto Mãe de Santo/Ialorixá. Acho interessante que o povo da academia leia: é uma maneira das pessoas pensarem que, para além de uma Ialorixá, existe uma mulher, uma

mulher que luta, que estuda, que batalha. E tudo isso é a nossa história (Mãe Dora).

Dessa maneira, nas memórias da infância e da juventude, ela é chamada de Doralina. Quando o fato/comentário fizer referência ao momento presente ou pós-iniciação dela no Candomblé, ela é Mãe Dora de Oyá.

As memórias mais antigas de Mãe Dora são da época em que ela ainda era a menina Doralina. Por volta dos cinco anos, ela acompanhava a mãe, Doralice Celestino Cirqueira, em todos os lugares. Na parte da manhã, Doralice dava aula; e na parte da tarde, costurava. Mãe Dora sorri com os olhos quando fala da mãe: “Ela era muito engraçada e enérgica. Ela dizia coisas como: ‘Se você não souber tabuada, você não sabe pensar o mundo’. É uma frase muito forte. Ironicamente, eu sou péssima em matemática. Acho que tenho um bloqueio com números”, conta aos risos.

As recordações sobre a bisavó também impressionam. Hilária Maria era uma indígena do povo Pataxó Hãhãhãe⁴⁵, etnia, atualmente, presente no sul da Bahia (sobretudo na Reserva Caramuru-Catarina Paraguassu), mas também na região metropolitana de Belo Horizonte (MG) e em Paraty, no Rio de Janeiro (Souza, 2019, p. 9-10)⁴⁶.

Além da histórica luta por seus territórios, os Pataxó Hãhãhãe têm o desafio de lidar com a diversidade. Formado pelas etnias Baenã, Hãhãhã, Kariri-Sapuyá, Kamakã, Tupinambá e Gueren, Pataxó Hãhãhãe quer dizer mistura de povos (Souza, 2019, p. 3):

Outro grande desafio foi conciliar as narrativas diante da diversidade étnica, política e cultural que caracteriza o povo Pataxó Hãhãhã. A tentação de retratar e descrever partindo da homogeneidade e unidade suscita o desafio de desenvolver uma narrativa sem perder a dimensão de que se está tratando de um povo, mas sem congelá-lo, sem homogeneizá-lo, respeitando e incorporando as imensas contradições, pois não há um pensamento indígena único, o que os qualifica como um povo sendo os seus processos históricos e a luta pela terra. Não somente a terra em si e os seus aspectos não-humanos (encantados, bichos, plantas...) mas o direito de nela permanecer, e dela viver (Souza, 2019, p. 37).

⁴⁵ A grafia do povo, no meu texto, segue aquela feita pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

⁴⁶ De acordo com a tese *Os Pataxó Hãhãhã e as Narrativas de Luta por Terra e Parentes, no sul da Bahia*, de Jurema Machado de Andrade Souza, em 2019 existiam 3.147 Pataxó Hãhãhãe. A meu pedido, a doutoranda em Ciência Política, Ana Vaz, cruzou duas bases de dados mais recentes para desagregar os números de Pataxó Hãhãhãe em território brasileiro hoje. Ana cruzou os dados da tabela Apêndice 1 – Pessoas residentes em terras indígenas segundo as terras indígenas – Brasil (que traz os valores de 2010 e 2022 e permite comparação) com a tabela com todos os códigos das terras indígenas que o IBGE tem. Como os dados oficiais das etnias não foram desagregados, existe a chance de o valor ser maior do que o que aquele presente no apêndice citado (pois só foi possível acessar o número de indígenas localizadas em terras indígenas). Embora represente a maior parte da população, aqueles e aquelas que estão fora de seus territórios não estão representados. O cruzamento identificou 3.022 pessoas pertencentes ao grupo Pataxó Hãhãhãe – número próximo aquele apresentado por Jurema.

Portanto, é possível perceber que a diferença é um *desafio* e não um *problema* para esses povos. De certa maneira, é mais uma alerta sobre as possibilidades de ampliação do conceito de Direitos Humanos. Alguns autores e autoras vão chamar de *multiculturalismo* (Guerra, 2023, p. 143); e outros vão colocar na chave da *alteridade* (Lapa, 2017), acolhendo a importância do Outro a partir do qual é necessário ouvir e reconhecer suas demandas, em oposição a princípios mais individualizantes, como a empatia, que apresenta limitações de viés e pertencimento prévio.

Ainda há a saída pela *interculturalidade*. Como desenvolvem Nuno Medeiros e Teresa Denis, a partir do texto Natalio Hernández, *De la exclusión al diálogo intercultural con los pueblos indígenas* (2009), de Miguel León-Portilla:

Deste ponto de vista, uma abordagem intercultural é uma forma de ultrapassar a mera coexistência entre grupos, frequentemente assente em estruturas institucionais e práticas de disputa ou exclusão, elaborando modos activos de procura de diálogo e de conhecimento do outro, e buscando uma intervenção política, cultural e social que substitua uma lógica de conflito por uma lógica de criatividade (Medeiros; Denis, 2019).

Para colocar fim na explanação sobre os Pataxó Hãhãhãe, exponho o triste (e pouco conhecido) episódio envolvendo a esterilização de “100% das mulheres, em idade reprodutiva, existentes nas 10 famílias que compunham a aldeia” (CIMI 1998:2 apud Souza, 2007, p. 50). De acordo com a deputada estadual Alice Portugal (PC do B-BA), em reportagem do Estadão (2002), das 23 indígenas “que fizeram a ligadura de trompas, oito não tinham filhos e uma era menor de 21 anos”.

Tal fato, por sua vez, foi relacionado, por líderes indígenas masculinos, através de declarações à imprensa e de documentos elaborados sobre o tema, às precárias condições de vida desses grupos, e caracterizado como uma prática genocida e racista. Em uma notícia-crime dirigida à Procuradoria Geral da República em Salvador, as lideranças informaram haver tomado conhecimento do fato mediante um “diagnóstico das condições de saúde” realizado nas aldeias Pataxó, no dito ano (Souza, 2007, p. 50).

Em 2002, o então deputado-médico Roland Lavigne (PMDB-BA), responsável por praticar ilegalmente operações de ligadura de trompas teve o registro suspenso pelo Conselho Regional de Medicina da Bahia (Cremeb). No segundo semestre de 2023, enquanto o esse texto era redigido, Ronald se encontrava como vereador pela cidade de Ilhéus (BA)⁴⁷.

⁴⁷ No início de setembro de 2023, o parlamentar anunciou a desistência na participação do programa Mais Médicos em Vitória da Conquista (BA). O fato foi anunciado pelo Portal Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/ba-vereador-desiste-de-participar-do-mais-medicos-em-cidade-a->

Ao me deparar com esse fato, não pude deixar de lembrar da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito – RQN 796/1991 para investigar a incidência de esterilização em massa de mulheres no Brasil. Do relatório, destaco o subtópico 7.1 do Capítulo 1: *A esterilização feminina sob o ponto de vista étnico*:

Entidades do movimento negro nacional, preocupadas com o resgate da cidadania da raça negra, foram pioneiras na denúncia de esterilização. Desde 1983 estas entidades vêm advertindo para o direcionamento das políticas de controle demográfico para os negros. O que serviu de fundamentação para esta denúncia foi a constituição em São Paulo, durante o governo de Paulo Maluf, de um (grupo de assessoria e participação) cujo objetivo específico era a redução de natalidade entre os negros.

Em 1986 foi realizada uma campanha publicitária na Bahia convocando ao controle de natalidade. Esta campanha destinava-se a inauguração do Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana, dirigido pelo médico e pesquisador Dr. Elsimar Coutinho. Nesta campanha foram exibidos outdoors com fotos de crianças e mulheres negras, com os dizeres: defeito de fabricação (Brasil, 1993, p.49).

Os dois casos citados são exemplos de como genocídio das populações indígena e negra não param de operar, muitas vezes, de maneira semelhante. O controle dos corpos vulnerabilizados foi e continua a ser um problema criado e alimentado pela branquitude.

1.1 Biscoito de polvilho, bolo de mandioca e rapadura de Santo Antônio

Voltando a Hilária Maria.

A bisavó de Doralina fazia biscoitos de polvilho no dia de Nossa Senhora de Sant'Ana (26 de julho). Os biscoitinhos só podiam ser apreciados depois da procissão e quando ela pegava a garotada no flagra, comendo antes da hora, “o couro comia”, como detalha Mãe Dora: “Ela também brigava quando a gente ia tomar banho no açude, porque tinha medo de que a gente, eu e meus primos, se afogassem. Lembro também das longas tranças que ela tinha. A única vez que eu a vi com os cabelos soltos foi quando meu bisavô morreu”.

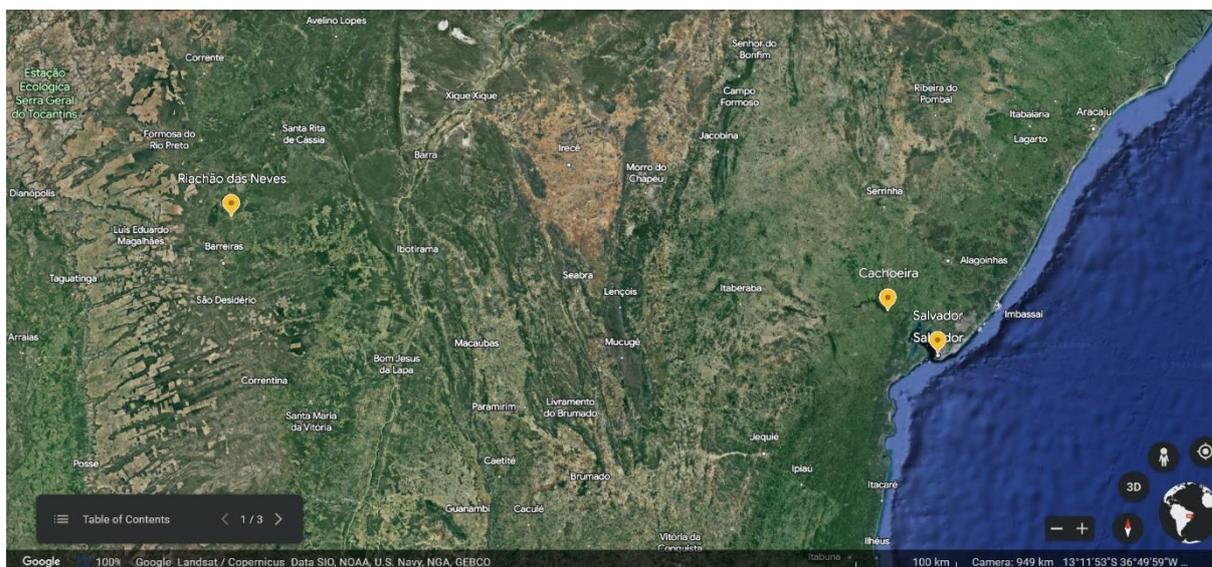
Minha bisavó era caladona e brava, mas extremamente carinhosa. Lembro dela fazendo trança nagô em mim. Ela tinha uma habilidade danada para que aquela trança, que doía... Ela puxava bem o cabelo e parecia que tinha feito uma plástica no rosto [*risos*]. Hoje, o pessoal chama de trança nagô, mas a gente não conhecia essa palavra, daí, chamávamos de trança beira de rancho (Mãe Dora).

Mãe Dora ressalta que a bisavó era bem diferente do bisavô. Ela era durona e não tinha essas coisas de colocar no colo e fazer carinho. As formas de demonstrar o cuidado

era cozinhando as comidas gostosas que as bisnetas e os bisnetos adoravam. Dona Hilária fazia “um bolo de mandioca como ninguém” e foi com ela que a menina Doralina aprendeu a fazer a rapadura de Santo Antônio, que não é como a maioria das pessoas conhecem. O doce com nome de santo tem a cor clara e, enquanto ela endurece, as pessoas a modelam até firmar no formato do santo.

Lá em Riachão, de dia faz muito calor e de noite faz muito frio. Por isso, meus bisavós sempre faziam uma fogueira no quintal, onde ficávamos eu e meus primos. Todo mundo morava perto e a criançada toda ia para lá porque tinha bolo e o meu avô ficava cantando e contando histórias. Ele fazia uma toda com a gente, pegava um na mão do outro, e puxava uma cantiga. Mas você tinha que emendar um verso naquilo que estava sendo dito. Era uma maneira de fazer a gente se interagir. Mas dava oito horas da noite e todo mundo ia pra casa porque era hora de dormir. Minha bisavó dizia: “acabou a brincadeira!”. E não tinha conversa. Ela era brava e linda. É uma pena não ter fotos dessa minha história (Mãe Dora).

Figura 12 – Mapa com destaque para as cidades baianas Salvador, Cachoeira e Riachão das Neves



Fonte: Matheus Martins

São escassos os registros fotográficos de Mãe Dora de Oyá. Quando criança, não tinha nenhuma condição financeira de ter uma câmera fotográfica; adulta, integrante do Partido Comunista Brasileiro, ela aprendeu que tudo poderia se tornar prova de sua relação com a oposição da ditadura.

Na ausência de imagens, construímos na imaginação a figura de Hilária Maria a partir das narrativas de Mãe Dora. De acordo com ela, a bisavó era baixa, com no máximo 1,60m, de pele negra-avermelhada e cabelos longos e cacheados.

1.2 Despedidas

Doralina adorava brincar com os primos. Um dos favoritos era Ademário. Era com ele que ela mais brincava e mais brigava. Infelizmente, uma tragédia rompeu o elo entre eles. Com muito esforço Ademário estudou e cursou medicina na Universidade de Brasília (UnB), porém, três anos depois de formado, ele foi atropelado na L2 Norte: “Quando eu era nova brigava muito com ele, mas não deixava ninguém mexer com os meus. Éramos uma família muito unida. Ele era inteligente, culto, estudioso. Eu venho de uma família de professores, né?”.

Quase todos os filhos de Miguel, o avô materno de Doralina foram professores. Tia Mariana e Tio Antônio, conhecido como Toinho, são alguns que herdaram o talento para ensinar – ofício que Doralina fez quando era jovem e que Mariana, a filha única, também herdou.

Quando tinha 6 anos, Doralina perdeu a mãe, vítima de complicações pós-parto. Aproximadamente um ano depois, a garota viu o bisavô Manoel Sodoso, sua referência de paternidade, falecer. Apesar de muitas perdas, Mãe Dora de Oyá chega à conclusão que viveu uma infância bonita. Um dos momentos mais comoventes da nossa conversa é quando ela fala do bisavô e do pé de manga chamado Dora: “Quando um neto, neta, bisneto ou bisneta nascia, meu bisavô plantava uma árvore frutífera com o nome da criança. O meu era um pé de manga. A coisa mais linda é criança comendo fruta do pé. Minha infância foi bacana, foi legal...”.

O legado de Doralice, a mãe professora-costureira, é muito forte na vida de Mãe Dora, que conta histórias quando narra a sua própria. É como se ela tecesse uma colcha de lembranças:

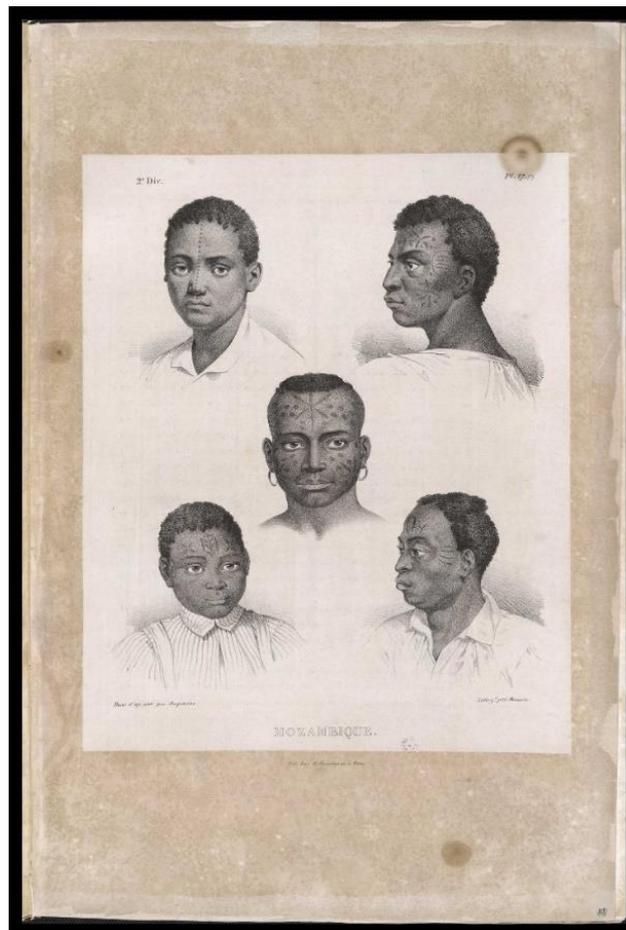
Meu bisavô era um rezador espetacular. Um benzedor fantástico que fazia novenas como ninguém, devoto de Nossa Senhora de Sant’Ana que, por ser avó de Jesus Cristo, foi sincretizada com a Orixá Nanã [*um pássaro começa a cantar*]. Eu era muito ligada a ele. Morávamos em uma fazenda muito grande e lembro dele ir para a roça. Quando meu bisavô estava mais velhinho, fingia que capinava, porque, na verdade, ficava só enrolando. Ele já estava muito idoso. Ele lá no meio do mato com aquela enxadinha. Ele não desgrudava dela (Mãe Dora).

Manoel Sodoso era magro, alto e moçambicano de cidade incerta – porque o colonialismo tentou aniquilar vínculos. Ele também tinha a pele muito preta e o nariz aquilino (conhecido como nariz adunco ou nariz de tucano). Mãe Dora é uma caixinha de surpresas e dentre as coisas inesperadas que ela nos traz, está o fato de que ela é a maior entendedora da *National Basketball Association*, a NBA. Ela faz parte de grupos em redes sociais para comentar os jogos e as atuações dos jogadores, e é super respeitada nesses

espaços – raro momento em que ela volta a ser Doralina Fernandes, ou seja, apenas mais uma mulher fã de basquete.

Engraçado. Tem um jogador da NBA, que já está aposentado, o Kevin Garnett, ex-Boston Celtics, que é a cara do meu bisavô. Por isso sou apaixonada por ele. Manoel Sodoso também era alto, muito magro e tinha os dentes perfeitos. Era de um sorriso lindo. Ele era muito elegante e culto. É curioso: meu bisavô tinha umas ideias que não combinavam com o tempo e a idade dele (Mãe Dora).

Figura 13 – Na ilustração *Mozambique*, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas ilustra pessoas oriundas daquele país africano



Fonte: Johann Moritz Rugendas/Biblioteca Digital Luso-Brasileira

Pelas informações de Mãe Dora de Oyá, Manoel Sodoso chegou ao Brasil entre o final do século 19 e início do século 20. O bisavô juntou dinheiro e saiu de Moçambique em busca de um irmão que tinha sido escravizado. Ela relata que, “por ironia do destino”, o irmão morreu quatro dias antes da chegada de Manoel.

Ele contava que subiu em um cavalo e saiu sem rumo. No caminho, encontrou minha bisavó perdida, colocou ela na garupa e se casaram. Ela tinha treze anos na época! Eu perguntava por que ele não voltava para sua terra e ele dizia que jamais voltaria sem o irmão, que não fazia sentido. Daí, ele ficou, teve nove filhos. Meu bisavô era fantástico: todos os dias ele levava café preto para a minha bisavó na cama (Mãe Dora).

Ele gostava de cantar e ensinava a garotada a cantarolar. Mãe Dora diz que ele queria que sua prole pensasse o mundo de um jeito diferente. O bisavô era como um livro de história, sempre com novas memórias para contar, partilhando um mundo que a garotada desconhecia. “Ele sempre tinha uma história, uma música”.

Infelizmente, Manoel Sodoso não viveu mais tempo para aproveitar a companhia de sua família e para elucidar algumas dúvidas sobre a sua chegada ao Brasil⁴⁸.

Nas buscas em repositórios de instituições, como Universidade de Brasília, e em plataformas de pesquisa como *Google Acadêmico* e *SciELO*, não encontrei trabalhos que pudessem ajudar nas respostas para tantas indagações. Os artigos, dissertações e teses estão concentrados nas relações comerciais Brasil-Moçambique, nas questões linguísticas entre os dois países e no tráfico de pessoas escravizadas.

Sabe-se, há alguns anos, que o Brasil foi o principal destino de pessoas africanas escravizadas. Segundo o Banco de Dados do Comércio Transatlântico de Escravos (*The Transatlantic Slave Trade Database*), cerca de 5 milhões escravizadas desembarcaram no país. De acordo como IBGE (2000):

Chefes políticos e mercadores da África Centro-Ocidental (hoje região ocupada por Angola), forneceram a maior parte dos escravos utilizados em toda a América portuguesa. No século XVIII, o comércio do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo era suprido por escravos que vinham da costa leste africana (oceano Índico), particularmente Moçambique (IBGE, 2000).

A informação é corroborada pelo Arquivo Nacional (2007):

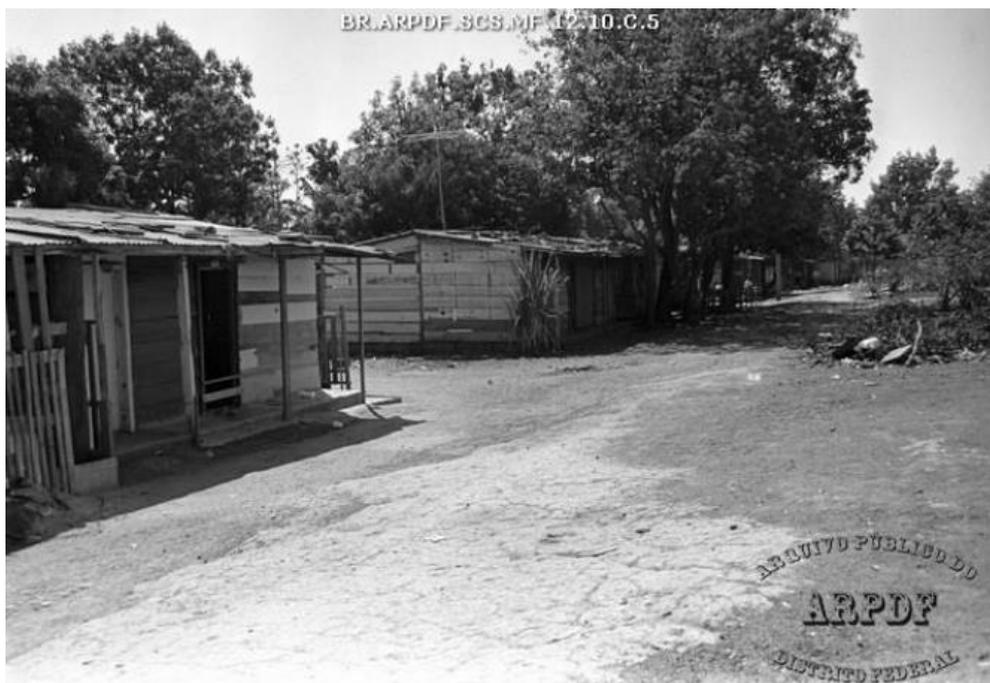
A participação mais efetiva da África Ocidental no fornecimento de escravos para o Rio de Janeiro declinou entre 1795 e 1811, ano em que Manoel Florentino verificou um crescimento da oferta de cativos oriundos de Moçambique. Esse crescimento se explica, em termos mais amplos, pela Abertura dos Portos, em 1808, que favoreceu o aumento do número de expedições para Moçambique a fim de resgatar escravos. Nesse movimento, ganhou destaque o porto de Quilimane. Para o porto de Salvador, outro importante mercado de escravos da colônia, a demanda de escravos permaneceu sendo suprida pela região do Congo-Angola. O porto do Rio de Janeiro, entretanto, não monopolizava o recebimento de africanos de Moçambique. Houve reivindicações de comerciantes do Pará, envolvidos no tráfico de escravos em diferentes regiões africanas, dentre as quais Moçambique, na última década do século XVIII, para obter isenção do pagamento de direitos (impostos) por um certo período de tempo,

⁴⁸ Não se sabe as condições de partida e chegada de Manoel Sodoso. No livro *Histórias dos Candomblés do Rio de Janeiro*, José Beniste comenta a chegada de Bángbósé Sàngó Ògòdò ao Brasil na primeira metade do século 19: “Em uma época escravocrata, Marcelina o tinha como escravo e uma vez em Salvador, teve de alforriá-lo, como forma de lhe dar condições de trabalho na organização do Candomblé conforme o desejo de todos. Essa teria sido a forma de permitir a entrada de *Bángbósé* no Brasil, pois havia uma lei desde 1831 que proibia a entrada de escravos libertos por conta das habituais revoltas. Para entrar no país, era necessário ser escravo de alguém” (2019, p.214) O trecho aumenta as dúvidas sobre as condições legais de partida e chegada do bisavô de Doralina.

demonstrando que outros portos coloniais eram abastecidos de cativos da África Oriental (Arquivo Nacional, 2017).

Há dúvidas sobre como Manoel Sodoso saiu de Moçambique e chegou no Brasil, assim como os percursos dele por aqui. Mas também há certezas, como carinho e cuidado dele com a neta Doralina, hoje Mãe Dora de Oyá.

Figura 14 – Construções em madeira do acampamento DFL da Vila Planalto



Fonte: Foto do ARPDP, 1989

A partida da mãe de Doralina foi no começo da década de 1960, quando a menina tinha 6 anos. O parto da terceira filha de Doralice, Adélia, foi difícil e três meses depois da caçula chegar ao mundo, as complicações tiraram a vida da mãe das meninas. O pai, Arlindo, trabalhava no Departamento de Estradas de Rodagem do Distrito Federal (DER) tentou evitar a tragédia trazendo Doralice para Brasília. Ela foi internada no Hospital São Vicente de Paulo – hoje, referência em saúde mental – e no Hospital da Base, mas não resistiu. “Nisso eu tenho que tirar o chapéu para o meu pai. Ele não abandonou a gente e fez questão de criar nós três: eu, Terezinha e Dadá, a Adélia. Seria fácil ele largar a gente. Morávamos na Bahia e ele aqui, na Vila Planalto, nos Acampamentos⁴⁹ Rabelo e DLF”, lembra Mãe Dora.

⁴⁹ Brasília foi construída por pessoas de diversas partes do Brasil. Ao chegar no Cerrado, essas pessoas se acomodavam nos Acampamentos espalhados pela região que hoje é o Distrito Federal. Os Acampamentos tinham uma estrutura precária e, ainda assim, nem todos desapareceram. Alguns se transformaram em vilas,

Com a morte da mãe, Doralina foi de vez para Brasília. Ela, junto com as irmãs, subiu em um caminhão de carregamento de sal para chegar na capital. O itinerário pareceu maior do que devia ser: veículo quebrado, troca de motor, velocidade baixa. O saldo da viagem – que começou em 1969 e só terminou em 1970 – foi a pele toda machucada por causa do sal e assombro com a “cidade grande”. Mãe Dora conta que quando parou em Sobradinho, cidade distante 25 km do centro da capital, e desceu do caminhão, olhou assustadíssima para os postes de luz. “Eu nunca tinha visto luz elétrica”, confidencia.

Descobrimos que tinha um ônibus para a Rodoviária do Plano Piloto, mas precisamos esperar o dia amanhecer para o primeiro passar. Era um horror! Nunca tinha andado num troço daquele. Chegamos na Rodoviária, que mais parecia um galpão, que nem o terminal de Sobradinho. Pegamos outro ônibus para Taguatinga e enfim chegamos em casa. Isso levou um dia quase inteiro. Lembro que meu pai já tinha comprado um barraco de madeira na QNJ, uma quadra de Taguatinga onde ninguém queria morar. Era um conjunto habitacional de baixa renda com casinhas de alvenaria geminadas. Na época, era a última quadra e tinha uma descida íngreme e, por isso, o povo chamava de “escorrega lá vai um”. Meu pai saía cedo para trabalhar e tínhamos muito medo de ficar sozinhas. Não tínhamos referência de nada. Eu e minhas irmãs chorávamos noite e dia (Mãe Dora).

Assim como Arlindo, Wilson, tio das meninas, veio para Brasília quando a cidade começou a ficar de pé. Depois de morar nos Acampamentos da época da construção da cidade, ele se mudou para Brazlândia, a pouco mais de 30 km de Taguatinga, onde as sobrinhas viviam. Toda sexta-feira ele ia ver as meninas e levava um doce, um pacote de farinha, qualquer coisa que acalmava o estômago e o coração das sobrinhas.

Alguns anos depois, Dadá, a caçula de Doralice, ficou doente e passou um tempo com a avó paterna, dona Joana; e seu Arlindo se casou novamente e teve mais dois filhos. Regina e Rildo ainda bem pequenos quando a mãe morreu. Alguns anos se passaram e Arlindo se casou pela terceira vez. Com Cida, com quem está há mais de 40 anos, ele teve Nei e Neiva, seus filhos caçulas.

Eu tenho história, né? Quando eu penso que tinha tudo para dar errado e deu muito certo... A gente criada sem mãe... Naquela época não se falava de racismo, mas entendi logo por que as mães não deixavam seus filhos brincarem comigo e meus irmãos. Diziam: “essas neguinhas vão virar prostituta e os meninos, marginais. Sem mãe e com um pai que trabalhava muito, aparecendo só aos finais de semana ou até mesmo em 15 e 15 dias. Na época, eu não entendia totalmente o que a vizinhança queria dizer, mas sabia que não era algo bom. Com o tempo, tudo foi ficando mais claro (Mãe Dora).

Por Seu Arlindo ser um dos fundadores do Centro Espírita Organização Espiritualista Brasiliense, localizado em Taguatinga Norte, a espiritualidade se manifestou muito cedo na vida de Doralina. Era algo de família. A menina tinha apenas sete anos quando Seu Ventania apareceu pela primeira vez.

Ele foi e é o grande homem da minha vida. Meu nordeador, meu formador de caráter. Quando eu fazia algo de errado, ele aparecia e explicava por que não podia continuar daquele jeito. Também tenho uma grande mestra chamada Dona Maria Padilha. Ela chegou quando eu tinha 11 anos e me ensinou a equilibrar a força dela com a de Seu Ventania. Quando eu tivesse tudo nos eixos, nada mais me tiraria do meu caminho. Demorei para entender, mas quando compreendi, tudo ficou mais fácil. Vejo as pessoas dizendo que Pombagira cobra isso ou aquilo. Dona Maria não me cobra nada. Acho que devo tanto coisa a ela que jamais teria como pagar (Mãe Dora).

Como o nome sugere, Caboclos são espíritos de indígenas que retornam à terra, ao Aiyê, para ajudar quem precisa. Como citado anteriormente, nas religiões de matriz africana existem Orixás/Inquices/Voduns e espíritos como Caboclos, Caboclas, Pretas-velhas, Pretos-velhos, Pombagiras e Zé Pilintras, entre outras. Cada espírito tem uma história-percurso que explica seu “formato”. Exemplo: ao contrário do que a lógica cristã prega, Pombagiras não foram mulheres “da vida”, “perdidas”, “de libido exacerbada”. Elas foram mulheres livres que viveram sua sexualidade sem culpa e sem prestar contas ao patriarcado/machismo que nos persegue há séculos. Elas vêm à terra para falar da força do feminino, de amor-próprio e de liberdade.

Em 2015, o governo de Paris retirou centenas de cadeados da Pont des Arts (G1, 2015). Existia uma estranha tradição de casais apaixonados deixarem cadeados com seus nomes ou iniciais na ponte, próxima ao Museu do Louvre. Naquele ano, os objetos foram retirados porque descaracterizavam a estrutura do século 19, além de colocar em risco as pessoas que estivessem na ponte ou passando pelo Rio Sena. O peso dos cadeados era um problema para a ponte. Simbólico pensar em tempos que o amor tem como referência um cadeado, algo que prende, limita; e que seu excesso trouxe um peso desnecessário e perigoso.

A dor da ausência não tem hora para chegar e se instala em qualquer lugar e em qualquer pessoa. As mortes da mãe e do bisavô – em um intervalo de um ano e meio – afetaram a menina Doralina a tal ponto que ela pensou em tirar a própria vida.

Foi muito triste para mim, me faltava o chão. Eu não via graça em mais nada. Um dia, peguei uma corda e subi em uma árvore para me enforcar. Quando botei a corda no pescoço, apareceu algo no alto da árvore. Era Seu Ventania. Ele disse pra mim: “Desça daí agora! Se compreenda. Você tem muita gente pra cuidar. Me deu um sabão danado. Pense naquele homem gigante, um indiozão, com aquele penacho lindo... Depois fiquei pensando que ele devia

ser parente da minha bisavó, que era indígena. Com o tempo, ele foi aparecendo mais e mais. Se eu fizesse qualquer besteira, lá estava ele me dando uns catiripapo. Eu tinha muito medo dele. Hoje, são quase 60 anos de Seu Ventania na minha vida. Estamos envelhecendo: eu e ele. Ele também já está com a barbinha branca, a coisa mais linda (Mãe Dora).

Mãe Dora lembra o dia da morte de Manoel Sodoso com muitos detalhes, como se tivesse acontecido hoje. Ela revela que o bisavô sabia que morreria naquele dia. O rezador fantástico, que ajudava as pessoas melhorarem com uma reza e com folhas, acordou cedo e foi para a roça, como ele sempre costumava fazer. Na hora do almoço, retornou para casa, tomou banho, vestiu um terno branco de linho S120 e colocou um chapéu Panamá na cabeça. Mãe Dora interrompe a descrição para elogiar o bisavô: “Lembra que lhe falei que ele era um homem muito elegante?”.

Naquele tempo, início da década de 1960, o transporte de mercadorias não era tão simples como é hoje – ainda mais em localidades mais afastadas, como Riachão das Neves. Produtos como o terno e o chapéu de Seu Manoel só chegavam por meio de mascates (mercadores ambulantes), como seu Alcides.

Antes de sair de casa, o bisavô de Doralina olhou para ela, pegou em sua mão e olhou para dona Hilária, sua companheira. “Até um dia”, ele disse, saindo pela porta. Em silêncio, a bisavó derramava lágrimas pelos olhos. Seu Manoel pediu que a bisneta se sentasse com ele ao pé de um tamboril, árvore comum na Bahia, e fez uma reza. “Na hora que Ioiô tombar a cabeça para o lado, você chama o tio Lourenço”, ele disse. Lourenço era filho caçula de Manoel e Hilária e era surdo-mudo.

Os passarinhos começaram a cantar. Era um negócio absurdo de tanto passarinho. É uma imagem nítida, parece que revivo aquele momento o tempo todo. Meu bisavô cantou em uma língua que eu não conhecia, tombou a cabeça pro lado e fechou o olho. Fui chamar o tio Lourenço, que já estava no caminho chorando. Ele entregou o chapéu pra mim e pegou meu bisavô nos braços (Mãe Dora).

Quando chegaram em casa, a mesa – bem grande, típica de fazenda – estava forrada com uma toalha branca que Dona Hilária tinha bordado. Na cabeceira da mesa, a viúva com os cabelos soltos, um vestido preto e branco e o fixo para frente. Até então, a menina Doralina nunca a tinha visto com os cabelos cacheados fora das tranças.

A sala lotou de gente para velar o corpo de Seu Manoel Sodoso. Enquanto parte das pessoas rezaram várias orações, como Salve Rainha, outra parte cuidava da comida que seria servida. Ainda tinham as crianças correndo de um lado para o outro e a turma que bebe em homenagem ao falecido.

De acordo com o professor Luiz Antonio Simas, Gurufim é uma prática comum entre os descendentes de bantos, nas comunidades pobres do Rio de Janeiro (2020, p.60), porém, nota-se que não é exclusivo daquela região. A tradição de fazer festa em velórios também aparece em outros recantos do Brasil, como no oeste baiano.

Luiz Câmara Cascudo sugere que a palavra “gurufim” tenha origem na denominação do mamífero “golfinho”. Um exemplo de dialetação. Nas culturas antigas do Mediterrâneo, era o golfinho que acompanhava as almas dos finados para os reinos dos mortos. Algumas civilizações africanas ligavam morte, mistério e mar, fato reforçado pelo comércio negreiro.

O gurufim propriamente dito não era o velório com festa, mas uma brincadeira que se fazia durante esses velórios. Para distrair o ambiente, alguém começava: “Gurufim não está aqui, foi pro mar. Gurufim não come”. O coro respondia: “Quem come então?” E alguém respondia: “O tubarão, a tainha, a baleia, o robalo” etc. Não valia repetir nome de peixe. Repetiu? Tá fora do jogo (Simas, 2020, p. 59).

Atualmente, o jogo de pergunta-resposta é raro, contudo, a tradição de cantar, comer e beber ficou. Pode soar estranho para alguns, mas sigo a linha de raciocínio de Simas: é a maneira como as culturas afro-brasileiras enxergam a morte e uma maneira de celebrar a vida de quem se foi. Ainda há aqueles que acreditam que, quando a morte chega a um velório e vê alegria e batucada, não leva mais ninguém (2020, p.60). O Gurufim espanta a morte.

No samba de breque *Velório no morro*, de R. Marques e T. Silva, Jorge Veiga canta:

*Lá no morro quando morre um sambista
É um dia de festa e ninguém protesta
As águas rolam a noite inteira
Pois sem brincadeira o velório não presta
Tem também um gurufim
Que no fim acaba sempre em sururu
Mas é gozado pra chuchu [...]*

Em um tom ainda mais irônico, Cláudio Camunguelo entoava em *Meu gurufim* (J. Carioca):

*Eu vou fingir que morri
Pra ver quem vai chorar por mim
E quem vai ficar gargalhando no meu gurufim
Quem vai beber minha cachaça
E tomar do meu café
E quem vai ficar paquerando a minha mulher [...]*

Ou seja, há outras formas de viver e sentir o luto.

Conhecido por protagonizar histórias inusitadas, o cantor e compositor Zeca Pagodinho tirou gargalhadas do público do programa *Conversa com Bial* (Globoplay, 2018) ao relembrar alguns Gurufins:

Subúrbio ou é macumba ou é velório. Não tem dinheiro pra onde ir. Não tem dinheiro para a passagem, não tem festa. Ninguém te chama pra nada. Ah! Tem uma macumba ali: vai todo mundo. Nos velórios, com um bolinho. Salgadinho, uma cachaça debaixo do caixão, um jogo de roda. Não se faz mais velório como antigamente. [...] Fui agora no velório do meu amigo, Paulinho Galetto, que Deus o tenha em bom lugar. Era um cavaquinista que morreu agora. Lá em Inhaúma. Achei um balcão e falei vou fazer meu bar aqui no velório. Mandei buscar cerveja e salgadinho, e fiquei de dono do bar. Aí, apareceu o malandro, o otário, mulher. Uma confusão! E o velório foi uma alegria só. Pena que o morto não pode ir. O velório do meu pai foi o melhor que teve: tomamos 15 caixas de cerveja. Salgadinho, jogo, tudo (Globoplay, 2018).

Apesar da tristeza de perder alguém tão importante, o velório de Manoel Sodoso não foi traumático para a menina Doralina.

Uns riam, outros rezavam. Outros cuidavam da comida. Foi alegre. Não sei se sinto isso porque era criança... Toda vez que vejo Zeca Pagodinho falando de velório, lembro do meu bisavô, que era um cara muito alegre e viveu muito. Ele morreu de velhice. Ele nunca foi de beber, mas fumava cigarro de palha e usava rapé. Comia rapadura, feijão de corda, feijão fradinho, carne de porco. Ele colocava a carne em uma lata enorme e ela ficava lá não sei quanto tempo defumando. Nada saudável pros dias de hoje. Mas antigamente, a comida não tinha todo esse veneno que a gente é obrigada a comer. Hoje, tá todo mundo doente (Mãe Dora).

Dona Hilária Maria, que passou a vida inteira ao lado do companheiro, sentiu muito a ausência de Seu Manoel. A tristeza se aproximou e se instalou. “Ela não conversava com ninguém, não saía de casa. É como se ela não tivesse mais lugar no mundo”, observa Mãe Dora, que não conseguiu se despedir da bisavó, pois já estava em Brasília quando ela morreu.

Com a morte de Hilária, a menina Doralina já não tinha mais nenhuma bisavó, bisavô, avó ou avô pelo lado materno da família. Os avós não são citados porque morreram muito cedo, provavelmente em decorrência de complicações da tuberculose. “Antigamente os adultos não conversaram essas coisas com crianças, mas sei que minha família tinha um histórico com a doença. Lembro que o nome do meu avô era Miguel, mas infelizmente esqueci o da minha avó”, explica Mãe Dora.

A primeira infância de Doralina foi intensa. Muito amor e muita saudade conduziram os primeiros seis anos marcados pelos pacatos dias em Riachão das Neves (BA) e pelas mortes do bisavô Manoel Sodoso e da mãe Doralice.

As partidas foram cruciais para os anos seguintes de Doralina: ela saiu da pequena cidade do Oeste Baiano rumo ao Distrito Federal, onde entraria no Partido Comunista

Brasileiro; fortaleceria a luta por Direitos Humanos; faria grandes amizades; construiria sua própria família e se tornaria Mãe de Santo.

2 QUEM FOI DE AÇO DOS ANOS DE CHUMBO⁵⁰

*Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões
São verde e rosa, as multidões*

*Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra*

*História pra ninar gente grande,
samba-enredo de 2019 da Estação Primeira de Mangueira*

Figura 15 – Mãe Dora de Oyá na posse das ministras Anielle Franco e Sonia Guajajara, ao lado do presidente Lula e do ministro Silvio Almeida, entre outras autoridades, em 2023



Fonte: Jacqueline Lisboa

Dia 11 de janeiro de 2023. Posse de Sonia Guajajara como Ministra dos Povos Indígenas e Anielle Franco como Ministra da Igualdade Racial em um Palácio do Planalto destruído após os ataques de 8 de janeiro. Ao lado das ministras, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, da ex-presidenta Dilma Rousseff e do ministro Silvio Almeida (Ministério

⁵⁰ Verso do samba *História Para Ninar Gente Grande*, apresentado pela Mangueira no carnaval de 2019.

dos Direitos Humanos e Cidadania), entre outras autoridades, está Mãe Dora de Oyá, ex-integrante do Partido Comunista, mais conhecido como Partidão.

Quero saber dela, que “foi de aço nos anos de chumbo”, como foi viver um momento tão emblemático. Em um depoimento emocionante, ela descreve o que sentiu e as lembranças que a visitaram na tarde daquela quarta-feira:

Por incrível que pareça, “responsabilidade” era o que passava na minha cabeça naquele momento. Foi uma responsabilidade muito grande porque era algo que ia além da questão política partidária. Era uma mulher que viveu os anos de chumbo e lutou por democracia, era uma Ialorixá quem estava lá. Essa parte religiosa exige uma seriedade ainda maior. Uma candomblecista lado a lado de tanta gente importante.

É curioso porque não consegui dissociar militância política da questão religiosa. Era muito comum, né? No Partido Comunista, as pessoas falavam que religião era o ópio do povo, que não dava pra ter religião sendo militante. Tinha sempre essas coisas. Eu era muito zoada por causa disso. “Uma comunista macumbeira”. E o pessoal falava muito isso.

Eu ainda não era do Candomblé, mas já recebia santo. Andava com minha conta de proteção no pescoço, sempre fazia referências à Iansã. Era uma pessoa religiosa e todo mundo sabia disso. Foi muito interessante: eu militava em um partido de esquerda e em uma religião afro-brasileira, ou seja, é resistência o tempo todo. Por isso, tamanha responsabilidade.

Naquele dia no Palácio do Planalto, eu tinha medo de alguma coisa dar errado, entendeu? Eu estava cumprindo mais uma missão. Era uma etapa.

Estava alegre porque a gente conseguiu ter novamente um governo minimamente comprometido com a sociedade brasileira. Todo dia, eu passava na frente do Palácio do Planalto e dizia: “Capiroto [referência ao então presidente Jair Bolsonaro], você vai sair daí. Seus dias estão contados, você vai sair daí”.

Inclusive, deveria estar mais alegre, mas tinha um pouco de tristeza por causa da destruição que aconteceu no dia 8 de janeiro. Me entristeceu demais ver o Palácio daquele jeito e em pensar no tanto de gente sem noção que depredou tudo aquilo.

Era uma depredação física de um espaço, mas, para mim, era uma depredação das pessoas, da população brasileira. Sabe? É como se quisessem atingir a população brasileira. Quisessem matar, massacrar a população brasileira. Vi aquele ataque dessa maneira. O nó na garganta era muito por causa disso. Daí, a responsabilidade.

Foi passando muitos filmes na minha cabeça. Lembrei da época em que eu militava: por volta dos meus 18 anos, tinha um macacão jeans e um tênis, que eu chamava de militante. Porque, para onde eu ia, usava esse macacão. Era o que tinha mais prático para usar e eu também não tinha dinheiro para comprar um monte de roupa.

Quantos anos de luta! Entrei no Partidão com 14 anos e hoje estou com 66. Quantas coisas já passei pra gente chegar aqui... Fiquei lembrando de mim, menina de tudo, magrela, usando o militante e correndo, entrando em ônibus clandestino, saltando no meio do mato, me escondendo... essas coisas... (Mãe Dora)

Aquele 8 de janeiro de 2023 parecia ser mais um domingo comum em Brasília: pessoas caminhando no Eixão, avenida fechada para carros aos domingos e feriados; pouco movimento na rua e meia dúzia de “patriotas” de verde e amarelo na plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto. Digo comum porque me familiarizei com a cena. Sair rumo à casa da minha mãe e ver manifestantes cujos gritos de ordem bradam a popular (e perigosa) trinca: “Deus, pátria e liberdade”⁵¹ não era novidade. Porém, naquele dia, o desfecho seria diferente.

No final da tarde, a maior emissora de televisão do Brasil interrompeu a programação para transmitir o inacreditável: centenas de pessoas – de verde e amarelo – invadiram a Praça dos Três Poderes e destruíram tudo que puderam. Só ficou intacto o gabinete do presidente Lula, graças ao vidro blindado e ao sistema de segurança reforçado da sala, que impediram a entrada dos vândalos (Gularte; Roxo, 2023).

Dentre as marcas deixadas pelos “bolsonaristas radicais”: jornalistas e fotógrafas agredidas; prédios públicos e obras de arte devastados e o Palácio do Planalto aos cacos. O local sediaria, nos dias seguintes, as posses de Anielle Franco (Ministério da Igualdade Racial – MIR) e Sonia Guajajara (Ministério dos Povos Indígenas – MPI).

⁵¹ Slogan do integralismo, movimento de extrema direita.

A alguns quilômetros dali, Mãe Dora de Oyá lamentava o ódio, a destruição e o cancelamento da posse de Anielle. Além de ser um momento histórico (a criação dos Ministérios dos Povos Indígenas e da Igualdade Racial), a cerimônia seria ainda mais especial porque o Afoxé Ogum Pá era uma das atrações culturais previstas. Não havia como fugir da frustração.

Mas o quase impossível aconteceu: a posse foi remarcada para quarta-feira seguinte, unindo as cerimônias das duas ministras, em um evento menor do que aquele previsto inicialmente para garantir a segurança de todas. E, não mais importante do que o evento em si, porém de extrema relevância para Mãe Dora e suas filhas de santo: as atrações culturais não foram canceladas e o Afoxé Ogum Pá continuava na programação.

Em um Palácio do Planalto lotado e ainda em reconstrução, a posse teve início com a apresentação do povo Terena, seguida do Afoxé Ogum Pá. Acompanhada de sua filha carnal, Mariana Regis, e de seu filho de santo, o Ogã⁵² Amílcar Paré, Mãe Dora desceu a rampa interna do Planalto, seguida do corpo de baile formado por Amanda Balbino, Carolina Tolosa e Ingrid Soares.

“Xangô, Xangô/ Orixá do poder/ Seu oxê⁵³ é o divino machado/ Xangô, Xangô/ Guardiã das leis de Orun⁵⁴/ Alafin⁵⁵ justiceiro”⁵⁶, cantava Amílcar, com sua voz de trovão, sem saber que logo atrás dele, de Mãe Dora e de Mariana estavam o presidente Lula, sua companheira Janja, as ministras Anielle e Sonia, entre outras autoridades. O público já emocionado com o canto para Xangô – o Orixá da justiça –, levantou-se das cadeiras para aplaudir de pé Lula e sua comitiva.

Quem esteve presente disse que tudo parecia um filme: o dia nublado com chuva (um domínio de Iansã); o simbólico Palácio do Planalto em pé, mesmo com tantos estragos; um salão lotado de pessoas indígenas e negras; Mãe Dora de Oyá sentada ao lado da ex-presidenta Dilma Rousseff e dos ministros Silvío Almeida e Flávio Dino, entre outros; o Afoxé Ogum Pá cantando para Xangô, “coincidentemente”, Orixá de Lula. Tudo em uma quarta-feira, dia em que os Orixás citados são celebrados.

Não era um filme, mas tinha o roteiro digno de um. Quem diria que Doralina, a jovem militante do Partido Comunista Brasileiro, estaria lado a lado do presidente Lula,

⁵² Sacerdote escolhido pelo Orixá para que não entre em transe e possa zelar pelas pessoas incorporadas.

⁵³ Insígnia do Orixá Xangô, representada por um machado com dois lados.

⁵⁴ Céu, mundo espiritual em Iorubá.

⁵⁵ Título real: “Soberano da cidade de Oyó”. BENISTE, José. **Dicionário Iorubá-Português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019, p.93.

⁵⁶ Trecho da música *Guardião das leis*, de autoria de Amílcar Paré, Artur Senna, Chico Teixeira e Vinicius De Oliveira. A composição faz parte do repertório do Afoxé Ogum Pá e do grupo Filhos de Dona Maria.

em um mandato tão simbólico? Improvável talvez não seja o melhor adjetivo, mas, com certeza, era um script com suspense e surpresas.

Figura 16 – Mãe Dora de Oyá ao lado de Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial



Fonte: Matheus Alves

Golpe, Ato Institucional nº 5(AI-5), censura, luta armada, Costa e Silva, Carlos Marighella, Honestino Guimarães, anistia ampla e irrestrita. Com o passar dos anos, a *história que a história não contou* alcançou um espaço significativo nos livros e na mídia. Contudo, alguns episódios e personagens ainda são tratados de maneira secundária ou até mesmo apagados da narrativa oficial. Aqui, quero chamar atenção para os impactos da repressão nos povos indígenas e na população negra.

Em um trabalho cuidadoso, a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo (2015) reuniu documentos e depoimentos que expõem o horror da ditadura no Brasil. Na seção *Violações aos Direitos dos Povos Indígenas – Parte II: Grupos sociais e movimentos perseguidos ou atingidos pela ditadura*, encontra-se o número de 8.350 indígenas mortos durante o período. Visto que esse dado faz parte de um levantamento parcial do Relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), pois não foi possível analisar todos os povos afetados, esses números refletem uma subnotificação. Ou seja, quase 40 anos depois do fim do regime, ainda não temos a real dimensão das violências físicas e simbólicas sofridas pelos indígenas no nosso país.

Na ditadura, quem mais morreu não foram os ativistas, os jovens universitários que estavam lutando pela liberdade do país. Foram os indígenas. Então essa situação muito revolta a gente. [...] As pessoas não conseguem ver a gente como povo originário e que tem uma resistência (Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 2014).

O depoimento de Karai Popygua, Guarani Mbyá da Terra Indígena Jaraguá, no lançamento da campanha *Índio é Nós* (e registrado na Comissão da Verdade do Estado de SP), em abril de 2014, deixa evidente as consequências do apagamento histórico, embora exista um esforço de indígenas e de parte de pesquisadoras e da mídia em investigar o período citado.

Na reportagem especial *Documentos da Cruz Vermelha revelam massacre de indígenas na ditadura* (Chade, 2016), o jornalista Jamil Chade analisa arquivos do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, entre os anos de 1965 e 1975. O material comprova trabalhos forçados, extrema pobreza, desnutrição, higiene precária e uma lista extensa de doenças como situações comuns em diversos povos indígenas no Brasil naquele período. Poliomielite, tuberculose, malária tracoma e gastroenterite quase dizimaram etnias inteiras.

Informações desse tipo também estão presentes no Relatório Figueiredo, cuja mais de 7 mil páginas descrevem violações de todo tipo contra indígenas de diferentes localidades. Na dissertação *As violações de Direitos humanos no Relatório Figueiredo: a Marcha para o Oeste e a conquista dos Kaingang* (2017), Luana Menezes Lira destaca as violências contra a etnia – hoje presente nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

“A falta de assistência, porém, é a mais eficiente maneira de praticar o assassinato. A fome, a peste e os maus tratos, estão abatendo povos valentes e fortes” (sic) (Relatório Figueiredo, p. 7, 1967, vol. Síntese *apud* Lira, p. 110, 2017) está em um dos trechos selecionados pela pesquisadora. Além da falta de assistência, há relatos de torturas e violência contra mulheres.

Deve-se frisar que, apesar da grande quantidade de detalhes, o relatório apresenta falhas, como a omissão de registros sobre a resistência dos povos indígenas e algumas dificuldades impostas por militares, fazendeiros e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) (Lira, p. 125, 2017).

Outro trecho selecionado por Luana é de grande significância:

Isso porque, de maneira geral, não se respeitava o indígena como pessoa humana, servindo homens e mulheres, como animais de carga, cujo trabalho deve reverter ao funcionário. No caso da mulher, torna-se mais revoltante

porque as condições eram mais desumanas (Relatório Figueiredo, p. 3, 1967, vol. Síntese apud Lira, p. 110, 2017).

A não-humanidade também é imposta à população negra, outro grupo preterido na narrativa sobre a ditadura brasileira. Em suas investigações acerca da racialização da produção de memória sobre a ditadura, a professora Thula Pires utiliza a “desumanização” (2018) como chave para compreender o protagonismo da branquitude nessa conjuntura:

O terceiro aspecto destacado tem relação com a desumanização tão profunda de corpos não brancos que o reconhecimento de seus processos de organização e agência por democracia e liberdade, ainda que seculares e reafirmados em momentos de acirramento da violência e do arbítrio, não são entendidos nesses termos (Pires, p. 1057, 2018).

Um dos privilégios da branquitude é ser considerada “gente”, “ser humano”, em detrimento dos outros grupos populacionais. Quando considerados humanos, os preteridos são lidos como “cidadãos de segunda classe” e, por isso, alvos preferenciais de exclusões, hostilidade, constrangimentos, e, até mesmo, da morte. Para esses grupos a morte é um caminho natural, pois na gestão da vida e da morte, são eles que representam o excedente e o insignificante (Mbembe, 2006). Seus percursos, memórias, conhecimentos, presente e futuro não importam.

Sem nome, sem história e sem valor. Que tipo de nação queremos construir insistindo nos mesmos erros de outrora? Raça, gênero, classe e sexualidade, entre outras identidades. Todas têm valor no complexo quebra-cabeça das sociedades contemporâneas.

Uma resistência política popular de larga escala só pode ser tecida por meios que não reinventem as hierarquias moderno-coloniais. Renunciar categorias é renunciar a condição política de diversos corpos e experiências que por elas são social e politicamente produzida(o)s. A luta contra a ditadura e seus legados só faz sentido se percebida a partir dos seus atravessamentos com as estruturas de poder racistas, sexistas, cis/heteronormativas, capitalistas, imperialistas e neocoloniais (Pires, p. 1078, 2018).

2.1 Uma mulher negra no Partido Comunista Brasileiro

No início da década de 1970, a adolescente Doralina atravessava o Distrito Federal para visitar os avós paternos e Wilson, um dos seus tios favoritos, em Brazlândia. Wilson fazia parte do Sindicato dos Eletricitários e era integrante do Partido Comunista Brasileiro. Doralina não tinha dinheiro para comprar livros e logo ficou hipnotizada com os exemplares que o tio tinha.

Eu devia ter uns 14 anos quando eu bati o olho no *O Capital*. Pensei: que legal, deve ser algo sobre Brasília, né? Mas era sobre capitalismo, mais valia. Eu já

dava um duro desgramado na padaria que trabalhava, além de cuidar dos meus irmãos. Tudo que tinha ali fez total sentido. Depois, foi a vez de conhecer Rosa Luxemburgo e outras obras de Karl Marx, como *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Só livro leve (risos) (Mãe Dora).

Quando o tio viu a sobrinha mexendo naqueles livros, deu uma bronca na garota. Foi ali que ela descobriu que Wilson era integrante do Partidão, em situação ilegal desde 1947 (o Partido Comunista Brasileiro só voltou para legalidade em 1985, com o fim do regime militar).

Era comum Doralina e as irmãs mais novas soltarem pipa ou jogarem dominó com toda família no quintal de casa. Enquanto jogava com os sobrinhos, Wilson conversava em códigos com os amigos. Com o tempo, a jovem passou a entender alguns detalhes daqueles diálogos codificados.

Além de fortalecer os laços familiares, estar no ambiente doméstico foi uma estratégia que a irmã mais velha encontrou para cuidar das caçulas. Por causa do racismo sofrido na vizinhança, ela evitava que as mais novas ficassem fora de casa. Todavia, é necessário enfatizar: nem só de histórias pesarasas é formada a vizinhança de Doralina.

2.2 Boa vizinhança

Mãe Dora de Oyá surpreende ao contar que foi criada com Joaquim Cruz, campeão olímpico (Cruz; Vecchioli, 2021). Com uma história bem parecida com a dela, Joaquim e sua família saíram de pau de arara do município de Corrente, no Piauí, rumo a Brasília – cidade-sonho de pessoas de todas as regiões do país.

Estava assistindo aos jogos olímpicos (de 2021) e pensando com os meus botões: essa falta patrocínio, de incentivo, acontece desde sempre. Eu acompanhei a trajetória de Quinca (apelido de Joaquim Cruz) e foi um sufoco. Ele deu sorte porque encontrou um treinador (Luiz Alberto de Oliveira) que botou fé nele e o levou para o Sesi. Depois, veio a oportunidade de ir para os Estados Unidos e há anos ele é técnico em San Diego, na Califórnia. Foram as oportunidades que surgiram nos EUA que possibilitaram ele ser campeão olímpico, ganhar diversos prêmios e comprar uma casa para a mãe dele, em Taguatinga mesmo, mas em uma localidade bem melhor (Mãe Dora).

Na época que Joaquim Cruz ainda era Quinca, sua casa ficava no lote 20 da QNJ 47, ao lado do lote 16, onde Doralina e sua família moravam. Sem condições de levantar um muro de tijolo, a família dividia o espaço com arame farpado. Do outro lado do lote, no número 14, morava dona Verônica⁵⁷, um anjo da guarda em forma de cafetina.

⁵⁷ Nome fictício para preservar a real identidade da mulher descrita. O nome escolhido é inspirado em Veronica Franco (1546-1591), famosa cortesã de Veneza, filha de prostituta aposentada que proporcionou à filha uma boa educação, oportunidade rara para época. RODRIGUES, Priscila. UOL. **Quem são as**

Ninguém na rua queria saber da gente porque achavam que seríamos prostitutas. Dona Verônica tinha as meninas dela, que moravam lá. Nos fundos do terreno, ela abriu um furo na cerca de arame farpado e, por lá, ela ia para nossa casa. Ela nos ensinou a fazer comida bem-feita, passar roupa, deixar a casa limpa. Eu sempre falo para vocês sobre a importância do chão brilhando porque aprendi com ela que mesmo uma casa simples tinha que ter o chão brilhando. Na vida, a gente tem uns anjos da guarda e muito de quem eu sou hoje devo a ela (Mãe Dora).

Jovem, dona Verônica ficou grávida e, mãe solo, foi expulsa de casa. Para sustentar a única filha, tornou-se cafetina.

Ela dizia que o povo chamava aquilo de vida fácil, mas era a vida mais difícil que tinha. Dava seis horas da tarde, ela me colocava para dentro de casa, junto com meus irmãos, e mandava fechar a porta. Era o horário em que os homens chegavam no lote dela. Minha primeira menstruação foi muito dolorosa e fui procurá-la dizendo que tinha me machucado. Aí, ela me disse o que estava acontecendo. É muito doloroso para uma menina menstruar pela primeira vez e não ter ninguém para explicar o que é aquilo. Hoje, ela e a filha tem uma vida boa, tranquila. Mas não esqueço das vezes que ela matou a fome da minha família. Então, é preciso ter muito cuidado quando se diz que uma pessoa é prostituta por falta de caráter. Muito pelo contrário, são mulheres que batalharam muito para se manter (Mãe Dora).

Quando os direitos humanos estão em pauta, raramente é colocada luz sobre as questões de sexualidade-prostituição. No Brasil, um dos debates mais importantes passa pelo Projeto de Lei (PL) Gabriela Leite (Brasil, 2012), que regulamenta a atividade das profissionais do sexo. O PL sugere algumas mudanças, entre elas, que prostituição e exploração sexual não sejam associadas, ou seja, só será considerada exploração sexual a coação para se prostituir ou a prostituição de menores de 18 anos (o último, já é crime atualmente).

O PL tensionou a relação entre profissionais do sexo e feministas de determinados segmentos. Propositivamente, deixo de lado querelas feministas para reforçar que todos os corpos são livres e merecem respeito e proteção – inclusive aqueles que, por escolha, vivem a prostituição.

Isto posto, é preciso analisar com cuidado a fala de Mãe Dora de Oyá. A expectativa da vizinhança em Mãe Dora e suas irmãs se tornarem prostitutas vai ao encontro de uma das imagens de controle denunciadas pela socióloga norte-americana Patricia Hill Collins (2019). Apesar do foco de Patricia estar na experiência de mulheres negras dos Estados Unidos, seus estudos se encaixam na realidade brasileira.

A prostituição representa a fusão da exploração para fins econômicos – a mercadorização da sexualidade das mulheres negras – com o tratamento degradante dado aos animais de estimação. O sexo se transforma em mercadoria não apenas no sentido de que pode ser comprado – dimensão da exploração econômica –, mas também no sentido de que se refere a um ser totalmente alienado, que está separado de seu corpo e aparentemente não o controla – dimensão do poder como dominação (Collins, p. 248, 2019).

A interseccionalidade nos lembra que todas as mulheres negras levam a marca da “Jezebel”⁵⁸. Inclusive, a violência que nos atravessa é bem exemplificada no depoimento presente do livro *To be young, gifted and black*, de Lorraine Hansberry:

Por essas ruas, qualquer menino branco de Long Island ou Westchester me vê e grita de dentro do carro: “Ei, chocolate quente! Diz aí, Jezebel! Ei, você – ‘Mal-entendido de cem dólares’! VOCÊ! Aposto que você sabe onde dá pra se divertir à noite”. Basta me acompanhar uma vez ou outra e você vai ver se estou mentindo. Às vezes isso acontece depois de eu ter trabalhado oito horas em uma linha de montagem ou catorze horas na cozinha da senhora Halsey. Pode acontecer de eu estar irritada naquele dia com trezentos anos de raiva acumulada, os olhos arregalados e a carne tremendo – e os meninos brancos me veem passar na rua e pensam em sexo. Eles olham para mim e só pensam nisso [...]. Meu bem, ainda que você fosse Jesus travestido, basta ser marrom e eles têm certeza de que você está se prostituindo! (Hansberry, 1969, p. 98 *apud* Collins, 2019, p. 246).

É cansativo, porém urgente pensar quais estratégias vamos utilizar para por fim às imagens de controle que nos reduzem, nos limitam e/ou nos desumanizam.

2.3 “Entre a esquerda e a direita, sei que continuo preta”⁵⁹

Ativistas de esquerda frequentemente marginalizam pessoas de cor porque trabalham com um modelo de reducionismo de classe extremo, que sustenta que a ‘verdadeira’ questão é a classe, que ‘a única cor que importa é o verde’ e que questões como o racismo são meras ‘políticas de identidade’, que deveriam ficar em segundo plano em relação à promoção de um universalismo baseado na classe e de programas para ajudar os trabalhadores (Wise, 2010).

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (Davis, 2011).

⁵⁸ De acordo com Jamille Pinheiro Dias, tradutora do livro, Jezebel é “o estereótipo da mulher negra altamente sexualizada e promíscua, supostamente capaz de usar o poder de sedução para enganar e manipular. O nome tem origem em uma personagem bíblica”. In: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

⁵⁹ Frase emblemática de Sueli Carneiro.

Um dos tensionamentos acerca do marxismo envolve o identitarismo. Classe vem antes de raça? Em qual local o gênero, a sexualidade e outras identidades serão alocados? Nas últimas décadas, várias pesquisadoras e pesquisadores se debruçaram sobre o assunto, na tentativa de resolver as dúvidas e confusões estabelecidas. O trecho acima, um breve comentário do escritor norte-americano Tim Wise, é representativo pois resume o discurso comum que prega a ideia da “classe antes da raça”. Na sequência, a professora e ativista Angela Davis sintetiza a importância da interseccionalidade, excluindo argumentos que insistem em um reducionismo marxista.

Exatamente por causa das polêmicas, dialoguei com Mãe Dora como era esse debate no Partidão durante sua militância. Sem utilizar a palavra interseccionalidade, ela faz um panorama preciso da importância das pautas identitárias e da sua não hierarquização. Inclusive, ela traz uma categoria pouco explorada pelos brasileiros e brasileiras: ser um corpo latino-americano no mundo.

É preciso levar em consideração a época e o local dos escritos de Karl Marx e, a partir disso, fazer uma leitura cuidadosa do que foi exposto. Temos que resolver os problemas de classe, gênero e raça, sem esquecer que eles estão ligados entre si. No começo, os estudos eram muito focados na Alemanha, na Bulgária e na União Soviética. Era uma forma de pensar muito europeizada. Por exemplo: e a questão indígena? Essencial para a América Latina. Esse tópico passa pelo Brasil, Chile, Paraguai e até pela Argentina, marcada pelo extermínio quase total da população indígena e negra⁶⁰ (Mãe Dora).

O Partidão estar à esquerda não impediu práticas conservadoras como o machismo e o racismo. “Era excludente como em qualquer outro partido”, conta Mãe Dora. Ela aponta duas figuras importantes nesse embate: Rejane Lima Verde e Albertina Magalhães Moraes (*in memoriam*). A funcionária pública e a bancária eram mulheres de coragem, que “peitavam” os integrantes “abusados” do partido. “As mulheres eram muito articuladas. Todas se juntavam e iam para cima dos caras, que fingiam ser desconstruídos”, salienta.

Gaslighting (quando o homem deslegitima o que a mulher fala), *Mansplaining* (ação de homens explicarem algo para uma mulher, assumindo que ela não entende sobre o assunto), *Maninterrupting* (quando o homem sistematicamente interrompe uma mulher)

⁶⁰ No artigo *Elites argentinas e os indígenas*, o professor Gabriel Passetti (Universidade Federal Fluminense) cita a “Conquista do Deserto”, episódio elucidativo sobre o tema: “(...) foi essa sequência de operações militares em que os indígenas foram deliberadamente eliminados. Mais de um terço deles morreu nos campos pampeanos; outro terço não aguentou as marchas forçadas no inverno chuvoso até os campos de prisioneiros”. PASSETI, Gabriel. **Elites argentinas e os indígenas**. Le Monde Diplomatique Brasil, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/elites-argentinas-e-os-indigenas/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

e assédios sexuais fazem parte da lista de violências presenciadas por Mãe Dora no Partidão. Em uma das últimas reuniões que ela participou, no final da década de 1980, um grupo de mulheres se organizou para que um integrante de grande notabilidade fosse expulso do partido. Por questões de segurança, os nomes das pessoas envolvidas não serão revelados, contudo, o desabafo de Mãe Dora ajuda a ilustrar a dimensão do problema: “Teve companheira que foi expulsa do partido por causa dele, mas os homens se protegem né? Para variar, eles colocaram panos quentes no ocorrido. E as pessoas ainda querem discutir o porquê do feminismo”.

Mãe Dora confirma que ser mulher, negra e nordestina a colocava em um lugar de preterimento no Partidão, corroborando para a famosa frase da filósofa Sueli Carneiro: “Entre a esquerda e a direita, sei que continuo preta”.

Na biografia *Continuo preta: A vida de Sueli Carneiro*, escrita pela jornalista Bianca Santana (2021), há um capítulo que explica como a frase surgiu:

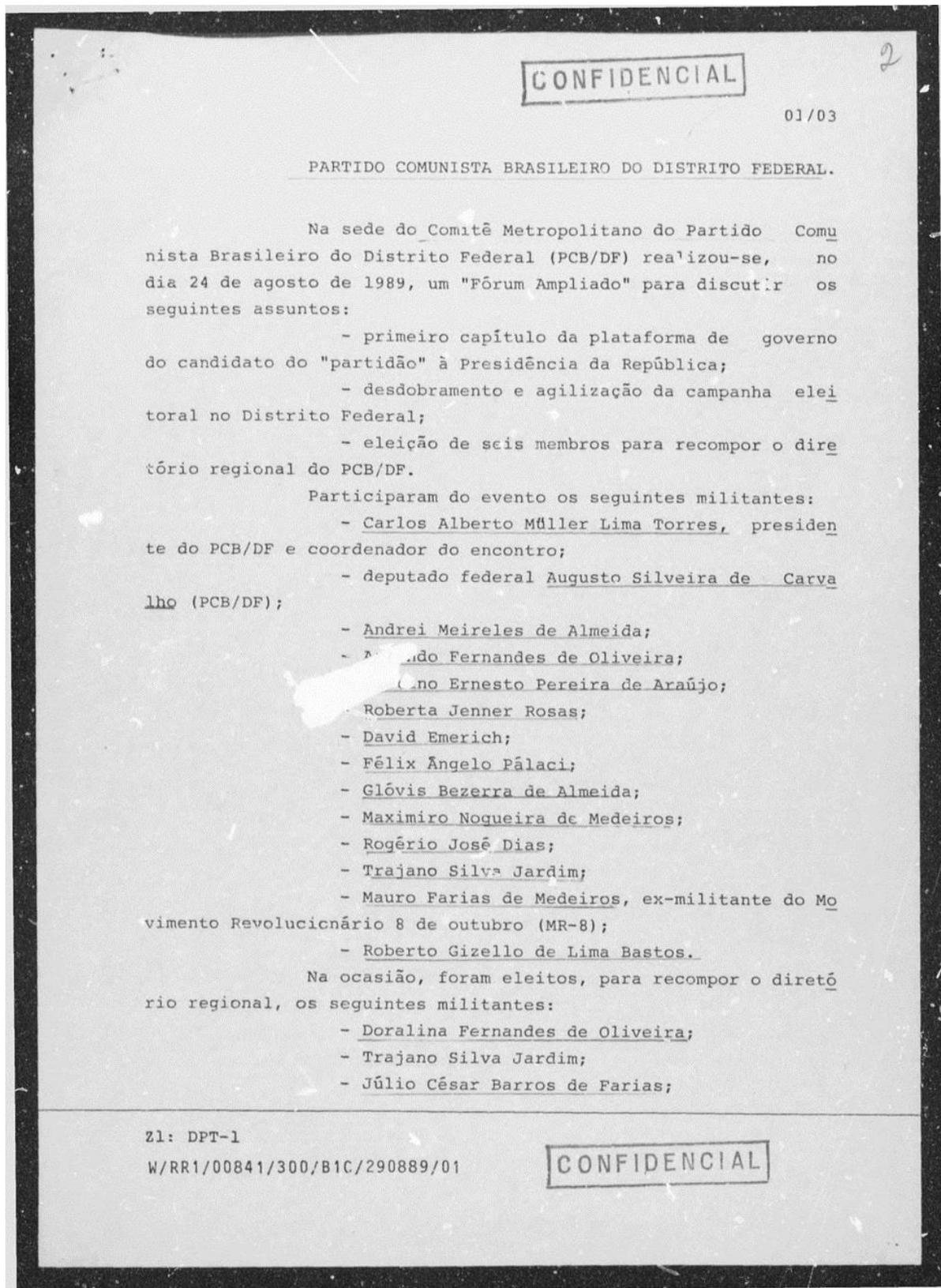
Não se trata de igualar esquerda e direita. A frase, dita a uma revista declaradamente de esquerda, é um alerta: não estamos aqui para dar cheque em branco para a esquerda. E ela foi proferida em resposta à pergunta sobre a representabilidade de Celso Pitta — ele representaria ou não o movimento negro? Era evidente que não, ele era um negro de direita, comprometido com forças reacionárias e a defesa dessas forças (Santana, 2021, p. 205).

Adiante, Bianca continua a explicação:

Em diversas ocasiões Sueli repetiu que a direita sempre explicitou que exterminaria negras e negros ou nos tornaria subalternos, e ela tem sido coerente nisso há quinhentos anos. Já a esquerda joga com os véus da utopia, da igualdade, da justiça, da paridade e, na prática, segue com as cúpulas brancas e masculinas (Santana, 2021, p. 206).

A descrição é tão precisa que é como se Bianca Santana estivesse ao lado da jovem Doralina, nas reuniões do Partido Comunista Brasileiro.

Figura 17 – Documentos confidenciais do Partido Comunista Brasileiro anunciam a inclusão de Doralina Fernandes de Oliveira no diretório regional do partido



CONFIDENCIAL

02/03

- Mauro Farias de Medeiros;
- Argemiro Lima Lourenço;
- Érick Jenner Rosas.

No dia 27 de agosto de 1989, na sede do "partido", em Brasília, realizou-se a Convenção Regional do PCB/DF, sendo eleita, nesta oportunidade, o seguinte diretório regional:

- Carros efetivos
 - Carlos Alberto Müller Lima Torres, presidente;
 - deputado federal Augusto Silveira de Carvalho, vice-presidente;
 - Rogério José Dias;
 - Caetano Ernesto Pereira de Araújo;
 - Félix Ângelo Pálaci;
 - Benjamim Benzaquem Sicsu;
 - David Emerich;
 - José Irinaldo Leite Ataíde;
 - Maximiro Nogueira de Medeiros;
 - Glóvis Bezerra de Almeida;
 - Cireno José de Cerqueira;
 - Arlindo Fernandes de Oliveira;
 - José Leni Vivas;
 - Júlio César Ramalho Ramos;
 - José Sampaio de Lacerda Junior;
 - Lázaro Alves Pereira;
 - Osvaldo Vaz Morgado;
 - Andrei Meireles de Almeida;
 - Maria de Fátima Araújo Guimarães;
 - Antenor Gentil Junior;
 - Manoel Cordeiro Lima.
- suplentes
 - José Eustáquio da Silva;
 - Doralina Fernandes de Oliveira;
 - Trajano Silva Jardim;
 - Júlio César Barros de Farias;
 - Mauro Farias de Medeiros;
 - Argemiro Lima Lourenço;
 - Érick Jenner Rosas.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

03/03

Está prevista para o dia 30 de agosto de 1989, a eleição da nova comissão executiva regional do PCB, que será es colhida dentre os membros do Diretório Regional, eleitos na últi ma convenção.

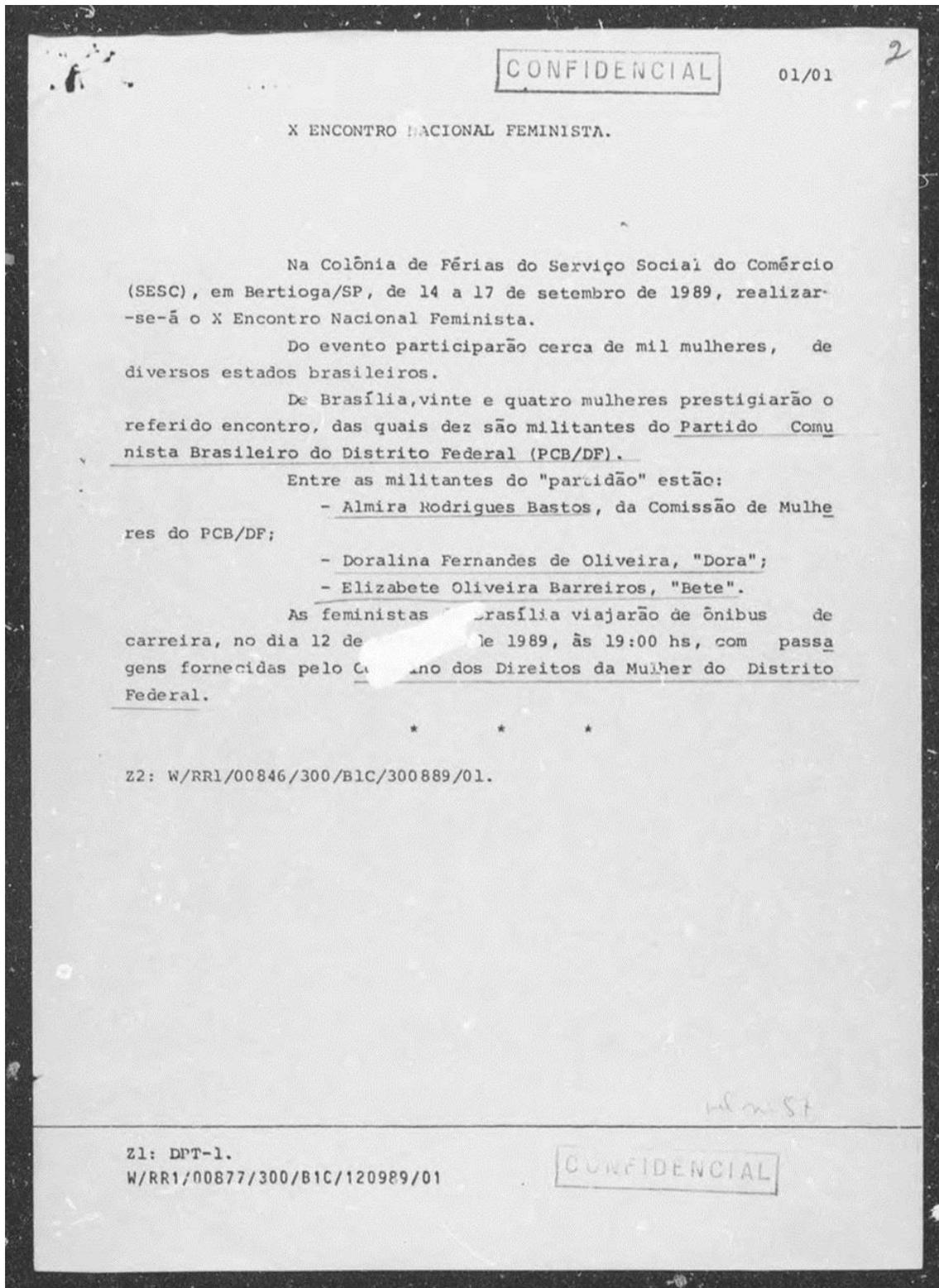
A Convenção Nacional do PCB realizar-se-á, no dia 24 de setembro de 1989, em Brasília/DF.

* * *

Z7: "A" - Relação de cadastro.

CONFIDENCIAL

Figura 18 – Documento confidencial do Partido Comunista Brasileiro avisa que algumas militantes do Partidão estarão no X Encontro Nacional Feminista. Entre elas está Doralina Fernandes de Oliveira



2.4 O Guerrilheiro e a Panterinha

“Eu, há dezessete anos [1973], sou um dramaturgo. Há dezessete anos pago o preço de nunca escrever para agradar os poderosos. Há dezessete anos tenho minha peça de estréia [Barrela] proibida. A solidão, a miséria, nada me abateu, nem me desviou do meu caminho de crítico da sociedade, de repórter incômodo e até provocador. Eu estou no campo. Não corro. Não saio. E pago qualquer preço pela pátria do meu povo”, Plínio Marcos (Plínio Marcos – Sítio Oficial, s/d).

Peças de Plínio Marcos – como *Barrela*, *Dois perdidos numa noite suja*, *Navalha na carne* – foram tão associadas à censura (Ibid.) e à ditadura militar que é – quase – inevitável relacionar o dramaturgo aos movimentos de esquerda – sobretudo o Partido Comunista Brasileiro. No entanto, nem toda repressão vivida por Plínio foi suficiente para que ele se filiasse a algum partido político (Barros, 2014; Giron, 2017).

A ausência de uma conexão formal não impediu que Plínio fizesse grandes amizades em espaços como o Partidão. No final da década de 1970, o partido promoveu um evento em São Paulo em que Plínio Marcos era um dos palestrantes e Doralina uma das participantes. Estavam presentes Salomão Malina (1922-2002), último secretário-geral do Partidão; e Edmilson Rodrigues, atual prefeito de Belém (PSOL-PA), entre outros políticos. Mas foi para Plínio, com seu jeito “inteligente, culto e debochado”, que mais chamou a atenção da jovem militante.

Eu já tinha assistido a algumas peças do Plínio e estava encantada ao vê-lo ao vivo. Fiz uma pergunta que já não lembro qual era. Sei que ele disse que a resposta demandaria tempo e que eu não fosse embora sem falar com ele. Achei um luxo. Mas Plínio era muito assediado e quase desisti de esperá-lo. Esperei e eu, ele e Felipe, um amigo que morava na Rua Augusta. Passamos a madrugada conversando. Tornamo-nos muito amigos. Vou contar uma coisa que ninguém sabe: ele me chamava de Panterinha (Mãe Dora).

O apelido fazia referência aos Panteras Negras, partido dos Estados Unidos da América (EUA) que lutou pelos direitos civis naquele país. “Eu era Panterinha e, ele, o Guerrilheiro. Plínio me dizia: seu raciocínio é rápido. Não deixa ninguém tirar isso de você”. Apesar de não parecer muito bem-humorado, Mãe Dora garante que ele tinha bom-humor, porém, com doses de sarcasmo.

A dupla intensificou a amizade por meio de cartas⁶¹, que descreviam a situação do país; os dilemas prosaicos e os estudos do tarô, que Plínio considerava uma “arte subversiva”. No site oficial do dramaturgo, mantido pelos filhos, uma frase refuta qualquer comentário ardiloso sobre a faceta esotérica do artista. “Tem gente que me criticou por entrar nessa linha mística. Mas, claro, eu não dou espaço para as pessoas me

⁶¹ Infelizmente, as cartas não foram encontradas na casa de Mãe Dora de Oyá.

fazerem cobrança, porra. Eu em nenhum momento estive à venda, e sempre defendi o direito de ser livre, e sempre fui” (Plínio Marcos – Sítio Oficial s/d), avisou Plínio.

E foi justamente a liberdade e a “inteligência incomum” de Plínio Marcos que deixaram saudade em Doralina, hoje, Mãe Dora de Oyá.

2.5 Professora Doralina

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (Freire, 2019, p. 127).

O amor na sala de aula estabelece um base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo (hooks, p. 239, 2020).

De acordo com Câmara Cascudo (1898-1986), Auta de Souza (1876-1901) era “a maior poetisa mística do Brasil” (Fangueiro, s/d). Vítima de uma tuberculose aos 24 anos, a poetisa potiguar é uma figura importante na doutrina espírita. *Alma Querida, Do Pícaro ao Lodo e Essa Migalha* são alguns poemas publicados pelo médium mineiro Chico Xavier (1910-2002) e de autoria atribuída a Auta de Sousa (Espiritismo TV).

No início da década de 1970, Doralina fazia parte do Centro Espírita Organização Espiritualista Brasileira (Taguatinga Norte), local que o pai e parte da família também frequentavam. Uma das campanhas de caridade do local levava o nome da poetisa Auta de Souza e tinha como objetivo recolher alimentos para sopas, distribuídas para pessoas em situação de rua e/ou insegurança alimentar. O foco das doações era a Vila Carroceiro (Cassemiro, 2012, p. 53), assentamento irregular que, hoje, compõe Vicente Pires.

Margarida, o velho Fusca laranja desbotado do tio Edson, transportava litros de sopa, Doralina, Valquíria e Fátima.

Não sei como cabia tanta coisa e tanta gente naquele carro que, de tão velho, mal subia a ladeira. Depois de um tempo distribuindo as sopas, percebemos a necessidade de alfabetizar os moradores do local. Edson era um amigo nosso mais velho, por isso era o “tio Edson”; Valquíria era professora da rede pública de ensino; Hércules, o namorado dela, administrador; e René, outro amigo, contador. Era uma turma legal. A mãe da Valquíria também era professora e nos ensinou um método, baseado em Paulo Freire, para alfabetizar o pessoal. Foi uma das épocas mais bonitas da minha vida. Por meio da campanha, a gente passou a pedir caderno, lápis, borracha. Começamos com 1 aluno. De repente, tínhamos 30 (Mãe Dora).

As alunas e os alunos eram pequenos chacareiros que aprenderam a vender frutas, legumes e verduras com Hércules e René. Mãe Dora recorda que não tinha calculadora ou celular para ajudar nas contas: “Era tudo no papel, no caderninho. Se vendia fiado, como abater a dívida?”. Tudo era ensinado para a turma que não parava de crescer. Um

galpão da Vila, utilizado para guardar alimentos, virava sala de aula aos sábados e domingos. “Logo depois veio a ideia da Feira do Produtor de Vicente Pires⁶². Mas, na virada da década de 1980 tudo mudou”. Segundo Mãe Dora, os governos de Joaquim Roriz (1988 – 1990; 1991 – 1995 e 1999 – 2003) foram cruciais para o local.

A pesquisa *O caso Vicente Pires: uma tradição, um direito?*, de Sandra Cristina Candeira de Lira (2017), comprova o impacto das políticas da época:

É a fase compreendida entre os anos de 1988 a 2002, enquanto exerceu o governo do Distrito Federal o então Sr. Joaquim Roriz, e que coincide com a época que Brasília ganhou sua autonomia administrativa. Nessa ocasião, o problema fundiário-habitacional adquiriu nuances eleitoreiras. Nas palavras de Peluso⁶³, em “1989, um ano antes da 1ª eleição direta para governador e assembleia distrital, a população carente significava votos e a terra pública em mãos do governo tornava-se uma importante moeda eleitoral” (Lira, p. 84, 2017).

“Nosso plano era construir paredes para o galpão e melhorar a estrutura para as aulas. Qualquer iniciativa para ajudar o povo, quando começar a crescer, é destruída pelo governo. É uma pena que tenham conseguido”, lamenta Mãe Dora.

O crescimento desordenado da região dificultou a continuidade do projeto que, na década de 1980, chegou ao fim.

2.6 Cante Samba na universidade⁶⁴

Mãe Dora compartilha reflexões importantes sobre a América Latina. Ela se queixa da onipresença do pensamento europeu no Brasil, inclusive nas universidades públicas: “Para completar, tínhamos o ministro da Educação, Milton Ribeiro, dizendo que a universidade deveria ser um espaço de acesso ‘para poucos’” (UOL, 2021):

Nesse ponto, as cotas raciais são fundamentais. O que a gente mais vê nas universidades são professores com nariz empinado, reproduzindo discurso de europeu. É possível contar nos dedos as pessoas que pensam diferente. Por alto, agora só lembro do uã [flor do nascimento], da Ana Flávia [Magalhães Pinto] e da Marianna Holanda. Mariana é branca, mas soube levar a diversidade de pensamento para a sala de aula. Minha esperança são os professores novos, como você, Mariana [filha], Bia [Martins Moura], Mari Mesquita e Guilherme Lemos. Vários professores vão se aposentar, planejando

⁶² Criada em 1995, a Feira do Produtor de Vicente Pires ocupava apenas 200 metros quadrados. Atualmente, ela possui mais de 5 mil metros quadrados e 170 expositores. ANTONIO, Thaís. **Feira do Produtor de Vicente Pires faz 17 anos**. Agência Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2012/07/15/feira-do-produtor-de-vicente-pires-faz-17-anos/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

⁶³ PELUSO, Marília Luíza. **Brasília: Do mito ao Plano, da Cidade Sonhada à Cidade Administrativa – Espaço e Geografia**. Vol. 6, n. 02, 1:29, 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/39715/30879>. Acesso em: 24 jan. 2023.

⁶⁴ Trecho da música *Dia de graça*, do cantor e compositor carioca Candeia.

seus filhos e netos como seus sucessores intelectuais. Tem gente que não larga o osso! Mas chega. Já passou da hora disso mudar (Mãe Dora).

Incentivo o prosseguimento do assunto porque quero ouvir novamente a opinião dela sobre estudos e acesso ao ensino superior:

A gente só muda por meio da educação e da cultura. Mas não podemos misturar as coisas. Conheço muita gente que estudou muito e não sabe porcaria nenhuma. É uma tragédia! (risos). Estou falando da nossa cultura, múltipla, diversa. Outro dia estava pensando: caramba, já são uns cinco filhos e filhas de Santo no doutorado. Eu acho fundamental o estudo não por causa do título, mas por causa das mudanças que são possíveis fazer a partir dele. Chega de uma educação excludente. Chega das castas que existem no Brasil. Eu quero todo mundo doutor não por vaidade, mas para ajudar a pôr fim nesse projeto político de exclusão que já dura tanto tempo (Mãe Dora).

Mais uma ponderação de Mãe Dora é digna de registro. De acordo com ela, a cordialidade brasileira é um mito. Na realidade, as relações sociais são pautadas em práticas egoístas, comprovando a baixa autoestima do brasileiro. “O que aconteceu com o Lula vem dessa baixa autoestima. Lula é nordestino, semianalfabeto, criado por uma mãe solo, que teve a ousadia de ser presidente da República e ainda deixou uma sucessora mulher”. Para a Ialorixá, o rancor inerente de uma parcela da população também chegou à presidenta Dilma Rousseff. A lógica segregacionista jamais poderia permitir que uma mulher ocupasse o posto político mais importante do país. Sendo assim, não surpreende os ataques machistas e misóginos sofridos por Dilma.

Muitas pessoas que são do Santo não gostam de conversar comigo. Dizem que não podemos misturar religião com política. A Igreja Católica não seria a potência que é se ela não fosse política, né? Disseram que só porque somos pretos, pobres e de religião de matriz africana, não poderíamos fazer política, mas os outros continuam fazendo. Existe até uma bancada evangélica no Congresso Nacional. O pessoal disse que meu discurso é muito ácido, mas não tem como ser diferente se o que eu vejo é totalmente fora daquilo que seria o natural da vida (Mãe Dora).

2.7 Afetos de Doralina

Superquadra Sul (SQS), Setor de Habitações Individuais Norte (SHIN), Setor Hoteleiro Sul (SHS), Comércio Local Norte (CLN) fazem parte da sopa de letrinhas que compõe alguns endereços de Brasília. No lado sul do avião, há o Setor de Diversões *Sul*, mas que ninguém chama por esse nome. O famoso Conic parece uma Torre de Babel por abrigar desde igrejas evangélicas a inferninhos, passando por salões de beleza, óticas, lojas de roupas e consultórios médicos.

Aprendi com a jornalista Conceição Freitas que Conic é, na verdade, um dos 13 edifícios que compõem o paredão de concreto ao lado da Rodoviária do Plano Piloto. Na

crônica *Conic, um labirinto de cultura jovem no centro urbano de Brasília* (2019), Conceição resume bem o clima *cult* do local, décadas atrás:

Ali pelo final dos anos 1960 até o começo dos anos 1980, o Conic era o mais importante centro cultural brasiliense – 10 livrarias, oito cinemas, seis boates, duas saunas e muitos bares, botecos, restaurantes, lanchonetes, escondidinhos. Era como se Machado, Hemingway, Godard, Buñuel, Jean Genet, Madame Satã e a turma do Pasquim frequentassem o mesmo lugar (Freitas, 2019).

O espaço democrático também parecia pertinente para os partidos políticos. Na dissertação *Centro de Brasília: projeto e reconfiguração: O caso do Setor de Diversões Sul – Conic* (2014), Rogério Rezende conta que “o esvaziamento do comércio levou a uma queda no valor dos aluguéis e atraiu para a o setor organizações sindicais e representações partidárias, de direita e esquerda” (p. 66, 2014):

A Associação dos Lojistas, como forma de atrair esses novos inquilinos, implantou a “Tribuna Livre” na Praça do Chapéu, onde era oferecido a infraestrutura - equipamentos de som e luz, para que qualquer segmento da sociedade pudesse se manifestar. A construção de um espaço de manifestação democrática no setor, transformou áreas ociosas em palcos de debate político. O Conic era um território de discussão política numa época em que as opiniões contrárias ao governo vigente não eram bem vistas (Rezende, p. 67, 2014).

Foi nesse cenário onde Doralina deu seu sangue, literalmente, pela democracia no Brasil.

Entre os anos de 1983 e 1984, pessoas de todo país se organizaram em torno do Movimento Diretas Já, que lutava por eleições diretas para presidente e pelo fim do regime militar (Memorial da Democracia, s/d). Em Brasília, as manifestações aconteciam na área central da cidade.

Certa vez, Doralina estava na Esplanada dos Ministérios, pedindo por “Diretas Já”, quando precisou fugir da reação violenta da polícia. Ela correu para o Teatro Nacional e, na sequência, para o Setor de Diversões Sul, o famoso Conic. Lá, ela se abrigou na boate Le Bateau:

Foi uma travesti quem me salvou. Ela me escondeu debaixo de uma pia que tinha na boate. Eu tinha me machucado na Praça do Chapéu, na frente da livraria Galilei. Esperei um tempo e fui pegar o ônibus para Taguatinga na W3 Sul. Só quando o sangue esfriou que eu fui sentir dor. Deu trabalho para estancar o sangue. Até outro dia, ainda tinha a cicatriz na canela. Eu não me arrependo de nada disso (Mãe Dora).

Só que “sustos” como esse não podiam mais fazer da parte da vida de Doralina. Nas eleições de 1989, a primeira com votação direta para presidente, a militante descobriu que estava grávida. “Pensei com meus botões: agora eu tenho um mosquito pra chupar meu sangue, não posso botar em risco a vida do meu filho”. Mãe Dora diz que o clima

nos partidos políticos também colaborou para seu afastamento. Parte da esquerda apoiava a candidatura de Roberto Freire, a outra, de Lula; e o racha desgastou a relação já abalada.

Doralina viajava de ônibus para Goiás, Mato Grosso, Bahia, São Paulo; participava de reuniões “no meio do mato”; e até dormia no chão, se necessário, nos encontros políticos. Mas aquele tempo tinha ficado para trás.

Figura 19 – Mariana e Mãe Dora em frente ao Palácio da Alvorada. Brasília, década de 1990



Fonte: Arquivo pessoal de Mariana Regis

Em maio de 1990, nasceu a primeira e única filha de Doralina, Mariana Regis. A pressão alta da gestante colocou mãe e filha em risco na hora do parto, e foi um empecilho para outras gestações. Ela até cogitou a possibilidade de adotar uma criança, pois queria ter outro filho, porém, o tempo passou, o plano de adoção ficou de lado, e ela acabou tendo filhos de outra maneira: os filhos de Santo.

Eu a provoco: “Agora a senhora está cheia de filhas e filhos de Santo. Tudo dando trabalho”. Ela sabiamente me responde: “Mas também me dão muita alegria. Faz parte.

Tudo faz parte. Às vezes, o filho de Santo dá mais trabalho porque ele nem sempre é compreendido pelo **coletivo**. Aí, é preciso ter mais cuidado, mais conversa, dar mais atenção”.

Hoje, com 33 anos, Mariana é a grande companheira da mãe. Graduada e mestra em história pela Universidade de Brasília (UnB), Nana, como é chamada em casa, é fruto das cotas raciais na instituição. Doutoranda no departamento citado, ela desenvolve atualmente pesquisa sobre a Irmandade da Boa Morte.

Em abril de 1990, a Nana nasceu e eu falei que era o momento de cuidar da minha vida e saí do partido, que já estava deteriorado, cheio de rachas. Minha filha é mais importante do que qualquer coisa. Ela é minha melhor amiga, minha companheira de viagem, um presente. Ela me defende que nem uma leoa. Engraçado: às vezes eu me sinto filha dela. Porque me dá bronca, tem cuidado comigo. Ainda mais agora, que estou mais velha. É um presente de Deus mesmo. Nem sei como seria a minha vida sem ela (Mãe Dora).

Não importa se estão na mesma cidade ou em lugares diferentes, Mãe Dora e Mariana se falam todos os dias por telefone, trocam histórias, risadas, se atualizam do dia a dia delas. Em 2017, a filha foi morar em São Paulo, pois parte do mestrado em História foi cursado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mãe Dora descreve aquele tempo como “muito doloroso” tanto para ela como para Mariana.

Era a primeira vez que ela ia morar fora. Em lugar que ela não gosta. Ela chegou até a adoecer, acho que muito por causa do frio que fazia e da saudade que ela sentia. Mariana vivia doente. Lembro que fui visitá-la lá em Campinas e, quando ela me viu, começou a chorar. Eu a vi chorando de longe, ela de mochilinha nas costas, vindo em minha direção. Naquela noite, ela dormiu agarrada comigo (Mãe Dora).

Mãe Dora chega a contar com tristeza aquele período longe da única filha. Toda vez que ela a visitava, na hora de ir embora era “um Deus nos acuda”: despedida com saudade antecipada e muita melancolia. A matriarca acredita que aquele momento foi um período de teste para que ela sentisse como seria não ter Nana em casa por muito tempo longe. “É muito sofrido ficar muito tempo longe. Uma fica preocupada com a outra. Se existe alga gêmea, nós somos”.

Mariana é maravilhosa. Uma historiadora fodona. A gente cria filha pra ser melhor do que a gente. É isso: acho que Mariana ser historiadora é um sonho meu e do pai dela. Na verdade, um sonho dela fazer qualquer profissão que Nana fosse boa. Isso sempre foi uma exigência nossa: ser a melhor na profissão que escolhesse. Também tem a coisa dela ser independente. Hoje, ela não mora mais aqui. Gosto de vê-la cuidando da própria vida, pagando as contas... É muito bom, pois é sinal de que a gente criou a Nana muito bem. O meu maior orgulho é não ter criado uma filha fascista, que não entendeu nada da minha luta e da luta do pai dela (Mãe Dora).

Outra pessoa essencial na vida pessoal de Mãe Dora é Marcelo Regis, seu companheiro há mais de 30 anos. Eles se conheceram por Wellington Lourenço de Almeida amigo em comum dos dois. Ex-estudante de arquitetura e de artes plásticas na Universidade de Brasília, Marcelo acabou se formando na área da informática e hoje é servidor do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Porém, quem chegar agora no Ilê Axé T'ojú Labá, encontrará Pai Marcelo, o Ogã do terreiro. Feito no Santo há décadas, Pai Marcelo é conhecido pela inteligência e intuição afiada. É capaz de conversar sobre softwares, futebol, receitas de doces e artes no geral. Ao lado de Mãe Dora de Oyá, Pai Marcelo forma a base estrutural-afetiva do Ilê Axé T'ojú Labá.

Wellington e Marcelo militavam juntos no Partido dos Trabalhadores (PT) e os três almoçavam quase todos os dias no mesmo lugar, perto da saudosa livraria Galileu, no Conic. Aquele local, ao lado da Praça do Chapéu já citada, era o coração da esquerda brasileira, abrigando sedes do Partidão e do PT.

Confesso que agora não lembro se foi em um almoço ou em uma cervejada no Conic. Sei que conheci Marcelo ali, porque a gente não saía de lá. Wellington era um menino muito bonito e noivo da Simone, cujo pai tinha uma das maiores redes de calçados de Taguatinga. E todo mundo era muito amigo. Isso já tem uns 35 anos...É chão, filha. Muito chão (Mãe Dora).

Figura 20 – Mariana Regis, filha única de Mãe Dora de Oyá, e Marcelo Regis, companheiro da Ialorixá há mais de 30 anos



Fonte: Arquivo Pessoal de Mariana Regis

2.8 A casa com cinco pilastras

Mas tudo mudou no final de 1996, quando Doralina deu início ao processo para se tornar Mãe Dora de Oyá. “Eu tentei escapar de tudo quanto era jeito, mas não deu. Uma hora tem que fazer o santo”, ela diz. Os muitos anos na Umbanda trabalhando com o Caboclo Ventania e com a pomba-gira Dona Maria Padilha não foram suficientes⁶⁵. Era preciso que Doralina fosse para um terreiro de Candomblé para ser iniciada na religião.

Eu achava que estava tudo certo até o dia que eu levei minha sogra para fazer um jogo de búzios com um Pai de Santo lá de Águas Lindas (GO). Quando chegamos lá, deu uma ventania que saiu destruindo tudo. O Pai de Santo começou a jogar para ela e me chamou: “Olha, esse jogo só tá saindo pra você. Era para você ter feito o santo há muito tempo. Você está no atraso. Você tem caminho de Mãe de Santo. Não tem como fugir”. Eu disse: “Deus me livre!”. Desse jeito mesmo. Só que a partir disso, comecei a passar muito mal (Mãe Dora).

De uma hora para a outra, Doralina se sentia mal, com febre no corpo e ela ficava de cama. Vários dias de trabalho foram perdidos por causa do mal-estar – aparentemente sem causa médica. O jogo de búzios confirmou: era o Santo pedindo para ser feito. Ela seguia firme na decisão de não fazer e foi avisada: “Vai continuar passando mal”. Foi quando o ombro de Doralina “caiu”:

Eu tive uma artrose acromioclavicular (artrose no ombro) do nada. Primeiro, foi no ombro direito e eu consegui me recuperar muito mais rápido do que o médico imaginou. Voltei a trabalhar. Pouco tempo depois, foi a vez do ombro esquerdo. Era como se ele “caísse”. Eu não conseguia fazer nada, inclusive trabalhar. Acabou que eu tive que fechar meu consultório que era lindo, com vários móveis da Tok&Stok. Fiquei cinco meses com tipoia para só depois operar. Acreditei que se eu passasse a frequentar o terreiro de Candomblé a situação seria acalmada. Ledo engano. Mas não teve jeito. A pessoa é para o que nasce (Mãe Dora).

Quando a primeira artrose apareceu, apesar dos comentários médicos não serem nada animadores, surpreendeu a todas – principalmente as especialistas. O tempo para recuperação foi muito mais rápido do que o previsto e Doralina pode voltar a trabalhar. Ela era, há mais de uma década, era fisioterapeuta dermatofuncional. De acordo com a Associação Brasileira de Fisioterapia Dermatofuncional (ABRAFIDEF), as profissionais da área “atuam em disfunções que afetam direta ou indiretamente a pele, visando fundamentalmente atuar diretamente na capacidade funcional do indivíduo” (Abrafidef, s/d):

⁶⁵ É comum que algumas pessoas umbandistas sejam convocadas pela espiritualidade para ir ao Candomblé. No Candomblé, há rituais que não são realizados da Umbanda, por isso, a possível necessidade na mudança de religião.

Inicialmente a área era designada de “Fisioterapia Estética”, mas o termo não contemplava todo o espectro de atuação da área, a qual envolve todas as disfunções do tegumento, e muitas outras endócrino-metabólicas, além de alterações não estritamente estéticas.

Diante desta nova realidade e de uma reflexão por parte de profissionais que atuam na área, optou-se pela designação “Fisioterapia Dermatofuncional (ABRAFIDEF, s/d).

A maior parte da clientela era formada por pessoas das classes A e B de Brasília. Doralina vivia um momento muito bom na carreira, contudo, não seria mais possível fugir do chamado espiritual. Foi quando a segunda artrose apareceu no outro ombro e a saúde ficou muito debilitada.

Certa noite, Doralina sonhou com alguém dizendo: “Na terra que eu vou lhe dar, ninguém passa fome. Lá, tem uma casa com cinco pilastras”. No dia seguinte, o corpo pegando fogo de febre, ela recebe uma ligação que mudaria sua vida para sempre. Era um amigo dizendo que tinha uma propriedade à venda próxima ao Jardim ABC, divisa de Goiás com o Distrito Federal. Chegando lá, o terreno tinha mangueiras, goiabeiras e uma casa com cinco pilastras amarelas. E o mais importante: Seu Ventania estava sentado na copa de uma árvore imensa, dentro do terreno. Não havia dúvidas: ali seria o local do Ilê Axé T’ojú Labá.

Os anos de chumbo deixaram algumas marcas na jovem Doralina, como a cicatriz na canela – resultado de uma fuga da polícia na área central de Brasília. Foram anos de muito aprendizado e essenciais para o que viria adiante: o casamento com Marcelo, o nascimento da única filha Mariana e a transformação de Doralina em Mãe Dora de Oyá.

Os novos rumos do Partidão e a gravidez tiraram Doralina da política partidária. Anos depois, já como Mãe Dora, ela levou sua defesa por direitos humanos para dentro do Ilê Axé T’ojú Labá, onde fez da valorização da ancestralidade e da religiosidade a ordem do dia.

3 ESSE SOM VEIO DE LONGE⁶⁶

*Esse som veio de longe
Da senzala pro altar
Seu Ogã foi preparado
Foi nas Águas de Oxalá*

*Ô, curimbeiro
Segura a curimba de lá
Pisa na pomba, menino
Que o santo vai te pegar*

Curimbeiro, música de Mãe Dora de Oyá

Consultório com móveis da Tok&Stok, trocar de carro todo ano, fazer a unha duas vezes por semana. Tudo ficou para trás. Dezesesseis anos se passaram desde aquele dia em que Doralina se tornou definitivamente Mãe Dora de Oyá, a chefe do Ilê Axé T'ojú Labá. A partir dali ela trocou os atendimentos fisioterapêuticos pelos atendimentos espirituais e criou iniciativas como o projeto ABC Musical, o grupo de samba Filhos de Dona Maria e o Afoxé Ogum Pá.

O terreno com a casa de cinco pilastras mudou bastante desde a chegada de Mãe Dora. Atualmente, quem chega lá encontra a casa de Mãe Dora, o barracão em tons de azuis e as casas do caseiro; de Oyá (Orixá da Ialorixá); do Caboclo Ventania; de Dona Maria Padilha das Sete Encruzilhadas; e dos demais Orixás cuidados no Ilê Axé T'ojú Labá. Como o prometido por Seu Ventania, há plantas e árvores frutíferas diversas. A época das mangas é a mais disputada pelas filhas e filhos de Santo, que saem de lá com sacolas cheias de frutas recém-caídas do pé.

A cozinha da roça (como muitos terreiros de Candomblé são chamados) é sempre o lugar mais cheio. Ao lado, está o sabagi (quarto que precede o roncó) e o roncó (onde as filhas e filhos ficam durante a iniciação). É comum a visita dos cachorros da casa e de passarinhos no barracão, decorado com uma representação de Iansã em grafite.

É possível dizer que o barracão é o coração do terreiro. O local é o espaço onde acontecem os rituais religiosos, o repasse de fundamentos da religião, as aulas do ABC Musical e os ensaios do Afoxé Ogum Pá.

Mas antes de contar as histórias desses projetos, quero mostrar um pouco mais de Mãe Dora, ativista que é botafoguense roxa e fã do Chicago Bulls.

⁶⁶ *Curimbeiro*, música de Mãe Dora de Oyá que está no disco *Todos os prazeres* do grupo Filhos de Dona Maria.

Figura 21 – Mãe Dora passa alguns fundamentos do Candomblé para suas filhas e filhos de santo, abril de 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Mãe de Deus Brito

3.1 Chicago Bulls, Botafogo e Portela

Mãe Dora tem algumas paixões. Sem dúvidas, uma das mais curiosas é a que envolve Chicago Bulls. O famoso time de basquete estadunidense existe desde 1966, mas apenas em 1984 começou a trilhar sua história de sucesso (Espn, 2021). Naquele ano, os Bulls perderam para o Boston Celtics (do famoso jogador Larry Bird), mas ainda assim Jordan fez um jogo histórico: garantiu 63 pontos sem nenhuma bola de 3 pontos (pois naquela época existia). Após a partida, Bird afirmou ter visto “Deus disfarçado de Michael Jordan” em quadra (Ibid.).

Não por um acaso, para Mãe Dora, Jordan é o maior jogador dos Bulls mesmo sabendo que “ele não jogava sozinho”. Ela diz que o jogador “tinha uma inteligência para o basquete impressionante. Era um sujeito que não admitia perder nunca. Mas ele teve parceiros que ajudaram ele a ser esse Deus do basquete, como Scottie Pippen e o Dennis

Rodman”. É uma experiência única ouvir Mãe Dora falar de basquete. Na verdade, sobre qualquer esporte. É comum chegar na casa dela e encontrá-la vendo canais de esporte TV. Basquete, vôlei, futebol. A matriarca está conectada com tudo.

Ela continua a falar sobre “os maiores” do Chicago Bulls. O ala-pivô Dennis Rodman, por exemplo, foi “o maior defensor da liga e como ele não teve outro igual”. Ela assegura que vai demorar a aparecer outro jogador como Rodman, pois ele era “subversivo ao extremo”. O jogador causou alvoroço dentro e fora das quadras. Ele já jogou com a boca pintada de batom e com os cabelos pintados de diferentes cores e com diversos desenhos (Globo Esporte, 2020); apareceu no lançamento de sua biografia vestido de noiva; e foi casado por apenas nove dias com a atriz Carmen Electra.

Ele era da pá virada. Todo errado: Não treinava, era cachaceiro, chegava no estádio vestido de pijama, era *bad boy*. Rodman entrava em quadra e fazia o diabo. Defendia o time dele como se fosse um prato de arroz e feijão. Brigava com todo mundo. Eu era muito fã dele. Era não porque ele está vivo. Eu sou fã dele, que agora deve estar com uns 62 anos... Rodman está novo. Todos eles são muito novos. Michael Jordan está com 60 e Scottie Pippen, com 57. Por causa das lesões, a carreira se torna muito curta. Daí, surgem os jogadores novinhos, com 17, 18 anos (Mãe Dora).

Mãe Dora reclama que há anos não tem um título pelo Chicago Bulls e pelo Botafogo, seu time do coração no futebol. No início de setembro de 2023, o Botafogo de Futebol e Regatas era líder do Campeonato Brasileiro com uma campanha impressionante: apenas três derrotas em 22 partidas. “Estou apostando muito na vitória do meu time que tanto me faz sofrer”, ela fala, dando risadas. A baiana de Riachão das Neves aprendeu a ser botafoguense com o tio Wilson – aquele, integrante do Partido Comunista.

Eu ouvia os jogos pelo radinho, o narrador falando das pernas tortas do Garrincha. Eram muito engraçadas as transmissões no rádio. Ficava encantada com a história da Estrela Solitária. Por volta de 1978, teve um jogo do Botafogo no Gama (cidade que integra o Distrito Federal) e o meu tio me levou. Vi o Garrincha e Nilton Santos jogarem. Que sorte! As pernas do Garrincha eram tortas para o mesmo lado, né? Nunca tinha visto algo do tipo. O cara dava drible de cinco minutos no jogador adversário. Era um negócio de louco. Muito bom. Não tinha nada que me fizesse mudar de ideia: eu sou apaixonada pelo Botafogo e não tem jeito (Mãe Dora).

Além do Chicago Bulls e do Botafogo, a Portela tem um lugar especial no coração de Mãe Dora.

No livro *A força feminina do samba* (2007), lançado pelo então Centro Cultural Cartola (hoje, Museu do Samba), há diversos perfis de mulheres importantes para o

mundo do samba, como Tia Ciata, dona Zica, Tia Surica e Vilma Nascimento, que fez história na Portela como porta-bandeira e encantou Mãe Dora à primeira vista.

O texto conta que aos seis anos Vilma já desfilava no bloco Unidos de Santa Clara, em Madureira (Zona Norte do Rio), e, aos 11, saiu pela primeira vez como porta-bandeira pela União de Vaz Lobo, agremiação quase vizinha da Unidos de Santa Clara e da Portela. Aos 19, Vilma saiu como primeira porta-bandeira da Portela, escola em que desfilou até 1979 – depois de alguns momentos de distanciamentos e reaproximação com a azul e branca.

A importância da porta-bandeira para a agremiação é narrada no livro com um episódio curioso da década de 1960:

[...] Atrasada para um desfile na avenida Rio Branco, Vilma Nascimento seguia para o local e ouviu no rádio do táxi que a saída da escola tinha sido impedida a pedido de Natal, para que a pista fosse limpa. Ao chegar à concentração, encontrou um carro alegórico atravessado na pista, aparentemente, com a roda quebrada. O presidente da Portela, ao ver a chegada da sua nora e porta-bandeira, determinou ao pessoal da escola: “Pode botar a roda que a Vilma já chegou” (Macedo, 2007, p. 37).

Vilma Nascimento encantava muita gente, até mesmo quem estava a quilômetros de distância da Marquês de Sapucaí. Uma das pessoas hipnotizadas pelo Cisne da Passarela, como era conhecida a porta-bandeira, é Mãe Dora de Oyá. Foi por causa de Dona Vilma que ela se tornou portelense:

Eu era menina e, se não me engano, a TV Manchete tinha um programa com desfile das porta-bandeiras. Em um daqueles programas vi Dona Vilma Nascimento, seu Monarco...Paulinho da Viola era menino. Vi Dona Vilma e fiquei apaixonada. Eu não me ligava muito com escola de samba. Tinha o lance dos LPs que saíam todo ano, eu gostava da Portela porque achava bonito, mas quando dia aquela porta-bandeira tudo mudou. Ela simplesmente levitava. Sempre gostei muito de dança e fiquei apaixonada com o que vi (Mãe Dora).

Muitos anos depois daquele episódio que transformou Mãe Dora em portelense, a matriarca conheceu a porta-bandeira por pessoas em comum. Em julho de 2023, em uma ligação de vídeo, Dona Vilma Nascimento convidou Mãe Dora para ir ao Carnaval de 2024 e ver a Portela desfilar o enredo *Um Defeito de Cor*, de André Rodrigues e Antônio Gonzaga, inspirado no livro homônimo de Ana Maria Gonçalves.

“Ela disse que eu sou a convidada especial. Imagina eu entrando na Marquês de Sapucaí com Dona Vilma, maravilhosa?!”, finaliza a portelense fã do Chicago Bulls e apaixonada pelo Botafogo.

3.2 A menina dos olhos de Oyá⁶⁷

É bonito ver Mãe Dora de Oyá sendo reconhecida pela sua atuação sociopolítico-cultural-religiosa. Em 2021, quando a pandemia deu sinais de melhora, ela foi homenageada na Escola Municipal Albino Batista Ferreira, na Cidade Ocidental (GO). O tema era *Afrobrasilidade* e a matriarca foi convidada para falar sobre sua experiência de ser uma mulher negra de axé. Pela imagem é possível perceber a alegria da garotada gostou da presença de Mãe Dora:

Figura 22 – Mãe Dora homenageada em uma escola pública, em 2021



Fonte: Arquivo pessoal de Mãe Dora de Oyá

Quatro anos antes, ela foi reconhecida pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI, Universidade de Brasília), como Mestra de Saberes Tradicionais e, em 2019, recebeu o Prêmio Paulo Freire de Educador Social pelo projeto ABC Musical. Em 2022, foi a vez da Ialorixá subir no palco do auditório do Museu Nacional da República para ter sua vida celebrada. Ela foi uma das 50 mulheres negras homenageadas. A distinta *lista negra* também trouxe

⁶⁷ Música de Tatinho da Mangueira, mencionada do samba-enredo de 2016 da Estação Primeira de Mangueira.

nomes como Mãe Baiana (DF), Nilcemar Nogueira (RJ), Kátia Tapety (PI), Sueli Carneiro (SP), Cida Bento (SP) e Francia Marquez (Colômbia) (G1, 2022).

Em abril de 2022, Mãe Dora foi uma das atrações do *Boteco da Diversidade*, no Sesc Pompeia (SP), com o tema *Afrodiaspora*. O evento relembrou o “processo de travessia forçada de povos africanos ao Brasil no período da escravidão e, ao mesmo tempo, celebram a pluralidade das manifestações culturais e simbólicas oriundas desses povos, que se tornaram parte essencial da cultura brasileira” (Portal Geledés, 2022).

O encontro contou com a participação de Mãe Dora, da percussionista e pesquisadora Adriana Aragão; da poeta e professora Leda Maria Martins; e de Simone Tobias, que já foi Passista, Chefe de Ala, Diretora e Presidente da Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, em São Paulo.

Figura 23 – Mãe Dora no projeto *Boteco da Diversidade*, na Comedoria do Sesc Pompeia (SP), em abril de 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Mãe Dora de Oyá

Além da inesquecível participação na posse das ministras Sonia Guajajara e Anielle Franco, Mãe Dora ganhou o IV Prêmio Marielle Franco de Direitos Humanos da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do Distrito Federal e foi selecionada como conselheira titular do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do DF (Condepac) no triênio 2023-2026 (Agência Brasília, 2023).

Em entrevista feita por mim, para a revista *Traços* (2023), ela descreveu a sensação diante de tantos episódios importantes:

[...] Pensando com calma, percebo que foi uma grande caminhada até chegar aqui. Cada uma tem a sua trajetória e a gente só a cumpre. Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Cida Bento são exemplos de mulheres que fizeram o que tinham que fazer. Elas não pensavam em recompensas ou no sucesso. Não é arrogância. Orixá é sábio e para tudo tem seu tempo. Veja como nada é por acaso: em novembro de 2022, o Afoxé Ogum Pá foi convidado para tocar no Centro de Ensino Médio EIT, mais conhecido como CEMEIT, em Taguatinga. O espaço é tombado, mas abriga o Centro Cultural Teatro da Praça, do qual eu sou uma das fundadoras. Estudando as leis do DF, descobrimos uma maneira de reformar o Teatro sem ferir as leis do tombamento (Brito, 2023, p. 29-30).

Figura 24 – Mãe Dora com a professora e intelectual Sueli Carneiro durante o Festival Latinidades, em 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Máira de Deus Brito

Figura 25 – Mãe Dora e o deputado distrital Max Maciel (PSOL) na Câmara Legislativa do DF, em 13 de abril de 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Carolina Tolosa

3.3 ABC Musical, música na periferia

Mãe Dora não vive sem música e conhece a força dos toques e dos acordes. Por isso, em 2014, ela criou o ABC Musical, projeto pensado nas crianças e adolescentes do Jardim ABC, bairro da Cidade Ocidental que faz divisa com Santa Maria, bairro do DF onde está o Ilê Axé T’ojú Labá. O Jardim ABC fica a 45 quilômetros de Brasília; 20 do centro da Cidade Ocidental; e a 10 do Quilombo do Mesquita.

De acordo com o Censo 2022, a localidade tem 91.767 pessoas, cujo salário médio mensal dos trabalhadores formais é de apenas dois salários-mínimos. Os números sobre meio ambiente e estrutura também são preocupantes: “Apresenta 55,4% de domicílios

com esgotamento sanitário adequado, 21,1% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 13,5% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio)” (IBGE).

No ABC Musical, a garotada entre 3 e 17 anos tem a chance de conhecer a cultura afro-brasileira, como samba, samba de roda e maracatu, entre outros ritmos, valorizando e preservando as tradições e heranças dessa matriz cultural. Mas não apenas isso. Por ter foco nos jovens em situação de vulnerabilidade social, as atividades incluem ações que possam fortalecer a identidade racial e autoestima de cada uma e de cada um.

A iniciativa é totalmente independente, ou seja, não tem apoio de governos ou instituições particulares, e depende de doações e do valor arrecadado na feijoada beneficente promovida pelo terreiro semestralmente. Nesse momento, o ABC Musical está suspenso porque ainda não há dinheiro suficiente para garantir transporte, alimentação e material didático. Porém, a ideia é retornar às atividades o quanto antes.

O projeto acontece semanalmente, aos sábados, das 9h às 12h. Os professores voluntários são filhos de Santo da casa ou mestres tradicionais e oficinairos de outros locais do Brasil que passam pelo terreiro. O Ilê Axé T’ojú Labá é uma casa com muitos músicos e isso facilita ter com quem contar para mostrar teorias e práticas musicais para os jovens. Uma coisa importante em destacar é fato de que apesar do ABC Musical acontecer no terreiro e ter como professores alguns filhos de Santo, nenhuma criança e adolescente é obrigada a ter como religião o Candomblé. A liberdade é algo muito importante para todos nós (Mãe Dora).

O início do projeto também passou por desafios pessoais de Mãe Dora, que venceu um câncer de mama e um câncer na tireoide, na sequência. O mal-estar das medicações, o inchaço, a perda de cabelo não foram mais fortes do que a alegria e a esperança que a garotada emanava para ela. Mãe Dora diz que a presença das crianças foi fundamental para passar por aquele momento tão delicado.

Mesmo com vários contratempos, o projeto tem se mostrado exitoso. Dois jovens que chegaram crianças no ABC Musical entraram para a concorrida Escola de Música de Brasília (EMB) e outras são integrantes do Afoxé Ogum Pá. Depois de retomar as aulas, Mãe Dora espera colocar em prática outro sonho que envolve a garotada do Jardim ABC: construir uma escola para a turma. Diante de tanto feitos ao longo dos 66 anos, não soa impossível realizar mais um desejo.

3.4 “Esse som veio de longe”⁶⁸: Filhos de Dona Maria ganham o mundo

Costuma-se chamar de *atendimento* os dias em que os terreiros abrem para o público externo. As entidades, como Pretas-velhas, Caboclos e Erês, descem à terra e as médiuns as incorporam, possibilitando a comunicação e o repasse de conselhos e avisos.

Foi de um atendimento em 2011 que nasceu o grupo Filhos de Dona Maria. Dona Maria Padilha das Sete Encruzilhadas, Pomba-gira de Mãe Dora de Oyá, veio para dizer que o encontro de Amílcar Paré, Artur Sena, Khalil Santarém e Vinícius de Oliveira não era por acaso. Aquele quarteto estava predestinado a cantar samba chula, ijexá e jongo, entre outros ritmos. Era preciso que as pessoas relembassem os sons da ancestralidade. Como explica Khalil é “dos tambores e temperos do terreiro de candomblé que vêm a inspiração dos Filhos de Dona Maria”.

Quando cheguei na roça [terreiro], só tocava Choro profissionalmente. Era o começo dos meus estudos com o cavaquinho com afinação de bandolim, em casa, por conta própria. Sempre que Dona Maria Padilha vinha, falava desse tal grupo, mas eu não pensava nada a respeito porque na minha cabeça eu não tinha nada a ver com a história, afinal de contas, eu não tocava samba e tinha uma galera com muito mais experiência que eu lá [no terreiro]. Em uma dessas vindas, Dona Maria falou de novo do lance do grupo, pegou no meu ombro e disse: “Esse aqui tá no grupo”. Acho que como era uma coisa meio distante na minha cabeça eu nem soube muito bem como reagir. Só depois de um certo tempo e com o grupo já rolando é que eu fui começar a entender algumas coisas. Assim como tô entendendo até hoje. A sensação é de **missão** de vida mesmo. Sinto que estou numa **missão** junto com ela e com todo mundo que faz parte desse trabalho (Khalil Santarém).

Os primeiros shows aconteceram no Balaio Café. O bar-restaurante-café ficava na 201 Norte (Brasília) e lotava toda quinta-feira com um público ansioso para ouvir o repertório único que grupo tocava.

O biênio 2015-2016 foi muito importante na história dos Filhos de Dona Maria. Primeiro, veio o lançamento do disco de estreia. *Todos os Prazeres* tem a marca registrada do DF: foi gravado no estúdio Mix Master (em Planaltina) e é formado por composições dos integrantes do grupo (exceto *Tia baiana*, até então, inédita de Wilson Moreira). No disco, estão *Curimbeiro*, *Clareia minha mãe* e *Salve Dona Maria*, sucessos do grupo assinados por Mãe Dora de Oyá. Há participações muito especiais no disco, como Afoxé Alafin Oyó na faixa *Guardião das Leis*; Wilson Moreira (1936-2018) em *Tia Baiana*; e Fabiana Cozza em *Besouro Mangangá* – canção vencedora na categoria música com letra no Festival de Música da Nacional FM, em 2013.

⁶⁸ Trecho da música *Curimbeiro*.

No ano seguinte, o quarteto passou pelas cidades de Beira e Maputo, pelo Festival Nacional de Cultura de Moçambique; e em Olinda (PE), na Noite do Cabelo Pixaim – Festival de Música do Afoxé Alafin Oyó.

Figura 26 – A primeira formação do grupo Filhos de Dona Maria com Khalil Santarém, Vinícius de Oliveira, Arthur Sena e Amílcar Paré



Fonte: Guto Martins

A lista de palcos por onde o grupo passou é extensa: Festival Satélite 061, Réveillon de Brasília na Praça dos Orixás, Festival Latinidades, Festival Abre Caminhos, Festival Internacional de Percussão São Batuque, e Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Em 2023, com a nova formação (atualmente apenas com Amílcar Paré na voz e violão e Khalil Santarém, na voz e cavaquinho), eles fizeram uma apresentação inesquecível no Festival Favela Sounds, ao lado do cantor e compositor Toninho Geraes.

A música mais conhecida de Mãe Dora é *Curimbeiro*, música que ela compôs para o Ogã Amílcar Paré. Na letra é possível ver referências às funções dos Ogãs – como tocar os tambores sagrados Rum, Rumpi, Lé –; às obrigações da religião (*Águas de Oxalá* é um ritual anual de purificação, renovação); e aos tipos de toques existentes na religião:

*Ô, curimbeiro
Segura a curimba de lá
Pisa na pamba, menino
Que o Santo vai te pegar*

*Curimbeiro chegou na roça
Foi preparado pra tocar
Menino entrou na roda
Foi pedindo pra dançar
Se não tem medo de santo*

*Pode entrar, pode chegar
Menino, pisa na pomba
Que o santo vai te pegar*

*Esse som veio de longe
Da senzala pro altar
Seu Ogã foi preparado
Foi nas Águas de Oxalá
Toca Angola, toca Ketu
Toca Jêje e Nagô
Sua mão foi preparada
Pra tocar esse tambor*

Feita em parceria com Vinícius de Oliveira, *Clareia minha mãe* é uma bonita homenagem à Iansã (Oyá), Orixá de Mãe Dora:

*Dança cantiga de roda
Clareia que eu quero ver
Clareia que eu quero ver
Clareia bambeia*

*Bate na palma na mão
Rodeia que eu quero ver
Rodeia que eu quero ver
Rodeia bambeia*

*Raio no céu surgiu
Foi Iansã que chegou
Clareia minha mãe, clareia
Clareia por onde for
Clareia minha mãe, clareia
Clareia com seu amor*

*Teu manto nos cobre e nos guia
É força pro dia a dia
Clareia minha mãe, clareia
Tua luz nos ilumina
Clareia minha mãe, clareia
As armadilhas dessa vida*

Salve Dona Maria encerra o disco e os shows do grupo. A música é na verdade um ponto (canto específico de terreiros) que Dona Maria Padilha pediu para que fosse cantado ao final de cada apresentação. É uma música curta, mas de grande força:

*Agradecemos essa luz, essa magia
Essa luz, divina guia
E o carinho de vocês*

*Muito obrigado, essa luz divina guia
Se despedem de vocês os Filhos de Dona Maria*

Figura 27 – Khalil e Amílcar em frente à casa de Dona Maria Padilha no Ilê Axé T’ojú Labá: a formação atual dos Filhos de Dona Maria



Fonte: Thaís Mallon

A composição mais recente de Mãe Dora no repertório do grupo é *Casal do Dendê*, feita durante a pandemia. A Ialorixá participou de dezenas de lives sobre música, cultura e religiosidade e apresentou, naquela época, a novidade para o público. Com o retorno dos shows, os Filhos de Dona Maria agregaram ao seu repertório. Na letra, alusões aos domínios de Iansã e Xangô (conhecido como casal do dendê):

*Quarta-feira
De trovão e ventania
Logo ao romper do dia
Vou fazer meu acará*

*Soprar pemba
Para a vida melhorar
Vou rodar um amalá
Ao meu santo protetor*

*Vai ter mandinga
Muita reza, encantaria
E se a banda virar
Vou chamar Dona Maria*

*Eu tenho fé em Oyá, Eu tenho fé em Xangô
Kaô Kabecilê Kaô*

3.5 Não foi em vão a luta de Katendê⁶⁹: o Candomblé na rua com o Afoxé Ogum Pá

A vontade de criar um Afoxé ocupava há certo tempo as ideias de Mãe Dora de Oyá. Mas ela não tinha ideia como começar. Sua filha Mariana e seu filho de Santo Khalil Santarém tinham uma proximidade grande com a música de Pernambuco e com grupos do estado, como o Afoxé Alafin Oyó. Em uma conversa corriqueira, um dos integrantes do Afoxé de Olinda chamou a atenção de Mãe Dora: havia um Mestre Alabê (Ogã responsável pelos instrumentos musicais sagrados do Candomblé) no Ilê Axé T'ojú Labá, ou seja, existia alguém com a habilidade necessária e a autorização espiritual para cuidar dos toques do Afoxé. Realizar o desejo da Ialorixá já tinha meio caminho andado.

Não passou muito tempo e Mãe Dora de Oyá organizou suas filhas e filhos de santo, e algumas crianças e adolescentes do projeto ABC Musical: quem tinha mais habilidade com os movimentos corporais foi para a ala de dança; quem sabia cantar, ocupou os microfones; e o restante da turma foi para os agogôs, xequerês, congas tantãs, timbaus e atabaques.

E foi justamente o Afoxé Alafin Oyó que batizou o Afoxé Ogum Pá. Em julho de 2017, em uma apresentação inesquecível no então Círculo Operário do Cruzeiro (DF), os dois grupos tocaram juntos e selaram uma parceira que dura até hoje.

O Afoxé Ogum Pá não existe sem Mãe Dora. Os fundamentos que fazem ele funcionar e permitem suas idas e vindas, é de responsabilidade dela – que também opina no repertório, nas coreografias e no figurino. A identidade visual do grupo nasceu das ideias de Mãe Dora de Oyá.

Para entender melhor a atuação do Afoxé Ogum Pá é preciso explicar o que são os Afoxés. Afoxés são manifestações culturais-religiosas que levam o Candomblé para a rua. Algumas músicas /cânticos são exclusivas de terreiros, ou seja, só podem ser executadas em um espaço e em um momento específico. Por isso, existem canções com autorização espiritual para serem cantadas em ruas, cortejos e palcos.

⁶⁹ Trecho do enredo *As Áfricas que a Bahia canta*, da Estação Primeira de Mangueira em 2023.

Os mais conhecidos são o Afoxé Filhos de Gandhi (BA e RJ), Afoxé Alafin Oyó (PE) e Afoxé Oxum Pandá (PE).

Recentemente, a memória do Afoxé Badauê foi retomada, infelizmente, por causa da morte de Mestre Moa do Katendê. Capoeirista, compositor e percussionista, Mestre Moa é um dos fundadores do Afoxé Badauê e foi assassinado, aos 63 anos, com 12 facadas no dia 8 de outubro de 2018. O motivo escancara o Brasil dos últimos tempos: o extremismo das desavenças políticas. Naquela madrugada, pós-eleições do primeiro turno, Mestre Moa se manifestou contra o candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro (PSL) e foi morto por Paulo Sérgio Ferreira de Santana, de 36 anos (G1 BA, 2018).

Na dissertação “*Pra te Lembrar do Badauê...*”: *O Mensageiro da Alegria em uma viagem pelos Lonãs Iyês (Caminhos da Memória) do Mar Azul – Espaço, Tempo e Ancestralidade*, José Francisco de Assis Santos Silva lembra a humildade de Mestre Moa e da essência **coletiva-comunitária** na criação do Afoxé Badauê:

Cabe aqui frisar, no entanto, que Moa do Katendê, em dado momento, posiciona-se de maneira desapegada quanto a paternidade exclusiva do Badauê. Môa reconhece que o afoxé foi fruto de uma construção coletiva e que todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que ele acontecesse, poderia ser considerado dentre os seus criadores. Essa noção de coletividade acaba por reforçar a proximidade entre o Badauê e a Tropicália, já que neste movimento e em seus afluentes, percebemos que o coletivismo era preponderante, vide a existência, naquela época de coletivos como, os já citados Doces Bárbaros, Novos Baianos, A Cor do Som, e de outros do cenário nacional, como Os Mutantes, Secos e Molhados, dentre outros (Silva, 2017, p. 85)

Em 2023, a Estação Primeira de Mangueira desfilou como enredo *As Áfricas que a Bahia canta*. No samba⁷⁰, a Verde e Rosa também homenageou Mestre Moa:

*Traz o padê de Exu
Pra mamãe Oxum tocar o ijexá
Rua dos Afoxés, voz dos Candomblés
Xirê de Orixá*

*Deusa do Ilê Aiye, do gueto
Meu cabelo black, negão, coroa de preto
Não foi em vão a luta de Katendê
Sonho Badauê, revolução Didá
Candace de Olodum, sou de balê de Ogum
Filhos de Gandhi, paz de Oxalá*

⁷⁰ De autoria de: Alexander Santos, Lequinho, Gabriel Machado, Guilherme Sá, Júnior Fionda, Paulinho Bandolim, De Mangueira, marquinho art'samba, Dowglas Diniz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xgHjO4-YaaY>. Acesso em: 01 out. 2023.

A letra lembra a importância de alimentar quem come primeiro (nos rituais afro-brasileiros que envolvem comidas, Exu, o mensageiro entre o Orun e Aiyê, é quem come antes de todos os outros Orixás); o Ijexá, ritmo de Oxum que conduz os Afoxés pelo Brasil; como ao tocar em espaços públicos os Afoxés fazem uma espécie de *Xirê além-terreiros*; e homenageia Mestre Moa do Katendê, o Afoxé Badauê, o Bloco Didá (composto só por mulheres instrumentistas), o Bloco Olodum e o Afoxé Filhos de Gandhi.

Ao pensar na caminhada do Afoxé Ogum Pá, batizado pelo Afoxé Alafin Oyó em 2017, um ano antes a morte de Mestre Moa, é possível afirmar sem dúvidas: a luta dele não foi em vão.

Figura 28 – Afoxé Ogum Pá na abertura do Festival Favela Sounds, novembro de 2019



Fonte: Rômulo Juracy/Reprodução

Dedicado à divindade Ogum Mejê, o Afoxé Ogum tem, atualmente, cerca de 20 integrantes distribuídos nas alas de canto, dança e percussão. No repertório, comandado pelo Mestre Alabê Wellington Nascimento, há músicas populares e autorais tradicionais do ritmo Ijexá e sambas e suas variações, como samba de roda e samba reggae. As coreografias são todas criadas pelo coordenador da ala de dança, Nei Cirqueira, que une ritmos afro-brasileiros com elementos teatrais.

Nas apresentações, outro elemento se distingue no Afoxé Ogum Pá: as roupas e os instrumentos. Mãe Dora idealiza e os integrantes colocam a mão na massa para realizar. Phelipe Cunha, filho de Santo e integrante, detalha o processo:

Outra ação desenvolvida são as atividades artesanais para a produção de toda a indumentária utilizada nas apresentações do Afoxé. Desde o desenho dos figurinos à confecção de cada uma das peças, os elementos específicos de cada ala e de cada apresentação, adereços, cenário, são confeccionados artesanalmente por toda a comunidade do terreiro. E a confecção de alguns instrumentos como Agogô e Agbê que também são feitos artesanalmente pela comunidade do terreiro, além de toda a técnica de manutenção de instrumentos que foram doados e/ou comprados, como a troca de pele dos instrumentos de percussão, as pinturas para customização, e ainda afinação e requisitos técnicos de som são realizadas e ensinadas para todos que compõe o terreiro e os projetos (Phelipe Cunha).

Antes da pandemia, o Afoxé Ogum Pá fazia ensaios abertos na Torre de TV, área central de Brasília. Aquele era um momento especial porque quem não conhecia o grupo, descobria ali que existe um Afoxé em Brasília, seu repertório, suas danças e sua estrutura. Para quem já tinha visto o trabalho do grupo, era a chance de matar saudade. Em um daqueles ensaios, o público – sempre muito diverso – tinha uma pessoa especial: Patricia Hill Collins, professora estadunidense e pesquisadora de temas como feminismo e interseccionalidade.

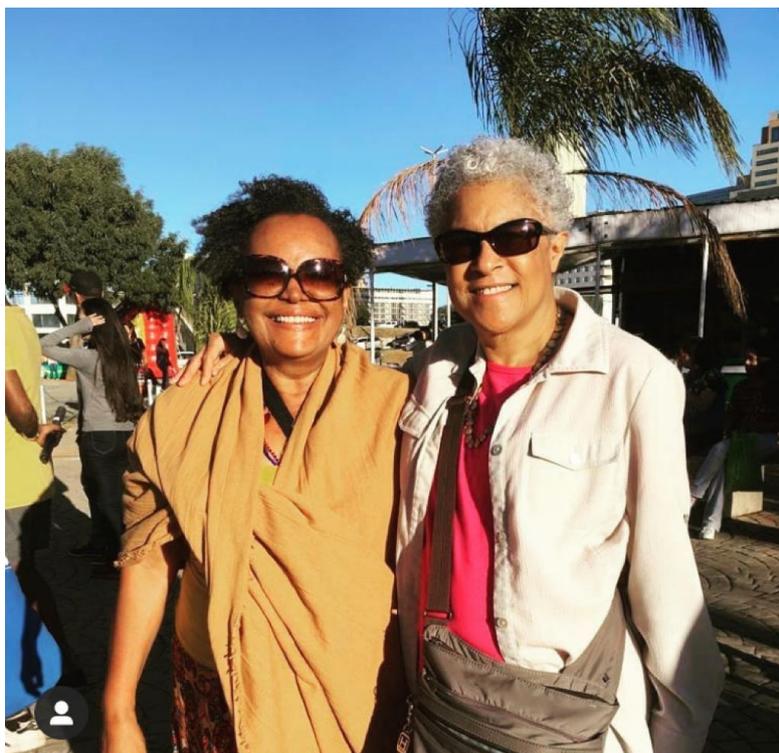
Com tradução da minha colega de PPGDH, raíla de melo, explicamos para a professora Patricia o que era e como funcionava o Afoxé Ogum Pá. Ela achou interessante toda aquela movimentação. Na breve conversa, aproveitei para pedir uma foto dela com Mãe Dora de Oyá. O registro do encontro está na página seguinte.

Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) ter decretado o fim da pandemia causada pelo coronavírus em maio de 2023, alguns hábitos mudaram, entre eles, os ensaios abertos. Ainda não há previsão deles voltarem, contudo, isso não impede que outros ensaios aconteçam no Ilê Axé T'ojú Labá, possibilitando apresentações emocionantes, como aquela em julho desse ano, no Museu Nacional da República (DF). A abertura do evento foi com a *Bênção Ancestral* composta por apresentações artísticas de Afoxé Ogum Pá e Cintia Guajajara. Na sequência, outro momento marcante: o painel *Bem Viver, políticas públicas e urgências sociais* com Anielle Franco, Ministra da Igualdade Racial, e Margareth Menezes, Ministra da Cultura, entre outras autoridades.

É extensa a lista de apresentações do Afoxé Ogum Pá. Em 2017, o grupo esteve no Museu Nacional a convite da Embaixada de Cuba e, no ano seguinte, participou do Fuazeiro – Festa para Seu Estrelo, ao lado do padrinho Afoxé Alafin Oyó. O ano de 2019 comprovou seu talento com shows no I Festival Magia Negra (março), no Festival del

Caribe (julho), na Aparelha Luiza e Sesc Pompeia (SP) (agosto), e na abertura do Festival Favela Sounds (novembro).

Figura 29 – Mãe Dora e Patricia Hill Collins no primeiro ensaio aberto do Afoxé Ogum Pá após a viagem de Santiago de Cuba, julho de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Máira de Deus Brito

Naturalmente, a pandemia interrompeu as atividades que voltaram com muita força em 2022: Festa Kizomba (abril); Festival Operária das Artes (maio); Mostra de Teatro Arte Afro Cena (junho), em Cavalcante (GO); II Festival Magia Negra (setembro); e Tardezinha do Samba (novembro). Nesse ano, além do projeto Territórios Sonoros (junho) e da apresentação da retomada das atividades da Caixa Cultural Brasília (setembro), o Afoxé Ogum Pá esteve presente na posse das ministras Anielle e Sonia, como detalhei no capítulo 2.

A primeira viagem internacional ninguém esquece e, por isso, a viagem para Cuba merece um destaque à parte. Depois de três dias passando por Rio de Janeiro, Bogotá (Colômbia) e Havana (Cuba), o Afoxé Ogum Pá enfim chegou em Santiago de Cuba onde, em 2019, aconteceu a 39ª edição do Festival del Caribe – também conhecido como Fiesta del Fuego. De acordo com *El Correo Del Golfo* (2018), estiveram presentes mais de 500 artistas de 32 países para celebrar as culturas populares de cada local.

A viagem foi possível graças ao Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e por isso o formato foi bem reduzido. Algumas integrantes foram contempladas pelo fomento público e outras bancaram do próprio bolso a ida para a ilha caribenha. Lá, Mãe Dora de Oyá, eu, Amílcar Pará, Carolina Tolosa, Ingrid Soares, Khalil Santarém, Mariana Fernandes, Mariana Sardinha, Phelipe Cunha e Welligton Nascimento vivemos tantos momentos emocionantes, que seria injusto escolher o mais marcante.

Figura 30 – Mãe Dora e Afoxé Ogum Pá antes da apresentação no Favela Sounds, em 2019



Fonte: Rômulo Juracy/Reprodução

Poderíamos citar a apresentação na Casa do Uruguai ou o desfile pelas ruas de Santiago de Cuba, que lembra muito o carnaval brasileiro, seja pela alegria do público ou por sua disposição: em um calor caribenho, cuja sensação térmica beirava aos quarenta graus, as pessoas felizes brincavam e dançavam embaladas pelo quente rum cubano.

O show na praça central de Santiago de Cuba, mais conhecida como Parque Céspedes, também foi emocionante. No dia, uma forte chuva danificou o som e o Afoxé Ogum Pá decidiu tocar em formato acústico. A escolha foi acertada: a praça, inicialmente vazia, lotou de gente curiosa por aquele som brasileiro tão próximo das sonoridades cubanas.

Para quem não acredita em coincidências, percebeu que não foi por acaso que os sinos da Catedral de Nossa Senhora da Assunção tocaram no mesmo momento em que o Afoxé Ogum Pá tocou para Oxum. Na Umbanda, Nossa Senhora da Assunção foi sincretizada com Iemanjá. No Candomblé, ela pode ser associada à Oxum. Coisas do invisível.

Figura 31 – Chegada do Afoxé Ogum Pá em Havana (Cuba), julho de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Em entrevista para mim, publicada na Revista *Traços*, Mãe Dora detalhou o sentimento de tocar em um lugar tão distante e, ao mesmo tempo, tão próximo:

Em 2019, fizemos nossa primeira viagem internacional. Foi bonito ver um público tão diverso, formado por latino-americanos, caribenhos e europeus, dançando com a gente. Uma das apresentações mais emocionantes aconteceu no bairro de Santa María. Crianças e adultos cubanos interagem como se nos conhecessem há anos. Inesquecível (Brito, 2023, p. 28-29).

Apesar da tentativa em não escolher o momento mais emocionante da viagem, é inegável como as memórias em Santa María são fortes em todas que estavam lá. Para chegar em Santa María, bairro periférico de Santiago de Cuba, é preciso dirigir pouco: cerca de 5,5 km ou 15 minutos. No caminho, está a Sierra Maestra local-chave para a

Revolução Cubana que dali alguns meses completaria 60 anos. Em janeiro de 1959, Fidel Castro, Ernesto “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos, entre outras, derrubaram a ditadura de Fulgêncio Batista. Foi na Sierra Maestra onde os revolucionários se esconderam e se organizaram até o 1º de janeiro daquele ano.

Emocionada, Ingrid Soares compartilha suas impressões sobre como foi chegar em Cuba como Afoxé Ogum Pá. Pela primeira vez fora do Brasil, a integrante da ala dança (que é atriz profissional), conta que tanto ela como o restante do grupo não tinha ideia de como seriam as apresentações na ilha caribenha:

Foi muito prazeroso receber o convite para tocar no Festival. Não foi fácil chegar até lá, com traslado desafiador..., mas deu tudo certo. A gente cumpriu o objetivo que era tocar em um país distante, mas muito parecido com o nosso. E eu comprovei essa sensação ao chegar lá, sobretudo em Santa María, um bairro periférico cheio de crianças que se identificaram com o som, com a batida e com a vibração dos tambores que falam com os nossos ancestrais. Não importa onde a gente esteja, Eles vibram com a gente. Enquanto dançávamos com as crianças me veio a lembrança de quando eu era pequena, moradora da periferia de Brasília e que nunca imaginou atravessar o oceano e encontrar crianças que têm tantos sonhos – assim como eu tinha na idade delas. É muito emocionante pensar que a arte, a cultura e os nossos Orixás nos levaram para aquele encontro. Foi um encontro lindo e de muito amor. O tambor pode tocar no Brasil e pode tocar em Cuba, todo mundo entende por que é a mesma linguagem. Vibra na nossa ancestralidade (Ingrid Soares).

Figura 32 – Mãe Dora e Afoxé Ogum Pá em Santa María, bairro periférico de Santiago de Cuba, julho de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

A fala de Ingrid é importante pois expressa o sentido da *ancestralidade*. Certa feita, Mãe Dora, incomodada com o esvaziamento do conceito, destacou a relevância em compreender o ciclo que compõe a ancestralidade: “Muita gente acha que quando a gente fala de ancestralidade, estamos focadas em coisas que passaram, que não existem mais. Mas a ancestralidade é formada por passado-presente-futuro”, avisa a matriarca.

Phelipe Cunha, doutorando no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e integrante da ala de músicos, reforça a presença da ancestralidade na viagem para a ilha caribenha:

A ida a Cuba me pareceu um *ir* com gosto de *voltar*. A sensação de proximidade cultural era tão grande que parecia que estávamos encontrando o que já era nosso. Existem diferenças bem significativas, mas as similitudes são impressionantes. Se a gente pensar que a África é refeita ou feita nas Américas e no Caribe, quer dizer que elas têm o mesmo ponto de partida. Ir para Cuba, em termos de ancestralidade foi reencontrar um pedaço de África, uma peça do quebra-cabeça da passagem do meio. Os corpos e o *corpus* cultural afro-cubano nos fizeram sentir em casa, nessa casa que é a diáspora, que está formada exatamente nas nossas existências múltiplas no Brasil, na Colômbia e em Cuba, por exemplo. Múltiplas, mas similares. O oceano parece assim uma grande encruzilhada, contudo, mais que isso: uma grande roda, uma roda de samba e cada um nós toca um instrumento e puxa um verso, mas no fim é tudo samba (Phelipe Cunha).

Em 2017, o Ilê Axé T’ojú Labá foi reconhecido como Ponto de Cultura pela então Secretaria de Cultura do Distrito Federal. A validação governamental me faz pensar em um comentário de Mãe Dora citado no início da tese: “Nada que eu faço na minha casa é porque saiu da minha cabeça. Senão, eu seria uma gênia. As coisas aqui pipocam. Eu só direciono e guio o pessoal. E as coisas sempre estão direcionadas para a cultura” (p. 40). O axé cultural do terreiro é comprovado desde o primeiro minuto da criação do terreiro.

As filhas e filhos de Santo são músicos, atores, atrizes, dançarinas, artistas plásticas, produtoras e jornalistas culturais. Todos os caminhos de quem está naquele espaço levam para o âmbito cultural. O cenário é reforçado por própria Mãe Dora que, quando jovem, ajudou a criar um teatro em Taguatinga e que desde criança tem facilidade com composições.

De acordo com o Dicionário Yorubá-Português, de José Beniste, (2019) a palavra *Axé* (Àṣẹ) significa “força, poder, o elemento que estrutura uma sociedade, lei, ordem” (p. 128). A força do Ilê Axé T’ojú Labá está na cultura, representada de diversas maneiras, principalmente nos projetos ABC Musical, Filhos de Dona Maria e Afoxé Ogum Pá. Três iniciativas que só existem porque um **coletivo** de pessoas faz com que eles aconteçam.

Uma das músicas autorais do Afoxé Ogum Pá é uma parceria de Mãe Dora com Phelipe Cunha. *Guerreiro de Ifé* celebra a força de Ogum, o Orixá Guerreiro, que cuida dos caminhos, além de lembrar a cidade nigeriana de Ifé. A figura de Ogum, vestido de azul e branco, com uma espada na mão, é a mais difundida atualmente:

*Ogum força forte ancestral
Me livrai de todo mal
Nos caminhos onde eu for
Ogum, meu guerreiro de Ifé
Que sustenta minha fé
E dá força pra eu cantar*

*Ogum é Santo guerreiro
É guia é Santo Orixá
Traz a espada na mão
Dançando seu Ijexá*

*Azul e branco nossa cor
Ogum Pá a ti cantou
Guardião pelos caminhos
Xequerê, rumpilé e agogô
Nossas armas meu senhor
Nos dai força pra lutar*

É de grande valia destacar as letras produzidas por Mãe Dora de Oyá porque ainda hoje é difícil ver composições feitas por mulheres serem reverberadas no mundo da música – incluindo o universo do samba. Na tese *A presença das compositoras no samba carioca: um estudo da trajetória de Teresa Cristina*, Núbia Regina Moreira desenvolve a ideia de que “a inserção das mulheres no campo musical é orientada para o exercício da interpretação”:

No entanto, a presença de mulheres que tem seus nomes registrados como autoras de música, ainda que poucas, podem ser situadas historicamente, desde a lendária Chiquinha Gonzaga no início do século XX, nos anos 1940, como foi o caso de Marília Batista e Dolores Duran, e nos anos 1950, Maysa e Carmem Miranda. Inscritas no campo da produção musical regido por pressões externas e por regras de funcionamento, que se entrelaçam na configuração de um *habitus* musical, percebemos que ao longo do desenvolvimento da música popular brasileira como meio de produção e consumo, ainda persistia o “silêncio” em torno da produção musical feminina (Moreira, 2013, p. 59).

Ao lembrar que foi a partir na década de 1960 que as mulheres compositoras de samba foram apresentadas ao público, pois “fazer samba não era coisa para mulher” (p. 73), a potência de Mãe Dora como compositora é reforçada. Assim como Tia Ciata transgrediu estruturas racistas e machistas no início do século 20, a interlocutora dessa pesquisa segue eliminando barreiras porque, por mais que as dificuldades atuais sejam

outras, os empecilhos continuam existindo. Quase 100 anos depois da morte da Tia Ciata, mulheres do samba seguem lutando por espaços que são naturalmente delas. Não existe samba sem as mulheres – seja no canto, na dança ou na composição.

No artigo *De Ciata de Oxum a Dora de Oyá: as mulheres na linha de frente no samba e no candomblé* (2020), Mãe Dora comentou sobre o assunto:

Sem a mulher no samba só seriam vários homens tocando instrumentos. A graça do samba é o poder feminino, o remexer dos quadris, a alegria, o poder de agregar pessoas em torno dos músicos. Também tem o fato de que a voz feminina faz o contraponto com a voz masculina. Já observou uma roda de samba sem mulher? É engessada (Brito, 2020, p. 177).

Núbia Regina ainda enfatiza o lugar do cuidado como uma chave pertinente para compreender todo esse cenário de exclusão:

No mundo do samba, com especial atenção às mulheres vinculadas a ele, provenientes dos grupos negro-mestiços, elas são localizadas no exercício da dimensão do cuidado. A prática do cuidado expandido para todas as dimensões da sociabilidade humana determina, o gênero feminino, vetor principal deste exercício. Quando essa concepção se agrega ao reduzido capital simbólico expresso na conjugação de variáveis como renda, escolaridade, cor/raça, confere desvantagens em relação aos outros estratos melhor situados na pirâmide social. Uma das chaves explicativas para compreender a posição secundária das mulheres compositoras, no universo do samba, são os reflexos do sistema no qual as estruturas são incorporadas nos indivíduos por uma rede de interações de uns com os outros. Participar do campo musical requer tomar posse das regras e disposições que aí são mobilizados em forma de *habitus*, princípios que orientam a posição dos seus agentes aí inscritos. Portanto, a tímida existência das compositoras no campo da produção musical está diretamente relacionada com as estruturas objetivas que se organizam através dos determinantes de classe, gênero, geração e raça/cor apresentadas e incorporadas às estruturas subjetivas que no exercício não consciente reproduzem as exclusões ao se auto excluírem (Moreira, 2013, p.74).

O axé cultural do terreiro comandado por Mãe Dora fica perceptível ao detalhar as atividades dos projetos ABC Musical, Filhos de Don Maria e Afoxé Ogum Pá. É também nesses espaços que a Ialorixá mostra sua faceta de cantora e compositora. Curiosamente, Tia Ciata, Dona Dalva Damiana (quem detalho no próximo capítulo) e Mãe Dora compartilham características como ser referências no Candomblé; cantar e compor sambas e fazer parte da Irmandade da Boa Morte, confraria religiosa que é tema do próximo capítulo e ponto elemental para pensar o samba além do gênero musical.

4 A IRMANDADE DA BOA MORTE

Aqui, faço uma espécie de introdução sobre a Irmandade Boa Morte. Perguntas como: O que é a Irmandade? Como ela é formada? Quem participa? Onde fica? Por que ela existe? são questionamentos naturais e iniciais para compreender a dimensão da instituição e das mulheres que fazem parte dela.

Para esse mergulho inicial tenho auxílio do livro *Irmandade da Boa Morte e Culto de Babá Egum*, de Joalice Santos Conceição (2017). A autora conta que a Irmandade da Boa Morte é formada por mulheres negras – como citado anteriormente nesse trabalho – “cujos princípios religiosos orientadores são o catolicismo e o candomblé” (p. 63). “O objetivo é render homenagem às irmãs falecidas através dos rituais mortuários de matriz africana que se misturaram aos rituais católicos” (Id.). As atividades da Irmandade acontecem durante todo ano, porém, tem seu ápice entre os dias 13 e 17 de agosto, durante a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira, Recôncavo Baiano.

A data da fundação da Irmandade é um dos vários mistérios que circundam a organização. Joalice diz que ela foi fundada “supostamente no início do século XVIII” (p. 63), diferentemente do que afirma a pesquisadora e historiadora Mariana Fernandes Rodrigues Barreto Regis, cujos estudos apontam a fundação para (aproximadamente) o ano de 1810, em Salvador (REGIS, 2020, p. 200). Em análises recentes, Mariana constatou que a chegada Irmandade em Cachoeira não tem data exata, mas pode ser localizada na primeira metade do século 19. A ausência de documentos dificulta afirmações mais precisas.

A estrutura da Irmandade é formada por:

A Boa Morte possui uma estrutura formada pela Juíza Perpétua e duas irmãs auxiliares; juntas, formam um conselho responsável pelas decisões tomadas pela Irmandade. Estes cargos são vitalícios, ocupados respectivamente pela pessoa com mais tempo de organização e a mulher com maior idade cronológica. As demais compõem o corpo da instituição. Anualmente, cerca de cinco integrantes formam a comissão da festa; isso ocorre após uma eleição entre elas, embora atualmente esse fato tenha sofrido significativa modificação, visto que a influência de pessoas estranhas à Irmandade conduz o processo de forma diferente da que ocorre inicialmente (Conceição, 2017, p.64).

Não é fácil entrar na Irmandade da Boa Morte. Quais são os pré-requisitos? Ninguém sabe ao certo. Em uma conversa informal, Mãe Dora destacou a importância da reputação ilibada para fazer parte desse seletivo grupo.

Quanto à entrada na Boa Morte, Joalice fala de um convite feito por uma das irmãs e julgado por um conselho. Quando aprovado, a pretendente passa a ser denominada

“irmã de bolsa”. Como no Candomblé, dentre outras coisas, a irmã de bolsa passa por ritos de iniciação, os quais não foram revelados. Usa roupa branca e não participa de algumas reuniões reservadas às irmãs mais antigas. Nas procissões, coloca-se sempre nos últimos lugares, não usa roupa de gala, o que facilita identificá-la, uma vez que, no ápice da festa, a noviça conserva as roupas brancas e usa joias de menor expressão.

Figura 33 – Procissão de Nossa Senhora da Glória, Cachoeira (BA), 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Apesar da grande quantidade de regras, a chegada de novas integrantes é bem-vinda. Ter novas Irmãs é a certeza da continuidade da Irmandade da Boa Morte.

Sobre o culto em si, Joalice explica:

A figura venerada é a de Nossa Senhora, que se apresenta em vários estágios: a imagem de Nossa Senhora deitada, quando esta percorre as principais ruas da cidade de Cachoeira; ao retornar à igreja, é celebrada uma missa em que as integrantes rendem homenagem às irmãs, seguido por um jantar, que se denomina *ceia branca*. É durante esta ceia que se podem encontrar os elementos do universo do candomblé. A própria ceia branca, a sexta-feira e o traje branco usado pelas irmãs remetem para as hierofânias das religiões de

matriz africana. Esta ceia se inicia pelos cantos entoados e com as pipocas que são lançadas em todos os presentes (Conceição, 2017, p. 67).

Figura 34 – Nossa Senhora da Glória na Festa da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, agosto de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Nem todas as integrantes da Irmandade se sentem à vontade para falar que são Irmãs. Às vezes desconversam, em outros momentos só afirmam quando já possuem algum tempo de caminhada na organização. Mas dentre aquelas cuja participação é pública, três nomes chamam atenção: Ciata de Oxum, Dona Dalva Damiana e Mãe Dora de Oyá. Três mulheres negras de axé, baianas e que tem no samba uma **missão** de vida.

Aproveitando que tínhamos voltado a pouco de Cachoeira, pergunto sobre a importância da Irmandade da Boa Morte para Mãe Dora. Sem pensar duas vezes, ela me responde: “Senso **comunitário**”. Ela conta que tinha acabado de receber mensagens de algumas irmãs da Boa Morte, querendo saber se tinha melhorado da crise de sinusite que há semanas atormentava Mãe Dora. “Temos preocupação uma com a outra”:

Elas seguram na sua mão. Ali eu entendi realmente o que é **comunidade**. Por que você luta em comunidade? Porque é necessário, importante. Elas podiam estar em suas casas, mas não se engane: aquelas mulheres com 90, 100 anos,

continuam trabalhando para minimizar a dor das pessoas. E não apenas em Cachoeira e na época da festa da Irmandade, mas em suas **comunidades**. Todas têm o compromisso de lutar por suas **comunidades** e isso é o senso comunitário (Mãe Dora).

É bonito observar as feições de Mãe Dora quando ela se lembra da primeira vez que pisou em Cachoeira. “Quando passei pelo portal *Bem-vindo a Cachoeira*, disse pra mim mesma: esse é o meu lugar. Deu um negócio dentro de mim. Estranhão, né?”. Ela vai buscando nas memórias aquele momento e descreve como um abraço sua chegada na cidadezinha do Recôncavo Baiano. Para a matriarca tudo é simbólico na cidade: as pedras que formam os pavimentos de paralelepípedos; os monumentos; as palavras utilizadas em conversas do dia a dia. “É preciso entender os códigos. Leva um tempo, mas depois você começa a entender. Tem hora que você acha que alguém está falando uma coisa, mas é outra”.

Figura 35 – Portal na entrada de Cachoeira (BA)



Fonte: Gleidson Santos - MTUR

Para ela, a parte pública da Festa de Nossa Senhora da Boa Morte é para inglês ver – literalmente. Pessoas de todos os cantos do mundo desembarcam em Cachoeira na primeira quinzena de agosto para registrar a festa centenária. Entretanto, Mãe Dora frisa que há algo muito maior do que aquilo que as pessoas estão vendo: “Existe muita coisa que está implícita”.

Apesar de ser uma “pessoa bem urbanóide”, Mãe Dora se encantou por Cachoeira, cidade que abriga mistérios e missões:

Agora em agosto, eu e Nana fomos ajudar na montagem da exposição *Indumentárias de Axé*, na Casa da Câmara e Cadeia em Cachoeira. Olha que coisa mais simbólica: uma exposição de vestimentas de Orixá em um lugar construído por essas escravizadas. Elas construíam para morrer lá dentro. Para elas serem presas, mortas. Existe uma carga de dor e de sofrimento muito grande. Ou seja, a Any Manuela, neta de Dona Dalva pegou uma função muito séria. Todo ano será necessário fazer algo naquela cadeia para minimizar a dor de muita gente. Olha os tentáculos da Boa Morte, como ele anda, por onde ele anda, os resgates... (Mãe Dora).

A mostra faz parte do projeto *Documentação de Indumentárias e Adereços*, “promovido com o intuito de produzir indumentárias de Orixás, sambadeiras e sambadores” (Indumentárias e Adereços). De acordo com as redes sociais do projeto, a exposição conta com peças do acervo da Casa do Samba de Roda de Dona Dalva, como incluindo vestes das baianas e adereços, e indumentárias confeccionadas para frisar o “reconhecimento e valorização ao vestir da nossa espiritualidade quando presente em uma matéria” (Idem).

Figura 36 – Foto da exposição *Indumentárias de Axé*, na Casa da Câmara e Cadeia em Cachoeira (BA)



Fonte: Arquivo Pessoal de Julie Oliveira

4.1 Dona Dalva Damiana

Dona Dalva Damiana é uma das pessoas mais importantes quando se trata de samba, sobretudo, do samba de roda do Recôncavo Baiano. Filha de Obaluaiyê e devota de São Cosme e Damião, ela tem 95 anos e é Doutora Honoris Causa pela Universidade

Federal do Recôncavo da Bahia (URFB). Há quase seis décadas, ela criou o Samba de Roda Suerdieck, referência do gênero.

Assim como Ciata de Oxum e Mãe Dora de Oyá, Dalva Damiana de Freitas faz parte da Irmandade da Boa Morte, que comanda a festa em homenagem à Nossa Senhora da Boa Morte, que acontece todos os anos, entre os dias 13 e 17 de agosto, em Cachoeira. Em agosto de 2014, Dona Dalva recebeu o cargo de Provedora para a Festa da Boa Morte do ano seguinte.

Any Manoela Freitas dos Santos Nascimento, neta de Dona Dalva, explica a importância do cargo:

A Provedora da Festa recebe a santinha de Nossa Senhora por um ano em sua residência, celebra orações entre as Irmãs às quartas-feiras e tem a função de organizar e preparar a festa junto à Comissão eleita e as demais irmãs (Nascimento, 2016, p.15).

Figura 37 – Dona Dalva Damiana e Mãe Dora de Oyá na Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira (BA), agosto de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Máira de Deus Brito

A relação de Dona Dalva com a Irmandade da Boa Morte vem desde a infância. Quando criança, ela acompanhava a avó paterna Vicência nos festejos à Nossa Senhora.

Africana de origem Nagô⁷¹, dona Vicência passou por todas as etapas na Irmandade (Noviça, Irmã de Bolsa, Escrivã, Tesoureira, Procuradora Geral e Provedora). Com a avó materna, Maria Teresa, Dona Dalva “aprendeu as cantigas ‘tiradas’ pelos mais velhos nos sambas e rezas de caruru” (Nascimento, 2016, p. 12).

Figura 38 – Padre pega a bênção de Dona Dalva Damiana antes na missa para São Roque em 16 de agosto de 2019, dia em que o santo é celebrado



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

A vocação cultural ganhou força na década de 1950, quando Dona Dalva trabalhava na fábrica de charutos Suerdieck e criou o samba das operárias fumageira, o Samba de Roda Suerdieck. Anualmente a fábrica participava das novenas de Nossa Senhora D’Ajuda e Santa Cecília. As operárias não participavam das festas ou novenas, pois tinham que trabalhar e no dia seguinte apresentar a meta de produção. Dona Dalva

⁷¹ Nagô é o nome que se dá ao iorubano ou a todo negro da Costa dos Escravos que falava ou entendia o Iorubá. MIGEHOD, Frederick William Hugh Migeod. **The Languages of West Africa Volume II**. Trübner & Company Limited: Nova York, 1911, p. 360.

então reuniu as companheiras de trabalho, apresentou a ideia de formar um grupo buscou tocadores, e deu nome do local de trabalho ao samba (Nascimento, 2016, p. 14).

Em *No samba do pé e da palma* delas, Dona Dalva detalha aquele tempo:

E quando tinha convite para qualquer festa que fizesse na Cachoeira, qualquer coisa, eu era tão alegre na minha vida que só vivia cantando, porque tristeza não paga dívida, né? [...] Era para participar uma noite, fazer uma noite, não é, disseram que a gente ia ter aquela noite! Eu me senti tão feliz da vida, alegre, eu aí formei o Samba. Já vinha fazendo de meninice (...) e essa felicidade é a continuidade. Eu fiz o samba com nome da fábrica, Samba de Roda Suerdieck, por que eu fiz? Porque era ali que eu trabalhava, ganhava o meu dinheiro para o sustento dos meus filhos, então eu tinha que fazer aquilo para ter o direito do horário pra gente cumprir, pro fia seguinte a gente tá na rua junto com o samba (Freitas, 2023, p. 40-41)

No livro *Preta Nagô*, Any Manoela destaca que a iniciativa em criar uma roda de samba ia além de apenas participar dos festejos. O Samba de Roda Suerdieck foi a forma como Dona Dalva encontrou para resistir e provar que pessoas negras e pobres também tinham “competência para participar de movimentos sociais e políticos”.

Em 2003, foi criada a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas e, seis anos depois, inaugurada a Casa do Samba de Dona Dalva, importante local de memória do Samba de Roda do Recôncavo. As articulações políticas de Dona Dalva e de defensores do Samba de Roda foram responsáveis por um capítulo importante na história do gênero: em 5 de outubro de 2004, o Samba de Roda de Recôncavo foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Brasileiro. No ano seguinte, foi a vez de receber a titulação como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Em outubro de 2012, Dona Dalva Damiana de Freitas recebeu da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o título de Doutora Honoris Causa “por sua contribuição no fortalecimento e preservação do patrimônio artístico-cultural do Recôncavo da Bahia” (Nascimento, 2016, p. 16). Foi a primeira vez que a instituição concedeu o título para uma mulher negra (Biblioteca Virtual Consuelo Pondé).

“Morre a matéria e fica o samba, que é espiritual”. A frase de Dona Dalva em entrevista para o livro *Mulheres do samba de Roda* (Barreto; Rosário; Gomes, 2015) indica um caminho para pensar o samba além do gênero musical ou como uma expressão cultural.

Pergunto a Mãe Dora qual é o lugar favorito dela em Cachoeira e ela me conta que é a casa de sua madrinha⁷², Dona Dalva. As duas têm uma conexão muito bonita. Ao saber que Mãe Dora está para chegar na cidade, ela fica na porta de casa, esperando a afilhada chegar.

Quanto mais tempo passa, Dona Dalva se torna ainda mais engraçada. A mente dela é muito fértil. A cabeça dela funciona melhor do que a minha e a sua juntas. Além do senso de humor, impagável. A cada cinco minutos, você está dando uma gargalhada com ela. Ela é ótima. É o melhor lugar onde eu poderia estar. Depois da casa dela, meu lugar favorito é a sede da Irmandade da Boa Morte (Mãe Dora).

Para a minha interlocutora, conviver com Dona Dalva é “um reencontro”. Mãe Dora revela que a primeira vez que elas se encontraram foi muito emocionante, porque a matriarca do recôncavo chorou muito. Ela tem uma semelhança física muito grande com uma filha carnal de Dona Dalva, falecida há alguns anos. Além disso, a filha e a afilhada são mesmo santo: Oyá (Iansã). “Ela me mostrou fotos: somos muito parecidas mesmo. É uma sorte danada conviver com Dona Dalva”:

Ela é uma mulher especial, de uma resiliência impressionante. Ela tem 95 anos e não desiste do sonho dela, de ter a sua casa do samba. Isso deveria ser um patrimônio. Ela não deveria estar lutando por isso. É dever do Estado. Uma casa montada, cuidada, com tudo que ela quisesse. Ela é muito injustiçada (Mãe Dora).

A fala de Mãe Dora é sobre a atual situação da Casa do Samba de Roda de Dona Dalva. No final de 2022, a casa precisou ser fechada por causa do alto custo de manutenção somada às ausências dos governos federal e estadual. Em novembro daquele ano, por meio das redes sociais, a Equipe da Casa detalhou como a falta de recursos impossibilitou o pagamento do aluguel, da manutenção do espaço e, conseqüentemente, a preservação de objetos essenciais da cultura do Recôncavo Baiano:

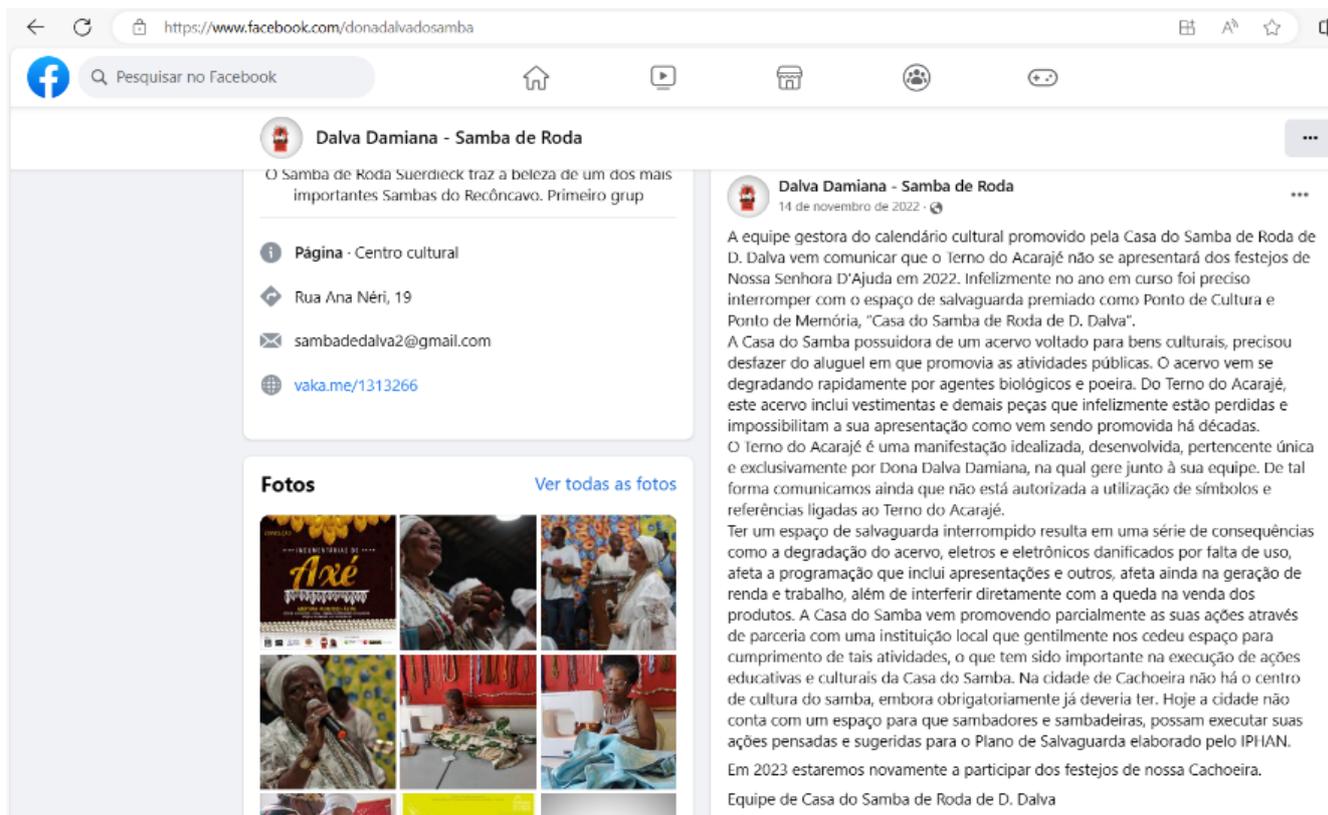
Acompanhado por músicos de filarmônicas, que adotam um repertório com cantigas populares das décadas de 1970 e 1980, o Terno das Baianas do Acarajé foi criado em 1973, em homenagem à Oyá (Iansã) e às baianas do acarajé. Acontece em novembro, durante a festa de Nossa Senhora D’Ajuda, e em dezembro, na festa de Santa Bárbara (sincretizada com Oyá).

Em 2023, uma série de desencontros comprovaram que a cultura está à própria sorte no Recôncavo Baiano. Segundo Any Manoela Freitas, neta de Dona Dalva, a possibilidade de uma emenda parlamentar para ter uma sede própria da Casa do Samba

⁷² Todas as irmãs da Irmandade da Boa Morte têm uma madrinha dentro da organização. É como se fosse uma espécie de responsável por repassar os fundamentos da Irmandade.

de Roda de Dona Dalva apareceu na mesma velocidade que sumiu. Além disso, o financiamento coletivo criado para levantar uma nova casa precisou ser interrompido por causa dos baixos valores arrecadados. Desde 2018, a Casa do Samba de Roda de Dona Dalva tem um imóvel em Cachoeira, contudo, o espaço está em ruínas, exigindo uma reforma completa. A situação lembra o cenário da Casa do Samba na cidade vizinha, Santo Amaro da Purificação: também em ruínas.

Figura 39 – Captura de tela do Facebook da página Casa do Samba de Roda de Dona Dalva



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Mãe Dora acredita que uma soma de fatores leva a essa conjuntura tão dramática. Racismo religioso, racismo ambiental, jogo de interesse por votos. “Se desse voto, rapidinho estava tudo organizado”, alfineta. “No caso de Santo Amaro acho ainda mais grave porque a cidade tem seus dois filhos que são endeusados. Se eles abrissem a boca, fizesse uma campanha, a Casa do Samba de lá estava reconstruída”.

As ruínas são sinônimo de um patrimônio gigantesco sendo destruído por causa do descaso do Estado. Parece muito com a situação do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Ali foi o ápice. Como deixar um lugar daquele cheio de gambiarra? Ia dar problema. O Brasil perdeu um material incrível, mas o estado nunca teve interesse por patrimônios públicos. Vários mestres de cultura popular chegam na reta final da vida pobre, como foi o caso de João do Boi, de Santo Amaro da Purificação. A situação de Dona Dalva só não é mais difícil porque tem a

aposentadoria, que é só pra ela. Não me conformo com uma coisa dessas (Mãe Dora).

Figura 40 – Ruína destinada para a Casa do Samba de Roda de Dona Dalva



Fonte: Arquivo da Casa do Samba de Roda de Dona Dalva

Figura 41 – Abandonada, a Casa do Samba de Santo Amaro da Purificação (BA)



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Mãe Dora de Oyá segue firme em suas críticas sobre a maneira como o samba de roda é tratado. Ela conta que durante a abertura da exposição *Indumentárias de Axé* criticou publicamente as escolhas da prefeitura para a festa de São João na cidade. As artistas do sertanejo Simone Mendes e João Gomes ganharam mais de 400 mil reais⁷³ cada uma para se apresentarem nos festejos. A proposta que chegou até Dona Dalva e seu grupo de samba – formado por aproximadamente 35 pessoas – era pouco mais de 1% do valor pago para as artistas citadas anteriormente (Freitas, 2023, p. 63).

Eu falei que era uma vergonha esses valores e que seria histórico utilizar esse dinheiro na construção na Casa do Samba de Dona Dalva. O presidente da Câmara dos Vereadores estava lá, só que eu não sabia. No final das contas, ele concordou com tudo o que eu falei e ainda começou a me seguir no Instagram. Essas coisas malucas que acontecem comigo. Mas em resumo: acho que essa briga precisa ser em nível federal, porque se for depender da prefeitura, não vai dar nada. A prefeita, Eliana Gonzaga (Republicanos), é evangélica e suas percepções pessoais se confundem com as públicas. O samba não é prioridade para ela (Mãe Dora).

No livro *O samba do pé e da palma delas*, Any Manoela resume os descasos com Dona Dalva Damiana e seu samba de roda:

[...] Com o objetivo de conseguir a sede para o Samba de Roda, minha avó se reuniu com muitas autoridades públicas de Cachoeira, do estado da Bahia e nacionais, que lhe prometeram apoiar com o espaço para o Samba de Roda e não cumpriram.

No rumo para realizar tal sonho, minha avó conheceu o saudoso amigo Padre Sebastião Héber Vieira Costa, que conseguiu alugar, junto ao professor Adilson Gomes, em 2009, uma residência para sediar a Casa do Samba de Roda de Dona Dalva. O espaço funcionou até 2022, na Rua Ana Néri, número 19, e por lá passaram muitos artistas visitantes e políticos. [...]

Embora nela houvesse o dinamismo frequente, infelizmente não foi possível manter sua constituição física, findando assim um compromisso de 12 anos naquele espaço que tantas vezes exalou angélicas misturadas com alfazema, ou mesmo cheiro de dendê, quando se cozinhava o caruru de Cosme e Damião.

Em meio às andanças para uma sede efetiva do Samba de Roda, o grupo de Dona Dalva conseguiu finalmente ser contemplado através de uma emenda parlamentar destinada à construção do Centro Cultural do Samba, em Cachoeira. Projeto que pretendia viabilizar a reforma do prédio do Instituto Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) de Cachoeira, fixada à Rua Vinte e Cinco de Junho, número 8. O imóvel foi reformado para atender ao Samba de Roda, porém, infelizmente, não foi entregue aos sambadores e sambadeiras, conforme projetado, mas foi destinado a uma instituição religiosa, adversa à natureza do Samba de Roda. Como em tantos outros processos em prol da Casa do Samba, saímos reflexivos sobre a real importância desse patrimônio

⁷³ G1 BA. **Prefeitura de Cachoeira divulga Simone Mendes e João Gomes como primeiras atrações do São João 2023.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/20/prefeitura-de-cachoeira-divulga-simone-mendes-e-joao-gomes-como-primeiras-atracoes-do-sao-joao-2023.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2023.

VOZ DA BAHIA. **Com cachês milionários, sertanejos são os mais bem pagos nas festas juninas da Bahia; confira valores.** Disponível em: <https://vozdabahia.com.br/com-caches-milionario-sertanejos-sao-os-mais-bem-pagos-nas-festas-juninas-da-bahia-confira-valores/>. Acesso em: 13 set. 2023.

imaterial, afinal, essa foi a primeira vez que se destinou uma emenda parlamentar para o Samba de Roda (Freitas, 2023, p. 61-63).

Apesar dos pesares, a Ialorixá ainda sonha em ver a Casa do Samba de Roda de Dona Dalva em pé e com uma grande festa, ao som de samba de roda, para comemorar a conquista, que não será apenas de Dona Dalva e sua família nuclear, mas de toda uma comunidade.

A sequência de adversidades envolvendo o samba não tira o sono de Mãe Dora. “O samba é Orixá. Ele se reinventa o tempo todo. Tem altos e baixos, mas sempre se mostra de uma forma diferente. É um menino ladino. O samba é a identidade brasileira e vai continuar sendo assim”. Inclusive, é isso que ela deseja: que as pessoas entendam a força do samba e o seu lugar essencial na formação da identidade brasileira. Ela espera que ele seja bem cuidado, respeitado e compreendido. “As pessoas dizem que o samba é mesma repetição. Ele tem uma célula musical, isso não muda. Mas ele sempre se reinventa, por isso, permanece”.

É bonito e especial observar a maneira como Mãe Dora fala da Irmandade da Boa Morte e de Dona Dalva Damiana. O senso de comunidade – presente em outros momentos da vida dela – ficam ainda mais evidentes quando ela compartilha as vivências na confraria e com sua madrinha espiritual. Foi também nesse capítulo que ficou explícita a relação de Dona Dalva com a salvaguarda do samba. Outras mulheres também zelam pelo samba. A seguir, Gracy Mary Moreira e Nilcemar Nogueira revelam como esse cuidado faz parte da **missão** de zelar pelo samba.

5 CONVERSAS CARIOCAS

Graças ao Edital de Seleção Programa de Apoio à Pós-graduação (PROAP) 2022, do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania, do qual faço parte, pude ir para o Rio de Janeiro durante o desenvolvimento da pesquisa. Lá, conheci lugares importantes não apenas para a minha tese, mas também para minha formação como professora e como defensora dos direitos humanos. Entre alguns dos locais visitados estão o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – sítio arqueológico e centro cultural, localizado no bairro da Gamboa –; a Casa da Tia Ciata, na Rua Camerino, no bairro da Saúde; e o Museu do Samba, antigo Centro Cultural Cartola, na Rua Visconde de Niterói, em Mangueira.

No site oficial da Casa da Tia Ciata é possível acompanhar a trajetória habitacional da matriarca do samba. Ela morou na Pedra do Sal; no Beco João Inácio; na Rua da Alfândega, número 304; na Rua General Pedra; na Rua dos Cajueiros; e na Rua Visconde de Itaúna (Casa da Tia Ciata, 2023). Todos os logradouros estão na região central da cidade do Rio de Janeiro, contudo, nem todos existem mais. A Rua Visconde de Itaúna, por exemplo, desapareceu com as reformas do governo Pereira Passos. A rua foi destruída para a construção da Avenida Vargas.

Próxima à Pedra do Sal, reduto importante do samba, está a Casa da Tia Ciata, que além de manter viva a memória da homenageada, abriga uma exposição permanente sobre a matriarca e é a sede da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC). O espaço é comandado por Gracy Mary Moreira, bisneta de Tia Ciata e filha de Bucy Moreira (1909-1982, músico e compositor).

Era setembro de 2022 e uma frente fria estacionou no Rio de Janeiro. As condições climáticas explicavam o calor ameno que fazia na hora do almoço naquele dia. Cheguei na Rodoviária Novo Rio e fui direito para o Largo São Francisco da Prainha, onde está a Pedra do Sal, e é vizinho da Casa da Tia Ciata.

No caminho para o Largo, passei por Santo Cristo e Gamboa, bairros essenciais na história afro-brasileira e do samba carioca. Na Gamboa, está o Cais do Valongo, principal porto de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas, que recebeu um milhão de africanos escravizados. A despeito do cuidado precário por parte do governo federal, o Cais faz parte da Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO desde 2017 (IPHAN, s/d).

Almocei e fui ao encontro de Gracy Mary Moreira. A Casa da Tia Ciata é um espaço pequeno para o tamanho da importância da matriarca do samba. Ao longo da conversa com Gracy, ela me explica o funcionamento do espaço e os desafios para mantê-lo funcionando – mesmo sendo um ponto de cultura certificado pelo Ministério da Cultura. Uma parte da renda que possibilita as atividades da casa vem da venda de copos, canecas, camisetas e artesanatos em geral, disponíveis no local.

A ORTC desenvolve diversos projetos a partir de dois programas: *Multiplicando Saberes*, com foco na educação, pesquisa e formação sociocultural; e *Nossa Identidade*, que valoriza a cultura afro-brasileira com ações culturais em espaços públicos do Rio. O primeiro é formado pela exposição permanente *Casa da Tia Ciata*, aberta à visitação às terças, quintas e sábados; pelo Colóquio Anual *Memória da Ancestralidade da Pequena África e Sua Resistência*; e pelas oficinas canto, jongo, tambor e capoeira. O segundo programa abrange o Batuke de Tia Ciata; os Caminhos de Ciata; o Cortejo de Ciata e a Samba da Cabaça – eventos que por meio de palestras, músicas e outras expressões orais recontam a história da matriarca (Casa da Tia Ciata, 2023).

A conversa com Gracy começa e ela me conta que a família sempre soube e fez questão de destacar a importância de Tia Ciata:

Ela era uma mulher potente, vibrante e com um jeito de falar único. Nunca gritava e o pedido dela era uma ordem. Eu sabia da imponência da minha bisavó, mas a compreensão que tenho hoje só veio depois que meu pai, Bucy, fez a passagem para o mundo espiritual. Inclusive, foi a partir de um pedido dele para mim, minha irmã Maria Olívia e minha mãe, Nancy Moreira, que a Casa da Tia Ciata nasceu. Ele não queria que o legado dele e da minha bisavó se perdesse (Gracy Moreira).

Os descendentes de Tia Ciata continuam pesquisando sobre a matriarca para “entender realmente quem foi essa mulher”. Gracy enfatiza o pioneirismo da bisavó: “Se você fala de assistente social, de mulher empreendedora, de mulher negra, você fala de Tia Ciata”.

As vertentes citadas por Gracy evocam algumas das características mais marcantes da bisavó. Tia Ciata atuou como assistente social de baianas e baianos que chegavam ao Rio de Janeiro e nem sempre tinham lugar para ficar.

Mas as conterrâneas não eram as únicas a serem recebidas na casa de Tia Ciata:

Quando Rachel Valença, historiadora, escritora e integrante da direção da Império Serrano, fala que a casa de Tia Ciata foi o primeiro centro cultural do Rio de Janeiro, ela diz isso com propriedade. Pode-se dizer que foi o primeiro até mesmo do Brasil. A casa dela era um lugar muito diverso. Foi abrigo para sambistas, capoeiras, islâmicos, ciganos, judeus. Ela constituiu uma grande força em sua casa (Gracy Moreira).

A bisneta da matriarca tensiona o termo “minoría” quando alerta que a população negra sempre foi maioria no Brasil, contudo, historicamente marginalizada. Por isso o samba e sambistas eram perseguidas e/ou excluídas do âmbito daquilo/de quem tem valor. “Foi ela quem reverteu a situação do samba, transformando-o em identidade do país”, defende.

A *história que a história conta* atribui a Getúlio Vargas a mudança de percepção em relação ao gênero musical. O samba – associado à malandragem e à população negra (e pobre) e por isso perseguido⁷⁴ – tornou-se símbolo de brasilidade graças ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo e ao rádio, principal veículo de comunicação de massa do Brasil naquele momento.

É nesse momento que o samba e o Estado Novo se cruzam. Sendo todas as manifestações artísticas nacionais a equivalência da nova política do Brasil, nos planos estéticos, a crescente popularização do samba e seu respaldo dentre as camadas populares urbanas fez dessa ligação algo quase inevitável.

Para se compreender o florescimento do samba como gênero nacional reconhecido como parte da identidade nacional, tanto a partir da ação consciente dos agentes envolvidos em ambos os lados (Estado e artistas) quanto a partir da consideração de questões conjunturais, algo que deve ser destacado é o desenvolvimento da indústria radiofônica no Brasil. O rádio apareceu no Brasil em 1923, com a fundação da Radio Sociedade do Brasil. Daí em diante o rádio passou a ser um importante mecanismo de circulação do samba, que viria a contribuir de forma importante na sua popularização (Coelho, 2011, p. 47-48).

Importante lembrar que Tia Ciata não foi a única Tia baiana da Pequena África. Dessa maneira, as casas de tias como Perpétua, Veridiana, Calú Boneca, Maria Amélia, Rosa Olé, Sadata, Mônica, Carmem do Xibuca, Gracinda, Perciliana, Lili Jumbeba, Josefa, Davina (Werneck, 2007, p. 96) também eram porto seguro físico, emocional e espiritual para negras e negros em território fluminense.

⁷⁴ São muitas as críticas direcionadas ao samba na primeira metade do século 20. No capítulo *Quem não gosta de samba* do livro *Crônicas exusíacas e estilhaços pelintras* (2023), Luiz Antonio Simas resgata algumas: “Em 1939, o jornal O Estado da Bahia abriu um espaço para um debate entre Pedro Calmon – diretor da Faculdade Nacional de Direito – e o escritor José Lins do Rego. Em seu artigo publicado no dia 15 de julho daquele ano, “O senhor José Lins é a favor do samba”, Calmon desancava o gênero com sentenças como “o samba é o perfil sombrio da senzala”; “o samba não é nosso, ele veio da Costa do Marfim, da cubata de Luanda e da selva senegalesa”; “a expressão do povo é a Pátria, e não o morro do Salgueiro” e “não somos o Haiti ou a Libéria”.

Para Calmon, o Brasil deveria se assumir como um país “formado por portugueses da casa-grande, angolas do eito e índios da selva, mas que prevaleceu a cultura euro-americana”.

A defesa de José Lins do Rego também não foi destituída de preconceito. O autor da obra-prima *Fogo Morto* achava que o samba era coisa nossa, ao contrário do que insistia Calmon, mas deveria ser “refinado e sofisticado” pela influência de intelectuais e artistas mais elaborados, como Villa-Lobos” (Simas, 2023, p. 97).

A faceta empreendedora é nítida, sobretudo, quando Tia Ciata decidiu vestir a roupa de baiana para vender os quitutes que produzia. “Por isso que esse nome foi importado, pois, antes disso, era crioula de tabuleiro, crioula de venda, e não baiana, como conhecemos hoje”, explicou Gracy entrevista à jornalista Ligia Hipólito em 2016.

Na nossa conversa, Gracy reforça a potência das Tias baianas. A ala das baianas presentes das escolas de samba é uma homenagem a essas mulheres que geriram espaços e condições para que o samba se fortalecesse e se propagasse.

O mais interessante é que quando minha bisavó fazia alguma coisa que dava certo, ela chamava as outras Tias Baianas e elas se juntavam. Prosperavam juntas. Isso também é ser irmandade. Tia Ciata foi a primeira a vestir trajes de terreiro para vender seus quitutes na rua. Porque, antes dela, as mulheres que vendiam as comidas nos tabuleiros eram chamadas de negras de ganho, negras quituteiras. Cada dia da semana é dedicado a um Orixá diferente, por isso, ela vestia a cor referente ao Orixá daquele dia. Outra coisa que quase ninguém fala é que o tabuleiro da baiana é um tabuleiro sagrado. Há quitutes que não podem faltar (Gracy Moreira).

Os tabuleiros das baianas são sagrados pois têm fundamento, ou seja, estão conectados a preceitos religiosos; e porque transportam e recebem alimentos especiais. Acarajé, vatapá, caruru, abará, cocada e acaçá são comidas de terreiro, com axé dos Orixás.

Depois de cumpridos alguns preceitos aos orixás, levavam seus tabuleiros com manjares, cocadas, bolo de estudante, pé de moleque, cuscuz, puxa-puxa e milho. Muitas que se tornariam futuras dirigentes de Candomblé tiveram ponto fixo em vários locais da cidade e puderam, assim, ter um meio de sobrevivência, até conferindo formação educacional a seus familiares. Na gestão do prefeito Francisco Negrão de Lima (1956-1958) foi dada a autorização oficial de venda às doceiras de rua com a condição de que fossem paramentadas de baiana, não pagassem a passagem de ônibus e não fritassem o acarajé na rua, trazendo tudo ponto de casa (Beniste, 2019, p. 108).

A importância das baianas é tamanha que existe uma Ala em homenagem a elas em todas as escolas de samba. Essas alas dedicadas às matriarcas são quesito obrigatório do desfile e não pontuam como as outras seções das agremiações. “No entanto, apesar de nada funcionar sem elas na escola, não são muito valorizadas pelas diretorias, que não se ligam à tradição”, diz Helena Theodoro (1996, p. 136):

Segundo Martinho da Vila, a escola de samba cresceu, deixou de ser o reduto de uma dada comunidade que se via como uma família: todos envolvidos numa grande alegria! As escolas de samba se expandiram, mas foram incorporadas pelo sistema, já que os negros não ascenderam na escala social. Desta forma, as baianas sempre presentes, figuras absolutamente indispensáveis, ficaram com sua força política diminuída por não terem parentes na diretoria (Theodoro, 1996, p. 136).

Concordo em partes com a afirmação de Martinho da Vila. O capitalismo, a indústria fonográfica e os interesses políticos que rondam as escolas de samba são grandes empecilhos na coesão da escola e na manutenção de importantes tradições como as Alas das Baianas, contudo, as agremiações ainda são comunidades, pois, se não fosse a força laboral e afetiva de suas integrantes, o desfile não aconteceria.

Na monografia, *Deixa falar! O samba-enredo na roda o discurso da Mangueira e da Portela em análise* (2009), analisei a influência do mercado na escolha dos enredos da Mangueira e da Portela. Apesar de decisões controversas – como a da Mangueira em 2008, que ao invés de falar dos 100 de Cartola, um dos seus criadores, celebrou os 100 anos do frevo (motivada pelo patrocínio do governo de Pernambuco) – suas integrantes não abandonam suas escolas. O amor pela Mangueira, Portela e Império Serrano, entre outros supera desavenças políticas.

A escola de samba existe porque a mulher negra faz com que ela exista. Durante 362 dias por ano, ela faz toda a movimentação social dentro da escola, além de ser sua mão-de-obra mais barata. Está na mulher a garantia de que o Carnaval vai para a rua. No entanto, a ala das baianas é vista como um espaço pejorativo, como o final da reta da vida de uma mulher. As tias baianas, de muitos panos e muitos brilhos, criam técnicas específicas para as escolas de samba, enquanto as porta-bandeiras simbolizam a beleza, a criatividade e a dignidade das mulheres do samba (Theodoro, 1996, p. 137).

É notória a desvalorização, mas espera-se que da mesma maneira que vimos uma transformação em relação às temáticas dos desfiles ao longo dos anos, mudanças profundas aconteçam para que baianas⁷⁵, assistas e presidentas das escolas de samba sejam respeitadas por seu papel e por sua história. Em 2022, sete das 12 escolas do Grupo Especial e nove das 15 da Série Ouro, no Rio de Janeiro, desfilaram com sambas-enredos que retratam a temática negra (Alma Preta Jornalismo, 2022).

Como dito anteriormente, Ciata de Oxum foi Iakekerê (mãe pequena) do pai de santo João Alabá de Omolu. Questiono Gracy os possíveis motivos para sua bisavó não ter tido o próprio terreiro e, assim, tornando-se mãe de santo, chefia principal de um espaço espiritual.

⁷⁵ Além da desvalorização das baianas, muito me preocupa a continuidade da Ala. O crescimento de pessoas evangélicas em todo Brasil dificulta a permanência dessas mulheres nas escolas de samba. Ao se tornarem evangélicas, as agremiações, que são “coisas do mundo”, devem ser abolidas. Como o regulamento exige um número mínimo de baianas para o desfile, há escolas que desfilam com mulheres mais novas (normalmente são mulheres mais velhas que integram a Ala) e até mesmo importam baianas de fora da comunidade. MEIRELES, Maurício. **Carnaval e tradições culturais brasileiras vivem conflitos com evangélicos**. São Paulo, 21 fev. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/carnaval-e-tradicoes-culturais-brasileiras-vivem-conflitos-com-evangelicos.shtml>. Acesso: 06 out. 2023.

Tia Ciata chegou ao Rio de Janeiro com uma **missão**. Então, ficar como mãe pequena foi bom para ela. Foi estratégico. Dentro da casa dela, ela era mãe de santo, mas na casa de João Alabá, era mãe pequena. Até porque as pessoas constroem seus caminhos dentro dos terreiros. Ciata de Oxum e suas irmãs de santo puderam prover coisas importantes em nível espiritual e mental, e ajudar na manutenção da casa. A região onde estamos [Saúde/Gamboa] era dominada por terreiros. Eram quase 200, mas veio a reforma do então prefeito Pereira Passos e tudo mudou. Mas nossa família nunca saiu daqui. Depois que nasci é que a gente foi morar em outro bairro. Mas voltei pra cá (Gracy Moreira).

Chama atenção a recorrência da ideia **missão**⁷⁶, quando se trata de samba e religiosidade. Mãe Dora e Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e Cartola também falam sobre isso.

Se Tia Ciata pudesse ganhar um único adjetivo, talvez fosse “polivalente”. É assim que Gracy define a bisavó. “Essa memória de Tia Ciata, tão viva até hoje, não é por acaso”.

Figura 42 – Carnaval no Rio no início dos anos 1900



Fonte: Aliwu/Biblioteca Nacional (Brasil)

⁷⁶ No texto *Dos pés e das palmas delas*, do livro *O samba do pé e da palma delas*, Ana Olga Freitas reforça a ideia: “As palmas das mãos são o ritmar dessa história. Mãos essas que outrora lavavam roupas de ganho, cortavam quiabo para o preparo do caruru. Mãos que costuram vestes do Samba de Roda e da Irmandade da Boa Morte, que boleavam os charutos. Mãos que arrumam os presentes para os Orixás e as Yabás e também que organizam o movimento. Todas elas palmeiam para que se possa sambar miudinho. E a mão que palmeia é a mesma que reza e benze com galhos de folhas para espantar o mau olhado. O trabalho é árduo, preservar é uma missão” (Freitas, 2023, p. 67).

5.1 Memórias em disputa

É emocionante e um privilégio ouvir uma descendente de Tia Ciata. Ela também se orgulha de sua linhagem ancestral. “Honra” é o adjetivo que ela utiliza quando fala sobre “ser bisneta da matriarca do samba”.

Muitas pessoas falam que eu sou um pouco parecida com ela. Nas ações e no jeito de falar e de fazer as coisas. Mas sabe por que eu me sinto honrada? Porque ela é uma mulher de fibra. Em uma época em que mulheres não tinham o direito ao voto, Tia Ciata abriu caminhos e participou de momentos importantes como a abolição da escravatura (1888) e a Revolta da Vacina (1904). Olha que interessante isso: Prata Preta, que liderou a revolta, era filho de santo dela. Tia Ciata e Tia Mônica, Tia Perciliana, entre outras tias se recusaram a se vacinar porque o governo queria vacinar primeiro os negros. Elas notaram que queriam fazer deles cobaias e, por isso, recusaram a vacina. Falaram que ninguém ia se vacinar. Todo mundo as escutava. Até quando faziam samba: o tom da música, a hora que o samba ia parar. Quem decidia eram as mulheres. Na época das pastoras, se elas não gostassem, não tinha samba que ia para frente. Por exemplo, Tia Doca, da Velha Guarda da Portela, era a pastora do meu pai (Gracy Moreira).

Apesar de ter sido figura central da Revolta da Vacina, Prata Preta ainda é pouco citado na historiografia brasileira. Uma das poucas lembranças relacionadas ao revolucionário é o Bloco de Rua Cordão do Prata Preta que, em maio de 2023, recebeu Moção de Reconhecimento e Louvor pela defesa e valorização da cultura popular carioca (G1 RJ, 2023). Fundado em 2004, o bloco leva o nome de revolucionário capoeirista e anima o carnaval carioca no bairro da Gamboa, mais precisamente na Praça da Harmonia.

No livro *Enciclopédia negra* (2021), o verbete *Prata Preta* narra parte da trajetória do estivador e capoeirista:

[...] No fim do século XIX, debates sobre reformas urbanas e sanitárias alcançaram as ruas, sendo a principal pauta dos jornais e o tema central das disputas políticas. Por isso, tais medidas passavam pelos gabinetes, entravam nos salões e nas redações, mas se infiltravam também pelos becos, casebres e vilas. Reorganizar a cidade significava abrir ruas, demolir cortiços e remover setores populares - interferindo nos hábitos cotidianos e nas práticas culturais sobretudo da população negra e pobre urbana.

Ainda em junho de 1904, surgiu um projeto de regulamentação para a vacinação obrigatória, com imensa repercussão pública. No dia 10 de novembro eclodiu uma grande revolta popular, que se espalhou por várias partes da cidade, com bondes virados, trilhos arrancados, prédios depredados, postes de iluminação pública destruídos. A população pobre demonstrava intensa insatisfação contra os serviços públicos, contra as reformas de saneamento e contra a vacinação obrigatória. Na verdade, de maneira autoritária, as autoridades resolveram implantar medidas sanitárias sem a preocupação de explicar didaticamente sua importância. E, dessa forma, emergiu a revolta, fruto da falta de diálogo e da verdadeira ressaca, ressentida pela população que estava desapontada com a Lei Áurea de 1888 e desejava, com a República, maior inclusão social, mas acabou se deparando com muita exclusão. [...]

Aparecia nesse contexto a legenda do Prata Preta, apelido de Horácio José da Silva. Consta que ele era um estivador e conhecido capoeirista de trinta anos. Sua prisão se deu no bairro da Saúde, local onde as barricadas impediram o

avanço das tropas e onde os membros da polícia foram atacados. Prata Preta foi, então, acusado de participar da morte de alguns soldados [...] (Gomes, et al, p. 486, 2021).

O comentário de Gracy sobre as pastoras também merece desdobramento. De acordo com Nei Lopes e Luiz Antonio Simas em *Dicionário da história social do samba*, as pastoras são as mulheres responsáveis por “interpretar a parte coral dos sambas e executar a coreografia” (2015, p. 214).

As pastoras mais conhecidas são aquelas integrantes da G.R.E.S. Portela, como Tia Eunice (1921-2015) e Tia Surica, mas é importante frisar que várias escolas têm suas representantes, como a Tia Nina do Império Serrano.

A citada Tia Doca (1932-2009) era filha de Dona Albertina, a primeira porta-bandeira da escola de samba Prazer da Serrinha. Ainda adolescente, Jilcária (seu nome de batismo) se tornou porta-bandeira da Unidos da Congonha e anos depois fez história na agremiação de Oswaldo Cruz. Tia Doca – apelido dado por Zeca Pagodinho – é autora de *Temporal*, gravada pelo mestre Monarco (Hildmar Diniz, 1933-2021) e *Orgulho negro*, por Jovelina Pérola Negra (Jovelina Faria Belfort, 1944- 1998) (Macedo, 2007, p. 87).

Todo caminho percorrido e tudo o que foi vivido por Tia Ciata e pelas Tias baianas da Pequena África podiam ser o suficiente para corroborar a presença de mulheres no samba como um fato primordial para a existência e permanência do gênero. Mas não é. Décadas depois daqueles carnavais na Praça XI, outras mulheres reafirmaram sua força no canto e na dança.

O depoimento de Monarco para a série +70 do Álbum Itaú Cultural assegura minha afirmação. Na ocasião, o baluarte da Portela descreveu como foi o seu início na escola de samba e como as mulheres eram essenciais para o seu funcionamento:

Quando chegou lá, estava João Da Gente e aqueles caras do primeiro time da Portela. Eu, meio tímido ainda, porque eu saía na escola puxando corda. [...] Eu cantei e foi chegando um, foi chegando o outro, fizeram aquela rodinha. Todo mundo balançou a cabeça e chegou o Natal, que era o todo poderoso na época [...] cantei, o Natal balançou a cabeça e falou: canta logo mais lá. Eu disse: poxa, posso cantar, seu Natal? Ele falou: ué, pode, tem que aproveitar esse garoto, hein [...] As mulheres ficavam assim na roda, e a gente ficava cantando [...] Naquela época nem havia o prospecto. Depois passaram a fazer a letra, não tinha nada, era no peito mesmo. A gente ficava cantando a primeira parte, a primeira parte, a primeira parte. E elas iam decorando aquela coisa até pegar. Se elas gostassem, elas iam. Se não gostassem, faziam má vontade. Não adiantava. Você podia ir embora com o teu samba que não acontecia nada. Elas tinham que gostar, quem mandava eram elas (Itaú Cultural, 2014).

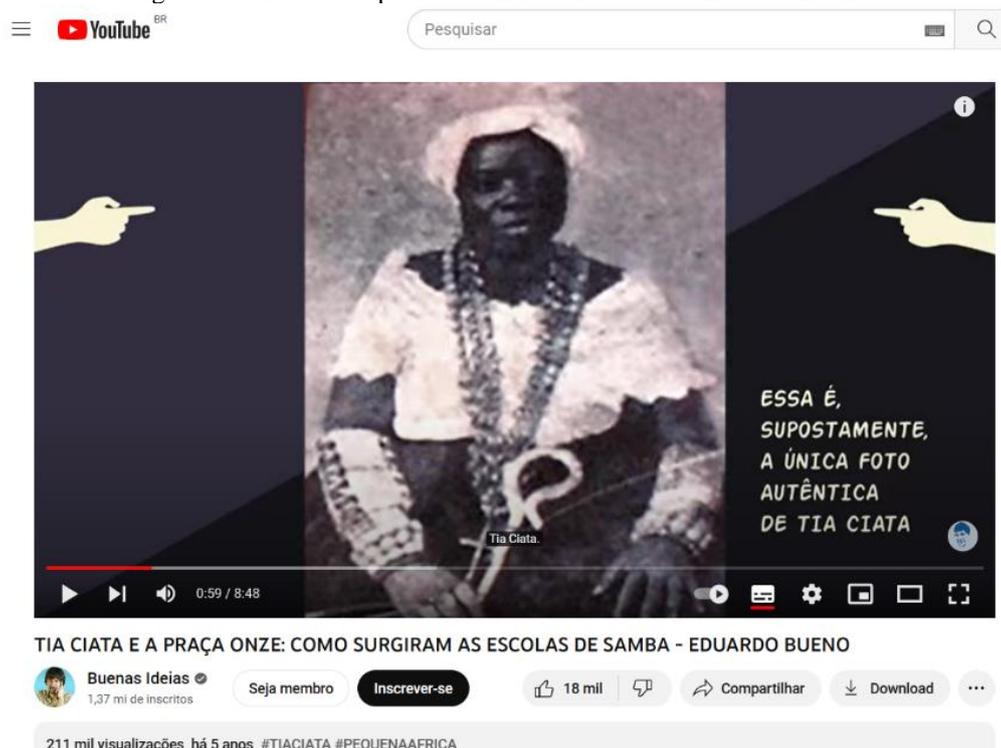
Deixo as perguntas mais difíceis para o final.

Começo pela autoria de *Pelo telefone*, o primeiro samba registrado no Departamento de Direitos Autorais, da Biblioteca Nacional e, por isso, considerado o primeiro samba gravado. Durante muito tempo a autoria do músico Donga (Ernesto dos Santos) e do jornalista Mauro de Almeida não foi questionada, todavia, há alguns isso foi colocado em xeque. Como o autor André Diniz enfatiza: ““Pelo telefone” foi gravado em 1917 pelo cantor Bahiano na Casa Edison, no Rio de Janeiro, e tornou-se uma coqueluche no carnaval. Muitas vezes acusaram Donga de ter-se apropriado de uma criação coletiva cantada na casa da Tia Ciata” (2008, p. 35-36).

Uma coisa é certa: minha bisavó e Donga eram amigos e, naquela época, fazer samba era colcha de retalhos. Cada pessoa fazia um pouquinho e depois juntava tudo. Parece que houve sim uma briga entre eles, o que é normal. Todo mundo briga, mas depois eles voltaram a se falar e deram continuidade à amizade deles. Nossas pesquisas indicam que Tia Ciata poderia ser compositora até porque não tem o menor sentido ela ter abrigado inúmeras rodas de samba sem participar. Ela tocava instrumentos musicais e foi a primeira mulher a comandar um rancho carnavalesco no Brasil (Gracy Moreira).

Também existe um imbróglio envolvendo a imagem da Tia Ciata. Muitos pesquisadores e pesquisadoras questionam as fotografias atribuídas a ela. Como é o caso do jornalista Eduardo Romulo Bueno. Em seu canal no Youtube *Buenas Ideias*, no vídeo *Tia Ciata e a Praça Onze: como surgiram as escolas de samba*, o escritor questiona dois retratos. Na primeira imagem, ele mostra a foto que está na sede Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira (BA), com os dizeres: “Fundadora da Irmandade da Boa Morte”. No vídeo, Bueno afirma que “Essa é, supostamente, a única foto autêntica de Tia Ciata”.

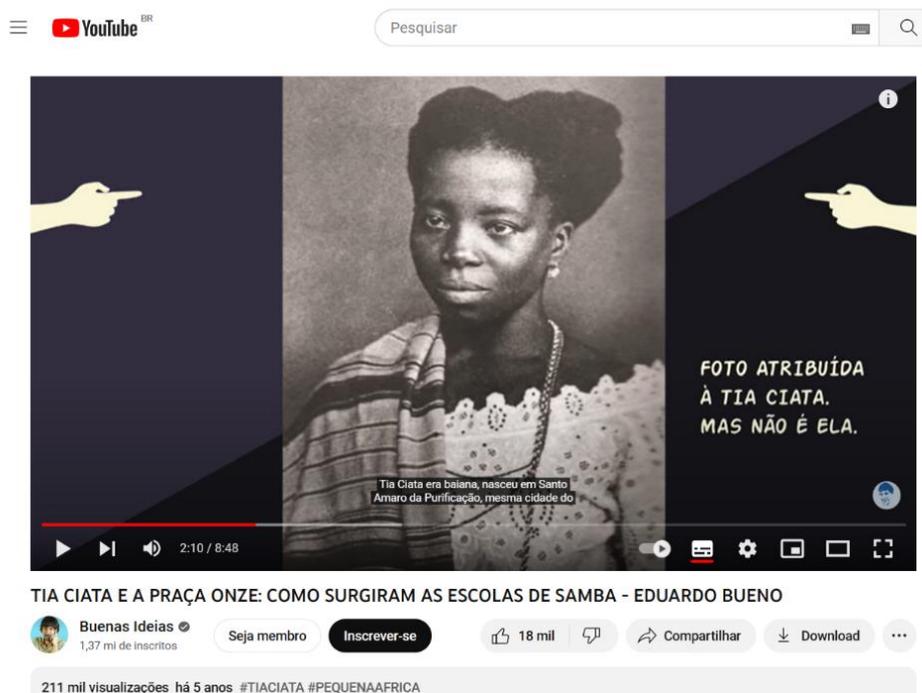
Figura 43 – Tia Ciata aparece o canal do Youtube de Eduardo Bueno



Fonte: Canal Buenas Ideas/Reprodução

Adiante, ele exhibe a mesma fotografia que está no site oficial da Casa da Tia Ciata. Na legenda, Bueno declara: “Foto atribuída à Tia Ciata. Mas não é ela”.

Figura 44 – Foto de Tia Ciata no canal do Youtube de Eduardo Bueno



Fonte: Canal Buenas Ideas/Reprodução

No capítulo Tia Ciata sim, por que não? Ou como rebater a história única da matriarca negra do samba do livro Movimento samba: 10 anos de Samba Sampa, a pesquisadora Claudia Alexandre também coloca em xeque a imagem de Tia Ciata:

Em relação à representação imagética, existem pelo menos 12 retratos de fisionomias diferentes referidas à Tia Ciata, publicadas na internet em páginas de pesquisas independentes, em pesquisas acadêmicas e até mesmo em publicações de órgãos públicos, como a Fundação Cultural Palmares. A foto mais recorrente ilustra livros de pesquisadores renomados e também estampa a página da Casa da Tia Ciata, sede da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC) [...] (Alexandre, 2023, p. 51).

Em suas investigações, Claudia chega à conclusão fotógrafo e pintor alemão Rodolpho Lindeman, que se estabeleceu, por volta de 1880, em Salvador, Bahia – estado onde permaneceu até sua morte em 1916. Isto é: Lindeman não teria tido a possibilidade de ir até o Rio de Janeiro, cidade que Tia Ciata estava desde 1876 (2023, p. 54-55). A famosa imagem teria estampado uma série de postais chama Creoula da Bahia (Id).

Acerca do impasse envolvendo a foto acima, Gracy Moreira é direta:

É Tia Ciata nas fotos. Acabou. No documentário *Porto da Pequena África*, que a casa da Tia Ciata apoiou, tem um antropólogo forense, o Marcos Paulo, que atesta a veracidade da foto. A princípio, não foi informado sobre o que se tratava realmente. Ele só sabia que era para confirmar o parentesco de uma pessoa. Fizeram vários testes, várias coisas, e tem ali [no documentário] ele falando sobre todo o trabalho que ele fez (Gracy Moreira).

Por ser um tema extremamente importante e delicado, trago o trecho do filme de Claudia Mattos em que Marcos Paulo Machado, chefe do Laboratório de Antropologia Forense do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro (IML-RJ), deixa evidente a semelhança entre Tia Ciata e Gracy Moreira:

O terço médio e o início do terço superior da face delas é muito semelhante. Dá pra ver a largura nasal é muito semelhante, tem uma pequena diferença na ponta do nariz, que é da Tia Ciata, tem um pouquinho mais baixa, um pouquinho mais fina, mas em compensação a largura é muito semelhante, o filtro nasal é praticamente idêntico. Aqui nessa região, entre os olhos, onde você tem a ponte nasal, o contorno ali da ponte nasal é praticamente idêntico também em ambas as fotografias. O formato do olho é muito semelhante, é muito parecido. Essa região aqui do supercílio é muito semelhante também e aqui já tem uma divergência que é em relação ao formato mais ogival aqui, mas acredito que também possa estar sendo iludido em função do corte do cabelo. Aqui é mais quadrado. É muito semelhante o bordo inferior do rosto. Eu peguei essa linha e casei certinho com essa e a gente teve esse resultado. Matematicamente falando: é possível. Se eu considerar um entendimento mais amplo, um entendimento qualitativo, não só quantitativo, eu posso falar que é bem provável que elas sejam parentes (Marcos Paulo, 2021).

Assim como Gracy Moreira se emocionou ao ouvir a afirmativa da familiaridade dela com a mulher da foto, me comovi ouvindo seus relatos ao vivo e aqueles registrados no documentário.

Para Gracy também não há dúvidas que a imagem na sede da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, é sua bisavó. Aquela foto tem um significado muito especial porque Gracy também é integrante da Irmandade e faz parte do mesmo *barco* que Mãe Dora de Oyá – assim como no Candomblé existem os barcos, ou seja, grupos de pessoas que serão iniciadas juntas. Mãe Dora não detalhou, pelos segredos-mistérios que envolvem a confraria, como funciona a iniciação para fazer parte da Irmandade, contudo, me confirmou que as duas entraram juntas.

Fico muito feliz ao ver a foto da bisavó na sede da Irmandade, pois eles guardaram, se alguma maneira, a memória dela. Fiquei muito emocionada com o cuidado do governo da Bahia com a imagem, porque foram eles que a enviaram para a Boa Morte. Na época, Tia Ciata não era tão famosa como é hoje. Ou, de repente, era muito afamada lá e eu não sabia. Mas é isso fiquei muito tocada ao vê-la na Irmandade. Tem muita gente que contesta, dizendo que quando a Irmandade foi fundada, minha bisavó não era nascida, logo ela não poderia ter sido a fundadora. Quem sabe a real data da fundação da Irmandade? Quem garante que Tia Ciata realmente nasceu em 1854? A única certeza é o ano de morte, 1924, por causa da certidão de óbito (Gracy Moreira).

Em relação à foto de Tia Ciata jovem, há ainda quem questione sua veracidade mesmo após esse extenso relato apresentado. Há também quem possa tensionar Ciata de Oxum como a fundadora da Irmandade da Boa Morte. As dúvidas não me incomodam, pois tudo tem uma razão de ser.

Encerro a contenda com um trecho da entrevista de Dulcilei da Conceição Lima para o podcast *Vidas Negras* (2021), do jornalista Tiago Rogero. A fala da autora da dissertação *Desvendando Luíza Mahin: um mito libertário no cerne do feminismo negro* e sobre Luíza Mahin ter existido ou não. A resposta dela funciona para as hesitações em torno da imagem da matriarca do samba:

Eu faço questão de deixar clara uma coisa: a gente não pode fingir que essa construção não foi imaginária, mas também deixar claro que a construção de um imaginário não prejudica de maneira nenhuma os sentidos que a personagem tem. Pelo contrário, fala muito a respeito das pessoas que construíram e das pessoas que deram força para a manutenção dessa figura. Então, é muito importante a gente olhar, por exemplo, para esse conjunto de mulheres negras que ali nos anos 80 dá toda essa força para solidificar a imagem da Luíza Mahin: porque ali a gente vê onde está a potência da construção desse imaginário (Vidas Negras, 2021).

5.2 O Museu do Samba

Era quinta-feira e o tempo continuava atípico para aquele setembro de 2022. Pela manhã, o sol saiu, mas logo foi substituído por densas nuvens e por uma chuva fina que escureceu cedo a cidade do Rio de Janeiro. Quando ainda fazia calor, fui para Manguinhos visitar Ana Paula Oliveira. Ana se tornou uma grande amiga desde a minha pesquisa de mestrado. Na dissertação, conto a história dela e de Aparecida, duas mães que perderam os filhos assassinados. A responsabilidade com que conduzi a pesquisa firmou um laço entre a gente. Eu gosto de visitar Ana, de saber como ela e sua família estão. Enfim, manter contato com uma pessoa que tanto admiro e acompanho a luta.

Figura 45 – Estátua do mestre Cartola em frente ao Museu do Samba, em Mangueira (RJ)



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Para facilitar minha chegada à Mangueira, almocei ao lado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e, por volta das 14h, cheguei ao Museu do Samba, localizado na Rua Visconde de Niterói, nos “pés da Favela da Mangueira”, como o site da instituição descreve. O Museu nasceu do Centro Cultural Cartola, fundado em 2001. Seis anos depois da criação, o local se tornou responsável pela salvaguarda das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro registradas como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Enquanto espero o horário da entrevista com Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e Cartola e a fundadora do Museu do Samba, passeio pelo museu e fico encantada com as esculturas gigantes logo na entrada do espaço. Exu e Oxum foram doadas pela G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, campeã do Carnaval de 2022. Naquele ano, ela desfilou como enredo *Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu*, transformando o carnaval em uma festa inesquecível: foi o primeiro desde a chegada da covid-19 e com um enredo sobre Exu, campeão. Em um país marcado por mais de 700 mil vítimas da pandemia e por um racismo religioso incansável, foi como um sopro de vento para tempos mais justos e alegres.

Havia exposições no térreo e no primeiro andar com um conteúdo impressionante: objetos históricos e obras de arte de artistas atuais contavam a história do samba ao longo do tempo. Na lojinha, objetos em verde e rosa e livros sobre o gênero musical conectado a questões de gêneros ou a figuras emblemáticas, como Dona Zica da Mangueira. Durante minha espera ainda tive a chance de conhecer Angélica Ferrarez de Almeida, autora da tese *Tia Dodô da Portela: memórias, linguagens e poderes de mulheres negras no pós-Abolição*.

5.3 Mangueira, mulheres e samba

Chegou a hora da entrevista. Quero saber de Nilcemar qual é a memória mais forte quando se fala de *mulheres e samba*.

Vai ser minha avó Zica. Ela e Dona Neuma eram duas lideranças fortes da Mangueira. Elas usavam o ofício e os saberes delas para ajudar a escola, levantar fundos, para colocar o grande carnaval na rua. A lembrança que eu tenho da minha avó era ela com panelões de batatas para descascar e cortar. Na noite do samba, ela se dividia entre o avental na cozinha e a quadra: quando ela não estava fritando a batata, vendida aos visitantes, tirava o avental e ia para a roda dançar. Isso me faz lembrar o tempo todo do lugar que samba está a serviço: de **unir** as pessoas e criar laços afetivos (Nilcemar Nogueira).

Eu não poderia ouvir algo melhor da neta de Dona Zica. Logo no início ela mostra a força **comunitária** que existe em torno do samba.

Ao se dirigir a Tia Zica, Tia Neuma, as pessoas estão se reportando às culturas da diáspora. Quando existe uma diáspora que dilacera laços afetivos, que desmancha a família, as culturas resultantes vão fazer essa operação ao contrário, vão criar identidades, unir pessoas, e dar sentimento de **pertencimento** (Nilcemar Nogueira).

Já que este é um trabalho preocupado com as questões de gênero, interessa saber mais sobre as mulheres da Mangueira. Nilcemar lembra que no início existiam lideranças masculinas nas agremiações, como o próprio avô dela, Cartola, entretanto “cada escola era uma grande liderança feminina”. A herdeira da Verde e Rosa cita dois exemplos: Tia Vicentina da Portela (Vicentina Nascimento, 1914-1987), cujo feijão “só quem é da Portela sabe que a coisa é divina”⁷⁷, e Tia Eulália (Eulália Nascimento, 1908- 2005), fundadora da G.R.E.S. Império Serrano.

A vida de Tia Eulália confundia-se com a própria comunidade da Serrinha. Adepta do jongo por influência do marido e do seu Nascimento, ela tornou-se a personalidade feminina de maior destaque no local. Tudo começou a partir de um desentendimento na escola Prazer da Serrinha, comandada por Alfredo Costa, que, no carnaval de 1946, resolveu desprezar o belíssimo samba *Conferência de São Francisco*, de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola. Um grupo se revoltou e resolveu fundar, em 23 de março de 1947, bem no quintal da Tia Eulália, a escola de samba Império Serrano. Foi ela quem confeccionou a primeira bandeira. Dois dos seus irmãos, João Gradim e Sebastião Molequinho, se tornariam presidentes.

Tia Eulália adorava mostrar o terreno onde foi fundada a escola. “Tive glórias e tive tristezas”, dizia para todos. As filhas testemunharam o empenho dessa grande dama: “Ela dormia e acordava só pensando no Império. Como mãe, também era dez” (Macedo, 2007, p.105).

Nilcemar volta a falar da avó e de como Dona Zica é a grande responsável pela transmissão do legado [do samba]. O amor, o envolvimento e a luta pelo samba é possível a partir do que Dona Zica passou para ela. “Meu avô é o fundador da Mangueira, mas foi ela que me ensinou a lutar pela Mangueira”.

Ouçó como as mulheres na Mangueira atuaram no departamento de organização da escola, arrumavam a quadra, faziam comida, cuidavam da limpeza e recebiam as pessoas que chegavam na quadra. “Não era perceptível a influência delas, mas elas tinham muita força”. Ela continua lembrando das mulheres que fizeram história na Verde e Rosa e cita Dona Neuma como foi uma das mais transgressoras:

⁷⁷ Trecho da música *O pagode do Vavá*, de Paulinho da Viola.

Em todos os momentos de escolha de presidente da agremiação, ela ia para o front. Tanto que para qualquer pessoa ganhar as eleições, precisava ter apoio dela. Se não, ela inventava piquenique, encostava um ônibus na Mangueira e todo mundo ia para outro lugar e ninguém ia votar. Teve até um presidente na época que disse que Neuma era o câncer da Mangueira. Chegava a esse ponto. E olha como coisas são: o presidente era Roberto Firmino, pai da atual presidente, Guanayra Firmino⁷⁸ (Nilcemar Nogueira).

Por tudo que viu, sentiu e viveu, Nilcemar também percebe a impossibilidade de separação entre mulheres e samba. Para ela, samba é um modo de viver uma forma de expressão intimamente ligada à matriz africana. Sendo assim, o samba “é um matriarcado, como toda cultura africana, e está intimamente ligado à religiosidade”.

A fundadora do Museu do Samba cita como muitas rodas de samba eram camufladas ao acontecerem nos terreiros, e como os toques das baterias das escolas de samba variam por causa dos Ogãs. Existem diferentes nações de Candomblé, diferentes Orixás “mentores” e por isso diferentes toques. Os Ogãs responsáveis por esses toques vão levar suas batidas para as agremiações e influenciar o som produzido naqueles espaços.

Historicamente, as lideranças femininas são responsáveis pela organização social do samba. Tivemos Tia Ciata na Pequena África e minha avó e Dona Neuma na Mangueira. Eram as duas que traziam apoios políticos para as verbas necessárias para o carnaval. Com jeitinho, elas envolviam as pessoas naquela causa coletiva. Os presidentes não andavam sem elas (Nilcemar Nogueira).

É especial ter recordações tão relevantes de alguém que cresceu no ecossistema carnaval-escolas de samba. “Causa **coletiva**” é como Nilcemar intitula a lógica do carnaval. Talvez não existisse nome melhor. Se a comunidade não atuar junta, o carnaval não acontece. A escolha do samba-enredo, os ensaios, a costura das roupas, a confecção dos carros alegóricos, a harmonia do desfile na Sapucaí. Nada funciona com uma pessoa. “O raio de atuação dessas mulheres vai para além das escolas de samba. Elas podem atuar com os políticos para conseguir água encanada, escola para a comunidade. Comparando

⁷⁸ A atual presidenta da Mangueira, Guanayra Firmino, é descendente de Tia Fé (Bendita de Oliveira). Infelizmente, não existem informações precisas sobre sua vida, como data de nascimento e morte, assim como a cidade natal. Ela seria baiana? Mineira? Os relatos se contradizem. Contudo, algo é certo: Tia Fé foi uma importante Mãe de Santo para sua comunidade e para a história do samba. “A exemplo de Tomásia, Tia Fé era conhecida como “grande mãe” da comunidade, por proteger os moradores da Mangueira. Seu terreiro de candomblé era respeitado e frequentado por pessoas famosas. Alguns pesquisadores relatam que Fé também gostava de dançar jongo e ouvir a poesia de grupos de pastorinhas nas festas de fim de ano. Naquela época, os foliões usavam quadras improvisadas, quase sempre relacionadas com as circunstâncias em que o samba era cantado” (Macedo, 2007, p. 20).

com a religiosidade, elas são as Ialorixás do samba. São elas que vão proteger todo sistema”, completa.

Figura 46 – Visita ao Museu do Samba em 2022, em Mangueira (RJ). As imagens de Oxum e Exu fizeram parte do desfile da G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio naquele ano, cujo carnaval foi vencedora com o enredo “Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu”



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

5.4 Resistência

Nilcemar Nogueira integra o grupo Matriarcas do Samba, formado por outras herdeiras do gênero: Geisa Keti, filha de Zé Keti; Vera de Jesus, neta de Clementina de Jesus; e Selma Candeia, filha do mestre Candeia. O quarteto esteve na abertura da exposição *A Força Feminina do Samba*, que reforça a importância do debate sobre o machismo e racismo presente não apenas no mundo do samba, mas em todo ambiente cultural.

Na descrição da mostra, em cartaz no Museu do Samba, o cuidado em reforçar a essencialidade das mulheres no samba:

No samba, como em muitas comunidades africanas desde a antiguidade, a mulher é figura central. É a forte presença das Yabás e Candaces – divindades e rainhas guerreiras. O samba carioca nasceu, cresceu e vive fortemente influenciado por personagens femininas sábias, militantes e provedoras, representadas pelas “tias” quituteiras, lavadeiras, compositoras, partideiras, cantoras e mulheres que atuam na preservação e celebração da nossa memória histórica ancestral. A exposição A FORÇA FEMININA DO SAMBA celebra o grande matriarcado do samba, cuja rede feminina sustentou famílias e a manutenção de saberes e tradições (Museu do Samba, 2023).

Foi uma grande *sorte* estar na abertura de uma exposição tão simbólica. Enquanto vejo fotografias e histórias de Tia Alice, Alcione, Ruça, Tia Neuma, Selminha Sorriso e Dona Regina, entre outras, de lembro da conversa com Nilcemar em setembro de 2022, quando descobri que a Mangueira foi uma das últimas escolas⁷⁹ a permitir mulheres ritmistas e que foi Verinha, e não Leci Brandão a ser a primeira mulher a ser incorporada à Ala de Compositores da escola. “No Império Serrano, Dona Ivone Lara começou colocando seus sambas como nome do primo, depois ela vai assumindo a identidade das músicas dela. Alguns segmentos das escolas eram totalmente masculinos”, afirmou.

Dona Ivone Lara é um dos exemplos mais expressivos sobre mulheres que transgrediram espaços masculinos no mundo samba. Seu exemplo é constantemente citado porque serviu e serve de inspirações para aquelas que chegaram depois:

Pastoras, tias, intérpretes são as posições designadas às mulheres no samba. Posições derivadas do imaginário de que mulheres, negras ou não negras, são mais habilitadas a desenvolver atividades ligadas ao cuidado doméstico, quando no mundo público, no campo da produção musical, o protagonismo masculino se evidencia em detrimento das posições assumidas pelas mulheres acima referidas. Mesmo sobre os efeitos da dominação masculina que estrutura a exclusão feminina ao agir como uma força de autoexclusão sobre elas, podemos perceber que as mulheres se impuseram como compositoras ao romper com os padrões estéticos até então estabelecidos pelo protagonismo masculino, e assim se configuram como referência para futuras gerações que intencionam se profissionalizar no campo da composição musical (MOREIRA, 2018, p. 39).

Assim como foi importante escutar de Gracy Moreira os desafios para manter em funcionamento a Casa da Tia Ciata, quero saber como Nilcemar mantém o Museu do Samba em pé.

⁷⁹ Em uma reportagem de 2005, a jornalista Joana Dale confirma: a Mangueira foi a última agremiação carioca a permitir mulheres na bateria. DALE, Joana. **Mulheres ganham cada vez mais espaço entre os ritmistas das escolas de samba.** 22 fev. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/mulheres-ganham-cada-vez-mais-espaco-entre-os-ritmistas-das-escolas-de-samba-15384991>. Acesso em: 04. out. 2023.

Acho que o principal desafio está em alcançar a meta que expressa a nossa **missão**, o que está dentro das diretrizes do Museu. Se você olhar no nosso site, está lá como missão contribuir para que o brasileiro possa entender a sua identidade da cultura afro-brasileira e que dê valor. Quando eu trabalho a educação patrimonial nas escolas, eu estou afetando um sistema educacional que ainda está numa lei para inglês *ver*, que é a Lei 10.639/03 [*que estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”*]. O desafio está em que seja uma política pública, porque na hora que isso acontecer, automaticamente o Museu do Samba vai para a centralidade dentro dessa política.

E eu não perco isso de vista porque o Museu precisa existir para além da minha pessoa. Hoje, ele está centrado dentro do meu corpo, mas precisa existir além de mim (Nilcemar Nogueira).

Figura 47 – Indumentária da G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro de Tia Glorinha, presidente da ala das baianas do Salgueiro, baluarte da escola. Acervo pessoal de Tia Glorinha



Fonte: Arquivo pessoal de Máfra de Deus Brito

Depois de ouvir tantas reflexões sobre união, comunidade e pertencimento, encerro a conversa a última pergunta – mas não menos importante: o que a Estação Primeira de Mangueira representa para Nilcemar?

Vai além de uma escola de samba focada no carnaval. Como diz o samba [enredo de 2011, *O filho fiel, sempre Mangueira*]: “Mangueira é nação, é comunidade!”. Atrás de uma escola de samba tem uma comunidade, que é potente, mas muitas vezes se torna invisível. Hoje, elas são a razão da minha luta. Na hora que eu vou fazer minha contra narrativa, por meio de uma instituição, porque eu sou a fundadora do Museu do Samba, isso é um ato político – isso tendo o samba como a principal referência identitária do brasileiro e aqui é o único lugar que cuida dessa memória. Não tem outro espaço que fale de carnaval ou de samba. Criar o Museu na Mangueira também é uma maneira de dizer: aqui tem pessoas que ainda estão desprovidas de direitos e ainda assim gente continua cuidando da memória, da identidade da nação (Nilcemar Nogueira).

5.5 De volta à Rua Camerino

Gracy Mary Moreira me conta que a Casa da Tia Ciata existe há 15 anos, mas está há sete na Rua Camerino, a pouco mais de 100 metros do Cais Valongo, principal porto de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas. Dentre todas as atividades do espaço, tem evidência o Programa *Multiplicando Saberes*, que por meio de exposições, colóquios e oficinas promove educação patrimonial entre crianças e adultos.

De acordo com o Iphan, educação patrimonial é formada por “todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural (...) a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação” (IPHAN, s/d).

Durante todo ano, os projetos desenvolvidos na Casa relatam os fatos relacionados à Tia Ciata e à Pequena África. “Tudo é pensado em exaltar a memória, que é patrimônio. Por mais que não tenha o formato de uma aula tradicional, não deixa de existir conhecimento, de ser didático, de educar as pessoas que vêm aqui”, aponta Gracy.

Também quero saber como um espaço tão importante como a Casa da Tia Ciata se mantém, e Gracy desabafa sobre o maior obstáculo para manter o local em funcionamento.

Nosso maior desafio são os recursos. Por mais que existam voluntários, o recurso é primordial. Dinheiro é tudo para que nossos projetos avancem. Somado a isso, há o racismo estrutural que a gente sofre o tempo todo. Já contratamos as melhores pessoas da área para inscrever a Casa em editais e bons projetos foram inscritos, mas percebemos que havia algo a mais. Quando aparece o nome “Organização dos Remanescentes da Tia Ciata”, já eliminam o projeto (Gracy Moreira).

Com muita franqueza e firmeza, Gracy continua elencando os empecilhos que envolvem a promoção da memória afro-brasileira.

É muito difícil. E eu digo, nós temos 83 anos de IPHAN, mas de memória nós temos em torno de 20. A valorização da memória veio bem depois, porque eles não cuidavam de bens imateriais, só cuidavam mais de bens materiais. Acho que todo esse processo civilizatório mostra como as pessoas não pretas, sempre teve medo dos pretos. Porque se a gente parar para pensar, de todo esse processo de vida mesmo, de livros escritos, da fase de colonização em outros países, raptando os negros de outros ambientes para poder escravizá-los, foi uma coisa bárbara, mas, na visão deles, necessária (Gracy Moreira).

Figura 48 – Parte interna da Casa da Tia Ciata, no bairro da Saúde (RJ)



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

Para finalizar minha conversa com Gracy, pergunto o que o samba significa para ela. “Samba para mim é uma poesia, é uma forma de transmissão de saberes, é uma forma de educação, é uma forma de terapia. O samba é a identidade do nosso país”, finaliza.

Chama atenção que não importa se é Brasília, Bahia ou Rio de Janeiro. Nesses três territórios essenciais para o samba e para a minha pesquisa, encontrei mulheres-chave no cuidado e preservação do samba. Todas colocam como **missão** a ação de pensar, falar, planejar e produzir estruturas capazes de perpetuar o samba – que, com o passar dos capítulos se mostrou como algo além do gênero musical.

6 LEVEI MEU SAMBA PRA MÃE DE SANTO REZAR⁸⁰

*Será que eu serei o dono desta festa?
Um rei no meio de uma gente tão modesta
Eu vim descendo a serra
Cheio de euforia para desfilar
O mundo inteiro espera
Hoje é dia do riso chorar*

*Levei o meu samba pra Mãe de Santo rezar
Contra o mau-olhado, carrego o meu patuá*

*É hoje, samba-enredo de 1982
da G.R.E.S. União da Ilha do Governador*

Lá atrás, quando essa tese era apenas um projeto, seu título era *Levei meu samba para a Mãe de Santo rezar*. Eu queria mostrar para as pessoas como não era (e ainda não é) possível falar de samba sem falar das mulheres negras de axé. Nessa estrofe, a escola de samba Ilha do Governador relembra o início das agremiações, quando ainda desfilavam no Centro do Rio de Janeiro. Os desfiles e toda sua estrutura em volta eram bem diferentes dos espetáculos vistos hoje, porém, o que me chama atenção no trecho citado é a lembrança da ancestralidade: rememorar o fato de que as escolas não passavam na frente da casa de Tia Ciata sem tomar as devidas bençãos.

Em depoimento a José Beniste, em 30 de julho de 1978, Carmen do Ximbuca, confirmou a notoriedade de Ciata de Oxum, que era sua irmã de santo: “Ciata morava na Visconde de Itaúna, 117. Era baiana, era das mais procuradas e ajudou a fazer fama na Praça 11. No Carnaval todos os clubes paravam perto da casa dela e a cumprimentavam e pediam a benção. Uma mágoa que eu tenho, ter pedido a única foto dela” (Beniste, 2019, p. 105).

O caminho desse capítulo começa com a afirmação que o samba nasce nos terreiros, na zona rural e na Bahia. Por acreditar que alguns debates foram superados, não vou investir em tensões sobre o samba ser carioca, ter nascido no morro ou no asfalto, entre outros tópicos. A colonização no Brasil começou no Nordeste e por isso é possível entender que as manifestações religiosas-culturais vão ali florescer primeiro.

O dossiê *Matrizes do Samba no Rio De Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo* (Nogueira; IPHAN, 2014) sintetiza pontos relevantes: o samba tem origem

⁸⁰ Verso do samba *É Hoje*, defendido pela G.R.E.S. União da Ilha do Governador em 1982.

nos povos bantos (localizados hoje nas regiões de Congo e Angola), desenvolveu-se na zona rural e chegou ao Rio de Janeiro, onde se tornou símbolo nacional por diversos motivos. Aquilo que foi desenvolvido em terras fluminenses é chamado de samba urbano. Porém, o samba rural é essencialmente baiano e tal qual uma boa árvore, rendeu bons frutos:

A tradição dos povos bantos deu, no Brasil, origem a toda uma família de danças aparentadas, que vai do carimbó paraense e do tambor-de-crioula do Maranhão “passando pelo coco do litoral nordestino e pelos sambas do Recôncavo e do médio São Francisco, na Bahia” até o jongo ou caxambu no Sudeste brasileiro, notadamente no Vale do Paraíba. Onde houve negro banto, lá estão as danças de roda, com ou sem umbigada.

[...] Indiscutível, também, sua origem entre os povos bantos do antigo Congo, que compreendia regiões da atual Angola.

Resta dizer, apenas, que várias dessas formas rurais de samba chegaram ao Rio de Janeiro, principalmente durante as migrações ocorridas nos cerca de 50 anos que se passaram entre a proibição do tráfico atlântico e a abolição da escravidão. E, aqui chegadas, amalgamaram-se, tanto ao gosto, por exemplo, de migrantes bantos do Vale do Paraíba quanto de sudaneses e também bantos vindos da antiga Bahia e do seu Recôncavo, tomando no meio urbano, com o passar dos anos, novas e ainda mais variadas formas (Nogueira; IPHAN, 2014, p.14-15).

André Diniz, em *Almanaque do Samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*; e Roberto Mendes e Waldomiro Júnior, em *Chula: comportamento traduzido em canção* corroboram a ideia:

A primeira menção ao termo samba de que se tem registro foi feita em 3 de fevereiro de 1838 no jornal satírico pernambucano *O Carapuceiro*. Mas samba significava tudo, menos o gênero que conhecemos hoje. No Rio de Janeiro, por exemplo, a palavra só passou a ser usada ao final do século XIX, quando ainda era ligada aos festejos rurais, ao universo do negro e ao “norte” do país (ou seja, a Bahia) (Diniz, 2012, p. 15).

Mais recentemente, tomando como referência a Bahia, os músicos e pesquisadores Roberto Mendes e Waldomiro Júnior observaram que, assim como ocorrido nas plantações de algodão do Delta do Mississipi, nos canaviais do Recôncavo Baiano os negros usaram a música como expressão de seu sofrimento e como consolo para as dores da escravidão. E como, em algumas ocasiões festivas, eles tinham permissão para cantar e dançar diante dos senhores. (Mendes e Júnior, 2008, p. 17 apud Lopes; Simas, 2015, p. 250)

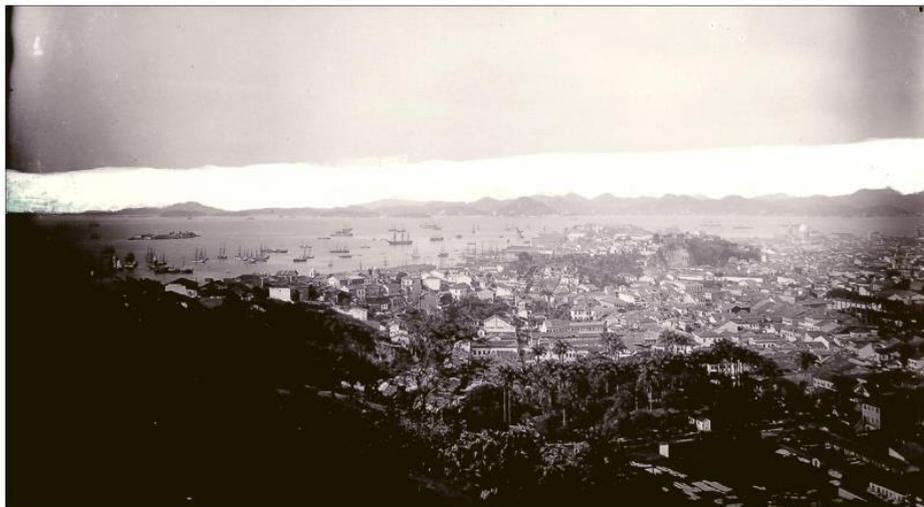
Sobre a base religiosa do gênero, vale relembrar o depoimento do mestre mangueirense Cartola (Agenor de Oliveira, 1908-1980):

No fim dos anos 20, novamente a palavra samba teve a sua significação alterada, outra vez em virtude de ser empregada por uma classe social diferente. Agora eram os descendentes de escravos, reunidos nas chamadas escolas de samba, para os quais a palavra ainda continuava designando a dança de roda de umbigada, de ritmo muito semelhante ao das cerimônias religiosas das macumbas. Samba para eles constituía um ritmo, uma coreografia, um gênero, enfim, muito próximo ao dos pontos de invocação dos orixás afro-brasileiros. Os sambistas primeiros, na esmagadora maioria, eram também pais ou mães-de-santo famosos e temidos: Elói Antero Dias, José Espinguela, Alfredo Costa, Tia Fé, seu Júlio, Juvenal Lopes, dona Ester de Osvaldo Cruz.

Os terreiros de samba eram também terreiros de macumba. Cartola, que foi cambono de rua do terreiro de seu Júlio, dizia: “Naquela época samba e macumba era tudo a mesma coisa” (Silva; Filho, 1998, p. 82)

A fala do baluarte mangueirense é objetiva e explicativa: intersecção entre Candomblé (chamado popularmente de macumba) e o samba é tão grande, que não era possível dissociá-los.

Figura 49 – Vista dos bairros da Gamboa e Saúde no final do século 19



Fonte: Marc Ferrez/Instituto Moreira Salles

6.1 Útero ancestral e matripotência

Logo na introdução da tese, rememorei o início do Candomblé no Brasil. Comandado por Iyá Nassô (Serra, 2008), o Terreiro da Casa Branca / Ilê Axé Iyá Nassô Oká, deu origem a alguns terreiros ilustres: Terreiro do Gantois, fundado pela Ialorixá Maria Júlia da Conceição Nazaré; e o Axé Opô Afonjá, pela Ialorixá Eugênia Ana dos Santos (Ibid.).

Relatos feitos por membros seniores do Egbé Iyá Nassô dão conta do papel exponencial que aí tiveram as chamadas “mulheres de partido alto”, sacerdotisas conhecidas como pessoas de grande iniciativa, comprovada tanto no campo religioso quanto na vida civil da população baiana negro-mestiça: damas muito empreendedoras, com presença dominante no comércio de rua e com significativa influência no seu meio, onde exerciam forte liderança (Serra, 2008, p. 7).

Ordep Serra afirma que o Candomblé nasce das mãos das mulheres no Brasil e José Beniste ratifica. Em *Histórias dos Candomblés do Rio de Janeiro* (2019), Beniste aponta que a religião era voltada para a iniciação feminina, “cabendo aos homens, apenas, a condição de babalaôs ou ogãs orientadores na execução de determinados rituais

religiosos” (2019, p. 414), cuja iniciação masculina foi admitida com a introdução do candomblé de caboclo (Ibid.).

O Candomblé será uma religião diferente das religiões ocidentais, em que o homem exerce forte hegemonia, dando pouco espaço às mulheres. Será observado que nos Candomblés baianos o poder das mulheres será total, com atuação espiritual e temporal sobre seus filhos de santo. Inicialmente se constitui um matriarcado em que o trabalho intenso do homem escravo ocorreria na agricultura ou no garimpo, ficando as mulheres com serviços domésticos e com mais disponibilidade de tempo nas senzalas ou em áreas próximas. Não se pode negar que os conselhos e as orientações do dia a dia dos membros e da comunidade estabelecerão uma forte relação familiar entre todos. E como as mulheres desenvolvem mais o lado afetivo, o papel de líder religioso com características maternas se ajustaria melhor a elas.

Os cargos inicialmente femininos viriam a ser diferenciados pela participação masculina. Essa inclusão foi muito mais forte no Rio, pois aqueles baianos aqui chegados não distinguiam critérios de virtude da necessidade de sobrevivência. Todos seriam aceitos indistintamente, contrariando os princípios do seu Candomblé de origem.

O Candomblé foi um novo culto diferenciado do que se fazia na África, com ritos adaptados e outro aqui criados. Constituiu o começo para exercer uma personalidade profunda pelas mãos de uma das mais destacadas representantes, Iyá Násó, e seu grupo por volta de 1830, em Salvador (Beniste, 2019, p. 100-101).

A estrutura matriarcal do Candomblé ajuda a explicar os ritos exclusivamente femininos existentes – como o Gêlêdê, que “se articulou sob a capa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte” (Serra, 2008, p.8), corporação católica formada, inicialmente, por várias filhas de santo do Terreiro da Casa Branca. De acordo com Helena Theodoro (1996, p. 103) era a Sociedade Gêlêdê a responsável pelos cultos das Iyá-mi – cultos originários da Nigéria e do Daomé, que existiram no Brasil e sabe-se muito pouco sobre ele, provavelmente, devido aos mistérios-segredos da organização.

Sua última sacerdotisa suprema foi Omóniké, conhecida pelo nome de Maria Júlia Figueiredo, que foi Iyalaxé do mais antigo terreiro nagô, o Ilé Iyá Nassô e tinha o título de Iyalóde Erelu. Após sua morte, não se teve mais notícia dos festivais anuais, nem da procissão que se realizava no bairro da Boa Viagem. A Sociedade Gêlêdê utiliza, até hoje, na Nigéria, máscaras finamente esculpidas e vestes muito coloridas, sendo que parte dos objetos usados por Omóniké na Boa Viagem, especialmente paramentos de cabeça esculpidos, foram levados para o Axé Opô Afonjá. As festas da Gêlêdê, com suas oferendas e ritos, eram celebradas todos os dias oito de dezembro, aproveitando o feriado em louvor de Nossa Senhora da Conceição da Praia, associada à Oxum [...]

A Sociedade feminina Gêlêdê permite a participação dos homens, mas não em sua cúpula, sempre constituída por uma sociedade secreta feminina, e seu objetivo é cultivar as Iyá-agbá em festivais públicos, onde a dança, o ritmo e a abundância das cores nas vestes arredondadas são oferecidos ao público, a fim de proporcionar fecundidade e fertilidade, enfatizando a feminilidade (Theodoro, 1996, p. 103-104).

Por mais que os festivais anuais não aconteçam nos moldes daqueles do século 19, várias autoras e autores atestam a conexão entre a Sociedade Gêlêdê e a Irmandade

de abertura reforça a ligação da Irmandade com a Sociedade Gèlèdè e o culto das Iyá-mi, ancestrais portadoras de um poder único.

Podemos pensar, ainda, que a aproximação mítica que a Irmandade da Boa Morte estabelece com a metáfora dos seus rituais católicos é a de legitimar a mulher como criadora da ordem universal, estabelecendo, a partir dessa entidade mítica principal – *Oduduá*, ou *Mawu-Lisa*, ou *Nanã*, no mínimo, uma ambivalência de poderes na gestação criativa do mundo. Nesse sentido, a Irmandade da Boa Morte recria, a partir do culto aos ancestrais femininos, a sua condição de *des-ordeiras*, ou seja, como as agentes primordiais da ordem. Cabe aqui lembrar o papel da tradição da Irmandade da Boa Morte persiste com esse culto desde as origens, em Salvador, quando era realizado por africanas que recriaram, na Bahia, o culto aos *orixás*. O culto à Boa Morte, de origem católica, era (e pretende manter ainda hoje) uma sobreposição ao culto às *iyá-mi*, minha mãe ancestral, realizada na África pela *Sociedade Gèlèdè* (Nascimento, 2023).

Uma das primeiras pessoas a falar sobre as Iyá-mi foi Pierre Verger. No texto *Grandeza e decadência do culto de Ìyàmi Òsòròngà (Minha mãe feiticeira) entre os Yorubá*, ele realça a importância dessas mulheres ditas feiticeiras; os preconceitos e o temor entorno delas.

A questão das feiticeiras, por exemplo, foi abordada frequentemente, mas parece que o tema de suas relações com as religiões ditas tradicionais nem sempre foi encarado com a sua devida correção. Coloca-se em princípio que, sendo a feitiçaria anti-social para excelência, ela não faz parte das religiões de uma comunidade humana. Esta noção apresenta uma vantagem de ser simples, mas o exame de alguns textos recolhidos mostra, ao contrário, que na região *yorubá* as atividades das feiticeiras, *àjé*, ligam-se às divindades, *òrìsá*, e aos mitos da criação do mundo.

Em geral, as feiticeiras *àjé* não gozam de boa reputação nessa região, a exemplo do que ocorria outrora na Europa, com aquelas criaturas que dispensavam maus agouros.

Nos meios tradicionais, os sentimentos são mais matizados; as *àjé* não são execradas pela sociedade, da qual, conforme veremos, constitui um dos pilares essenciais, e evita-se falar mal delas abertamente, pois, ao que diz, elas possuem uma força agressiva perigosa. Observa-se, portanto, uma atitude de prudente reserva diante de uma potência estabelecida, malevolente e atuante...o que acarreta, em relação a elas, uma descrição que não facilita a tarefa dos pesquisadores (Verger, 1994, p. 15-16).

A ideia ocidental de feiticeira não explica nem justifica o horror impregnado em torno dessas mulheres – da mesma forma que é incômoda a ideia de uma resposta “agressiva e perigosa” vinda delas. A ideia maniqueísta que imprime dois únicos caminhos possíveis – o bem e o mal – não faz sentido.

Existe um *itan* que ilustra bem a cosmopercepção das religiões de matriz africana, principalmente, o Candomblé.

Um longo poema da criação diz que, certa feita, Exu foi desafiado a escolher, entre duas cabaças, qual delas levaria em uma viagem ao mercado. Uma continha o bem, a outra continha o mal. Uma era remédio, a outra era veneno.

Uma era corpo, a outra era espírito. Uma era o que se vê, a outra era o que não se enxerga. Uma era palavra, a outra era o que nunca será dito.

Exu pediu uma terceira cabaça. Abriu as três e misturou o pó das duas primeiras na terceira. Balançou bem. Desde este dia, remédio pode ser veneno e veneno pode curar, o bem pode ser o mal, a alma pode ser o corpo, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser presença. O dito pode não dizer e o silêncio pode fazer discursos vigorosos (Simas, 2019, p. 105-106).

Sendo assim, respeito e medo são duas coisas totalmente diferentes.

De acordo com a filósofa Helena Theodoro, as mulheres ocupavam/ocupam um lugar de destaque nas religiões da África Negra e nos cultos afro-brasileiros. Elas eram/são responsáveis pela transmissão das tradições religiosas e culturais, porém, mais do que isso, eram/são doadoras da vida, “sendo o laço que liga o Sagrado com a vida biológica e espiritual, por ser a zeladora da matéria mítica que modelou o ori de cada pessoa” (1996, p. 70).

As mulheres (Iyá-mi) são vistas como um sistema de conhecimentos inatos no indivíduo, que dá poder e potencial de realização. Simbolizam a grande cabaça da criação, que possui um pássaro dentro: o *ventre fecundado*. As mulheres são as poderosas depositárias dos mistérios da gestação, estão presentes em todos os rituais, sendo as guardiãs da sociedade: do espaço e do tempo do homem no mundo, da transitoriedade e da interligação das coisas. Elas mantêm o equilíbrio do mundo.

O padê, que quer dizer *encontro*, é chamado despacho de Exu. Segundo Mestre Angenor Miranda (Cf. Rocha, 1994.), é uma obrigação feminina. Quem toma conta do *Padê* são as *grandes mães feiticeiras* ou Iyá-mi Ajé. As iyá-mi têm o poder de transformação, sendo representadas pelo grande pássaro. Como esta é uma obrigação feminina, deve ser dirigida por uma mulher. Este ritual representa o pedido de proteção contra os perigos em troca de certas oferendas, comemorando-se a vitória sobre os perigos. É a reunião de todas as forças instâncias: Exus, ancestrais, orixás, pessoas portadoras de cargos e filhos-da-casa (Theodoro, 1996, p. 100).

Seguindo a linha de raciocínio de Helena Theodoro, é possível pensar como Tia Ciata, Tia Perciliana, Dona Dalva Damiana e Mãe Dora de Oyá, entre outras, fizeram de sua fé um elemento crucial para a (sobre)vivência própria e de suas comunidades (1996, p.114) e deram continuidade à matripotência africana.

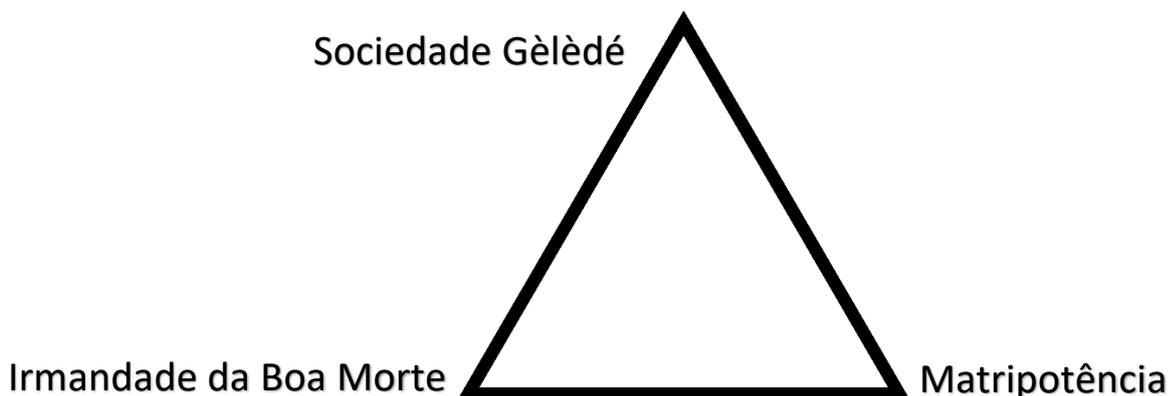
Em *Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [Iorubás]*, a socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí trabalha a categoria sócio-espiritual de Ìyá⁸¹, instituição social que simboliza o “princípio matripotente” (p. 3, 2016). “A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá” (p. 3), ela explica. Não possível pensar o mundo de hoje sem a presença das Ìyás

⁸¹ Utilizo as palavras de Oyèrónké Oyèwùmí para evitar qualquer discurso errôneo e extremista sobre questões de gênero: “A ideia de que Ìyá é uma categoria não-generificada não deve ser difícil de entender se partirmos da premissa de que o conceito emana de uma episteme diferente daquelas euro estadunidenses universalizadas e repletamente generificadas” (Oyèwùmí, p.3, 2016).

– lidas erroneamente no sentido ocidental subordinado de mãe. Seu significado e atuação extrapolam o universo tradicional e estereotipado da maternidade. As Iyás são “o ser humano arquetípico do qual todos os humanos derivam” (p.7).

Diante do exposto é possível fazer uma estrutura dos três elementos citados acima, cujas existências se fundem e confundem:

Figura 51 – Estrutura: Matripotência-Sociedade Gèlèdè-Irmandade da Boa Morte



Fonte: Maíra de Deus Brito

Em resumo: o Candomblé é afro-brasileiro e nasce matrifocal. Por mais que ao longo dos anos essas estruturas tenham se modificado, continua matripotente, pois a matripotência é o fundamento da religião. A ideia de útero ancestral guia tudo e todos que foram criados, atestando a força e imprescritibilidade das mulheres no fazer do mundo.

Esses vínculos ajudam na compreensão da dimensão espiritual do Samba.

6.2 O Samba como Orixá

Tão importante quanto o que está escrito nos livros, são as conversas que permitiram a escrita dessa tese. Em *A tradição viva*, o escritor malinês Amadou Hampaté Bâ ressalta que os pós Segunda Guerra Mundial foi um momento importante para desmoronar a ideia de que “povos sem escrita eram povos sem cultura” (2010, p. 167-168):

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem.

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso

de experiência própria, tal como ele mesmo os narra (Hampaté Bâ, 2010, p. 168).

Por isso, enfatizo que várias referências aqui presentes vieram da oralidade.

Em uma das conversas importantes que tive com Sérgio Magalhães, meu irmão de Santo, cantor, compositor e mestre de obras, fui indagada. “Maíra, para você, o que/quem são os Orixás?”. Uma força da natureza? Divindades? Forças ancestrais? Nenhum termo pareceu suficiente para responder à pergunta.

Foi quando ele me trouxe “Consciência” como a ideia capaz de explicar o que são os Orixás. *Conhecimento, Noção, Atributo que permite a uma pessoa a percepção, com certo grau de objetividade, do que se passa em torno de si (o mundo exterior) e dentro de si próprio (o mundo interior ou subjetivo)*. Uso os conceitos do dicionário (Aulete Digital, 2023) como apoio para o próximo raciocínio:

Samba é Orixá, Orixá do Pertencimento. Ou seja, Samba é a Consciência do Pertencimento

O Pertencimento é de extrema importância para uma sociedade/comunidade atravessada pela diáspora. Como escrevem Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino: “Nesse sentido, a perspectiva assente na noção de diáspora africana está vinculada à ideia de um trânsito catastrófico em que as identidades só podem ser lidas como processos históricos e políticos levados à contingência, à indeterminação e ao conflito (2018, p. 54) – assim como Nilcemar Nogueira disse anteriormente.

Samba une aquelas e aqueles que foram retiradas à força do seu território-casa e, mesmo depois de décadas do fim do tráfico negreiro, a necessidade de (re)lembrar o Pertencimento segue intensa. O *modus operandi* do capitalismo esvazia o prosaico. Crianças pulam de um caixote para outro – do caixote do apartamento para o caixote do carro; do caixote do carro para o caixote da escola (Simas, 2019, p. 62); adultos não suportam mais a excessiva carga laboral; aluguel, transporte e comida não param de aumentar.

Em junho de 2023, a imprensa noticiou: “Há 20 meses seguidos a inadimplência no Brasil não para de subir. E em maio não foi diferente, com crescimento de 0,65% em relação a abril” (CNN Brasil). O Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública) divulgou que as taxas de injúria racial e de racismo

aumentaram 32,3% e 67%, respectivamente. E o mesmo documento anunciou o aumento nas taxas de exploração sexual infantil (16,4%) e feminicídios (6,1%).

Mas nem tudo são dores. Desde 2022, o Brasil viveu ventos de esperança com a biomédica soteropolitana Jaqueline Goes de Jesus, que sequenciou o genoma do genoma do coronavírus (responsável pela covid-19) em tempo recorde (48 horas); com o bailarino goiano Vinicius Ferreira, então com 11 anos, selecionado para a final mundial da competição internacional de balé *Youth America Grand Prix* (YAGP); e com a eleição das deputadas federais trans Erika Hilton (PSOL-SP) Duda Salabert (PDT-MG).

Isto é, apesar do cenário desolador, há aquelas e aqueles que insistem na luta pelos direitos humanos, e na paz e na alegria como ordem do dia de todas aquelas que estão em grupos vulnerabilizados.

É na roda de samba que se celebra o grande útero ancestral, que as pessoas (re)lembram valores, sonhos, expectativas, que não estão sós, suas **missões**. Os exemplos de Tia Ciata, Dona Dalva Damiana, Mãe Dora de Oyá, Gracy Moreira e Nilcemar Nogueira expõem que suas atuações no mundo são **missões** – aceitas com apreço e emoção. Todas se emocionaram ao descrever suas atuações. É como uma predestinação. A **missão** também pode ser lida como um grande encontro de dons/aptidões. “A pessoa é para o que nasce”. Quando alguém é boa em determinada atividade e encontra meios para exercê-la, fará bem pois seu talento está naquela seara. Há quem chame de coincidência. Há quem chame de destino. Há quem chame de **missão**.

A ideia de Samba ser Orixá do Pertencimento ganha ainda mais força quando se observa que sua principal expressão é por meio do gênero musical homônimo.

Em entrevista à Revista Trip, Mateus Aleluia, músico, cantor e compositor baiano, inicia sua fala expondo a essencialidade da música:

A obra vai prevalecer, o discurso talvez não. O discurso seja verdadeiro ou falso, um dia ninguém vai se lembrar dele. Agora o trabalho que nós fazemos, esse trabalho fica. E antes da palavra, isso que é importante: antes de tudo veio o verbo. Tem um ditado, acho que até a Bíblia diz isso: antes de tudo houve o verbo. Não! Antes de tudo houve a música. O verbo só veio com o homem. Antes do mundo ser criado [...] para poder criar essa brincadeira que nós aqui estamos, tudo isso era uma grande sinfonia (Revista Trip, 2019).

Se antes de tudo veio a música, Samba, em sua expressão primordial, veio por meio dos tambores do Candomblé. O Rum, Rumpi, Lé não são apenas tambores, são instrumentos musicais consagrados, responsáveis pela comunicação entre o Orun e o Aiyê.

Na mesma entrevista, adiante, Seu Mateus, como é mais conhecido o artista – o último integrante vivo do grupo Os Tincoãs – continua com suas reflexões pertinentes para essa pesquisa:

A gente nunca descobre nada. A gente apenas volta para tudo aquilo que nós somos. E nos esquecemos que somos. O terreiro nunca saiu de nós, porque o terreiro é a África. E tudo, antropológicamente, até hoje está comprovado que saiu da África. E a música de terreiro – se fala a música ritualística africana que aqui chegou –, que aqui tomou o nome de Candomblé. Essa música chegou aqui através de várias nações. Para nós, o ritual, o culto, é que dá origem à cultura. Se não houvesse um culto, não haveria uma cultura tão bem sedimentada como nós temos da cultura africana aqui. E o responsável por tudo isso foi o Candomblé. E na nossa formação, pelo menos na minha, nós fomos embalados durante a noite pelos toques do Rum, Rumpi, Lé e o Gã [agogô]. Que são os instrumentos sagrados que dão ritmo ao Candomblé (Revista Trip, 2019).

Compreender Samba como Orixá do pertencimento é também uma maneira de honrar a ancestralidade: é necessário saber de onde você veio para saber para onde você vai. Samba Orixá e samba gênero não se separam: assim como na roda de xirê – cujo começo e o fim se confundem – ou como na roda de samba – em todas as pessoas e instrumentos têm seu lugar e sua função, atuam de maneira conectadas, fazendo a engrenagem da música funcionar. O útero também é uma roda que tudo cria.

Samba gênero e Samba Orixá foram/são perseguidos, mas não morrem. Eles fazem as pessoas cantarem juntas, dançarem juntas, trabalharem juntas. O melhor exemplo são as escolas de samba, que só existem porque carregam as dimensões de pertencimento e coletividade. O Samba é um Orixá que deve ser zelado por algumas pessoas específicas, sobretudo por mulheres. Mulheres negras que cantam, dançam, rompem barreiras e organizam toda a estrutura necessária para que o samba, gênero musical, propague o axé do Samba Orixá.

Em conversa específica para esse trabalho, o professor e doutorando em Antropologia Mauro Cordeiro corrobora com a linha de raciocínio:

Eu enxergo as escolas de samba como associações negras dos territórios periféricos da cidade, como uma forma de construção, inclusive de uma dimensão política fundamental, de homens e mulheres negros naquele contexto de pós-abolição em um país que não garantiu direitos nem inclusão – mesmo tendo sido o último país a abolir a escravidão transatlântica de homens e mulheres negros do continente africano. Naquele contexto, homens e mulheres negras da cidade do Rio de Janeiro foram empurradas, também, por uma série de obras e reformas que visavam remodelar o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro para territórios periféricos. Aí, estou falando dos subúrbios e das favelas.

Eles foram empurrados para esses territórios periféricos por causa de um olhar elitista e de uma série de questões que envolvem as reformas urbanas, e por serem corpos indesejados naquele projeto de cidade e de país.

A partir desses territórios, eles produziram que a experiência negra brasileira, que é o associativismo, a coletividade. Vários autores apontam essa

experiência negra brasileira muito marcada pela construção de grupos, como Clóvis Moura é um deles. Podemos em grupos religiosos, culturais e artísticos. As escolas de samba são um pouco de cada uma dessas coisas.

É em um espaço construído em territórios à margem do centro, longe da conquista de direitos, onde essas pessoas vão se unir e expressar suas visões de mundo; vão construir redes de sociabilidade e manter os seus valores ancestrais que até hoje fundamentam as escolas de samba. E, sobretudo, vão demonstrar um pertencimento.

Pensar a Escola de Samba é pensar esse caldo de cultura e o contexto histórico que existia no início do século 20, na cidade do Rio de Janeiro, e como empurrados para as periferias, para as franjas da cidade, essa população negra produziu uma arte e uma cultura que se transformou na própria marca, no próprio símbolo positivo da cidade, do país (Mauro Cordeiro).

Em 2018, quando Seu Araruna me disse que eu devia voltar a fazer o que eu fazia, ou seja, escrever sobre samba, não entendia muito bem o porquê. Hoje, eu entendo que também é minha **missão** falar de samba, tanto do gênero como do Orixá, pois ambos ajudam a curar as tristezas e as angústias. São eles que nos lembram que não estamos sozinhas e que se manifestam nos tambores e nos silêncios.

O Samba é Santo⁸².

Todos os marcos históricos do samba, gênero musical, tinham mulheres como elementos-chave: o samba de Roda do Recôncavo Baiano com Dona Dalva Damiana; a transição do samba rural para o samba urbano com Tia Ciata e as Tias da Pequena África; as escolas de samba com Tia Eulália, Tia Fé e Tia Surica, entre outras; e a revolução provocada pela roda do Cacique de Ramos (RJ) com Beth Carvalho (1946-2019).

Apesar de Beth Carvalho ter sido uma mulher branca sem vínculos com religiões de matriz-africana, foi ela a responsável por mostrar ao mundo toda mudança musical nascida em Ramos: Ubirany com seu repique de mão; Sereno com seu tantã – substituindo o som pesado do surdo; e Almir Guineto com um banjo diferente, afinado como cavaquinho⁸³ (Salles, 2022, p. 27-42).

Isto é, sempre há uma mulher, uma força matripotente, cuidado do samba. No livro *Canto de rainhas: o poder das mulheres que escreveram a história do samba* (2021), Leonardo Bruno diz: “... e não reza o dito popular que a madrinha é aquela que cuida do rebento na ausência da matriarca?” (p. 107). Dona Conceição de Souza Nascimento, mãe

⁸² Santo aqui entendido como sagrado e fazendo referência a maneira como as pessoas chamam os Orixás.

⁸³ A ideia de levar o banjo, um instrumento da música country para o samba, foi conjunta. Apesar das controvérsias, Chico Brust, ex-assessor de imprensa de Almir Guineto, decreta que a ideia foi coletiva: de Almir e de Antônio Carlos, mais conhecido como Mussum, músico e humorista (Salles, 2022, p. 41).

de Ubirajara, Bira Presidente e Ubirany⁸⁴, não poderia ter compartilhado com melhores mãos o cuidado do Cacique de Ramos – cuja criação tem fundamento no Candomblé.

Dona Conceição foi feita, aos 15 anos, por Mãe Menininha do Gantois (1894-1986) – Ialorixá imortalizada na música *Oração de mãe menininha* (Dorival Caymmi). Hoje, o centro de Dona Conceição é comandado por sua filha carnal, Conceiçãozinha (Salles, 2022, p. 21), porém, mais conhecido do que o centro são as tamarineiras-símbolo do Cacique de Ramos.

No livro *Fundo de Quintal: O som que mudou a história do samba*, Marcos Salles revela um depoimento marcante de Bira Presidente sobre um pedido de Mãe Menininha:

Ela disse que arrumássemos um local com uma árvore que desse fruto, pediu a minha mãe que colocasse um preceito nesta árvore para abençoar o lugar, manter para o resto da vida e que todas as pessoas que pisassem ali e que tivessem um dom iriam desenvolver esta habilidade. Todo aquele que pisasse ali com fé, tudo iria fluir em sua vida. Tanto é que o Cacique, quando foi fundado, era para ser só um bloco para brincar no subúrbio e transformou-se num dos maiores redutos do nosso samba.

Aliás, o bairro de Ramos também deve ser considerado berço do samba, como Estácio, Madureira e Vila Isabel.

Lembro-me de quando se tirou toda aquela mata e ficou o asfalto. Minha mãe esteve lá, fez um ritual, uma segurança para todos nós e, a partir dali, o Cacique de Ramos deu todos os frutos que poderia ter dado. No carnaval, na música, nas nossas vidas. O Cacique é abençoado e protegido pelo axé que minha mãe deixou e pelos deuses que acompanham e dão aval a tudo que a gente faz (Salles, 2022, p. 23).

Mais uma vez, mulheres negras de axé possibilitando a criação e manutenção do Samba – gênero e Orixá.

Respeitada as devidas proporções, Mãe Dora representa a inovação do cenário musical em Brasília (DF) com o projeto ABC Musical, o Afoxé Ogum Pá e os Filhos de Dona Maria. Ter as crianças do projeto na Escola de Música de Brasil e ver a quantidade de shows dos grupos acima em um universo tão concorrido é sinal de êxito. O carinho do público confirma.

Em uma fala feita na Casa do Cantador (Ceilândia), em novembro de 2022, Mãe Dora contou um *itan* oportuno para a tese dessa pesquisa:

Falar de mulher e de samba é fundamental. Samba é o grande Orixá brasileiro, Ele tem fundamento. Quando Olodumare criou tudo, percebeu que as pessoas ainda estavam muito engessadas, e reclamou com Oxalá que, por sua vez, chamou Exu. Exu providenciou um tambor com pele de peixe e disse para todos fazerem uma roda e dançar. Porém, nenhum homem dançou. Quando

⁸⁴ Alguns dos fundadores do grupo Fundo de Quintal. Entre os pioneiros, também está Neoci Dias de Andrade (1937 – 1981), mais conhecido como Neoci de Bonsucesso. Neoci era filho de João Baiana, que ganhou o título de responsável por introduzir o pandeiro no samba; e neto de Tia Presciliana, uma das tias da Pequena África (Salles, 2022, p. 38). A linha do tempo mostra como o DNA de Tia Presciliana está presente nos momentos mais importantes do samba no Rio de Janeiro.

chamaram a mulher mais velha, a anciã, ela dançou. Quando Tia Ciata chegou ao Rio de Janeiro, chegou com uma missão, e fez fundamentos para Exu, Ogum e Oxóssi. Exu porque não se faz nada sem ele; Ogum, para dar caminhos para o samba; e Oxóssi para que não faltasse prosperidade. Samba não é só tambor. O axé, o poder de criação e a beleza são as mulheres que levam para o samba. Os homens deveriam aprender com as mulheres o que é o samba (Mãe Dora, 2022).

Com Exu alimentado, foi a vez de Ogum atuar: ele abriria todos os caminhos que importam para que o samba se transformasse na potência que é. Quando eu estava no Museu do Samba, a responsável por apresentar a exposição contou que o samba fez o caminho dos trilhos do trem no Rio de Janeiro. Achei pertinente. Os trilhos são um dos domínios de Ogum. Apesar de toda tentativa de embranquecer a cidade, o samba se manteve firme. Se as pessoas fazedoras do gênero eram expulsas para locais longínquos, o samba continuava a ser produzido, atualizado, permanecendo. Oxóssi garantiu que a prosperidade fosse perene.

A breve retrospectiva teve o intuito de indicar caminhos para a afirmação que não há Candomblé e Samba sem as mulheres. Mulheres negras, de axé, periféricas, que têm contribuído para esse elemento que é muito mais do que um gênero musical. Dona Dalva, ao dizer que o Samba é “espiritual”, dá uma pista sobre sua importância.

Aqui também foi um espaço de defesa da dimensão espiritual do Samba, cuja essência é o axé matripotente, capaz de multiplicações, atravessamentos e curas. O Samba Orixá e o Samba gênero musical contam histórias, registram memórias, criam rezas e apontam possibilidades de amanhã, fazendo valer o ciclo da ancestralidade formado por *passado-presente-futuro*.

Símbolo chave da diáspora africana, o tambor é instrumento essencial para pensar, sentir e fazer os *Sambas*. Foram (e são) com esses tambores nos terreiros, nas ruas, nas praças e nas esquinas que as pessoas pedem bençãos às mulheres, detentoras de um axé único, de poder criador e transformador.

Conclusão

*Quem não sabe tudo, não fale
Quem não sabe nada, se cale
Se for preciso, eu repito
Para ver as meninas, Paulinho da Viola*

Quando dei início a esse trabalho, não imaginava encontrar tantas histórias emocionantes e importantes. Os percursos trilhados por Mãe Dora de Oyá falam de amores, dores, saudades, partilhas, presenças, pertencimentos e direitos humanos.

Como foi dito anteriormente, foi uma escolha da interlocutora que a história fosse narrada em ordem cronológica. Dessa maneira, a forma como eu a nomeio muda ao longo do tempo. Quando criança, ela era a menina Doralina, moradora de uma cidade pequenininha no Oeste Baiano, cujo núcleo familiar era formado por pessoas como a bisavó, o bisavô e a mãe. Seu Manoel Sodoso e Dona Doralice morreram em um curto período e suas partidas foram decisivas para que Doralina deixasse Riachão das Neves (BA) e o pé de manga que levava seu nome, e partisse rumo ao Distrito Federal. A tentativa de suicídio e o primeiro aparecimento do Caboclo Ventania também estão em *Nossos passos vêm de longe*, capítulo que apresenta minha interlocutora que, criança, amadureceu diante das circunstâncias da vida.

Na sequência, *Quem foi de aço nos anos de chumbo* é um mergulho na adolescência e no início da vida adulta de Doralina. A vida na periferia do DF, a entrada dela no Partido Comunista Brasileiro, as atuações nos movimentos sociais, as amizades e a construção da própria família comprovam que Doralina é um ser político em sua essência. Ao final, mostro a transformação de Doralina em Mãe Dora de Oyá: a militante política partidária e defensora dos Direitos Humanos leva sua experiência e desejo por tempos mais justos para o terreiro que comanda e para os projetos que ali nasceram.

O capítulo *Esse som veio de longe* revela algumas paixões de Mãe Dora, como o time de basquete estadunidense Chicago Bulls, o time de futebol carioca Botafogo e a escola de samba Portela. É pertinente conhecer o que encanta Mãe Dora. As flores em vida recebidas por ela também aparecem nesse momento, assim como os projetos que ela comanda. O axé cultural do Ilê Axé T'ojú Labá fica evidente aqui quando retomo a criação e o percurso do ABC Musical, dos Filhos de Dona Maria e do Afoxé Ogum Pá. A energia transformadora de cada uma dessas iniciativas tem compartilhado cultura com crianças periféricas e as colocado em espaços de destaque como a Escola de Música de Brasília, além de levar a música afro-brasileira para cidades do Brasil e do exterior. Ao cantar e

falar sobre samba, jongo e ijexá, entre outros ritmos, a ancestralidade – formada por passado, presente e futuro – completa seu ciclo de existência e permanência.

A Irmandade da Boa Morte explica a relevância dessa confraria para a vida de Mãe Dora e dá indícios de como esse espaço religioso é essencial para pensar a dimensão espiritual do Samba. Não é coincidência que grandes matriarcas do Samba sejam integrantes da Irmandade da Boa Morte. Tia Ciata, Dona Dalva Damiana (cuja luta pelo samba de roda também se faz presente no capítulo) e Mãe Dora são exemplos dessa conexão – aprofundada no último capítulo.

Conversas cariocas é um capítulo que só foi possível por causa de um fomento financeiro do PPGDH. Aproveitei a oportunidade e fui para o Rio de Janeiro conversar com mulheres que também têm como **missão** zelar pelo samba. Gracy Mary Moreira é bisneta da Tia Ciata e integrante da Irmandade da Boa Morte. A falta de apoios não desanima Gracy, que celebra a memória de Tia Ciata com músicas, festas e iniciativas baseadas na educação patrimonial. Os desafios e a devoção ao samba também são nítidos nas falas de Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e do mestre Cartola. Nilcemar nos presenteou com memórias importantes sobre a Mangueira e sobre as mulheres que ajudaram a colocar a Verde e Rosa de pé.

Finalizo a caminhada com *Levei meu samba pra Mãe de Santo rezar* evidenciando a conexão entre a Sociedade Gèlèdè, o culto a Ìyàmi Òsòròngà e a Irmandade da Boa Morte.

Curiosamente, só apenas um tempo depois de apresentar o projeto da tese e desenvolvê-lo, percebi que tinha algo a mais a ser dito. O primeiro passo era apresentar o Candomblé para quem não o conhecia. Era preciso falar dessa religião ainda envolta de tantos preconceitos e contar que seu fundamento primordial está na ideia de útero ancestral, representado por uma cabaça, símbolo de Ìyàmi Òsòròngà, a Mãe Ancestral, onde tudo começa.

Se o Candomblé é uma religião que nasce de um útero, as mulheres são fundamentais para tudo que envolve os mitos e os ritos, e a matripotência surge como conceito crucial na compreensão dos “poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá” (Oyèwùmí, 2016).

Não é possível falar de Candomblé sem as mulheres e se o samba, gênero musical, nasce nos terreiros, a premissa é estendida: não é possível falar de samba sem as mulheres. A atuação das mulheres de axé nos terreiros da Bahia e do Rio de Janeiro, sobretudo, foram o suporte espiritual e material para o gênero ultrapassar fronteiras e se tornar o

símbolo nacional. O axé depositado nos instrumentos musicais, o espaço para que as rodas de samba pudessem acontecer, as composições feitas nesses locais. Nada seria possível sem essas mulheres.

Por motivos diversos, a mais conhecida pela história oficial é Tia Ciata, cuja casa abrigou outras mulheres sambistas; Donga; Pixinguinha; e *Pelo telefone* – o primeiro samba registrado na Biblioteca Nacional. Ela não foi a única. A amplitude do gênero musical é tamanha porque o trabalho coletivo possibilitou vários caminhos abertos – em outros tempos, em outras cidades do Brasil.

Pensar o Samba além do gênero musical era uma ideia que não saía da minha cabeça há um tempo e ganhou força quando eu vi um *tweet* do professor Luiz Antonio Simas. Posteriormente, o pequeno texto publicado na rede social *Twitter* (Atual *X*) ganhou lugar no livro *Crônicas Exusíacas & Estilhaços pelintras* (2023): “em alguns cultos bantos, Samba é um dos nomes do inquite – divindade – Kisimbi, Kisambô” (p. 150). Pensando em termos do Candomblé Ketu, seria o equivalente ao Orixá Iemanjá, aquela cuja primeira menstruação alimentou a terra (Azevedo, 2006, p. 73).

Na dissertação *Ìyàmi: símbolo ancestral feminino no Brasil*, Vanda Alves Torres Azevedo expõe um depoimento muito importante de Lourdes, “devota de orixá, filha do Templo de Oyá, que pertence ao Babalorixá Valdir de Oyá”:

... o culto a Ìyàmi Osorongá representa o culto à força gestante da própria natureza. Elas são gestantes da natureza, são forças criadas por Olodumare e representadas no corpo humano pelas mulheres através do ventre e do útero. O ventre é, na realidade, a própria cabaça da existência. Este culto é um culto sagrado, é um culto muito desenvolvido pelas mulheres, até porque essa questão da maternidade. Uma vez que ela é uma força gestante e tudo que é força gestante representado pelas mulheres também representada pelo ciclo menstrual, que seria o nascimento da primeira mulher física. A primeira seria Iemanjá, que menstruou e trouxe o sangue à terra [sic] (Azevedo, 2006, p. 73).

Mais uma vez a matripotência conectada ao Candomblé e, agora, ao Samba, como Orixá. Um Orixá do Pertencimento, que permite a retomada e a manutenção de vínculos.

Inclusive, relembro que o senso de comunidade é presente em toda história de Mãe Dora: a bisavó, o bisavô, as irmãs, o pai, a vizinhança, as companheiras dos movimentos sociais e políticos, a família de sangue e de Santo, a Irmandade da Boa Morte. Sempre existiu uma força coletiva possibilitando a caminhada da Ialorixá.

É uma alegria finalizar essa tese em um governo que luta para ser democrático. Após seis anos de golpes e radicalismos, respiro mais aliviada. O governo Lula 3 não está imune a críticas, mas é justamente por ter a democracia como ponto central que esse tipo de comentário é possível. Como defensora de Direitos Humanos, anseio ventos de

igualdade e liberdade plenas. Que negras, pessoas indígenas, LGBTQIAP+ e com deficiência, entre outras vulnerabilizadas possam viver em paz em suas comunidades, terreiros e quilombos; que possam assumir lugares de destaque no Congresso, no Supremo e onde mais for necessário; que possam ser quem são sem ter medo.

Ainda na graduação, aprendi que a Conclusão é o momento em que a autora da monografia, dissertação ou tese se coloca, ou seja, não é de bom tom trazer a fala de outras pessoas para cá. Deste modo, peço desculpas de antemão porque vou quebrar as regras. Preciso finalizar remetendo diretamente palavras já lançadas.

Minha tese é o começo de um debate sério e fundamental sobre a dimensão espiritual do Samba. Tudo o que pode ser dito e sentido sobre isso não está aqui e mesmo se tivesse todas as respostas, creio que não daria. “Quem sabe de tudo não fale / Quem não sabe nada se cale / Se for preciso eu repito”, cantou Paulinho da Viola.

Assim como Mãe Dora, Gracy Mary e Nilcemar Nogueira, também tenho a **missão** de zelar por Samba, o gênero e o Orixá. Mesmo sendo apenas uma abiã, foi me incumbido falar de onde estou e do que eu sei sobre ele. Finalizo essa etapa falando e cantando Samba na Universidade; lembrando que ele agoniza, mas não morre, pois sempre daremos um jeito para que fique bom outra vez o nosso cantar⁸⁵.

Modupé, Orixá!

Figura 52 – Bandeira do artista plástico André Vargas, Barca de José Alves de Olinda e Atabaques de Rosa Magalhães. As obras de arte fazem parte do Acervo do Museu do Samba (RJ)



Fonte: Arquivo pessoal de Maíra de Deus Brito

⁸⁵ Referência às músicas *Dia de Graça*, do portelense Candeia; *Agoniza, mas não morre*, do mangueirense Nelson Sargento; e *O show tem que continuar*, de Arlindo Cruz, Luiz Carlos da Vila e Sombrinha.

PÓS-FÁCIO⁸⁶

Mãe Dora de Oyá

Boa tarde a todos. Eu prometi que não ia chorar. Mentira. Estou com vontade de chorar. Essa tese não é sobre mim, não é sobre Doralina, não é sobre Mãe Dora, é sobre possibilidades. É sobre estratégias. Nada do que eu falei é aleatório. Tudo é de propósito. Desde que a Maíra me pediu para falar sobre samba, a primeira coisa que eu pensei foi: “Agora é a hora de eu plantar uma semente. Eu quero ver como é que funciona o cérebro dessa jornalista astuta, que escreve bem. Eu quero ver como é que ela vai interpretar o que eu vou dizer, e se ela vai entender o que eu vou dizer para ela”.

Aí eu comecei a falar para a Maíra as coisas e fui puxando pelo cérebro dela. A gente ficava quatro ou cinco horas nessas entrevistas e eu ia falando com a Maíra sobre a vida. É aquilo que (Antônio) Bispo fala: “Começo, meio, começo”. A primeira coisa que me veio na cabeça quando a Maíra me pediu para falar sobre samba foi: “É agora que eu vou criar mais um bichinho para falar sobre a Lei 10.639/2003⁸⁷”.

A gente está falando de educação, de direito humano. É um direito de todo mundo, inclusive nas escolas, de você saber de onde veio e qual foi a sociedade que nos formou. Fui falando sobre samba, sobre a minha história de sair da Bahia no pau de arara e vir no caminhão de sal, todo esse sofrimento, e de pensar como uma criança é alijada do seu direito, o direito humano, na escola. Por que a Lei 10.639/2003 nunca foi implementada? Porque, infelizmente, o sistema educacional é eurocentrado. Por isso que a gente precisa botar os nossos pretos nesse sistema.

Maíra foi desenvolvendo, começou a dar aula e eu fui monitorando-a para saber por onde ela estava indo. Porque chega uma hora que não entendia do que eu estava falando, e eu voltava e falava de outro jeito. Para vocês que estão vendo essa defesa: isso não é sobre mim, é sobre possibilidades. É para a descolonização de uma academia que é eurocêntrica, que faz tudo para o menino preto não seguir em frente. Como se só a graduação estivesse bom. A gente não quer só a graduação. A gente quer mestrado, doutorado, pós-doutorado; quer ser professor. É disso que eu estou falando, é isso que eu quero. E Maíra captou.

⁸⁶ Depoimento de Mãe Dora de Oyá após arguição da banca em 6 de dezembro de 2023.

⁸⁷ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

Ainda falta um monte de coisa. Ainda tem uma trajetória. A gente ainda tem muito o que conversar. Porque eu sou uma Mãe de Santo exigente pra caramba. Na minha casa, estudar é fundamento. E é o fundamento principal. Não quero menos. Eu quero todos. Eu quero todos com canudo na mão. Isso é vaidade? Pode ser que sim, mas não é. É porque se eu formar a minha comunidade preta do jeito que eu entendo como deve ser, provavelmente ele será um profissional muito melhor. Provavelmente ele vai falar sobre direito humano. Como direito humano, não aquele que está escrito no papelzinho, mas aquele que é praticado. Provavelmente ele vai falar sobre interseccionalidade.

Então, essa tese de Maíra são possibilidades de serem compreendidas pela academia. A gente está falando de Samba, esse Orixá que transmuta, que muda a cara, muda o jeito, mas Ele continua ensinando. Cada roda de samba é um aprendizado. O que a gente está falando de aquilombar? Uma roda de samba é um aquilombar. Quando a gente fala desse útero sagrado, uma roda de samba é esse útero sagrado. Quando a gente fala do instrumento de samba, a gente está falando do barulho do surdo, que é o barulho que é do coração. O ritmo cardíaco é o mesmo barulho que o samba faz. É impressionante. “Ai, como é que Mãe Dora sabe tudo isso?”. Eu estudo, minha gente. Eu pesquiso. Para me poder empoderar o meu povo.

Então, assim, eu fico muito feliz de estar aqui hoje. Eu digo que eu estou muito emocionada. Primeiro que eu quero agradecer a todos vocês. Eu adoro esses amigos, são pessoas que eu quero muito bem. A gente precisa formar a nossa juventude. Falo isso porque eles não entendem o que a gente está falando. De que direitos humanos estamos falando?

A gente tem que falar da perspectiva do negro brasileiro. Eu quero que todo mundo lá em casa estude mesmo e que a gente fale sobre isso para formar uma sociedade melhor. A gente formar profissionais melhores, pessoas melhores, formar o nosso povo. Trabalhar com a autoestima do nosso povo. Porque a escravidão foi cruel. A branquitude foi extremamente cruel porque roubou de nós, inclusive, o direito de a gente fazer o gurufim, que é aquela festa da morte. A morte do meu bisavô foi uma coisa mais linda do mundo. Ele morreu no pé de um tamboril, com um passarinho de todo jeito, cantando. Tinha festa, tinha comida, tinha bebida. Porque é do nosso povo, é da nossa formação.

Não sou uma mulher espetacular, pelo contrário, sou cheia de erros, mas eu sou uma pessoa que briga sim, pra gente ter uma sociedade melhor: por meio da educação feita de uma forma descolonizada.

Queria muito agradecer a Thula, Núbia, Renísia, professor uã, Vanessa e agradecer a minha filha do Santo. Que você seja muito feliz e nunca esqueça de onde você veio. Bora! Que é luta! Muito obrigada, gente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAFIDEF. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.abrafidef.org.br/>. Acesso em: 19 set. 2023.

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Divulgada nova composição do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural**. 09 mar. 2023. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2023/03/09/divulgada-nova-composicao-do-conselho-de-defesa-do-patrimonio-cultural/>. Acesso em 29 set. 2023.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev e atual. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

ALEXANDRE, Claudia. Tia Ciata sim, por que não? Ou como rebater a história única da matriarca negra do samba. In: FREITAS, Maitê (org). **Movimento samba: 10 anos de Samba Sampa**. São Paulo: Oralituras, 2023.

ALMA PRETA JORNALISMO. **Branças são maioria entre rainhas de bateria das escolas de samba em 2022**. 14 abr. 2022. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/brancas-sao-maioria-entre-rainhas-de-bateria-das-escolas-de-samba-em-2022/>. Acesso em 06 out. 2023.

ALMEIDA, Gabriela de; BRITO, Maíra de Deus. **A rainha do Império**. Correio Braziliense, Brasília, 17 set. 2011. Diversão & Arte, p.1.

ANTONIO, Thaís. **Feira do Produtor de Vicente Pires faz 17 anos**. Agência Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2012/07/15/feira-do-produtor-de-vice-pires-faz-17-anos/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

ARQUIVO NACIONAL. **Moçambique**. 24 jan. 2017. Disponível em: http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3053&Itemid=327. Acesso em 16 set. 2023.

AULETE DIGITAL. **Verbetes Consciência**. Disponível em: <https://aulete.com.br/consci%C3%Aancia>. Acesso em 16 set. 2023.

AZEVEDO, Vanda Alves Torres. **Ìyàmi: símbolo ancestral feminino no Brasil**. 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BAHIA – Caminhos do Oeste. Disponível em: <http://www.bahia.com.br/caminhos-do-oeste-2/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. **Festa da Boa Morte**. Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2011.

BARRETO, Luciana; ROSÁRIO, Rosildo do; GOMES, Sheila (org.). **Mulheres do Samba de Roda**. Secretaria de Cultura da Bahia: Santo Amaro, 2015.

BARROS, Carlos Juliano. **Repórter de um tempo mau**. Repórter Brasil, 01 nov. 2014. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2004/11/reporter-de-um-tempo-mau/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

BAST, Elaine. **Inadimplência sobe em maio e já atinge 71,9 milhões no Brasil, diz Serasa**. CNN. 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/inadimplencia-sobe-em-maio-e-ja-atinge-719-milhoes-no-brasil-diz-serasa/>. Acesso em: 30 set. 2023.

BENEVIDES, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá-Português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BENISTE, José. **História dos candomblés do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.

BERCINSKI, André. **Clara Nunes evidencia decadência da música brasileira**. Folha de S. Paulo [on-line]. São Paulo, 05 fev. 2018. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/filme-sobre-clara-nunes-evidencia-decadencia-da-musica-brasileira.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BIBLIOTECA VIRTUAL CONSUELO PONDÉ. **Dona Dalva Damiana: De charuteira a Sambarista**. Disponível em: http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/2022/12/19/dona_dalva_damiana_de_charuteira_a_sambarista/. Acesso em 12 set. 2023.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BRASIL. Congresso Nacional. **Relatório n. 2, de 1993**. Relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a examinar a incidência de esterilização em massa nas mulheres no Brasil. Presidente: Benedita da Silva. Relator: Senador Carlos Patrocínio. Brasília, 1993.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 4.211/12, de 17 de julho de 2012**, que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Brasília: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=551899>. Acesso em: 21 jan. 2023.

BRITO, Bianca Maria Santana de. **A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, 279p.

BRITO, Maíra de Deus. **De Ciata de Oxum a Dora de Oyá: as mulheres na linha de frente no samba e no candomblé**. In: BAPTISTA, Maria Manuel Baptista; ALMEIDA,

Alexandre Rodolfo Alves de. **Performatividades de Género na Democracia Ameaçada**. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

BRITO, Maíra de Deus. Abre caminho. **Revista Traços**, Brasília, n. 69, p. 24-31, mai. 2023.

BRUNO, Leonardo. **Canto de rainhas: o poder das mulheres que escreveram a história do samba**. Rio de Janeiro: Agir, 2021.

BUENAS IDEIAS. **Tia Ciata e a Praça Onze: como surgiram as escolas de samba**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n7sz5MRGifI>. Acesso em: 30 set. 2023.

CASA DA TIA CIATA. **Programas**. Disponível em: <https://www.tiaciata.org.br/>. Acesso em 30 set. 2023.

CASA DA TIA CIATA. **Cine Deburu: Porto da Pequena África**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HcbT172w7vo&t=2s>. Transmitido ao vivo em 31 de mar. de 2021. Acesso em 30 set. 2023.

CASSEMIRO, Bruno Cesar Medeiros. **Urbanidades e ruralidades em Brasília: história da transformação de Vicente Pires – DF: chácaras, condomínios e cidade**. 2012. viii, 122 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CASTRO, Felipe et. al. **Quelé, a voz da cor: biografia de Clementina de Jesus**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAVAS, Cláudio São Thiago. **As mulheres rodam a baiana: diáspora e a África no Brasil de todos os santos - Um estudo sobre mães-de santo do Rio de Janeiro**. 2011. 171 f., il. Tese (Doutorado em Psicossociologia das Comunidades – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

CHADE, Jamil. **Documentos da Cruz Vermelha revelam massacre de indígenas na ditadura**. Disponível em: <https://apublica.org/2016/10/documentos-da-cruz-vermelha-revelam-massacre-de-indigenas-na-ditadura/>. Acesso em: 7 jan. 2023.

CLIMATEMPO – Barreiras. Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/42/barreiras-ba>. Acesso em: 11 jul. 2023.

COELHO, Carla Araújo. **O Estado Novo e a integração do samba como expressão cultural da nacionalidade**. Revista Vernáculo, n. 27, 1o sem./2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20781>. Acesso em: 03 out.2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Violações aos Direitos dos Povos Indígenas – Parte II: Grupos sociais e movimentos perseguidos ou atingidos pela ditadura**, 2015. Disponível em:

<http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap2.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. 3 ed. Porto Alegre; Penso, 2014.

CRUZ, Joaquim; VECCHIOLI, Demétrio. **O mito do herói**. UOL, 08 mar. 2021. Minha história. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/minha-historia-joaquim-cruz/#cover>. Acesso em: 22 jan. 2023.

DALE, Joana. **Mulheres ganham cada vez mais espaço entre os ritmistas das escolas de samba**. 22 fev. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/mulheres-ganham-cada-vez-mais-espaco-entre-os-ritmistas-das-escolas-de-samba-15384991>. Acesso em: 04. out. 2023.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

O DIA. **Perseguido por décadas, o samba chega ao centenário amado pelos brasileiros**. Disponível em: https://odia.ig.com.br/_conteudo/diversao/2016-11-27/perseguido-por-decadas-o-samba-chega-ao-centenario-amado-pelos-brasileiros.html. Acesso em: 02. mai 2019.

DINIZ, André. **Almanaque do samba**: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

EL CORRERO DEL GOLFO. **La Fiesta del Fuego prende de ritmo y color el corazón de Santiago de Cuba**. Disponível em: <https://www.elcorreo.ae/articulo/cultura/fiesta-fuego-prende-ritmo-color-corazon-santiago-cuba/20190705084926097977.html>. Acesso em 02 out. 2023.

ESPIRITISMO TV. **Vocabulário - Auta de Souza**. Disponível em: <https://www.espiritismo.tv/Vocabulario/auta-de-souza/>. Acesso em: 24 jan. 2023

ESPN. **NBA**: Chicago Bulls criou dinastia nos anos 90 e revolucionou o basquete com gênios dentro e fora de quadra. 28 abr .2021. Disponível em: https://www.espn.com.br/nba/artigo/_id/8539661/nba-chicago-bulls-criou-dinastia-nos-anos-90-e-revolucionou-o-basquete-com-genios-dentro-e-fora-de-quadra . Acesso em: 08 set.2023.

ESTAÇÃO DOS LIVROS. **Conceição Evaristo fala sobre o conceito de Escrevivência**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estacaodoslivros/conceicao-evaristo-fala-sobre-o-conceito-de-escrevivencia/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. **Auta de Sousa**. Periódicos & Literatura. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/auta-de-sousa/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FERNANDES, Vagner. **Clara Nunes, guerreira da utopia**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

FERREIRA, Leandro Tiago; CARVALHO, Mário Faria de. **Estética, imaginário e saber afrodiaspórico: dimensões simbólicas do Candomblé Jeje-Mahi, no terreiro T'aziry Ladê**. Revista África e Africanidades, Ano XIV - nº 42, Maio 2022. Disponível em: https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTIGOS_EDICAO_42.pdf. Acesso em: 31 out. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança**

Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Any Manuela. **O samba do pé e da palma delas**. Conceição de Feira: Andarilha edições, 2023.

FREITAS, Conceição. **Conic, um labirinto de cultura jovem no centro urbano de Brasília**. Metrópoles, Brasília, 21 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/conceicao-freitas/conic-um-labirinto-de-cultura-jovem-no-centro-urbano-de-brasilia>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRON, Luís Antônio. **O maldito canonizado**. IstoÉ, 7 set.2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-maldito-canonizado/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GLOBO ESPORTE. **Dennis Rodman: noiva, funkeira, astro de cinema e outros visuais do mais famoso bad boy da NBA**. Disponível em: <https://ge.globo.com/basquete/nba/noticia/dennis-rodman-noiva-funkeira-astro-de-cinema-e-outros-visuais-do-mais-famoso-bad-boy-da-nba.ghtml> . Acesso em 08 set. 2023.

GLOBOPLAY. **Conversa com Bial**. Programa de 06/12/2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7215664>. Acesso em: 16 jul. 2023.

GOMES, Flávio dos Santos et al. **Enciclopédia negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GUERRA, Sidney. **Curso de Direitos Humanos**. São Paulo: SaraivaJur, 2023. ePUB.

GULARTE Jennifer; ROXO, Sergio. **Sala de Janja é destruída mas gabinete de Lula foi preservado, diz ministro**. O GLOBO, 08 jan. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/01/sala-de-janja-e-destruida-mas-gabinete-de-lula-foi-preservedo-diz-ministro.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023

G1. **Milhares de 'cadeados do amor' são retirados de ponte de Paris**. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/06/milhares-de-cadeados-do-amor-sao-retirados-de-ponte-de-paris.html>. Acesso em 14 jul. 2023.

G1. **Festival Latinidades homenageia 50 mulheres negras com shows gratuitos no DF. 21 jul. 2022**. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/o-que-fazer-no-distrito-federal/noticia/2022/07/21/festival-latinidades-homenageia-50-mulheres-negras-com-shows-gratuitos-no-df.ghtml>. Acesso em: 26 set. 2023.

G1 BA. **Investigação policial conclui que morte de Moa do Katendê foi motivada por briga política; inquérito foi enviado ao MP**. 17 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/17/investigacao-policial-conclui-que-morte-de-moa-do-katende-foi-motivada-por-briga-politica-inquerito-foi-enviado-ao-mp.ghtml>. Acesso em: 01. out. 2023.

G1 RJ. **Blocos, agremiações e rodas de samba recebem moções de louvor da Câmara do Rio**. 23 mai. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2024/noticia/2023/05/23/blocos-agremiacoes-e-rodas-de-samba-recebem-mocoes-de-louvor-da-camara-do-rio.ghtml>. Acesso em: 03 out. 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África I. Metodologia e Pré-história da África**. Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212.

HANSBERRY, Lorraine. **To be young, gifted and black**. Nova York: Signet, 1969. In: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

HERRERA FLORES, Joaquín. **A reinvenção dos direitos humanos**. Tradução Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

HIPÓLITO, Ligia. **Bisneta de Tia Ciata mantém legado histórico do samba carioca na “Pequena África”**. Bol - Entretenimento, 22 nov. 2016. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2016/11/22/bisneta-de-tia-ciata-mantem-legado-historico-do-samba-carioca-na-pequena-africa.htm>. Acesso em 30 set. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IBGE. **Banco de tabela de estatísticas.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9718#resultado>. Acesso em 17 set. 2023.

IBGE. **Cidades.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-das-neves/historico>. Acesso em 11 jul. 2023.

IBGE. **Território brasileiro e povoamento.** Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/en/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/regioes-de-origem-dos-escravos-negros>. Acesso em 16 set. 2023.

IBGE. **Cidade Ocidental.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/cidade-ocidental/panorama>. Acesso em 30 set.2023.

IPHAN. **Cais do Valongo – Rio de Janeiro (RJ).** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>. Acesso em 30 set. 2023.

IPHAN. **Educação patrimonial.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 03 out. 2023.

INDUMENTÁRIAS E ADEREÇOS. **Um pouco de axé e de alegria.** Cachoeira, 25 ago. 2023. Instagram: @indumentariaseaderecos. Disponível em: <https://www.instagram.com/indumentariaseaderecos/>. Acesso em 12 set. 2023.

ITAÚ CULTURAL. **Monarco - Série +70 (2014).** 31 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92rUhyLVUg4>. Acesso em 03 out. 2023

ITAÚ Cultural. **O samba de roda como patrimônio oral e imaterial da humanidade pela Unesco.** Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/o-samba-de-roda-como-patrimonio-oral-e-imaterial-da-humanidade-pela-unesco>. Acesso em: 12 fev. 2022.

LAPA, Raphael Santos. **A alteridade como fundamento para uma teoria crítica de direitos humanos.** 2017. 107 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LEITURAS BRASILEIRAS. **CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivência.** Youtube, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 13 set. 2023.

LIMA, Larissa Ane de Sousa et al. **Caracterização geomorfológica do Município de Riachão das Neves, Oeste Baiano, escala 1: 100.000.** Disponível em: <https://www.embrapa.br/web/mobile/publicacoes/-/publicacao/903452/caracterizacaogeomorfologica-do-municipio-de-riachao-das-neves-oeste-baiano-escala-1-100000>. Acesso em: 11 jul. 2023.

LIPSCOMB, Andrew A.; BERGH, Albert E. **The Writings of Thomas Jefferson**. Washington D.C.: Thomas Jefferson Memorial Association of the United States, 1903. v. 3.

LIRA, Luana Menezes. **As violações de Direitos humanos no Relatório Figueiredo: a Marcha para o Oeste e a conquista dos Kaingang**. 2017. 220 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LIRA, Sandra Cristina Candeira de. **O caso Vicente Pires: uma tradição, um direito?** Brasília: TJDF, 2017. Disponível em: https://www.tjdft.jus.br/institucional/escola-de-administracao-judiciaria/documentos_e-books/e-books-pdf/copy_of_OcasoVicentePiresEbook18Abril.pdf. Acesso em: 24 jan. 2023.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011. Posição 18076 de 26361.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACEDO, Gisele. **A força feminina do samba**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007.

MARQUES, Francisca. **Samba de roda em Cachoeira, Bahia: uma abordagem etnomusicológica**. Dissertação de Mestrado em Música, UFRJ, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. In: **Traversées, diasporas, modernités**, Raisons Politiques, n° 21, 2006, pp. 29-60.

MEDEIROS, Nuno; DENIS, Teresa. **Multiculturalidade, interculturalidade, direitos humanos e violência de gênero: breves notas para pensar o caso da mutilação genital feminina em Portugal e a sua abordagem**. Cad. Pagu, Campinas, n. 55, e195517, 2019. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900550017>. Acesso em 19 set. 2023.

MEIRELES, Maurício. **Carnaval e tradições culturais brasileiras vivem conflitos com evangélicos**. São Paulo, 21 fev. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/02/carnaval-e-tradicoes-culturais-brasileiras-vivem-conflitos-com-evangelicos.shtml>. Acesso: 06 out. 2023.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **1983-1984: Povo exige ir às urnas**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MENDES, Roberto; JÚNIOR, Waldomiro. **Chula: comportamento traduzido em canção**. Fundação Cultural Palmares, 2008.

MIGEOD, Frederick William Hugh Migeod. **The Languages of West Africa Volume II**. Trübner & Company Limited: Nova York, 1911, p. 360.

MOREIRA, Núbia Regina. **A presença das compositoras no samba carioca:** um estudo da trajetória de Teresa Cristina. 2013. 132 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MOREIRA, Nubia Regina. De tias, pastoras e intérpretes às compositoras do samba. In: FREITAS, Maitê; FAUSTINO, Carmen; VAZ, Patrícia. **Coleção Sambas Escritos**. Vol 1: Mاسembas de Ialodês: Vozes femininas em roda. São Paulo: Pólen, 2018.

MORIÑA, Anabel. **Investigar con historias de vida:** metodología biográfico-narrativa. Madrid: Narcea S.A. de Ediciones, 2017.

MOURA, Beatriz Martins. **Mulheres de axé e o território da universidade:** encruzilhando epistemologias e refundando pedagogias. 2021. 187 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MUSEU DO SAMBA. Disponível em: <https://www.museudosamba.org.br/sobre-o-museu>. Acesso em: 30 set. 2023.

MUSEU DO SAMBA. **A força feminina do samba**. Disponível em: <https://www.museudosamba.org.br/a-for%C3%A7a-feminina-do-samba>. Acesso 04 out. 2023.

NASCIMENTO, Any Manuela F.S. **Preta Nagô**. Fundação Palmares. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. Ministério da Cultura, 2016. 144 f. il.

NOGUEIRA, Nilcemar., e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Matrizes Do Samba No Rio De Janeiro: Partido-alto, Samba De Terreiro, Samba-enredo**. IPHAN, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [Iorubás]. **What Gender is Motherhood?**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92. Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAIXÃO FILHO, Hamilton Celestino da. **Da fábrica ao samba no pé:** o samba de Dalva. Curitiba: Appris, 2018.

PASSETI, Gabriel. **Elites argentinas e os indígenas**. Le Monde Diplomatique Brasil, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/elites-argentinas-e-os-indigenas/>. Acesso em: 23 jan. 2023

PELUSO, Marília Luíza. **Brasília:** Do mito ao Plano, da Cidade Sonhada à Cidade Administrativa – Espaço e Geografia. Vol. 6, n. 02, 1:29, 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegografia/article/view/39715/30879>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PIRES, Thula. **Racializando o debate sobre direitos humanos**. SUR-Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 15, n. 28, p. 65-75, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-thula-pires.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PIRES, Thula Rafaela. **Estruturas Intocadas: Racismo e Ditadura no Rio de Janeiro**. Rev. Direito Práx., Rio de Janeiro, Vol.9 , N.2,2018,p.1054-1079. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/DWf3hXwfgJdxQY3CJ8gCgvj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PLÍNIO MARCOS - SÍTIO OFICIAL. **Dados biográficos – Censura**. Disponível em: <https://www.pliniomarcos.com/dados/censura.htm>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PLÍNIO MARCOS - SÍTIO OFICIAL. **Religiosidade e tarô**. Disponível em: <https://www.pliniomarcos.com/dados/religiosidade.htm>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PORTAL GELEDÉS. **Boteco da Diversidade retorna à Comedoria do Sesc Pompeia e traz como tema a Afrodiáspora**. 29 abr. 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/boteco-da-diversidade-retorna-a-comedoria-do-sesc-pompeia-e-traz-como-tema-a-afrodiaspora/>. Acesso em 30 set.2023.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Pataxó Hã-Hã-Hãe**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3_H%C3%A3-H%C3%A3-H%C3%A3e. Acesso em 17 set. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REVISTA SECA. **A força da ventania**. Disponível em: <http://revistaseca.com/entrevistas-e-perfis/a-forca-da-ventania/>. Acesso em: 30 abr. 2019.

RODRIGUES, Priscila. UOL. **Quem são as prostitutas mais famosas da história?**. Disponível em: <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/10/11/quem-sao-as-prostitutas-mais-famosas-da-historia.htm>. Acesso em: 22 jan. 2023.

SALLES, Marcos. **Fundo de Quintal: O som que mudou a história do samba**. Rio de Janeiro: Malê Edições, 2022.

SANTANA, Bianca. **Continuo preta: A vida de Sueli Carneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, Aline Mendonça dos; CUNHA, Gabriela. Economia Solidária e pesquisa em Ciências Sociais: desafios epistemológicos e metodológicos. In: HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline Mendonça dos. (Orgs.), **Economia Solidária - Questões Teóricas e Epistemológicas**. Coimbra: Almedina, p. 15-56, 2011

SARDUY, Aída Esther Bueno. **El ocaso del liderazgo sacerdotal femenino en el Xangô de Recife: la ciudad de las mujeres que no será**. Tese da Universidad Complutense de

Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Departamento de Antropología Social, 2015.

SERRA, Ordep. **Ilê axé Iyá Nassô Oká/Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho** – Laudo Antropológico de autoria do professor doutor Ordep José Trindade Serra da Universidade Federal da Bahia. 2008. Disponível em: <http://ordepserra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-casa-branca.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SILVA, Marília T.Barbosa da; FILHO, Arthur L.de Oliveira. **Cartola: Os tempos idos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

SILVA, José Francisco de Assis Santos. **“Pra te Lembrar do Badauê...”: O Mensageiro da Alegria em uma viagem pelos Lonãs Iyês (Caminhos da Memória) do Mar Azul – Espaço, Tempo e Ancestralidade**. Dissertação (Mestrado – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, IHAC - Instituto de Humanidades Artes e Ciências Prof. Milton Santos, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. Gurufim veio? In: SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **Crônicas exusíacas e estilhaços pelintras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SIMAS, Luiz. **Para apimentar: em alguns cultos muxikongos Samba é um dos nomes do inqueice Kisimbi, Kisambô**. Rio de Janeiro, 10 fev. 2020. Disponível em: https://twitter.com/simas_luiz/status/1227003219802492929. Acesso em: 12 fev. 2022.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOUZA, Jurema Machado de Andrade. **Trajetórias femininas indígenas: gênero, memória, identidade e reprodução**. 2007. 129 f. : il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2007.

SOUZA, Jurema Machado de Andrade. **Os Pataxó Hãhãhã e as narrativas de luta por terra e parentes, no sul da Bahia**. 2019. 355 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

REZENDE, Rogério. **Centro de Brasília: projeto e reconfiguração: o caso do Setor de Diversões Sul – Conic**. 2014. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Mozambique**. In: Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19940?locale-attribute=en>. Acesso em 14 set. 2023.

A TARDE. **Afro Imagem: O início da festa da Boa Morte**. Disponível em: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/tag/irmandade-da-boa-morte/>. Acesso em: 02 mai. 2019.

TERRA. **BA: vereador desiste de participar do Mais Médicos em cidade a 262 km**. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/ba-vereador-desiste-de-participar-do-mais-medicos-em-cidade-a-262-km,65101fcf19be0410VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 17 set. 2023.

THE TRANSATLANTIC SLAVE TRADE DATABASE. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em 16 set. 2023.

TPSM_Conexão. **TPSM_Conexão| Professora Valdina Pinto “MAKOTA”**: Livros humanos. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eqQ2cAeYmSY>. Acesso em: 03 mai. 2019.

TRIP TV. **Mateus Aleluia é um milagre**. 22 de mar. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lq9RagVaocA&t=1s>. Acesso em 30 set. 2023.

TVE BAHIA. **Soul do Brasil - Makota Valdina**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88F4Ii5iGfA>. Acesso em: 03 mai. 2019.

UOL. **Ministro da Educação defende que universidade 'deveria ser para poucos'**. 10 ago. 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-deveria-ser-para-poucos.htm>. Acesso em: 23 jan. 2023.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As Tias Baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 3, n. 6, 1990, p. 207-228.

VERGER, Pierre. Grandeza e decadência do culto de Ìyàmi Òsòròngà (Minha mãe feiticeira). In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **As senhoras do pássaro da noite**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Axis Mundi, 1994.

VIDAS NEGRAS. **O filho que deu à luz a mãe**. Entrevistadas: Luana Génot e Dulcilei da Conceição Lima. Entrevistador: Tiago Rogero. Spotify, 06 jan. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/71MNZKRcSrcrLUZNS0eWQ>. Acesso em: 03 out. 2023.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WERNECK, Jurema. **O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e cultura midiática**. São Paulo: Hucitec, 2020.

WISE, Tim. With friends like these, who needs Glenn Beck? Racism and white privilege on the liberal-left. Agosto, 2010. Disponível em: <http://www.timwise.org/2010/08/with-friends-like-these-who-needs-glennbeck-racism-and-white-privilege-on-the-liberal-left/>. In: TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. **Raça, classe e marxismo**. Tradução: Máira Mee. Revisão técnica: Deivison Mendes Faustino. Revista Outubro, n. 31, 2º semestre de 2018. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/raca-classe-e-marxismo/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

IV PRÊMIO MARIELLE FRANCO DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <https://fabiofelix.com.br/premiomarielle/>. Acesso em 29 set. 2023.